



**Sara Maria F. R. e C.
Marques Candeias**

**SISTEMA FONOLÓGICO DA BEIRA INTERIOR
e
Algumas Considerações Sintáctico-Semânticas**



**Sara Maria F. R. e C.
Marques Candeias**

**SISTEMA FONOLÓGICO DA BEIRA INTERIOR
e
Algumas Considerações Sintáctico-Semânticas**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística, realizada sob a orientação científica do Dr. Telmo dos Santos Verdelho, Professor Catedrático do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e sob a co-orientação científica do Dr. Jorge Manuel de Moraes Gomes Barbosa, Professor Catedrático do Instituto de Língua e Literatura Portuguesas da Universidade de Coimbra.

Apoio financeiro da FCT e do FSE no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio.

Ao meu Pai.
À minha Mãe.

o júri

presidente

Prof.^a Doutora Maria Helena Nazaré, Reitora da Universidade de Aveiro

vogais

Doutor António José Ribeiro Miranda, Professor Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutor Jorge Manuel Morais Gomes Barbosa, Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Doutor Telmo dos Santos Verdelho, Professor Catedrático Aposentado da Universidade de Aveiro

Doutora Maria Helena Dias Rebelo, Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Romanísticos da Universidade da Madeira

Doutora Rosa Lídia Torres do Couto Coimbra e Silva, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutora Urbana Maria Santos Pereira Bendiha, Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Cumpre-me manifestar o meu reconhecimento a todos quanto contribuíram para a concretização deste trabalho.

Presto o meu penhorado tributo à opinião avisada do Prof. Doutor Telmo dos Santos Verdelho, com quem pude contar, ao longo deste trabalho, com a ajuda solícita.

Ao senhor Prof. Doutor Jorge Morais Barbosa, pelo generoso acolhimento científico e humano que sempre me proporcionou, neste momento como em anteriores, facilitando-me o acesso à sua biblioteca e ao seu saber, nas diferentes ocasiões em que se disponibilizou a comigo discutir diversos aspectos da presente dissertação. O trabalho de investigação nem sempre se revela correio e alentador, mas, em todos os momentos, encontrei no Professor o orientador dedicado, esclarecido, sensível e paciente. Ao mestre e amigo muito agradeço.

Uma palavra de agradecimento é igualmente devida a meus Mestres da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, de quem recebi, ao longo da minha formação universitária, lições de humanismo e de sabedoria inestimáveis.

Aos Colegas linguistas o meu obrigada pelo encorajamento e disponibilidade.

Aos meus Amigos um agradecimento muito especial à sensibilidade com a qual tiveram a bondade de me incentivar.

Aos meus Pais, em tudo inexcedíveis, ao meu Marido, pelo envolvimento profundamente solidário com que acompanhou a feitura desta tese, não há palavras ou dedicatórias que traduzam a minha gratidão.

Ao Henrique e ao Rafael, meus filhos, a quem também dedico este trabalho, porque se privaram, com elevada compreensão, de uma mãe mais presente.

palavras-chave

Funcionalismo. Variedade do português. Léxicos de pronúncia. Fonologia. Fonética perceptiva. Correlação fonologia-sintaxe/semântica.

resumo

O presente estudo propõe um modelo de descrição da variedade do Português em uso na Beira Interior, no concelho do Fundão.

Este trabalho de investigação aproveita os contributos da análise funcionalista, cujos percursos teóricos são retraçados a partir da fonética perceptiva, bem como da computação estatística. Baseia-se, igualmente, num corpus - amostra obtida a partir de cerca de 142.040 fonemas recenseados. As realizações perceptíveis são analisadas no âmbito do contexto silábico.

Da componente descritiva do sistema da variedade em uso, é importante salientar o *conceito de pertinência*, que regulamenta o equilíbrio da estrutura dos subsistemas linguísticos, tanto na dispersão das realizações, como na optimização dos usos. A explicitação destes últimos fundamenta-se na análise estatística da frequência, quer relativa, quer absoluta. Em forma de consideração breve, a descrição da estrutura do sistema sintáctico e semântico, com componente campo informativo de V e de PP, surge correlacionada com caracterização fonológica.

A dinâmica da descrição prática proposta, enquadrada nos princípios teórico-metodológicos estabelecidos, permite uma configuração da língua em uso na Beira Interior, habilitada ao desenvolvimento de sistemas tecnológicos mais robustos do português falado.

keywords

Funcional model. Variety of Portuguese language. Lexical pronunciation. Phonology. Perceived phonetic features. Phonological maps/syntactic-semantic (informative field) categories correlation.

abstract

This study proposes a model for a phonological description of the speech patterns attested in the Portuguese language variety spoken in Fundão - Beira Interior.

The research is based in analytic work of the functionalist theory, the perception of phonetic features and data arriving from statistical analyses. A phoneme database was built for such purposes comprising 142.020 examples, the realizations of which are described and analysed according to the syllabic context.

The phonemic database was constructed in order to establish the pertinent features set in the referred variety. This set regulates the dynamic nature of linguistic subsystems, taking into account both the variety of realizations and the optimization of uses. The description of these uses is based in statistical analyses which are presented in relative and absolute values.

It is suggested that these phonological phenomena maps may have their correlation in the Verb and Personal Pronoun syntactic-semantic categories.

PARTE I

0.	convenções	19
1.	considerações prévias	25
2.	objectivos	37
3.	fontes	41
4.	delimitação do objecto	47
5.	quadro operativo	55
6.	organização do trabalho	109

PARTE II

1.	vocalismo acentuado	115
2.	vocalismo pós-acentuado	159
3.	vocalismo pré-acentuado	179
4.	vocalismo dos 'clíticos'	207
5.	combinatória vocálica	213
6.	consonatismo inicial	217
7.	consonantismo final	233

PARTE III

algumas considerações sintácticas/semânticas (campo informativo)	241
---	-----

PARTE IV

conclusão	283
-----------	-----

BIBLIOGRAFIA

317**ANEXOS**

i-a

Tendo sido verificadas lacunas causadas por falhas do processador na conversão e compendiação de ficheiros mais recentes em Portable Document Format, apresenta-se, de seguida, a sua correcção.

Localização:	Onde se lê:	Deveria ler-se:
I, 3: n. 5	que se dedicam ao não aleatória	que se dedicaram ao não aleatória,
I, 5: 58	é facto reconhecido que a língua não é um sistema por meio de signos não discretos	é facto reconhecido que, no exercício da função comunicativa da língua, uma parte pode ser assegurada por meio de signos não discretos
I, 5: 62	concantenando o sistema fonológico admitindo-se a actualização	concantenando o sistema fonológico a actualização
I, 5: 65	escolher este quatro fonemas	escolher estes quatro fonemas
I, 5: 69	variantes de fonemas	variantes da realização de fonemas
I, 5: 77	elementos linguísticos explicativa	elementos linguísticos, explicativa
I, 5: n. 48	quando a um significante podem ser atribuídos vários significados	quando um significante pode ter vários significados
I, 5: 85	a descrição se deparar no	a descrição se depara no
I, 5: 86	Mas será que se torna claro	Mas será relevante
I, 5: 87	predicado (cf.	predicado ou a vários predicados coordenados entre si (cf.
I, 5: 93	atendendo-se apenas nos	atendendo-se apenas aos
I, 5: n. 78	admitida como como um	admitida como um
I, 5: 100	a criação sw matrizes	a criação de matrizes
I, 5: 103	em I, 3)	em I, 3.
I, 5: 103	HENRY 1998)	HENRY 1998).
I, 5: 108	fundamenta a estrutura	fundamentar a estrutura
I, 6: 110	VOCÁLICO INICIAL DA UNIDADE	VOCÁLICO INICIAL DE UMA UNIDADE
II, 1: 116	entre /e/ e /ē/	entre [e] e [ē]
II, 1: 122	«sonoro»)	«sonoro» «não lateral» «não nasal»)
II, 1: 122	como palatal	como dorsopalatal
II, 1: 122	96. [ˈmawgoʔ] (AL, P)	96. [ˈmaʊgoʔ] (AL, P)
II, 1: n. 32	«anterior» de abertura 3»	«anterior» de «abertura 3»
II, 1: 142	Quanto à «posterior fechada»	Quanto à «posterior de abertura 2»
II, 1: 143	7. por /-j./ («espírate» «palatal»)	7. por /-j./ («dorsopalatal»)
II, 1: n. 47	pela «espírate» «palatal»	pela «dorsopalatal»
II, 1: 150	8. por /-jN./ «espírate» «palatal» + «nasal» ou /-jNS./ «espírate» «palatal»	8. por /-jN./ «dorsopalatal» + «nasal» ou /-jNS./ «dorsopalatal»
II, 1: 152	As sequências fonéticas perceptivas	As sequências fonéticas perceptíveis
II, 1: 152	com o corpus/amostra	com o corpus - amostra obtida
II, 2: 159	zero fonemático	zero fonético
II, 2: 166	de cada fonema	de cada realização fonemática
II, 2: 169	ser declarado a harmonia	ser declarada a harmonia
II, 2: 172	sistema assume uma	sistema assumu uma
II, 3: 180	614. [iˈgrɛʒa] (ALNC) 616. [iˈtarniˈdaðə] (P) 617. [iˈgwaʒi] (MR)	614. [iˈgrɛʒa] (ALNC) 616. [iˈtarniˈdaðə] (P) 617. [iˈgwaʒi] (MR)
II, 3: 183	641. [oʒˈtɛwta] (ALJ)	641. [oʒˈtɛwta] (ALJ)
II, 3: 183	A oposição que se encontra em /a/ x /a/ não funciona neste contexto, ao arquifonema «central» /A/.	As oposições que se encontram em /e/ x /e/ e /a/ x /a/ não funcionam neste contexto, aos arquifonemas «anterior» /e/ e «central» /A/.
II, 3: 188	1.6. +«sibilantes-chiante»).	1.6. +«sibilante-chiante»).
II, 3: 198	compósitos cujo acento é proparoxítono, é possível sílaba ante-pré-acentuada.	compósitos, é possível sílaba pré-acentuada.
II, 3: 198	818. [fuˈgera] (FAT, V)	818. [fuɣɛˈrāw] (FAT, V)
II, 3: 205	880. [fəʃtəʒar] e 881. [faʃtəʒar]	880. [fəʃtəˈʒar] e 881. [faʃtəˈʒar]
II, 4: 209	no contexto específico som vocálico final átono, mas,	no contexto específico som vocálico final, mas,
II, 5: 214-6	5, fonologia combinatória	5, combinatória vocálica
II, 6: 220	970. [ˈʃoʒa]	970. [ˈʃoʒa]
II, 6: 223	/n/, /v/, /s/, /z/ e de /ʃ/. [n] e [ɲ] de imediato.	/n/, /v/, /s/, /z/ e de /ʃ/. [n] e [ɲ] de imediato.
II, 6: 225	1028. [ˈtaʃo]	1028. [ˈtaʃo]
II, 6: 228	/naˈmRaðu/, /vSENte/	/naˈmRaðu/, /vˈSENte/
II, 6: 228	[ˈʃtrūmə] (VAL) e (/StRume/	[ˈʃtrūmə] (VAL) e (/SˈtRume/
II, 6: 229	1036. [baʒaˈrikʊ] (P)	1036. [baʒaˈrikʊ] (P)

II, 6: 231	/pSi'zAwN/ ou /v'SENte/,	/pSi'zAwN/,
II, 6: 231	/na'mRaðu/, /v'SENte/	/na'mRaðu/, /v'SENte/
II, 7: 235	consonântico (nos quais o peso percentual aferido atinge ≈85,9% de ≈13,1%, respectivamente).	consonântico (cf. ANEXOS xxi-a e xxii-a, respectivamente).
III: 241	I, 5.: 10. e 11.),	I, 5.: 10. e 11.,
III: 244	(C), na proporcionalidade directa de ≈99,9% de ocorrências.	(C).
III: 245	apresenta um significante /e/,	apresenta um significante /Ø/,
III: 245	o significante é /-i/:	o significante é /-si/:
III: n. 6	de 'infinito' em I, 1.: 5.1.	de 'infinito' em II, 1.: 5.1.
III: 247	zeros (cf. III, 5: n. 49).	zeros (cf. I, 5: n. 48).
III: 248	para se obter a melhor	para obter a melhor
III: 252	observa-se através análise do	observa-se através da análise do
III: 253	s. 'u fu'IAr/	s. 'u fu'lare/
III: 255	w. 'vAj 'a fa'IAr 'kON	w. 'vAj 'a fa'lare 'kON
III: n. 20	na forma de /'iR/ em II, 5: n. 55.	na forma de /'ire/ em I, 5: n. 55.
III : 256	bb. /'nAwN 'temuzuS 'd iR/ cc. fa'zeR 'tudu/	bb. /'nAwN 'temuzuS 'd ire/ cc. fa'zere 'tudu/
III: 257	d. 'i ma'r eR 'ka/	d. 'i ma'r ere 'ka/
III: 257	os representados por b.,	os representados por g. e h.,
III: 258	j. 'ele 'a mi'ZAR 'me	j. 'ele 'a mi'zare 'me
III: 259	o. di'zeR 'k ew	o. di'zere 'k ew
III: n. 23	modelos tornados compulsados.	modelos.
III: 260	f. ALgi'dAR 'gRANde	f. ALgi'dare 'gRANde
III: 262	a. pRa 'dAR b. vAj 'a 'dAR c. ki'zeR/ (P)	a. pRa 'dare b. vAj 'a 'dare c. ki'zere/ (P)
III: 264	a. 'a 'veR/ (P)	a. 'a 'vere/ (P)
III: 269	d. 'a fa'lari/ (SC)	d. 'a fa'lare/ (SC)
III: 271	usada (≈99,9%) e /-Steze/	usada e /-Steze/
III: 271	(← «posterior»); /fa'riaJS/, /kuma'riaJS/ e /pARti'riaJS/ (← «passado + posterior»); /fa'IEJS/,	(← «posterior»); /fa'IEJS/,
III: 272	(← «posterior»); /fa'riawN/, /ka'ma'riawN/ e /pARti'riawN/ (← «passado + posterior»).	(← «posterior»).
III: 273	SUJ, apresentem um carácter	SUJ, apresente um carácter
III: 273	/ʔa 'mALta/ e de /ʔa 'gENte/	/ʔa 'mALta/ e /ʔa 'gENte/
III: 274	'a fa'lari/ (SC) a KAN'tari/ (VP)	'a fa'lare/ (SC) a KAN'tare/ (VP)
III: 274	terminação em /-R/	terminação em /-re/
III: 274	c. 'a fa'zeR 'mAL/ (MR)	c. 'a fa'zere 'mAL/ (MR)
IV: 289	+/-jS./, +/-jS./ ou de +/-jN/	+/-jS./ ou de +/-jN/
IV: 290	apresenta-se informação estatística	apresenta-se a informação estatística
IV: 291	cuja percentagem claramente	cuja percentagem é claramente
IV: 301	«palatal lateral» /n/,	«palatal nasal» /n/,
IV: 303	sílaba: /-N/ e /-jN(S)/ apresentam um valor frequentativo estatisticamente quase nulo (≈,09%), que	sílaba, que
IV: 304	Assim: «bilabial 15,2 / «bilabial 13 / «bilabial 15,4 / «labiodental 8,2 / «labiodental 8,1 / «apical surdo» 26 / «apical sonoro 20,1 / «apical nasal» 9,1 / «apical 11,1 / «sibilante 17 / «sibilante 10,2 / «chiente 6 / «chiente 4,7 / «palatal 5,1 / «palatal 6,1 / «dorsovelar 21,4 / «dorsovelar 10,5 / «vibrante» 25,6	Assim: «bilabial surdo» 15,2 / «bilabial sonoro não nasal» 13 / «bilabial nasal» 15,4 / «labiodental surdo» 8,2 / «labiodental sonoro» 8,1 / «apical surdo» 26 / «apical sonoro não nasal não lateral» 20,1 / «apical nasal» 9,1 / «apical lateral» 11,1 / «sibilante surdo» 17 / «sibilante sonoro» 10,2 / «chiente surdo» 6 / «chiente sonoro» 4,7 / «palatal lateral» 5,1 / «palatal nasal» 6,1 / «dorsovelar surdo» 21,4 / «dorsovelar sonoro» 10,5 / «vibrante» 25,6
IV: 305	avaliado nos subcontextos de posição pré-consonântica e de posição pós-consonântica.	avaliado nos subcontextos de posição essencialmente pós-consonântica.
IV: 306	perceptíveis de fonema	perceptíveis de um fonema
IV: 307	potencia de	potenciadora de
IV: 311	das unidades sem derogar	das unidades, não derogar
IV: 312	materiais complementares aos que este trabalho serviram	materiais complementares aos que a este trabalho serviram
IV: 313	um trabalho como este releva	um trabalho como este revela



convenções¹

siglas e abreviaturas.

abreviaturas

ADJ — monema/sintagma adjectival

DAT — função dativa (F3)

EM — enunciado mínimo

FR — frase

F — função

F1 — função sujeito; corresponde ao que vulgarmente se designa por ‘sujeito’

F2 — função objecto; não tendo em conta o caso dos verbos sintemáticos, corresponde ao que a tradição chama ‘complemento directo’

F3 — função dativa; tem correspondência com o ‘complemento indirecto’ da gramática tradicional

F4 — corresponde ao que a tradição designa por ‘complemento circunstancial’ e ao chamado ‘advérbio de frase’

N — monema/sintagma nominal

OBJ — função objecto (F2)

OD — função objecto directo ou acusativo

OIND — função objecto indirecto ou dativo

PRED — função predicado ou SV

PREP — monema/sintagma preposicional

PRO — monema/sintagma pronominal

PP — monema/sintagma pronome pessoal

SUJ — função sujeito (F1)

SV — sintagma verbal

¹ As convenções de notação aqui apresentadas são válidas para a globalidade do trabalho, com excepção dos casos em que os próprios autores citados utilizam tipologias diferentes. Se, ao longo deste trabalho, surgirem outras convenções e abreviaturas que não sejam as que se indicam nesta parte, é porque se crê serem explicáveis por si mesmas.

V — monema de valor lexical pertencente à classe do verbo, núcleo do SV

localidades analisadas

ALC — Alcaide
A — Alcaria
AL — Alcongosta
ALJ — Aldeia de Joanes
ALNC — Aldeia Nova do Cabo
ATC — Atalaia do Campo
B — Barroca
BB — Bogas de Baixo
BC — Bogas de Cima
C — Capinha
CAST — Castelejo
CN — Castelo Novo
D — Donas
E — Enxames
ESC — Escarigo
FAT — Fatela
JC — Janeiro de Cima
L — Lavacinhos
MR — Mata da Rainha
O — Orca
P — Peroviseu
PA — Póvoa de Atalaia
SALG — Salgueiro
S — Soalheira
SC — Souto da Casa
T — Telhado
VP — Vale de Prazeres
VAL — Valverde

outras abreviaturas.

(...) ou — texto ou transcrição omissos

// — notação fonológica

[] — notação fonética

‘ — acento linguístico: marca a sílaba acentuada na transcrição fonética e fonológica; coloca-se antes do símbolo representativo do primeiro som na sequência da sílaba acentuada

. — assinala a fronteira silábica

|| — pausa no momento de alocução

« » — significado e citação

« » ou *itálico* — monema, ou outra unidade mais complexa admitida como um todo

“ ” — indicação de artigos

/ — elemento variável

< > — representação gráfica

v – v ou VOGAL – VOGAL — indica posição intervocálica

- c ou - CONSOANTE — indica posição pré-consonântica

‘ ‘ — destaca os termos utilizados pela gramática tradicional ou sublinha o termo linguístico que se quer salientar ou que se pretende definir

símbolos fonéticos.

Ainda que o sistema proposto pelo IPA apresente vantagens de utilização em termos de uniformização largamente conhecida dos sinais representativos dos sons, considerou-se relevante a introdução de alguns ajustamentos, para se atenuar o problema da (in)consistência das notações e de forma a se documentarem com um perfil aproximado (atingindo-se um nível aceitável de confiança) as especificidades físicas perceptíveis da variedade linguística instituída pelo corpus - amostra obtido (cf. CUCCHIARINI 1996; CUCCHIARINI; STRIK 2003: 347-350).

Pelo exposto, optar-se-á por um tipo de notação (transcrição) fonética estreita (cf. BALL 2002) com base no alfabético fonético IPA.²

vogais

anteriores

i	abertura	1
e	abertura	2

² A notação fonética e fonológica (particularmente os símbolos consonânticos e os diacríticos) admitida nesta dissertação parte essencialmente do sistema de transcrição da IPA (*International Phonetic Association*) — cf. IPA 1999 e CANAPERI 2005: 81-110.

e _w	abertura	2	velarizado
ɐ	abertura	3	

centrais

ɑ	abertura	3	
ɐ̃	abertura	2	
a _w	abertura	2	velarizado
ə	abertura	1	

posteriores

u	abertura	1	
u _j	abertura	1	velarizado
ɔ	abertura	2	
o _j	abertura	2	velarizado
ɔ̃	abertura	3	

consoantes

oclusivas

p	bilabial	surdo	
b	bilabial	sonoro	
ɸ	bilabial	sonoro	fricatizado
t	apical	surdo	
d	apical	sonoro	
ɖ	apical	sonoro	fricatizado
k	dorsovelar	surdo	
g	dorsovelar	sonoro	
ɣ	dorsovelar	sonoro	fricatizado

nasais

m	bilabial
n	apical
ɲ	palatal

fricativas

f	labiodental	surdo
v	labiodental	sonoro
s	sibilante	surdo

s _j	sibilante	surdo	palatalizado
z	sibilante	sonoro	
z _j	sibilante	sonoro	palatalizado
š	chiente	surdo	
š _j	chiente	surdo	palatalizado
ž	chiente	sonoro	
ž _j	chiente	sonoro	palatalizado
ts	palatal	surdo	
laterais			
l	apical		
ɭ	apical	velarizado	
ʎ	palatal		
j	dorsopalatal		
w	labiovelar		
r	vibrante	alveolar	simples
ř	vibrante	uvular	
diacríticos			
j	palatalização		
w	velarização		
~	nasalização		



capítulo 1

considerações prévias.

Desde a Antiguidade Clássica, a gramática de modelo descritivista tem-se defrontado com a percepção da existência de uma variedade da língua em uso num dado momento.¹ A língua manifesta-se pela heterogeneidade decorrente da interdependência entre as diversas 'estruturas funcionais' reveladoras de matizes quer diatópicos quer diastráticos quer diafásicos,² aspectos que, pelo facto de serem decorrentes da aptidão comunicativa dos alocutários, contribuíram, de certa forma impeditiva, para o estabelecimento do processo de regulamentação linguística.

É certo que, de um ponto de vista preocupado mais com imperativos regulamentadores, a chave de qualquer descrição linguística é a admissão do princípio das invariantes nas variações (cf. JAKOBSON 1967: 185, em especial), é a abstracção da unidade original que persiste à realidade, fragmentada e diversificada.

De acordo com a sugestão de Eugenio Coseriu, é desejável uma solução que viabiliza a abordagem funcional das línguas sem ignorar as interdependências que elas contêm. Na prática, instrumentaliza-se como objecto de referência «la lengua funcional que tenga la mayor difusión en los três sentidos de la variedad lingüística y que presente el máximo de coincidências com otras lenguas funcionales», isto é, «una forma de la correspondiente lengua común, en el nível médio (...) y en un estilo de lengua 'neutro'», reveladora de uma

¹ Foi por isso, como é do conhecimento linguístico geral, que os teorizadores da linguagem, gregos e romanos, se dividiram entre duas correntes opostas: a 'anomalista' que, em última análise, negava a possibilidade de se estabelecer uma regra geral para o uso da linguagem; e a 'analogista' que, por seu lado, defendia a possibilidade como a necessidade premente da regulamentação. Nesta corrente, partia-se, pois, do pressuposto de que a 'analogia' era o princípio filosófico dominante e geral para o uso da língua, apesar de se abrir possibilidade a um uso marginal e limitado de excepções.

² Segundo os cânones estruturalistas, para a análise linguística devem ser estabelecidos compartimentos metodológicos de modo a tomá-la como objecto de estudo sintópico (do grego *topos*, 'lugar'), sinstrático (do grego *stratos*, 'nível') e sinfásico (do grego *phasis*, 'fala'), como sugere Eugenio Coseriu (cf. COSERIU 1981: 278-315, em especial).

maior representatividade em termos de difusão e/ou em termos de menos marcação diatópica, diastrática e diafásica (cf. COSERIU 1981: 314).

Ora uma gramática sincrónica e funcionalista intenta depreender e expor (no sentido de explicar de forma clara como funciona) o sistema linguístico.

De acordo com o mesmo desiderato, há ainda um outro factor a ter em consideração: a linguagem humana, sujeita pelo uso à variação, é posta em actividade por cada ser humano, dispondo este, enquanto alocutário, de todo um conjunto de usos de locução que lhe são próprios (o seu idiolecto) e que, por tal, também o singularizam como entidade irrevocabel ao funcionamento da língua.

A consideração de cada um destes parâmetros é determinante para a descrição e explicitação de uma 'gramática' específica, que não prescinde do conhecimento ainda que sumário dos aspectos da genética da língua que mais directamente estão relacionados com os da 'língua funcional' que se pretende analisar.

Atendendo ao exposto, e não obstante os cotejos que se fizerem de acordo com o modelo operativo adoptado, é possível definir desde já qual o objecto centralizador da investigação levada a cabo nesta dissertação: descrever a língua portuguesa decorrente de recolhas de locuções orais captadas no espaço geográfico do concelho Fundão, tal como é usada em interacções comunicativas informais por alocutários-dadores que se situam entre a faixa etária dos 40 e 90 anos. Deixar-se-á para os capítulos 3. e 4. (ambos deste sector INTRODUTÓRIO) a pormenorização e a justificação da escolha desta população-alvo e deste corpus-amostra (teórica e obtida) enquanto campos de valência à observação estatística.

De forma a perspectivar a objectivação do trabalho a apresentar, concatenado à análise descritiva da variedade linguística em uso no espaço geográfico circunscrito à Beira Interior – concelho do Fundão -, focar-se-ão de seguida alguns pontos e natureza histórica sobre a ciência da linguagem, nomeadamente objectos e métodos de estudo de dimensão dialectológica.

Assente nos dados variáveis da língua, no vasto domínio da descrição linguística, a dialectologia é um dos sectores que tem despertado interesse junto dos estudiosos do fenómeno linguístico enquanto sistema de elementos comum a membros de uma dada comunidade e que a todos se impõe como uma espécie de norma definida, activada nas múltiplas e infundáveis ocorrências.

Do estudo sistémico das grafias da documentação oficial, que começou aos poucos a aparecer em língua portuguesa nos inícios do século XIII (desde 1214 e, num crescendo, de

1250 em diante), é possível pressupor, ainda que empiricamente, a hipótese da existência de uma diversidade original do galego-português em uso — suposição que se crê aceitável, já que qualquer língua é, naturalmente, diversificada nos seus usos, conquanto se observe que o recurso às suas estruturas seja relativamente análogo para todos os membros alocutários da comunidade linguística.

Foi graças à arte de Gil Vicente de recriar a diversidade dos ‘modos de falar’ e dos costumes da sociedade portuguesa de seu tempo, que Paul Teyssier, em *La Langue de Gil Vicente* (cf. TEYSSIER 1959), deu conta do que deveria ter sido a ‘língua rústica’ portuguesa, os arcaísmos das mulheres do povo, de como deveriam ter falado judeus, negros, mouros e ciganos.

Ao longo do século XVI, a par da afirmação da existência concreta de uma diversidade linguística e dialectal, a definição de uma norma era a preocupação dos gramáticos Fernão de Oliveira (cf. OLIVEIRA 1536) e João de Barros (cf. BARROS 1540). Posteriormente, Duarte Nunes de Leão (cf. LEAO 1576), Álvaro Ferreira da Vera (cf. VERA 1631) e João Franco Barreto (cf. BARRETO 1671) não deixaram de fazer referência a um ou a outro aspecto da variedade geográfica, embora nenhum deles tenha concedido a devida importância aos factos singulares que registaram, certamente por ajuizarem que as variedades teriam assento em ‘pronúncias bárbaras’, ‘marcas de rusticidade’, ‘desvios ao falar da gente de bem’.

A primeira recolha do vocabulário dialectal surge no séc. XVIII e deve-se ao P. D. Rafael Bluteau — “Vocabulário de Palavras e Modos de Fallar do Minho e Beira” (cf. BLUTEAU 1713). Em 1734, o ortografista João de Morais Madureira Feijó dá indicação sobre um estado sincrónico no qual, no espaço físico de Lisboa, assiste a uma generalização de mudanças especificadas (cf. FEIJÓ 1734: 52-53, em especial).

Ainda que tenha sido diagnosticada anteriormente, a ponderação sistémica sobre as variações, sobretudo as de natureza geográfica, só se formalizou no século XIX, época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas por ideias positivistas, se desenvolveram segundo métodos essencialmente histórico-comparativos. As considerações que constituíam a base desses estudos visavam, essencialmente, a reconstituição da protolíngua do indo-europeu a partir do estabelecimento, e da comparação, de famílias e subfamílias de línguas. Dos resultados obtidos por este método foi surgindo o interesse pelos dialectos, considerados então como fontes de conhecimento acerca do modo como se teriam operado as transformações em fases anteriores das línguas objecto de análise.

No quadro geral do final do século XIX, o grupo dos neogramáticos difundiu o princípio de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas, que, à semelhança das leis naturais, não admitiam excepções. As teorias deste grupo propagaram-se, mais afirmativamente, na Alemanha, em Itália e em França, e, embora tivessem contribuído para o progresso dos

estudos linguísticos, geraram polémicas e motivaram pesquisas dialectais que, ao contrário de as confirmar, acabaram por as refutar, na sua maior parte, por falta de método científico.

O estatuto de ciência atribuído à Dialectologia fica a dever-se, com as reservas que, evidentemente, o momento estabelece, aos trabalhos acerca dos dialectos italianos, de G. I. Ascoli,³ a partir de 1870 (cf. JORDAN 1982: 64-65).

Foi em França que a Dialectologia ganhou uma presença mais fortalecida, de tal maneira que em 1881 o sector dialectológico passou a fazer parte do currículo regular da École Pratique des Hautes Études de Paris.

Considerada de grande valor, a primeira obra dialectológica é da autoria de P. J. Rousselot. Apresentada em 1891, intitula-se *Modifications phonétiques du langage étudiées dans le patois d'une famille de Cellefrouin (Charente)* (cf. JORDAN 1982: 65).⁴

Estava impulsionado então não apenas o ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares), mas, e principalmente, o interesse pela evolução histórica das formas linguísticas.

Em 1888, Gaston Paris, em “*Les parlers de France*”, conferência que se tornou célebre pelo incentivo que deu ao desenvolvimento de estudos dialectológicos, acentuava a necessidade de se estudarem os patois franceses, com a pretensão de impedir a descaracterização linguística motivada pelo acelerado processo de nivelamento cultural. Chamava a atenção para o facto de que as descrições dialectais — seja por meio de monografias, seja por meio de atlas — deveriam ser estruturadas com o rigor exigido pelas ciências naturais, obedecendo, pois, a uma metodologia e a uma operacionalização bem definidas. Neste aspecto particular, Gaston exemplificava com o trabalho desenvolvido por Jules Gilliéron, hoje considerado por muitos o fundador da Geografia Linguística porque promotor de método na investigação científica sobre o domínio da variedade das línguas (cf. PARIS 1888: 168-169). Jules Gilliéron, juntamente com E. Edmont e com o apoio de Gaston Paris, veio a iniciar alguns anos depois os preparativos para a elaboração do Atlas Linguístico da França (ALF), obra composta por 35 fascículos com 1920 mapas (1902-1910), que viria a constituir um marco importante nos estudos dialectológicos e que muito contribuiria para o

³ A outros, como Jules Cornu (CORNU 1906) e Adolf Mussafia (MUSSAFIA 1964), pode ficar-se também a dever o estudo da língua em uso; no entanto, optou-se por referenciar mais em destaque Ascoli, na medida em que foi ele quem ponderou sobre a legitimidade do dialecto ladino, variedade considerada a uso na Suíça e no norte de Itália.

⁴ Não tendo reunido o material linguístico de que dispôs a partir de um questionário-base, como se viria a fazer mais tarde, Rousselot travou diálogos com os habitantes da localidade inquirida, cujo modo de falar o investigador conhecia bem na medida em que a sua terra natal fazia parte do mesmo departamento geográfico de Charente. Em simultâneo, Rousselot compunha registos de toda a espécie sobre os «sujets», metodologia que viria a constituir prática comum aos primeiros autores dos atlas linguísticos.

progresso da ciência da linguagem. Gaston Paris, ao indicar que «o segredo da língua está no falar» (COSERIU 1982: 105), deixava claro o princípio da unidade na variedade.

Deste então, a Geografia Linguística, cujo fim essencial era «reconstituir a história das palavras, das flexões, dos agrupamentos sintáticos, por meio da distribuição das formas e tipos actuais» (DAUZAT 1922: 27), passou a associar-se ao estudo cartográfico dos registos linguísticos mais populares (cf. JORDAN 1982: especialmente 318-327).

Com a saída a público da obra *La Dialectologie* em 1950, Sever Pop mostrava como se inventaria tudo o que até então se havia investigado no âmbito da geografia linguística a par da demonstração de alguns problemas metodológicos em torno da transcrição fonética (cf. POP 1950: 1163-1169). Ainda que não se revelasse linear o estabelecimento de considerações de ordem fonética e fonológica, certo é que o estado científico a que *La Dialectologie* faz referência correspondia a uma etapa anterior ao desenvolvimento das doutrinas da Escola de Praga. De facto, dos trabalhos do Congresso de Haya, realizado em 1928, inspiraram-se aplicações de novos métodos aos estudos dialectológicos: de Troubetzkoy saíram importantes princípios teóricos (cf. TROUBETZKOY 1986: 343-350)⁵; com Tagliavini via-se aplicada a ciência fonológica ao estudo das “Modificazioni del Lenguaggio nella Parlata delle Dole” (cf. TAGLIAVINI 1938: 87-142); com Martinet o falar franco-provençal de uma região da Savoia era objecto de uma descrição fonológica (cf. MARTINET 1956).

No presente, Geografia Linguística é a designação dada ao método essencialmente comparativo, que pressupõe o registo em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fonéticas, sintáticas e lexicais) comprovadas mediante pesquisa directa e unitária numa rede de pontos de determinado espaço geográfico, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no lugar físico correspondente à(s) língua(s) e/ou à(s) variedade(s) analisadas (cf. COSERIU 1982: 79).⁶

Advogando este método, as análises de perfil dialectológico realizadas no espaço linguístico português acondicionam a identidade das variedades e sua possível organização em relação ao diassistema da língua a que pertencem, pelo que não podem ser consideradas despidiendas.

⁵ Veja-se o estudo “Phonologie und Sprachgeographie” (cf. TCLP 1931: 228-234), que surge integrado, e traduzido, na versão francesa de *Principes de phonologie*.

⁶ Conjuntamente com uma equipa de trabalho do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL - sector Variação), M. Barros Ferreira descreve os passos para a elaboração de um atlas linguístico (cf. FERREIRA 1996: 484-488), assim como, entre outros, o tinha feito S. da Silva Neto, embora com contornos algo distintos, enquadrados na realidade do português do Brasil (cf. NETO 1955: 33-39). Já em 1933, Karl Jaberg, organizador, juntamente com Jakob Jud, do Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional, dava conta, em conferência, das concepções fundamentais em que se baseavam os atlas linguísticos (cf. JABERG 1936).

Em 1963, L. F. Lindley Cintra, num dos seus estudos,⁷ demonstrava a valência do estudo da grafia dos documentos não literários como fonte inestimável para o conhecimento quer da variação dialectal no galego-português, quer dos dialectos registados a sul do rio Douro.

Com o advento do trabalho dos dialectólogos, cuja orientação linguística se dirigia para o estudo numa perspectiva oralizada das línguas contemporâneas,⁸ surge a noção de 'dialecto'⁹. Praticado no terreno, o estudo dos dialectos permitiu surpreender a real variedade de formas linguísticas vivas dentro de uma mesma comunidade e dentro de uma mesma 'língua'. Daí que, à aparente uniformidade de uma língua sugerida pelo exame dos textos escritos, haja sucedido a consciência de existirem várias configurações linguísticas que ganhavam estrutura pelo uso dessa língua. Disso mesmo dar-se-á conta o interessado ao verificar que, no âmbito do espaço linguístico português, são perceptíveis variedades dissemelhantes em Trás-os-Montes, no Algarve, no Minho e no Ribatejo ou no Alentejo, nos Açores ou na Madeira.

Assim se conceituava o 'dialecto' como constituidor de uma variedade regional da língua.

Já na edição de 1536 da gramática de Fernão Oliveira (considerado o primeiro gramático a reflectir e analisar a língua portuguesa), mostrava-se que havia uma certa consciência de natureza diferenciada no que respeita à variedade lexicológica em relação a cada classe social, a cada faixa etária. Fernão de Oliveira mencionava deste modo as «dicções usadas»¹⁰ concluindo com a necessidade de se proceder à sistematização do que viria a ser chamado mais tarde de norma linguística.

Por seu turno, certamente devido à importância que davam ao 'bom uso' da língua, entendido como o correcto, os gramáticos tradicionais motivaram a marginalização das variedades próprias das regiões, o que permitiu o recuo dos estudos na área dialectológica.

⁷ Intitulado "Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie" (cf. CINTRA 1963: 40-77).

⁸ Durante muito tempo a base de estudo, da responsabilidade dos filólogos, manteve-se centrada em textos escritos e, geralmente, antigos. Para uma descrição mais circunstanciada, cf. I, 3.: n. 1..

⁹ Neste capítulo, este e outros termos serão assumidos ou de acordo com a perspectiva dos autores que os utilizam ou atendendo ao momento onde se inscrevem. Embora fiquem já, naturalmente, excluídos os empregos populares dos termos, como o de 'dialecto' para designar, pejorativamente, uma forma idiomática considerada de menor prestígio, a postura teórica perante eles será objecto de clarificação em I, 5.: 12..

¹⁰ São palavras do autor as seguintes: «tãbẽ se faz ẽ terras esta particularidade, porq̃ os da Beira tem hũas falas e os Dalentejo outras; e os homens da Estremadura sãõ diferentes dos dantre Douros e Minho, porq̃ assi como os tẽpos, assi tãbẽ as terras criaõ diversas cõdiçoẽs e cõceitos» (OLIVEIRA 1536: 85).

O termo ‘dialecto’ apresentava o estigma que o colocava em posição antígona à da ‘língua de cultura’, «definida esta como a que dava suporte à manifestação escrita, transmitida sobretudo pelos processos de escolarização, de aculturação», dirigida especialmente pelo «grupo social considerado o modelo sócio-cultural».

Mais recentemente, ‘dialectos’ são «as variedades de uma língua histórica que caracterizam formas de falar específicas de lugares, estratos sociais, faixas etárias, com seus registros próprios» quanto à intencionalidade da situação comunicativa (SILVA 1988: 64) — sectorização da qual decorrem nomenclaturas como dialectos ‘diatópicos’, ‘diastráticos’ e ‘diafásicos’. Aliás, como foi já recordado, ‘dialecto’ não é mais do que um dos ‘modos de falar’ de uma determinada língua num dado momento histórico, próprio a um segmento social e de um determinado lugar.

Em consonância com os princípios da funcionalidade e da oposição, poder-se-á adiantar que o que confere o estatuto à variedade (ou ao dialecto) no seu conjunto é o valor de unidade, opondo-a em relação a outras possibilidades paradigmáticas disponibilizadas pelo nível geográfico e/ou social operador(es).

Foi na segunda metade do séc. XIX, com Francisco Adolfo Coelho (cf. COELHO 1868), que as linguagens consideradas não oficiais se tornaram por fim objecto de estudo. Perante fenómenos de «pronúncia provincial ou local», descritos como defeitos de linguagem, este discípulo da escola histórico-comparativa dava um contributo positivo para a identificação das redes sistémicas das variedades de uma língua ao reconhecer «que elas [alterações de pronúncia] não são arbitrárias, mas ao contrário se baseiam sobre tendências regulares» (COELHO 1868: 66). Com José Leite de Vasconcellos (cf. VASCONCELLOS 1901) e com Gonçalves Viana (cf. VIANA 1973), a preocupação voltada para as áreas geográficas do país manifestou-se pela identificação de caracteres particulares de funcionamento — dados que deram origem às primeiras descrições estruturadas de variedades da língua portuguesa, no sentido em que ultrapassavam já a simplicidade de meros inventários.

Na sua vertente geográfica, regional ou diatópica, o levantamento dos materiais dialectológicos em Portugal tem sido feito desde os começos do século XX,¹¹ graças sobretudo aos trabalhos desenvolvidos por Leite de Vasconcellos, Paiva Boléo e Lindley Cintra, continuados nas escolas da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa, respectivamente.

¹¹ À semelhança do investimento na descrição da variedade da língua portuguesa, em quase todos os países da Europa, desenvolveram-se a partir desse período consideráveis estudos científicos de dialectos e/ou falares de diferentes povoações. Veja-se o exemplo de França, onde as teses mais importantes que se apresentaram desde 1905 são essencialmente de carácter dialectológico (cf. MILLARDET 1923: 90).

Já com uma densa rede de localidades exploradas, Leite de Vasconcellos apresentou o primeiro Mapa Dialectológico do Continente Português,¹² onde a descrição do «Portugal Dialectológico» vem precedida de uma «classificação summaria das línguas por A. R. Gonçalves Viana». A sua segunda classificação, datada de 1901 e inserida na Esquisse d'une Dialectologie Portugaise (cf. VASCONCELLOS 1901),¹³ que não coincide exactamente com a primeira apesar de as diferenças não serem muitas, como deu conta e salientou Lindley Cintra na apresentação da sua “Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses” (cf. CINTRA 1971). Leite de Vasconcellos elaborou ainda uma terceira proposta de classificação com a publicação do “Mapa Dialectológico de 1893-1897”, em 1929 (cf. VASCONCELLOS 1928-1938: vol. 4, 791-796).

Paiva Boléo, baseado nas respostas ao inquérito linguístico por correspondência lançado em 1942 (ILB), que na altura atingiam o número de 2000, elaborou uma quarta classificação estruturada dos dialectos portugueses continentais, com a colaboração de M.^a H. dos Santos Silva.¹⁴

Uma quinta proposta de classificação encontra-se numa parte do sector da Introdução da Gramática Portuguesa de Pilar Vázquez Cuesta e M.^a Albertina Mendes da Luz, nomeadamente no cap. “Estado Actual del Portugués en la Península Ibérica” (cf. VÁZQUEZ CUESTA, LUZ 1971: 52 – 83). Este sector «constitui, sem dúvida, no momento presente e apesar da sua extensão naturalmente limitada, a visão de conjunto do panorama dialectal português mais completa e actualizada a que é possível recorrer», como a ele se refere Lindley Cintra (CINTRA 1971: 84).

Uma nova proposta é apresentada por Lindley Cintra: em prol da simplificação e partindo, como o próprio autor afirma, «apenas dos traços que são verdadeiramente

¹² A data citada é a do aparecimento do referido mapa e não a da sua publicação — esta só ocorreu em 1897, com o título de “Carta Dialectológica do Continente Português” (cf. DEUSDADO 1893: junto da 16), conforme referem Paiva Boléo (cf. BOLÉO 1974: 309-352) e Lindley Cintra (cf. CINTRA 1971: 81-116).

¹³ No prefácio, Leite de Vasconcellos justifica a escolha do tema: «J'ai choisi un sujet philologique comme thèse, parce que les cours que j'ai fréquentés à l'Université de Paris sont des cours de philologie; et, dans ce domaine, j'ai donné la préférence à la dialectologie portugaise, parce qu'ainsi ce sujet sera traité pour la première fois dans son ensemble» (VASCONCELLOS 1987: 7); além disso, como também afirmou, parece que havia vinte anos que recolhia materiais dialectológicos portugueses.

¹⁴ A título de enquadramento, sabe-se que este trabalho se faz acompanhar de quatro mapas, sendo os números dois e três uma reprodução algo retocada e melhorada esteticamente dos mapas de 1897 e de 1929, elaborados por Leite de Vasconcellos.

A publicação desta proposta foi anunciada, primeiramente, no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros — uma reunião científica organizada em Lisboa por Lindley Cintra, em 1959 (cf. BOLÉO; SILVA 1960: 418-428, em especial 418 n.1 e 424 ss.), e realizou-se na 2^a ed. do Atlas de Portugal [material cartográfico], publicado em 1958 em Coimbra pelo Instituto de Estudos Geográficos. Voltou a ser publicado, acompanhado de comentários, nas Actas do IX Congresso Internacional de Linguística Românica, realizado na Universidade de Lisboa de 31 de Março a 4 de Abril de 1959 (cf. BOLÉO 1974: 309-352 + 4 mapas).

relevantes no consenso de um número suficientemente elevado e representativo de pessoas ‘mesmo alheias a estudos filológicos’, de acordo com o desejo expresso por Manuel de Paiva Boléo», Lindley Cintra considera, numa classificação de conjunto, três zonas ocupadas por três grupos de dialectos que se diferenciam entre si por alguns fenómenos fonéticos recorrentes no espaço de cada um (os galegos, os portugueses setentrionais e os portugueses centro-meridionais). Excluem-se desse agrupamento os dialectos insulares que comungam de características, com algumas particularidades, dos centro-meridionais (cf. CINTRA 1971).¹⁵

A divisão dialectal de Portugal continental apresentada por M.^a Helena Mira Mateus, I. Hub Faria (et Alii) na Gramática de Língua Portuguesa (cf. MATEUS; FARIA; ALII 2003: 44-45) recupera a proposta de Lindley Cintra de 1970, na medida em que tem sido confirmada pelos mais recentes inquéritos dialectais conhecidos pelos autores. Sobre as ilhas dos Açores e da Madeira, os autores dão conta da realização de inquéritos/estudos¹⁶ parcelares desenvolvidos pelo Grupo de Dialectologia do CLUL, cujos resultados mostram um valor desigual em relação ao descrito pela proposta de 1971.

Para além das obras dos já citados filólogos Leite de Vasconcellos, Paiva Boléo e Lindley Cintra, merecem igualmente destaque os trabalhos de Júlio Moreira (cf. MOREIRA 1907-1913), os vários artigos publicados na Revista Lusitana (RL) e no Boletim de Filologia (BF), os estudos linguísticos de carácter mais regional, como os trabalhos de Helmut Lüdtke (Die Strukturelle Entwicklung des Romanischen Vokalismus¹⁷ e “Beiträge zur Lautlehre Portugiesischer Mundarten”¹⁸) e de Göran Hammarström (Étude de Phonétique Auditive sur les Parlers de l'Algarve)¹⁹.

Mais recentes, sublinham-se as obras de J. Morais Barbosa (Etudes de Phonologie Portugaise)²⁰, de M.^a Leonor Carvalhão Buescu (Monsanto: Etnografia e Linguagem)²¹, de João Ant.^o das Pedras Saramago (A Ilha do Corvo: alguns Aspectos Linguísticos)²², de M.^a

¹⁵ Esta proposta de mapa dialectológico aparece firmada de novo no cap. “Domínio Actual da Língua Portuguesa” do manual Nova Gramática do Português Contemporâneo (cf. CUNHA; CINTRA 2000: 9-19).

¹⁶ A partir destes inquéritos tem-se a informação de que se encontram em publicação os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (cf. MATEUS; FARIA; ALII 2003: 44, n. 6).

¹⁷ Cf. LÜDTKE 1956 [Dissertação apresentada pelo autor em 1952].

¹⁸ Cf. LÜDTKE 1957: 106-110.

¹⁹ Cf. HAMMARSTRÖM 1953.

²⁰ Cf. BARBOSA 1983a.

²¹ Cf. BUESCU 1984.

²² Cf. SARAMAGO 1987.

Luísa Segura da Cruz (O Falar de Odeleite)²³ e de Célia Rodrigues (Lisboa e Braga: fonologia e variação)²⁴ ; ²⁵, assim como as teses decorrentes da parametreagem acústica da massa fonética do português propostas por Ant.º Teixeira Rebelo (Síntese articulatória das vogais nasais do português europeu)²⁶ e por Helena Rebelo (O falar de Porto Santo. Contribuição para o estudo do vocalismo e algumas considerações sobre o consonantismo)²⁷.

É reconhecida a crescente preocupação actual em se caracterizarem e explicitarem as diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas, no sentido de melhor se identificar o diassistema e de se determinarem quais os factores (quer internos quer externos) que contribuem para a polimorfia: o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), desde 1992, tem participado no projecto Atlas Linguarum Europae (ALE)²⁸, integrando-se nas equipas do Atlas Linguistique Roman (ALIR), do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)²⁹, do Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores (ALEAç) e do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP)³⁰ com a recolha de dados dialectais em cerca de 150 localidades de Portugal continental e ilhas adjacentes. Em Coimbra, o Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada (CELGA) assinala como actividades de investigação a transversalidade da temática da variação, que emerge em trabalhos diversos e sob distintas

²³ Cf. CRUZ 1991.

²⁴ Cf. RODRIGUES 2003.

²⁵ Outros artigos e trabalhos de 1900-1901 (de Leite de Vasconcellos) até 1962 (data da inclusão de Portugal no Atlas da Península Ibérica, no qual colaborou Lindley Cintra) são citados no artigo de Herculano de Carvalho, "Os Estudos Dialectológicos em Portugal nos Últimos Vinte Anos" (cf. CARVALHO 1973: 197-215).

As análises dialectológicas citadas no corpo do texto servirão, no decurso desta dissertação, de elemento comparativo sempre que haja pertinência em termos de representatividade do fenómeno a ser descrito, e serão eventualmente retomadas sempre que suscitem leituras e conceitualizações pertinentes pela diferença.

²⁶ Cf. TEIXEIRA 2000.

²⁷ Cf. REBELO 2005.

²⁸ Trata-se de um projecto internacional que recobre todo o continente europeu, do Atlântico aos Urais e ao Cáucaso, criado por iniciativa da Universidade Católica de Nijmegen (Holanda), sob os auspícios da UNESCO. Nele participam todos os países europeus e, actualmente, a sua sede fixa-se em Florença. As recolhas que se efectuaram por 53 localidades do continente português para servir este Atlas tiveram lugar em 1975, tendo-se utilizado um questionário de 546 perguntas de interesse exclusivamente lexical.

²⁹ Criado por Lindley Cintra em 1970, o ALEPG, cujas recolhas se iniciaram em 1973, é um projecto que tem por objectivo a publicação de um Atlas nacional. O questionário em utilização encontra-se organizado por campos semânticos de acordo com a orientação proposta por Hallig e von Wartburg (cf. HALLIG; WARTBURG 1963), e foi concebido de modo a que, incidindo sobre o léxico abordado em perspectiva onomasiológica, resultasse na obtenção de informação necessária para a descrição fonética, fonológica e de particularidades morfológicas.

³⁰ Criado em 1987, este projecto, com sede em Grenoble, congrega todos os países de língua românica. O corpus que serve este projecto internacional é o mesmo que se descreve em n. 28 supra.

focalizações: problematização teórica das relações entre variação e mudança linguística, tensão entre variação e processos de standardização, correlações entre variação, consciência linguística e consciência metalinguística, discussão da definição da linguagem jurídica em termos de tecnolecto. Actualmente, o CELGA apresenta, entre outras, linhas de investigação no âmbito da Sociolinguística (PRESFOR).

No que diz respeito ao estudo linguístico aferido no espaço geográfico do concelho do Fundão enquanto população-alvo, nos estudos dialectológicos existentes, a análise que tradicionalmente se pratica apresenta algumas limitações devidas essencialmente a dois tipos de factores: às descrições limitadas a notar alguns fenómenos linguísticos em termos de especificidade regional e especialmente submetidas a uma relação que os nivela no âmbito geral do território português; às análises não escudadas de um modelo explicativo que fundamente o sistema fonológico como um edifício estrutural de variedade de língua.

Acresce ainda o facto de, nas propostas de classificação dialectológica que existem actualmente, nem sempre surgir delimitada de modo inequívoco a variedade linguística em uso observada no espaço geográfico que congrega a população-alvo desta dissertação.

Leite de Vasconcellos, na proposta de 1893-1897, distingue no dialecto beirão «o subdialecto de Fundão, Castelo Branco ... até Portalegre» (cf. VASCONCELLOS 1928-1938: vol. 4, 791-796). Na proposta de 1901 já não o inclui, voltando no entanto a consagrá-lo na versão de 1929. Aliás, Leite de Vasconcellos revela perfeita consciência das limitações e defeitos da proposta que apresenta — são palavras suas estas, retiradas do comentário que proferiu em relação ao seu mapa dialectológico: «convém notar que as variações dialectais não coincidem de forma exacta e absoluta com as divisões territoriais, de modo que, quando se diz, por exemplo, dialecto beirão, ou subdialecto alentejano, não possa haver fenómenos comuns à Beira e ao Alentejo» (VASCONCELLOS 1928-1938: vol. 4, 795).

Paiva Boléo e M.^a Helena Santos Silva consideram seis falares, entre os quais o «falar beirão» (subdividido entre o «ocidental» e o «oriental e, dentro deste, a «variedade de Sátão») e o «falar de Castelo Branco e Portalegre», dentro do qual se destacam os «subfalares» de «Castelo Branco» e de «Portalegre». Acrescenta-se que na área geográfica que envolve Castelo Branco e Portalegre não são marcados quaisquer indicativos fonéticos ditos de 'traços típicos da região', como já então se reconhecia a articulação palatalizada do <u> em posição tónica. Da mesma forma, importa dizê-lo, a descrição da articulação ápico-alveolar³¹ surda e sonora não é clarificada como se esperaria, apesar destes mesmos autores terem observado, como eles próprios referiram, «o cuidado de seleccionar aqueles factos que apresentavam alguma extensão geográfica bem determinada e que, mesmo para as pessoas alheias a estudos filológicos, podiam ser tidos como mais típicos e distintivos» (BOLÉO 1974: 324).

³¹ De acordo com o que é conhecido em linguística, a 'articulação ápico-alveolar' recebia também o nome de 'articulação reversa' ou de 'beirã'.

Pilar Vázquez Cuesta e M.^a Albertina Mendes da Luz, certamente influenciadas pelos trabalhos de Paiva Boléo e de Leite de Vasconcellos, admitem a existência de três «zonas dialectales» com «sus rasgos principales», das quais aqui se foca «o Centro», formado pelas Beiras e que «no es sino una región de transición». Ainda que se apontem algumas características diferenciais, fonéticas, morfológicas e sintácticas, não se percebe uma delimitação mais pormenorizada de zonas especificadas e menores dentro das zonas dialectais marcadas, o que leva a crer que a divisão se apoia numa sustentação mais geográfica do que linguística (cf. VÁZQUEZ CUESTA; LUZ 1971: 60).

Dentro do espaço dedicado ao «Português centro-meridional», Lindley Cintra, na sua nova proposta, separa uma área menor que se caracteriza por alguns fenómenos comuns. Assim, destaca, no grande conjunto formado pelos dialectos que vão da Beira Baixa e do Ribatejo até ao Algarve, a «variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo», apontada como tendo por principais núcleos urbanos Castelo Branco e Portalegre e caracterizada por uma alteração de timbre, que reclama como profunda, em todo o sistema vocálico, em especial o do tónico. Como isófona a marcar o limite desta zona, Lindley Cintra optou pela palatalização do som vocálico de <u>. Entre alguns outros traços que observou na região demarcada, o autor apresenta ainda um espectro indicador, em termos de percepção e de regularidade observadas na alteração do timbre de (u(, no sentido de mais clareza, quase regularidade, no centro da zona, e de um esbatimento gradual nos extremos (cf. LINDLEY CINTRA 1971).

De forma sustentada, poder-se-á dizer que, até ao momento, a identidade da variedade linguística em uso aferida no espaço do concelho do Fundão tem sido tomada por uma visão fragmentária, da qual se vêem marcadas apenas particularidades de interesse mais imediato para determinadas postulações teóricas.

Em conformidade com esta consideração, julga-se ser agora premente a constituição sistémica da variedade funcional em uso nesse espaço geográfico, distinguindo nela os seguintes domínios essenciais: de um modo amplo, analisar-se-ão sistemas fonológicos, esquemas funcionais de estruturas frásticas e unidades operadoras do sistema.

Só assim se crê ser possível instituir o estatuto linguístico da variedade, na medida em que se identifica o sistema que a suporta/enforma e o uso que nela se opera como instrumento de intersubjectividade/interactividade e como constituinte/formador.

Entender-se-á que o uso linguístico actualizado pelos alocutários (população-alvo) não reflecte de alguma maneira um exame objectivo e/ou despersonalizado da realidade, mas projecta sim a maneira de a ver por parte da comunidade linguística que se acha nela integrada.

capítulo 2

objectivos.

Constitui o objectivo fundamental do presente trabalho identificar e descrever o sistema linguístico do português em uso no espaço físico da Beira Interior, em especial da zona geograficamente delimitada como concelho do Fundão. Tratar-se-á da descrição e da explicitação do modo de funcionamento de uma variedade linguística em uso, entendendo-se esta, de forma geral, como P. Dom Rafael Bluteau o fez no seu *Vocabulario portuguez e latino*, embora em designação do que se compreendia por dialecto: «Modo de fallar próprio, & particular de huma lingua nas differentes partes do mesmo Reino; o que cõsiste no accento, ou na pronunciação. ou em certas palavras, ou no modo de declinar & conjugar» (BLUTEAU 1713: 205).

É do conhecimento linguístico geral que a descrição de uma língua (e, de igual forma, de uma sua variedade) se centra naquilo em que essa mesma língua/variedade se constitui por si mesma num estado de independência de todas as outras línguas/variedades conhecidas, existentes e/ou passíveis de terem existido.

Assim, será motivo de descrição aquilo que na variedade linguística sob escopo existe de modo a que funcione em prol da interacção comunicativa exercitada pelos alocutários que dela fazem/e a colocam a uso.

Neste estudo particular da comunidade linguística aferida como população-alvo (concelho do Fundão), precisar-se-ão todas as características que se revelarem em permanência¹ no uso dos colocutores-dadores e os factores que, reunidos os dados em conjunto, levarem a que esta variedade possa ser considerada um sistema específico apresentado como instrumento de comunicação à disposição dos seus utilizadores.

Não deve deixar de ser sublinhada a ideia de conjunto, na medida em que as características linguísticas a descrever só farão sentido por este mesmo facto, que é o de

¹ Isto é, atender-se-á a um nível de confiança de ≈95%, admitido matematicamente em função do tamanho da amostra.

Sobre os processos de obtenção de dados e de respostas com perfil estatístico, cf. de modo mais circunstanciado o excuro operatório em I, 5: 15..

umas com as outras formarem as partes que, em relação, fundam o todo da variedade em uso pela comunidade considerada linguisticamente e determinada como tal.

Devido a vários factores de índole económica e sociocultural (entre outros, melhoria dos meios de comunicação, acção cultural exercida pelos estabelecimentos de ensino, etc.), sente-se já, na região linguística demarcada para análise, uma intensa pressão da variedade linguística considerada *standar*, interferência que faz prever a atenuação, a alternância e/ou a perda de usos peculiares.

Porque se tornaria redutora uma caracterização funcional apenas pelos traços fonéticos, a descrição das principais características relativas à fonologia, correlacionadas com alguns testemunhos de pertinência sintáctica e semântica (numa perspectiva informativa) da variedade linguística em uso no espaço da Beira Interior é tida agora como uma necessidade urgente, para que não se perca (para sempre) a possibilidade de se estudar a(s) sua(s) especificidade(s).

Assim, a descrição da variedade que constitui o universo do estudo apresentado visa a apresentação do sistema de fonemas, bem como das relações sintagmáticas que se estabelecem entre as unidades da primeira articulação (nomeadamente as determinações, mais ou menos próximas, de V). Condicionadas ao contexto frástico, ter-se-ão ainda em conta certas relações semânticas que presidem a verbalização e o estrato informativo que adquirem na actualização na FR, componenciadas por critérios de ordem funcional.

No sentido da prossecução deste objectivo, será necessário recolocar pertinência funcional a factos autónomos (e, possivelmente, menos centrais do ponto de vista distintivo), quer estejam predeterminados pelo contexto, quer estejam dependentes de outros condicionamentos gerais, sendo que não cabe ao linguista o papel de determinar o que é essencial e o que não é essencial, mas descrever os traços característicos resultantes da função das unidades e do lugar que estas ocupam no sistema objecto de análise.

Sucintamente, a concretização de tais objectivos implica clarificar as operações fonológicas, as relações de determinação ao V, o comportamento sintáctico-semântico e informativo de formas de SV e de PP no âmbito da alocução, envolvidos todos na configuração de um sistema fonológico, de um esquema funcional de estruturas sintácticas específicas de SV e de um paradigma semântico-informativo, numa abordagem orgânica dos factos que dê conta dos processos mais ou menos produtivos e/ou disponíveis.

Assim, na área fonológica, descrever-se-ão as unidades mínimas e distintivas e as latitudes de variação de como são articuladas, cujos índices serão prementes para a futura avaliação de centros de gravidade óptima, de campos de dispersão ou de fronteiras entre campos ou estádios limiares. Teoricamente, serão feitas as aproximações de relação

necessárias para se notar que um fonema é distinto de todos os outros fonemas do mesmo sistema linguístico; praticamente, dar-se-ão provas da pertinência dos fonemas que, na realidade deste estudo, (en)formam o sistema da variedade linguística que se descreve.

Qualquer 'língua funcional' não se reduz a uma listagem de monemas isolados. Na realidade, estes monemas formam um conjunto na constituição de frases que correspondem linguisticamente ao que se deseja comunicar. Na sintaxe, analisar-se-ão algumas dessas frases e, a partir da equação da representatividade de estruturas produtivas de SV e de PP, constatar-se-á a existência de regularidades em dois níveis: ao nível do comportamento dos monemas determinantes de V e ao nível da relação que se estabelece entre eles e os monemas da FR, de modo a que, numa dimensão global, fique claro o elo de ligação processado entre significado e sentido actualizado.

De uma maneira geral, tem-se consciência de que é apenas possível uma descrição de qualquer aspecto linguístico com resultados de pretensão generalista a partir da análise da amostra obtida².

Pela análise linguística proposta, crê-se ser exequível chegar a uma estrutura potencialmente entendida como modelar, sem que isso implique a recusa à existência de variantes. As variantes serão assim naturalmente consideradas.

Merece ainda ser esclarecido que, na sistematização de variedade linguística seleccionada, a par das 'regras categóricas' (entendidas estas como não-variáveis), será preconizada a concepção de 'regras de uso' de variáveis.

² Como se constatará pela análise dos dados computados, entende-se por 'amostra obtida' as unidades resultantes de um processo de escolha entre a totalidade das unidades da grelha de amostragem ou da população-grelha (a amostra teórica) admitida a estudo estatístico. Cf. I, 5: 15..

capítulo 3

fontes.

A selecção das fontes de exemplificação do sistema considerado está intimamente relacionada com a delimitação do objecto de análise. Não obstante essa interdependência, que será desenvolvida em I, 4., a determinação do objecto de estudo requer especificidade e distinção no que concerne à natureza das fontes, embora se proceda ao seu tratamento em conjunto, como representação ilustrativa do que se descreve e do que se explica.

Assim, neste capítulo são apresentadas as fontes compulsadas, reservando-se para os capítulos subsequentes a exploração do tratamento que delas será feito.

Reafirmando o que ficou já explícito em I, 1., não são abundantes as fontes de informação que facultam informações credíveis sobre o sistema linguístico computado no espaço geográfico considerado alvo para este estudo. E a haver uma possível quantidade não intencional de dados possíveis a tratar, não corresponderia certamente a uma descrição qualitativamente satisfatória, desde logo porque estes não se escudam num sólido e fundamentado enquadramento teórico-metodológico e porque, também estes, vêm ancorados a um determinado estado sincrónico, que não sendo o que aqui se pressupõe como linha orientadora para o trabalho pretendido, enviesam as estimativas e conturbam os parâmetros da análise e o grau de confiança dos resultados.

De forma a desagravar o erro de cobertura das fontes admitidas, os estudos linguísticos sobre variedades distribuídas regionalmente começam a basear-se em exclusivo em corpora orais recolhidos espontaneamente¹.

¹ Até finais do século XX, a computação de corpora exclusivamente oral não era um factor reconhecido como determinante e os trabalhos dialectológico linguísticos apoiavam-se também em textos especialmente literários, particularmente no domínio lexical. Assim foi, a título essencialmente exemplificativo, relativamente ao léxico (nomeadamente no que diz respeito aos produtos lexicais derivativos, desde Skorge (cf. SKORGE 1956-1957) até Ettinger (cf. ETTINGER 1974); concretizando-se a primazia às fontes de recolha oral no estudo desenvolvido por Graça Maria de Oliveira e Silva Rio-Torto acerca da *Formação das Palavras em Português* (cf. RIO-TORTO 1993).

No sector sintáctico, a estrutura de FR foi essencialmente equacionada a partir de dados escritos até à análise dos “Aspectos da Sintaxe do Português Falado no Interior do País” (cf. CASTELEIRO 1975: 191-254) e à descrição da “Realização do Futuro do Presente no Português Falado” (cf. CASTELEIRO

Se o recurso a uma tipologia de fontes de registo escrito é admissível para o estudo de algumas fases não actuais da língua, nada justifica que o conhecimento da prática linguística contemporânea, e de consignação da variedade em uso, tome por base dados que não sejam recolhidos oralmente. A diversidade de usos de uma língua não se espelha nem se esgota nos seus produtos textuais; a análise levada a efeito com base apenas em fontes escritas é responsável por conclusões que só devem ser encaradas como possíveis. E o mesmo se diz em relação aos registos observados por um método dirigido.

No intuito de obter, em processo de recolha, uma amostragem heterogénea (dentro dos limites pré-estabelecidos criteriosamente) e ilustrativa das múltiplas possibilidades de uso sistémico da variedade da língua activadas pelos alocutários da região geográfica demarcada (instituída como população-alvo), foram seleccionadas fontes de tipos diversificados, que constituem um corpus-amostra com propriedade de análise estatística.

Recorreu-se, em primeira-mão e preferencialmente, a segmentos transcritos de conversação espontânea, captados no quotidiano, e a materiais recolhidos em entrevistas e inquéritos linguísticos. Não se restringindo à análise de dados recolhidos pelo que comumente se designa ‘conversa dirigida’², que exige um trabalho preliminar no sentido de abarcar, pontualmente, diversas esferas semânticas, empregou-se, de forma muito pontual, uma estrutura de questionário pré-estabelecido de modo a auxiliar metodicamente a descrição de determinados grupos de designações e de relembrar a memória do investigador-documentador: possibilitava-se assim a futura confirmação e comparação dos materiais recolhidos em diversas localidades dentro dos limites da área geográfica marcada.

Ainda que de modo menos explícito, no tratamento de dados foram igualmente tidos em conta dicionários e inventários de natureza fonética e lexical. Conquanto indicativos da delimitação do corpus-amostra obtida, teve-se consciência das limitações que a eles são

1977), a partir de dados disponibilizados pelos materiais recolhidos pela equipa do *Português Fundamental*, e até ao trabalho sobre as “Fórmulas Interlocutórias do Diálogo no Português Moderno Coloquial”, onde se deu conta de variadas formas de tratamento, bordões linguísticos e interjeições a seu tempo em uso (cf. MAÇÃS 1976: 153-266). Nas suas “Contribuições para o Estudo da Linguagem Falada em Português”, Heinz Kröll descreveu as expressões idiomáticas (cf. KRÖLL 1980: 71-96) e Maria Lúcia Borba, em co-autoria com Maia Garcia Marques, revelou alguns bordões no português falado seu contemporâneo (cf. BORBA; MARQUES 1993). Sobre as orações relativas e as valências da gramática do discurso oral, Jaromír Tláškal apresentou “Notas sobre o Relativo *que* e a Valência Verbal no Português Falado” (cf. TLÁSKAL 1997: 29-39).

Os exemplos aqui dados em indicação bibliográfica não extensiva — numa sumária visão sinóptica que, naturalmente, não fica esgotada — dizem respeito apenas à variante do português continental e insular e não excluem, obviamente, todos os trabalhos desenvolvidos no âmbito da produção fonética já referenciados em I, 1., especialmente pelo seu carácter pioneiro na análise de tendência sistémica da linguagem ‘falada’ em várias regiões do país.

² Sobre este método, já o conhecido discípulo de Antonin Duraffour (autor, este, do *Glossaire des Patois Francoprovençaux*), o monsenhor Pierre Gardette, observou: «La méthode de la conversation dirigée, avec ou sans plan de conversation, est évidemment la seule qui permette de relever le vrai patois, tel que le paysan le pense et le parle; c’est la seule qui permette d’éviter ce patois de seconde zone, fait de français patoisé, dont l’ALF contient malheureusement trop d’exemples» (GARDETTE 1941: 7).

próprias, nomeadamente a sua natureza artificial, porque descontextualizada de uma interacção verbal informal e coloquial.

Concretamente, foram os seguintes os tipos de fontes compulsados:

- i. observação empírica dos registos linguísticos decorrentes de entrevistas realizadas a alocutários-dadores prototipizados da população-alvo;
- ii. proficiência e intelecção linguísticas³ de alocutários comuns, captadas nas manifestações verbais espontâneas;
- iii. produção linguística de alocutários na resposta a questionários muito pontualmente dirigidos;
- iv. glossários e descrições de variedades específicas recolhidas quer em publicações periódicas (destas se destacam o *Boletim de Filologia*, a *Revista Lusitana* e a *Revista Portuguesa de Filologia*), quer em estudos mais dirigidos a uma região delimitada, cujos materiais retratam estratos de língua mais antigos e dialectal e/ou sociolinguisticamente marcados;⁴

³ Ainda que, numa primeira leitura, se possa ver aqui uma relação com a conceitualização de 'competência e intuição linguísticas', impõe-se dizer que por 'proficiência e intelecção linguísticas' entende-se o que não é resultante de introspecção, modelo teórico mais próximo da análise psicológica das experiências.

Nesta dissertação, os dados a trabalhar são a realidade dos factos e só eles devem ser analisados. A explicitação deste modelo operativo será feita em I, 5.; no entanto, impõe-se discorrer já, muito sucintamente, pelo que alguns linguistas expõem acerca dos princípios segundo os quais julgam dever trabalhar, porque se crê ser pertinente ao racionamento da constituição do corpus admitido.

Ultimamente, a atitude dos linguistas acentua uma dupla exigência no estudo científico da linguagem: por um lado, a colocação de hipóteses a ser explicitadas sobre o objecto examinado; por outro, a apreciação dessas hipóteses em confronto com os dados empíricos. No entanto, e muitas vezes, a relação entre estas duas exigências não é tão clara quanto se deseja, e o linguista tem que estabelecer o equilíbrio devido a ponderações decorrentes destas duas ordens de fenómenos, isto é, dos fenómenos que são formais e dos que são intuitivos, resultantes os primeiros da confirmação das hipóteses e provenientes os segundos da experiência que se tem da realidade.

Com idêntico posicionamento científico no estudo da linguagem, de uma forma clássica, Mortéza Mahmoudian considera o seguinte: «qu'un équilibre entre les deux est souhaitable; que la réflexion linguistique pourrait aboutir à un formalisme idéaliste si l' on néglige par trop l' empirie; et qu' une recherche trop orientée vers les données empiriques (au détriment de la théorie) risquerait d' appauvrir et de restreindre abusivement le domaine de la recherche linguistique» (MAHMOUDIAN 1982: 193).

Sobre a necessidade e legitimidade — questionáveis ambas — do recurso à intuição linguística tendo em vista o conhecimento dos factos linguístico, leia-se, entre outros, Paolo Ramat (cf. RAMAT 1981 : 1-14) e Pierre Corbin (cf. CORBIN 1980: 121-179).

Relegando o processo hipotético para onde ele é necessário (isto é, nomeadamente, para a chamada linguística histórica e, em certa medida, para a importância do rendimento funcional como factor de evolução linguística), André Martinet apresenta a operação comutativa como indispensável ao tratamento dos factos linguísticos sem o recurso à introspecção (cf. MARTINET 1995: 11-16, 35-36 e 38-39).

Deve reafirmar-se que, na análise da deescrição apresentada, a opção recai no um modelo empírico-dedutivo, o que necessariamente não releva inrescindivelmente o carácter hipotizante das explicitações numa fase intermédia da análise dos factos linguísticos computados através de equações estatísticas de frequência.

Ainda sobre a delimitação tateada do universo de dados e sobre a génese das hipóteses e métodos de análise seguidos, cf. MORTON 1984: 83-107.

⁴ A análise deste material, assim como o das descrições monográficas e relatórios baseados em inquéritos efectuados, teve por objectivo prioritário constatar a evidência do que é (ou poderia ser)

- v. descrições monográficas e relatórios baseados em inquéritos realizados no terreno e incidentes sobre a linguagem popular das variedades geográficas do distrito de Castelo Branco — concelho do Fundão: dissertações de licenciatura apresentadas às Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e de Lisboa⁵; relatórios do ILB⁶.
- vi. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de António Houaiss, Mauro de Salles Villar e de Francisco Manuel de Mello Franco (cf. HOUAISS; VILLAR; FRANCO 2001).

A selecção de fontes é sempre controversa, na medida em que são plurais e discutíveis os critérios em que ela se escuda.

Tem-se consciência que o estudo de qualquer variedade linguística não se reserva a amostragens compulsadas em fontes de natureza e de informação aleatória, diversa e desigual.

Embora seja tido como inerrogável que qualquer corpus carece de exaustividade, o conhecimento do sistema de toda uma variedade não prescinde de uma inventariação de dados suficientemente copiosos para serem representativos da própria complexidade que a compõe, como se justificará em I, 5.: 15..

As gravações abrangem diálogos entre alocutário-dador e investigador, diálogos entre mais do que um alocutário-dador e gravações/registos secretos⁷.

característica linguística da região estudada; e, também encetando uma observação comparativa, dar mostras de que, na verdade, o que poderia ser lido como um traço particular da variedade linguística em uso no espaço geográfico do concelho do Fundão, não é uma particularidade nem exclusiva dessa variedade, nem ancorada a um tempo cronologicamente balizado. Por tal, as observações daí recorrentes encontrar-se-ão, essencialmente, anotadas em rodapé.

⁵ Das sessenta e nove dissertações de licenciatura inéditas que se dedicam ao estudo dialectal de regiões ou localidades específicas, de forma não aleatória consultaram-se duas realizadas a partir de recolhas feitas no concelho do Fundão: *Etnografia, Linguagem e Folclore de uma Pequena Região da Beira Baixa (Póvoa de Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo)* (cf. MARTINS 1954); *Recolha de um falar de Bogas-de-Baixo*. Évora: s.n. (cf. GONÇALVES (1989).

⁶ I.L.B. (*Inquérito Linguístico Boléo*): “Respostas ao Inquérito Linguístico por Correspondência”, organizado por Manuel de Paiva Boléo em 1942. Durante 30 anos, o mesmo questionário foi utilizado e completado com inquéritos no terreno realizados por este Professor e por alunos seus, em trabalhos de recolha dialectológica.

O material, que abrange mais de 3000 inquéritos, contem informações sobre 2530 localidades, de entre as quais 15 pertencem ao concelho do Fundão, a saber: Quintãs – n.º 1918 (com relatório), Peroviseu – n.º 1919, Valverde – n.º 1920, Donas (2 inquéritos com relatório) – n.º 1921, Telhado – n.º 1922, Lavacinhos (com relatório) – n.º 1923, Alqueidão – n.º 1924, Castelejo – n.º 1925, Souto da Casa – n.º 1926, Alpedrinha (2 inquéritos) – n.º 1927, Vale de Prazeres – n.º 1828, Atalaia do Campo – n.º 1929, Soalheira – n.º 1930, Orca (com relatório) – n.º 1931 e Barroca do Zêzere (com relatório) – n.º 1924a. Os números aqui registados correspondem à última convenção atribuída pelo próprio Paiva Boléo.

⁷ Não descuidando o facto de gravações/registos efectuadas de forma anónima e/ou secreta poderem levantar algumas questões de natureza ética ou até legal, entender-se-á que o procedimento operado na constituição da base de dados é lícito do ponto de vista do método de análise com objectivos evidentes na exactidão das informações fonéticas.

É clara a importância deste arquivo sonoro (ou de representação sonora) para a descrição sistémica da variedade linguística do português que se estuda, pois representa uma fonte permanente de documentação, obtida com rigor metodológico.

O corpus-amostra obtida utilizado representa o desempenho linguístico dos alocutários-membros de uma comunidade. O conjunto de gravações e a notação de alocações permitirá representar a dimensão de variedade que constitui, e se constitui, nessa mesma comunidade.⁸

Por tal, é sempre necessários definir previamente o universo da amostra obtida, que deve ser representativo de todos aqueles aspectos sobre os quais se deseja generalizar.

Em relação à constituição de um corpus de dados provenientes da gravação de produções linguísticas dos alocutários-dadores, são de várias ordens os aspectos tidos em conta. A reunião destes critérios operacionaliza o plano-grelha da amostragem e traduz-se, in concreto, no modelo de corpus da amostra teórica.

Assim:

- i. as gravações foram efectuadas nas localidades escolhidas da população-alvo, a saber, por ordem alfabética: Alcaide (≈726 alocutários), Alcária (≈1236 alocutários), Alcongosta (≈538 alocutários), Aldeia de Joanes (≈901 alocutários), Aldeia Nova do Cabo (≈656 alocutários), Atalaia do Campo (≈632 alocutários), Barroca (≈629 alocutários), Bogas de Baixo (≈256 alocutários), Bogas de Cima (≈439 alocutários), Capinha (≈597 alocutários), Castelejo (≈797 alocutários), Castelo Novo (≈420 alocutários), Donas (≈885 alocutários), Enxames (≈572 alocutários), Escarigo (≈311 alocutários), Fatela (≈528 alocutários), Janeiro de Cima (≈337 alocutários), Lavacolhos (≈234 alocutários), Mata da Rainha (≈214 alocutários), Orca (≈786 alocutários), Peroviseu (≈811 alocutários), Póvoa de Atalaia (≈749 alocutários), Salgueiro (≈768 alocutários), Soalheira (≈1087 alocutários), Souto da Casa (≈936 alocutários), Telhado (≈592 alocutários), Vale de Prazeres (≈1477 alocutários) e Valverde (≈1352 alocutários). Os algoritmos registados de acordo com informação do 'census 2001' apontam o número a partir do qual se reconhece a dimensão quantitativa de alocutários. Nesta dimensão de população-alvo, impõe-se dizê-lo, não foi ainda equacionada a taxa de analfabetismo (=17,3%), consideração a partir da qual se torna possível apurar o índice estatístico a computar no corpus-amostra obtida.

Sobre o assunto, cf. entre outros, BIRD; LIBERMAN 2001: 26-30; DALBERA 2002: 89-104, DALBERA; DALBERA-STAFANAGGI 2004: 399-434.

⁸ A representatividade do corpus será objecto de reflexão mais acurada em I, 5.: 15..

- ii. a selecção dos alocutários-dadores, de ambos os sexos (no mínimo um homem e uma mulher), nativos da localidade inquirida, com mais de 45 anos de idade, pouco escolarizados (de preferência analfabetos) e com boa estrutura bucal e dentária, obedeceu a critérios de representatividade e de espontaneidade.
- iii. a selecção final do corpus-amostra gravado e registado foi feita tendo em conta o equilíbrio entre contextos, de modo a não ocasionar na descrição do sistema uma disparidade entre o número de segmentos analisáveis e/ou analisados em cada subsistema e em cada modelo funcional de FR, por um lado; por outro, a dimensão da amostra-obtida é o produto de uma equação matemática que permite um resultado mais preciso das estimativas baseadas na totalidade dos efectivos da amostra.
- iv. São também de diversa ordem os motivos que estiveram na base da escolha do dicionário tido como referência prioritária: o facto de se tratar de um dos mais completos dicionários do português recentemente publicados e de comportar uma elevada quantidade de entradas. Além disso, o DHLP apoia-se de forma criteriosa num alargado conjunto de fontes referentes ao português europeu e à descrição exhaustiva da variante brasileira, o que lhe confere um perfil licenciado no sentido da amostragem globalizante da língua portuguesa, inclusive na sua deriva sulamericana.

Em síntese, a escolha das fontes pautou-se por critérios de qualidade quanto ao tratamento de dados, de consignação da variedade admitida, de divulgação, de acessibilidade, de actualidade.

capítulo 4

delimitação do objecto.

Qualquer língua escuda em si um conjunto mais ou menos complexo de usos que, por sua vez, são mais ou menos divergentes consoante seja, também, mais ou menos divergente a diversidade dos seus utilizadores. Por tal, delimitar o objecto deste estudo implica, antes de mais, fixar fronteiras cronológicas e idiomáticas do estrado sincrónico, cujo traçado é desde logo marcado pelo título da dissertação: ‘variedade do português em uso na Beira Interior – concelho do Fundão’.

Para o estabelecimento do termo a quo da variedade da língua portuguesa em uso no espaço-alvo do concelho do Fundão contribuiu de forma algo significativa a ponderação de aspectos de natureza geográfica, económica e sociocultural que tiveram, e vêm tendo, reflexos sensíveis no estado, e no evoluir, da sua fisionomia. Assim, não se pôde deixar de dar atenção até que ponto marcos económicos e socioculturais (extralinguísticos, portanto), como a generalização escolar, a transformação tecnológica e a movimentação populacional determinaram alterações mais ou menos significativas na linguagem comum¹ e ocasionaram uma espécie de «nívelação linguística».

A dar conta desse processo é claro o seguinte excursus: «entre 1900 e pelo menos 1953-1954 — os dialectos portugueses só superficialmente estiveram sujeitos à acção de factores “normalizadores” como a escola ou a rádio». «A partir de então, começou a exercer-se ou a intensificar-se a acção de certo número de factores novos cuja repercussão no domínio da nívelação linguística ainda está por estudar» (CINTRA 1971: 82 e n. 8).

Atendendo ao exposto, e ao facto de ainda ser agora possível notar, nos alocutários nascidos e residentes em permanência exclusiva na zona traçada entre sensivelmente 1925 e

¹ Por ‘linguagem comum’ entende-se aqui a aptidão que cada alocutário tem nos vários sectores estruturadores do sistema linguístico e que, na sua actualização, são (virtualmente) conhecidos de todos os membros da comunidade linguística à qual, por isso, pertencem. Ainda sobre o conceito de ‘linguagem comum’, veja-se o que diz Herculano de Carvalho a esse respeito (cf. CARVALHO 1983: 333-334).

1955, particularidades inerentes a usos linguísticos específicos, é este o período em que, grosso modo, se centra a investigação levada a cabo neste trabalho, não obstante se fazer, pontualmente, um ou outro cotejo com factos de língua mais remotos que antecipam e/ou divergem dos do português em uso que se pretende descrever em funcionamento.

A descrição e análise linguísticas, segundo o cânone estruturalista e operacionalmente funcionalista, deve tomar como objecto de estudo uma «descripción estructural y funcional: un solo “dialecto”, considerado en un “nivel” determinado y en un “estilo de lengua” determinado la descripción estructural debe ser *sintópica, sinstrática y sinfásica*» (COSERIU 1981: 308-309). Assim, atender a este ideário em termos de realização concreta, implica deparar com os obstáculos decorrentes da interdependência entre os vários subsistemas de variantes funcionais que o próprio sistema comporta. De resto, a tendência que se manifesta no desiderato de se criarem objectos de análise inalteravelmente homogêneos, isto é, excluindo da sua abordagem a intercorrência e a heterogeneidade que são próprias de um sistema em uso, tem merecido críticas provenientes inclusive de herdeiros do estruturalismo, como são exemplos M. Alvar e E. Coseriu (cf. ALVAR LÓPEZ 1976: 45-65 e COSERIU 1981: 316-327 ou COSERIU 1977: 186-200, especialmente 194-195).

Sem ignorar a interdependência entre as variantes funcionais em uso no mesmo limite geográfico, impõe-se uma solução, a que se crê expedita, de modo a viabilizar a própria descrição e análise do sistema específico que constitui o corpus-amostra. Não quer este pressuposto dizer que se adopte uma atitude minimalista e/ou exclusivista do estudo de um só uso eleito ad hoc como objecto preferencial de pesquisa, pois não se prescinde do conhecimento, ainda que sumário, dos demais aspectos que mais directamente estão em relação com os da variante a analisar.

Comungam do procedimento envolvido as seguintes palavras de J.-M. Builles, ainda que o sentido tomado seja mais abrangente e esteja condicionado à realidade da língua francesa: «Il existe en réalité plusieurs systèmes phonologiques qui coexistent au sein d’une même langue». Instituído o facto, J.-M. Builles prossegue com a solução metodológica: «Il faut en tirer les conséquences sur le plan de l’enquête: lorsque l’on décrit le système des habitudes phoniques propres aux locuteurs d’une langue, il faut toujours identifier les locuteurs dont on décrit l’usage de façon à ne pas généraliser à l’ensemble des locuteurs ce qui ne vaut que pour certains d’entre eux. Lorsque que l’on dégage les unités distinctives d’une langue peu ou pas décrite, on commence toujours pour étudier minutieusement un idiolecte, c’est à dire le parler d’une seule personne. Ensuite, on étudie le parler de plusieurs autres personnes, soit d’une manière minutieuse, soit d’une manière assez grossière par voie de questionnaires comportant des questions sur des points précis. Ces

personnes sont choisies selon un certain nombre de paramètres tels que l'âge, le sexe, l'endroit où elles habitent, le milieu social, le niveau d'éducation, etc» (BUILLES 1998 : 186-187).²

Será reconhecido por todos que os sectores fonológico, sintáctico e semântico-informativo, em especial o primeiro, são domínios que recebem interferências das diferentes variantes funcionais. Pelo seu carácter dinâmico, os fonemas tornam-se por si permeáveis a influências plurais e, por tal, nem sempre as suas unidades podem ser consideradas como exclusivas ou características determinantes de uma variedade funcional específica.

Assim, neste trabalho, parte-se da propriedade de que a organização do sistema linguístico que se está a descrever representa a arquitectura linguística comum aos alocutários instituídos como representativos da comunidade linguística marcada. É por esse conjunto de regras estruturantes (aplicadas e/ou admitidas) que se define o sistema linguístico avaliado e descrito.

Como ao longo desta dissertação será aduzido, o próprio uso que os alocutários-dadores assumem dos diversos recursos sectoriais pré-estabelecidos como domínios orientativos de análise linguística é relativamente análogo a todos os membros da comunidade, pressupondo, portanto, um uso sistémico comum relativo aos valores e ao modo de funcionamento das unidades e autorizando, conseqüentemente, a amostragem do corpus obtida.

Em conformidade com estas considerações, a constituição da base de dados deste trabalho integra materiais audíveis e/ou notados em transcrição fonética e/ou fonológica provenientes de registos de alocução. Como ferramenta de gravação usou-se o 'Portable Minidisc Recorder MZ-R700PC, Digital Mega Bass' e 'MiniDisc 74' (modelos Sony), acompanhado de 'Micro Stereo' (modelo Panasonic).

A inventariação efectuada revelou-se extremamente fecunda porque autorizou o conhecimento de materiais inéditos e, em grande parte, ainda não explorados no que diz respeito à variedade do português do espaço geográfico abrangido linguisticamente; e porque permitiu ter acesso a formas residuais da variedade da língua portuguesa que, mais ou

² Sobre o processo de recolha de um inventário de matéria de facto pertinente ao estudo de um determinado uso, Henriette Walter, entre outros, propõe uma metodologia organizadora das entrevistas a serem feitas (cf. WALTER 1982 e 1989).

Após a realização das entrevistas, a autora sugere que para se proceder à comparação dos idioletos de uma língua comum sejam observadas diferenciações a três níveis: ao nível das oposições fonológicas, ao nível da realização dos fonemas, e ao nível da sua combinação enquanto constituintes de significantes de unidades significativas (cf. WALTER 1874 e 1982).

Há que admitir desde já que o estudo apresentado nesta tese resulta em parte de uma estruturação cujos contornos podem identificar-se na proposta de H. Walter.

menos pontualmente, ocorrem na região-alvo que se delimitou e que, por tal, fazem parte do fundo linguístico que se descreve.

A necessidade de ter em conta um corpus proveniente de recolhas processadas em comunidades rurais pouco populosas e onde a representação inquirida é constituída por alocutários-dadores de ambos os sexos, de idade não inferior a 40 anos, preferencialmente analfabetos ou de muito reduzida escolaridade, com boa estrutura bocal e dentária e com poucos ou nenhuns contactos com meios exteriores, teve o intuito de sublinhar o carácter genético genuíno da variedade da língua universo-alvo de estudo, ainda que por contraste implícito com a homogeneização que caracteriza a variedade linguística em uso por alocutários mais instruídos (cf. FISHMAN 1971: 82).³

O recurso a um procedimento como o que se está a orientar, que poderá parecer uma excessiva compartimentação que se opera sobre a realidade linguística trabalhada, pode receber as críticas que se insurgem com alguma frequência contra o estruturalismo em geral e o funcionalismo em particular. No entanto, a consideração deste tipo de fonte permite também dosear essa 'compartimentação' na medida em que concatena o dinamismo de esquemas funcionais não rígidos.

Com efeito, a preocupação em identificar os grandes eixos de sistematicidade do corpus-amostra leva à reflexão e utilização de modelos operatórios cuja pertinência se faz sentir do ponto de vista mais analítico que perceptivo; sendo que a necessidade prática de estabelecer a natureza orgânica da variedade que se quer descrever viabiliza o seu 'isolamento' das demais que com ela coexistem (cf. BUILLES 1998 : 185), não tornando, por isso, o procedimento artificial e/ou inadequado porque também condicente com a realidade.

Só assim se crê ser possível caracterizar os operadores integrantes do sistema, determinando a estrutura processual/paradigmática do aparelho fonológico e correlativa determinação das relações sintagmáticas, semânticas e de função informativa existentes. Neste âmbito, é particularmente significativo o tratamento que é dado a todos os constituintes, já que figuram, de um modo geral, a partir de acepções compatíveis com uma organização sistémica e alheia a condicionalismos de ordem heterogénea.

A pesquisa levada a cabo neste trabalho evidencia que há naturais especificações no âmbito do sistema linguístico dito mais convencional da comunidade definida, o que não quer dizer que sejam exclusivos da variedade funcional determinada.

Em suma, a solução exposta apresenta-se como uma decifração operatória. Na prática, os factos marcados devem por isso ser entendidos como constituintes do sistema

³ Não obstante a posição tomada, reconhece-se que na opção pela recolha processada se cruzam influências teóricas diversas em relação ao enquadramento operatório.

funcional considerado tacitamente como a variedade linguística em uso na população-alvo, isto é, no concelho do Fundão.

Assim, a título ilustrativo, no sector fonológico, determinam-se as unidades e os traços pertinentes que as caracterizam, pela discriminação de todos os contextos onde ocorrem (ao todo, 195 subcontextos) através da visualização, sempre que possível, de pares mínimos de significantes, assim como através da exemplificação em notações fonéticas das possíveis variantes individuais e/ou livres que se encontram perceptíveis em uso. Pressupõe-se assim que todos os fonemas, cujas 142040 realizações perceptíveis são atestadas, se descrevem, no espaço e no momento estudados, como potencialmente resistentes e estáveis e, portanto, (en)formantes do sistema que se deseja apresentar operante. Contudo, não se deixa de manifestar consciência de que a frequência⁴ de algumas das entidades fonológicas representadas é certamente devida à frequência do uso de determinados monemas nos quais elas funcionam como unidades significantes.

Para facilitar a descrição e a sistematização exaustivas das formas no discurso, seleccionou-se para universo alvo de análise no âmbito a que se propõe no sector sintáctico uma fatia representativa do corpus (a amostra obtida computada em III). A base dos dados computados é assim formada por um total de 500 ocorrências, sendo ocorrência o conjunto finito sobre o qual também se estuda um carácter quantitativo, expresso numericamente em termos de frequência quer relativa quer absoluta.⁵

De um modo muito sucinto, a representatividade de um corpus⁶ tem em conta o cruzamento de três parâmetros: a extensão do objecto, a sua capacidade frequentativa na alocação e o universo de potencial ocorrência.

⁴ Sendo a frequência o quociente do número de ocorrências que possuem um dado valor pelo número de ocorrências total, optou-se pela expressão das frequências em percentagens.

⁵ Como se verificará ao longo da análise das funções dos segmentos considerados, quer em domínio sintáctico-semântico (informativo), quer seja em domínio fonológico, determina-se a 'frequência absoluta' quando se atende à quantificação de um valor dado como efectivo (mais especificamente, quando esse efectivo é acumulado, isto é, quando constitui o resultado da adição de um traço pertinente num subcontexto a todos os subcontextos dados) — de forma mais exemplificativa da análise, relevam do cálculo de frequência absoluta os resultados obtidos, por exemplo, do fonema vocálico «posterior» em contexto pré-acentuado final de sílaba pela soma da ocorrência em subcontexto de não precedido de consoante com a ocorrência de precedido de consoante (cf. dados revelados de forma relacionada nas secções II e IV). Por outro lado, quando a frequência é relativa, a fórmula encetada passa pela consideração da quantificação de um valor dado no espaço de ocorrências que constituem o conjunto finito do contexto ou do subcontexto onde outros valores estão também representados numericamente.

⁶ Ter-se-á ocasião de reflectir, mais acuradamente, sobre as modalidades interpretativas e de definição que atestam o que se entende por representatividade do corpus num sector reservado do QUADRO OPERATÓRIO: cf. I, 5: 15..

Perante estes dados, não se infira, todavia, que as 150 ocorrências de V registadas correspondem a espaços que, na variedade dimensionada da língua, requerem a presença de unidades do sistema verbal; há obviamente outras formas que, dadas as limitações impostas, não serão aqui descritas. Por outro lado, e dado que se trata neste âmbito de um subsistema linguístico muito requisitado na comunicação, crê-se que o edifício demonstrativo admitido como universo da potencial ocorrência das formas constitui uma experiência equiprovável⁷ para se avaliar os sentidos potenciados de acordo com o contexto identificado.

O entendimento das relações entre PP e o V é também condicionado pelo modelo de representação da realidade linguística. É sobre o modo como as 342 formas de PP corporizam esse modelo que também se ocupa o sector III.

De forma modélica, as unidades computadas são caracterizadas como objecto dos mecanismos de inserção sistémica, avançando-se assim no caminho para um tratamento hierarquizado dos aspectos mais ou menos reguladores do sistema através do reconhecimento da regularidade, quer formal, quer semântica.

As 'propriedades' funcionais da análise sistémica irão sendo confirmadas em termos percentuais no curso desta dissertação. Uma análise estatística dos segmentos portadores da informação sob objectivo permitirá esclarecer (e explicar), à luz das relações operantes, a ocorrência desses segmentos e a prevalência de uns por outros, numa tentativa de representação máxima das características da variedade linguística considerada alvo.

Em todo o caso, convém ser esclarecido que, na base da estatística expressa, estão as notações que figuram, ao longo do trabalho, como exemplos prototipizados, activando-as assim como denotadoras de características vistas como não episódicas mas como essenciais à vitalidade do sistema descrito. Por tal, serão equacionados cálculos matemáticos, de cuja aplicação prática deriva o resultado que mede as hipóteses de ocorrência do analisado. As operações encetadas, explicitadas junto dos seus expoentes sempre que se verifique maior necessidade de precisão, partem essencialmente de uma implicação estatística, de acordo com a qual se analisam os resultados percentuais obtidos, pela ponderação das respectivas viabilidades de ocorrência: se o resultado obtido é positivo e quanto maior for em relação a 1, mais evidente é a rendibilidade funcional do analisado.⁸

⁷ Partindo de leis de cálculo de probabilidade matemática, entende-se que uma experiência é equiprovável quando existe um número de casos favoráveis (isto é, de contextos linguísticos observados) à realização do acontecimento (ou seja, da ocorrência de um segmento) sobre o número de casos possíveis. Por outras palavras, e transpondo a formulação para a base operatória envolvida, a experiência é equiprovável quando o número de ocorrências verificadas é equivalente à hipótese de ocorrerem.

⁸ Nestes termos, serão essencialmente equacionados teoremas e fórmulas da lei de probabilidade e da esperança matemática, automatizadas pela ferramenta informática de análise estatística SPSSv11.0.

Ocupando um sector correlativo, não serão identificadas de forma acurada as áreas isoglossas: depois da análise geral, prévia e comparativa das ocorrências em uso nos diversos espaços geográficos constituintes da região demarcada como população-alvo, concluiu-se não haver pertinência em fixar especificamente isoglossas⁹ marcadoras de separação entre os vários fenómenos observados.

Porque as ocorrências notadas de acordo com o corpus-amostra obtida subsistem em uso na variedade linguística demarcada, independentemente do grau de intensidade em termos de rendibilidade funcional poder ser, em determinadas localidades, maior ou menor, julga-se ser o caminho certo a seguir descrever a realidade linguística observada de modo a se explicitar o funcionamento e o valor dessas mesmas ocorrências dentro da comunidade avaliada em geral, apenas especificando-se, quando disso se entender haver necessidade, os espaços geográficos mais consistentes de onde partiu a recolha de dados em causa.

⁹ Por 'demarcação de isoglossas' ('linhas isoglossas' ou 'linhas de isoglossas') dá-se aqui o mesmo sentido proposto por Paiva Boléo (que recorreu, por sua vez, às definições sugeridas por Marouzeau e por Fernando Lázaro Carreter (cf. MAROUZEAU 1961 e CARRETER 1981), ou seja, corresponde aos limites que separam um dado fenómeno linguístico de outro. As regiões onde o fenómeno se verifica são 'áreas de isoglossas'. Conforme se trate de fenómenos fonéticos, morfológicos, sintácticos, etc., este «termo genérico especializa-se e daí expressões como *isófonas*, *isomórficas*, [*isoléxicas*, *isossintagmáticas*, *isótonas*], etc» (BOLÉO 1974: 191, n. 1).

capítulo 5

quadro operatório.

1.

Para a análise descritiva da variedade linguística requerida como corpus - amostra desta dissertação, observaram-se procedimentos que, no seu conjunto, constituem um quadro programático efectivo.

De forma abrangente, esses procedimentos resultam da admissão das seguintes operacionalizações:

A investigação das diferenças fonéticas associadas a diferenças de significado, o comportamento mútuo dos elementos diferenciadores e as regras¹ segundo as quais estes elementos diferenciadores se combinam de modo a formar significantes; isto é, a descrição das características que, nos produtos sonoros perceptíveis, cumprem uma função comunicativa na variedade da língua² na qual se escudam como sistema fonológico.

A inventariação de critérios na construção frástica, nomeadamente a identificação das escolhas de modalidades verbais e de PP e respectivas combinações sintagmáticas no

¹ Ainda que numa formulação pouco circunstanciada, poder-se-á situar no domínio das 'regras' o que Troubetzkoy definiu como propriedade da 'língua' ao evidenciar a coerência interna das estruturas do sistema identificado (cf., com mais pormenor, I, 5.: 7. infra).

² Expressões como 'variedade em uso', 'variedade da língua' e 'variedade linguística' são entendidas de acordo com o que André Martinet esclarece como âmbito referido pelo termo *dialecto*, isto é, como uma variedade estrutural e sistémica de língua significada como tal segundo uma perspectiva quer social quer geográfica: «O termo *dialecto* refere-se as mais das vezes a variedades linguísticas de particular localização geográfica. Mas nada impede que o utilizemos igualmente para designar o divergente comportamento linguístico de certas classes sociais» (MARTINET 1991: 149).

Para maior esclarecimento sobre o valor a atribuir a termos como 'dialecto', 'falar regional' ou 'falar local', que, a par de 'língua', se referem a instrumentos do mesmo tipo e, conseqüentemente, relativizam o campo de observação da língua em uso, leia-se, entre outros, BARBOSA 1965. Acerca da tensão entre a coesão do sistema e a diversidade das suas manifestações, veja-se, entre outros, ALVAR LÓPEZ 1976: 45-65 e COSERIU 1981: 316-327.

Ainda sobre a delimitação das fronteiras do que se designa por 'variedade em uso', 'variedade da língua' e 'variedade linguística', aqui em registo muito breve, e sobre todos os conceitos referidos nesse âmbito, tomar-se-á uma posição crítica em I, 5.: 12..

âmbito da constituição de enunciados completos e fundamentais à alocação da variedade em uso considerada.

A indexação de protótipos informativos resultantes de fenómenos descritos enquanto acumulação de actualizações devida à afectação contextual.

Por concatenação, todos os aspectos descritos constituem vertentes estruturantes da análise sistémica da variedade em uso computada a partir do corpus - amostra e, por tal, não será de estranhar que, por um lado, eles determinem as opções teóricas subjacentes ao modelo de análise proposto e, por outro, balizem o percurso do estudo que aqui se empreende, repercutindo-se na sua organização interna.

Assim, impõe-se dizê-lo, será sobretudo pela leitura de toda a dissertação que mais facilmente se formam todos os princípios teóricos e operacionais que sustentam a investigação apresentada.

Estabelecidos os pressupostos de análise, há também a realçar que o estudo desenvolvido é tributário do funcionalismo europeu, garante da coerência da descrição e das conclusões dela resultantes, de acordo com a concepção de língua admitida como universal.

A actividade científica pressupõe um conjunto suficientemente rígido de conceitos que (en)formem uma teoria preconizadora da coerência na representação e na explicitação dos factos. Concebidos como resultantes do método científico, os procedimentos operacionalizados pela linguística funcional permitem a harmonia interna do estudo que se apresenta e justificam a escolha do próprio quadro teórico.

Resumidamente, a capacidade de precisar as particularidades de uma língua e ao mesmo tempo retirar o que é comum a outras línguas; a simplicidade da operacionalização de um número limitado de conceitos; a conformidade interna que decorre da existência da pertinência comunicativa enquanto princípio de análise em todos os domínios da língua; a distinção entre critérios de análise; a capacidade de aplicação a um grande número de dados; o poder descritivo e explicativo decorrente da capacidade de realizar uma linguística dinâmica pelo recurso a actualizações diversas tais como aparecem nas FR, constituem os princípios instrutivos que validam o método filiador.

Os fenómenos equacionados requerem ainda o esclarecimento de questões teóricas/metodológicas relacionadas com as concepções linguísticas propostas pelos estudiosos mencionados. Ao se inscreverem, ao longo da exposição, as afinidades linguísticas de certos autores, constitui objectivo claro o posicionamento harmonioso com o que nelas se conserva como doutrina a seguir e, mesmo se a postura manifestada for crítica, a preocupação recai no esclarecimento de uma posição, ainda que feita sobre outras bases e em termos algo distintos, considerada necessária a uma maior compreensão do mecanismo de produção e de difusão da realidade linguística examinada.

2.

A adopção da noção de língua definida como instrumento de comunicação duplamente articulado, ao qual corresponde uma organização particular de dados da experiência (estrutura que preconiza que a existência da dupla articulação observa nos enunciados uma articulação em unidades significativas de dupla face,³ cujo significado se articula, por sua vez, em unidades distintivas segmentáveis) (cf. MARTINET 1991: 24-25), admite: o conhecimento de que há língua sempre que se estabelece uma interacção comunicativa no âmbito supra descrito e com carácter vocal⁴; a perspectivação de uma única e mesma língua sempre que a interacção verbal entre os alocutários é estabelecida com eficácia comunicativa.⁵

Em conformidade com esta concepção, pratica-se a linha de investigação desenvolvida por André Martinet: gerando a oportunidade da abstracção na análise dos fenómenos linguísticos será possível a aproximação à realidade concreta, manifestada e perceptível, na medida em que se crê ser este o procedimento viável à possibilidade de se comprovarem os princípios gerais e constantes na multiplicidade e/ou heterogeneidade dos fenómenos.

Só uma conduta deste tipo está em total consonância com os pressupostos e objectivos da análise concordante com a realidade linguística alvo. É por este conjunto de regras e de processos que se define o quadro proposto e que autoriza a posição de comprovação de um perfil de sistema a partir de fenómenos concretos perceptíveis e analisáveis na actividade linguística.

Com base no exposto, e atendendo à natureza do objectivo a que se propôs, considera-se como facto inexorável os habitantes do espaço geográfico aferido pertencem a uma mesma comunidade linguística, na qual todos os membros-alocutários partilham do

³ Sobre a existência da dupla face das unidades mínimas significativas (os monemas) – a face não material (o significado) e a face material (o significante) que a manifesta foneticamente e que se compõe das unidades da segunda articulação, ditas ‘fonemas’ – cf. MARTINET 1991: 20.

Ainda que seja possível uma referência aparente à combinatória conceito(significado)/imagem acústica(significante) (cf. SAUSSURE 1995), no quadro teórico do funcionalismo o significante é encarado como a manifestação da existência do significado. Deste modo, entender-se-á que, particularmente nos capítulos de sistematização fonológica (cf. a análise descritiva firmada em II, 1 a 7), assim que a parte significativa do monema é identificada, importa à análise funcional apenas o conteúdo e a materialização que é o seu significante, incluindo-se aqui todas as variantes que o significante apresenta.

⁴ Partir-se-á do carácter ‘vocal’ perceptível, admitindo-se a noção comum de ‘voz’ e de ‘cordas vocais’: com base na formatação articulatória e acústica dos elementos fonéticos, é pressuposto que a vocalização de um segmento utiliza a voz que, por sua vez, resulta da vibração das cordas vocais através de uma frequência variável (é com este desiderato que a versão proposta por André Martinet em 1981 difere, neste ponto, da de 1960 – cf. MARTINET, respectivamente, 1995: 18 e 1989: 15).

⁵ Ainda que ambivalente, esta concepção de língua contribui de forma significativa para a ponderação de aspectos de natureza científica e metodológica que irão ter reflexos na delimitação do estrato linguístico que determina este estudo, como se verá.

mesmo (dias)sistema linguístico e no qual as ‘divergências’ perceptíveis e/ou possíveis não desconstruem a estrutura dos fenómenos concretos analisados, na medida em que, a haver alguma ‘heterogeneidade’, esta não deixa de assegurar a intercompreensão – ao invés, é sinal do funcionamento capaz do próprio (dias)sistema.

Apesar da diversidade de orientações e de modelos que se apresentam nas potenciais definições de ‘língua’, esta, enquanto instituição social, funciona enquanto transmissora da experiência comunicada entre alocutários. Correlativamente, qualquer variedade em uso de uma dada língua formula-se pelo princípio de que ela funciona⁶ em termos de satisfação de uma necessidade comunicativa; determina-se pela pertinência comunicativa; precisa-se por traços (linguísticos) específicos⁷ que, na cadeia de locução, concorrem a favor da transmissão da informação desejada. Embora seja de conhecimento empírico e geral que uma língua serve para pensar, para seduzir, para arguir, para julgar ou defender,..., também é certo que todas estas funções se subordinam à comunicação, tornando-se esta o motor da sua existência.

Na medida em que constitui um produto da actividade humana, é facto reconhecido que a língua não é um sistema puro de signos arbitrários: uma parte pode ser assegurada por factos simbólicos ou assumida por meio de signos não discretos que, como a entoação, estão em causa sempre que haja acto de linguagem.

Não obstante este reconhecimento, neste estudo, distinguir-se-ão apenas os fenómenos discretos e, para tal, descrever-se-á o funcionamento da variedade linguística⁸ equacionada como instrumento de comunicação, abstraindo-se tudo o que se julga saber sobre ela sob outros pontos de vista.

⁶ Várias vezes firmada ao longo deste trabalho, a noção de ‘função linguística’ é importante porquanto permite delinear os procedimentos da análise. Assim, nestes termos, «“fonction” doit être pris avec sa valeur la plus simple de “à quoi sert quelque chose”. A la question “à quoi sert le langage ?”, la réponse la plus immédiate est : “à se faire comprendre” ou, en termes un peu plus recherchés, “à communiquer à autrui son expérience”» (MARTINET 1993: 139-140).

Para um enquadramento mais ambivalente do conceito operativo de ‘função’, leia-se o exposto em I, 5.: n. 58 infra.

⁷ Traço (linguístico) específico, entenda-se aqui, é sinónimo de ‘traço pertinente’ (princípio desenvolvido pelo Centro Linguístico de Praga: cf. BÜHLER 1972), isto é, traço fonético é o que, sendo objecto de uma só escolha, possibilita, ele próprio, a distinção entre dois fonemas: será esta propriedade do traço distintivo que, aprofundando a questão da distintividade, a coloca ao nível das relações permitidas entre os próprios fonemas (cf., de forma acurada, as reflexões fonológicas expostas em JAKOBSON; FANT; HALLE 1976; JAKOBSON; HALLE 1980: 13-14 e TROUBETZKOY 1986: 68 ss.).

Clarifica-se também desde já que o conteúdo de qualquer traço pertinente é arbitrário, na medida em que o termo que o designa é construído como recurso metafórico a partir da terminologia permitida e disponível quer pelo modo quer pelo ponto de articulação da matéria fonética (cf. MARTINET 1970: 130-146).

⁸ Lembra-se que a forma como a qual se concebe a noção de variedade linguística em uso será objecto de reflexão em I, 5.: 12. infra.

O âmbito da investigação encetada estará assim restrito ao segmentável, não havendo nele lugar à identificação de fenómenos linguísticos não discretos ou contínuos, os quais, por passarem gradualmente de uma significação à significação mais próxima, não são passíveis de serem isolados e de se oporem entre si (o que é o mesmo que dizer que, ainda que distintivamente funcionais, não são passíveis de segmentação).

Resumindo: porque se visa conhecer a estrutura funcional do universo linguístico admitido a estudo, analisar-se-ão as unidades da primeira articulação, os monemas — unidades mínimas significativas —⁹, e as da segunda articulação, os fonemas — unidades discretas, porque descontínuas, diferenciais, representáveis por sinais fonéticos que podem comutar entre si num grande número finito constituinte do paradigma. De parte deixar-se-á o conjunto de fenómenos comumente designados prosódicos, como a entoação, na medida em que, a priori, não são passíveis de redução à unidade.¹⁰ Embora activos e presentes na comunicação vocal (todos eles resultam da formatação variada e relativa dos parâmetros acústicos próprios à alocação, a saber, a altura, a energia, a duração e a intensidade)¹¹, estes segmentos sobrepõem-se ao recorte total do enunciado em monemas e em fonemas, a «tous les faits de parole que n' entrent pas dans le cadre phonématique» (MARTINET 1970 : 83), enquanto factos que só adquirem valor, não pela sua presença ou ausência, mas pelas variações que manifestam ao longo da cadeia de alocação. De resto, não sendo analisáveis

⁹ De significado indivisível, o monema define-se como um efeito de sentido correspondente a uma diferença formal (cf. MARTINET 1965b : 5; I, 5.: n. 3 supra).

Esta noção pressupõe que o monema seja uma entidade de duas faces, uma significada e uma significante; no entanto, aquando a sua identificação no corpus - amostra obtida, constatar-se-á que a delimitação entre estas duas faces não se traduz numa relação inequívoca — especialmente quando o significante é susceptível de apresentação em variantes, conforme se verá na descrição sintáctica, sector III.

¹⁰ Segue-se aqui o enquadramento teórico da ento(n)ação portuguesa apresentado por J. Morais Barbosa (cf. BARBOSA 1966: 107-255 e particularmente 1994b: 143-148). Sumariamente, admite-se que à margem da dupla articulação da linguagem é possível o estudo ento(n)acional e prosódico da língua portuguesa, a partir do qual se compreende a função representativa e a função expressiva (eventualmente combinadas) das frases ento(n)acionais, «entendidas como enunciados completos, e portanto fechados, do ponto de vista da entoação» (BARBOSA 1994b: 144). Ainda que seja premente a importância da análise da estrutura ento(n)acional para a descrição mais exhaustiva da forma da língua, torna-se impossível aproximar a descrição da ento(n)ação à análise propriamente linguística favorecida neste trabalho, na medida em que esta pressupõe a existência de um sistema de unidades que se opõem e que contrastam e que, conseqüentemente, podem ser definidas com clareza umas em relação às outras pela sua natureza e pelas funções desempenhadas.

¹¹ Ainda que a relação entre parâmetros acústicos e traços prosódicos não corresponda a um dos objectivos centrais desta dissertação, registam-se porém algumas referências onde questões de índole prosódica da língua portuguesa são desenvolvidas: cf. NESPOR; VOGEL 1986; DELGADO-MARTINS 1986 e 1988: 119-157 e PEREIRA; MATA; FREITAS 1992 e, mais recentemente, FROTA 2000 e VIGÁRIO 2000a, 2000b e 2001.

pelo método da segmentação,¹² os signos prosódicos escapam à primeira e à segunda articulação, sendo considerados, nesta conjuntura, como marginais.

A conceptualização de prosódia como perspectiva que se enquadra na linguística funcional segundo a qual as unidades são consideradas, antes de mais, pelo papel que desempenham na comunicação de informação, não constituiria um desvio inflexível ao princípio-base da escola com a qual se opera, e na qual a segmentação das unidades fonemáticas se reveste como um mecanismo integrante da língua que permite explicar aspectos funcionais desta, como se verá: do ponto de vista físico, ainda que a prosódia trate de factos fonéticos obrigatoriamente presentes em qualquer enunciado em que a voz é perceptível, na análise efectuada aos enunciados, só se terá em consideração as unidades da primeira e da segunda articulação, uma vez que um enunciado só será propriamente linguístico na medida em que for duplamente articulado (cf. MARTINET 1991: 80-81 e 97).

Não obstante, na descrição dos sons perceptíveis, admitir-se-á uma solução de compromisso da qual resulta uma incorporação mediada de características prosódicas na análise dos dados, legitimada pelo facto de as unidades fonemáticas e, in extremis, as unidades monemáticas, poderem ser formalmente suprimidas por expoentes prosódicos, como se verá.¹³ Isto quer dizer que o papel dos prosodemas e dos entonemas será aceite na descrição do modo de funcionamento da variedade linguística a analisar porquanto modulam o valor das unidades sem contudo influírem nas características específicas dos traços. Apenas segundo esta perspectiva atender-se-á a factores decorrentes da expressividade (voluntária) e dos momentos de pausa enquanto informação considerável à descrição física perceptível das unidades.

3.

O quadro teórico assim formatado pressupõe por um lado a distinção entre a dimensão fonética e a dimensão fonológica, e postula por outro que só a segunda deve figurar como medida à concatenação da estrutura sistémica dos dados que constituem a amostragem teórica deste estudo.

Pela sua própria natureza, cada língua encerra em si um certo número das inúmeras latitudes oferecidas pelos órgãos de produção/articulação de som e atribui, a cada uma delas, uma função específica.

¹² Para uma visão mais circunstanciada sobre a operacionalização de modelos de 'segmentação' e de 'comutação', leia-se o exposto em I, 5.: 8. infra.

¹³ Concretamente, é do domínio da palavra prosódica e da aplicação de processos a ela adstritos que resultam certas alternâncias de timbres vocálicos, como é exemplo [Ø] ou a ressonância [ə] enquanto manifestação de /i/ em contexto /PÓS-ACENTUADO/ e em /SÍLABA NÃO FINAL ABERTA + SÍLABA INICIADA POR .CONSOANTE-/ (cf. II, 2.: 2.2.).

Convém chamar a atenção para este facto, na medida em que se entra também em linha de conta com uma estruturação de natureza linguística da massa sonora, passível de ser segmentada em unidades sucessivas. Quer isto comprovar desde já que, facto reconhecido e acentuado ao longo da análise do corpus-amostra, assim que se passa do âmbito da fonética geral para o quadro da fonética de uma língua, neste caso de uma variedade particular da língua portuguesa, se entra na fonologia dessa variedade em uso, na medida em que a primeira determinação que a fonologia sobrepõe à apreensão das manifestações de timbres mais imediatas é dada pela função distintiva dos próprios sons perceptíveis: «la phonologie est une phonétique fonctionnelle et structurale, ce qui veut dire qu'elle classe les sons de chaque langue selon le rôle dans cette langue et en fonction de leur rapports avec les autres sons de la langue» (MARTINET 1956: 15).

Porque as determinações fonológicas se baseiam necessariamente na substância fonética evidenciada com o recurso a termos articulatórios e acústicos (cf. TROUBETZKOY 1986: 15-41) em comunhão com o que é perceptível, entender-se-á que na análise dos factos linguísticos observados a dimensão fonética adquira uma posição próxima da autonomia em relação à dimensão fonológica motivada pela base de verificação científica do material sonoro, escorando-se este como fenómeno físico e fisiológico independente da relação que mantém com a significação linguística (cf. ALARCOS LLORACH 1986: 28). Ainda assim, impõe-se dizê-lo, esta separação não rompe com as pontes que existem claramente entre as duas dimensões, não sendo possível confirmar a sistematicidade fonológica sem que se instrua um vínculo íntimo com a realidade fonética concreta.

É pois inevitável a conclusão de que um esquema fonológico não pode descurar as particularidades da realização dos actos de alocação, isto é, não se pode colocar a fonologia numa posição inteiramente autónoma em relação à fonética na medida em que deve reflectir também todas as variáveis que, embora não funcionais, (en)formam o sistema linguístico. Por outras palavras, neste trabalho a fonética não é tida apenas como a ciência que estuda actos concretos de alocação mas é também a que descreve a realização perceptível do sistema fonológico do objecto linguístico analisado. Ademais, a descrição dos objectos linguísticos computados dá conta do que funciona e do modo como funciona através do sinal perceptível.

Como tinha já sido esclarecido, são estas as reflexões que subsistem ao processamento de dados do corpus - amostra obtida consignado no domínio da FONOLOGIA (cf. II).

Admitindo-se potenciais diferenças no tratamento da matéria fonética, cabe neste momento aclarar o procedimento requerido.

Com a existência de tecnologia apropriada e específica ao estudo das características de todos os sons, é actualmente possível quer a identificação do que sustenta a produção fonética da variedade linguística que se analisa quer o que caracteriza o produto por ela (produção fonética) obtido. No entanto, na medida em que isso implica ter acesso a um

equipamento de que não se dispôs, e porque o que se pretende é o estudo linguístico da massa fonética perceptível da variedade do português em uso no universo escolhido — do ponto de vista em que a fonologia se situa, para este efeito, é indiferente a base articulatória ou a base acústica, não será aqui assumida uma análise de fonética acústica¹⁴, nem de fonética articulatória.¹⁵ Desta última, por razões metodológicas práticas, apenas se usam as designações de traços para indicar, para cada unidade distintiva, as características pertinentes, na medida em que são apenas estas que justificam a interpretação linguística que se deseja efectuar ou, por outras palavras, que permitem, pela sua presença ou ausência, o reconhecimento do papel distintivo na formação de significantes.

Reclamando o funcionalismo de André Martinet, considerar-se-á a fonologia da variedade preconizada pelo corpus - amostra teórica computado como sendo a sua fonética linguisticamente interpretada, onde se firma o estatuto do fonema como uma unidade distintiva que se reconhece por uma relação de contraste.

Na parte consagrada à FONOLOGIA, enquanto referência ao estudo do objecto fonológico, a análise do corpus - amostra obtida no espaço geográfico do concelho do Fundão ocupar-se-á dos sons da variedade linguística computada do ponto de vista do seu funcionamento linguístico, isto é, «quanto ao papel que desempenham na comunicação estabelecida...., as características que distinguem uns dos outros no desempenho desse papel, ou seja, na sua função, e as relações que entre eles se estabelecem e permitem identificar o sistema que constituem» (cf. BARBOSA 1994a: 73-74). O que é o mesmo que dizer que, através do conceito funcional de fonema, conceber-se-á o sistema fonológico como a contrapartida linguística — funcional, formal e abstracta — da matéria fonética perceptível da variedade linguística, concatenando o sistema fonológico admitindo-se a actualização do conjunto das relações manifestadas na estrutura.

A favor da análise proposta, assumem-se como operadoras as seguintes valências teóricas: a conceitualização geral da actividade perceptiva enquanto sequência de fases instanciada no processo dicotómico estímulo/percepto, em correlação à qual se revêem capacidades de discriminação, de identificação/nomeação/categorização e de constância perceptiva (cf. estudos reunidos em HARNAD 1987) e a conceitualização geral da actividade perceptiva enquanto processo nivelado em sectores ligados à actividade periférica do sinal

¹⁴ Caso se optasse por uma exploração dos dados na área da acústica, a fonética estudaria o sinal enquanto variação da pressão do ar causada pelo sistema articulatório na emissão física de voz. A análise acústica partiria desse sinal digitalizado, submetendo-o a um conjunto de tratamentos que têm como objectivo evidenciar traços acústicos de frequência fundamental, de energia e de duração, de forma a estabelecer uma relação viável entre a estrutura acústica e os sons da locução codificados na onda sonora.

¹⁵ Considerada uma melhor forma de se obter informação acerca do ponto de articulação (cf. LANDEFOGED 2003: 159), a análise palatográfica representaria o modo como todos os componentes do aparelho fonador estão conjugados para produzir som.

acústico (níveis inferiores) e/ou nos quais intervêm as estruturas mais centrais na extracção das unidades linguísticas significativas (níveis superiores) (cf. FRY 1970: 47 ss.; STUDDERT-KENNEDY 1974: 2349-2350 e PISONI; SAWUSCH 1975: 30 ss.), ainda que, neste estudo, não se pretenda optar por um modelo inflexível serial ou paralelo, isto é, por um modelo estritamente bottom-up ou top-down no qual se concebe a percepção como uma sucessão estanque entre fases, ou por um modelo interactivo no qual a troca de informação percepcionada é efectuada em todos os sentidos e em todos os níveis.

Na prossecução dos objectivos a que se quer chegar, aceita-se que a percepção da fala tem como finalidade a extracção de um significado a partir de 'speech chain' (cf. DENES; PINSON 1993: 1-9; FRY 1970: 51; STUDDERT-KENNEDY 1974: 2350 ss. e PISONI; SAWUSCH 1975: 30 ss.).

Com base nestas orientações, de forma mais circunstanciada à análise proposta, convencionou-se que, no âmbito dos dados do corpus-amostra, a unidade distintiva (traço pertinente fonemático) corresponde à categoria que no continuum do processo de alocação é identificada perceptivamente (cf. HARNAD 1987: 1-25, 535-565); e que, no que se refere ao sector da observação, o conhecimento linguístico-fonético do avaliador autoriza a percepção, de forma constante, dos traços distintivos das unidades (HILLENBRAND; CANTER; SMITH 1990).

4.

A determinação do estatuto da unidade apurada com base nos princípios enunciados reveste-se de alguma complexidade que deve ficar afirmada, pois o seu conhecimento requer a identificação da função que ela desempenha.

Deste modo, por 'unidade fonemática' (ou simplesmente 'fonema') entender-se-á uma classe de sons com características fonéticas perceptíveis como semelhantes e que revelam características padronizadas de distribuição na manifestação da variedade em uso considerada.

Note-se pois que esta definição tem como referência prática uma só variedade e só para ela é relevante: na ocorrência, o espaço concelho do Fundão é considerado um universo físico potencial de ocorrências linguísticas enquanto suporte geográfico actual dos dados pactuados como corpus - amostra teórica.

No domínio da variedade linguística em análise, cada fonema é uma marca específica, o que anula o seu carácter geral dentro da língua considerada na sua totalidade. Desta forma, um som perceptível x só pode ser considerado como a realização de um fonema de uma variedade linguística A se nela desempenhar uma função distintiva; numa variedade B, na qual não desempenha uma função distintiva, esse som x não representará um fonema na medida em que não é fonologicamente pertinente: «Les phonèmes se révèlent ainsi

comme des habitudes motrices qui se manifestent dans des conditions et à des fins bien définies» (MARTINET 1956: 34).

As regras da funcionalidade assim estabelecidas geram o princípio, já afirmado anteriormente, de que os elementos constituintes do sistema são definidos, ao longo da análise do corpus - amostra obtida, pela função que nele desempenham e que é permitida apenas através da oposição a todos os outros fonemas do sistema a que pertence (cf. JAKOBSON 1967: 31).

De forma geral, é possível afirmar que os fonemas se sucedem linearmente para formarem significantes,¹⁶ o que faz com que a sua individualização resulte do processo de segmentação dos significantes. A segmentação processa-se até se atingir um ponto em que deixa de ser possível na medida em que o segmento a que se chega é indivisível, e se obtém, assim, uma unidade mínima capaz de distinguir o significante de outro. Dito de outro modo, o fonema, sem valor distintivo próprio, é possuidor de um valor distintivo capital dentro da economia da língua. Se não, veja-se em antecipação: em /'puru/ não serão considerados como segmentos mínimos /'pu/ e /ru/, na medida em que a segmentação pode levar até ao isolamento de /p/ e /u/ admitido pelo confronto com /'duru/ e /'kəru/ (o qual também mostra constituírem /k/ e /a/ unidades mínimas distintivas). O mesmo será dizer que os fonemas considerados isoladamente são «signifiantia artificialiter ad significandum» (MARTINET 1965b: 47): /p/, /k/, /a/ e /u/, se tomados em si mesmos, não significam o que quer que seja. Os fonemas servem sim para distinguir significantes, como fica testado nos confrontos /'puru/ x /'kuru/ x /'muru/, /'pura/ x /'kura/, /'Rəru/ x /'kəru/, etc., representando este 'etc.' todos os pares mínimos capazes de demonstrar a existência da individualidade dos segmentos fonemáticos potencialmente computados no universo da amostragem teórica. Ao contrário da que existe entre dois monemas, a distinção entre dois fonemas encerra uma só distinção fixa e concreta no plano do significante; no plano do significado há apenas a possibilidade de uma distinção ou um número teoricamente ilimitado de distinções concretas.

Ainda que a apresentação de pares mínimos seja reconhecida como a demarcação inequívoca e prática, é de convir que, por si só, eles não permitem avançar expressivamente no conhecimento do estatuto das entidades que são individualizadas. À objectividade da individualização conseguida pela segmentação através de documentação por pares mínimos contrapõe-se a insuficiência da informação escassa que o corpus - amostra obtida faculta.

Retome-se o par mínimo /'puru/ x /'kuru/: nele, a diferença reside apenas em um segmento fonológico, facto que serve para exemplificar, de modo prático, a individualidade de /p/ e de /k/ e as funções distintivas por eles desempenhadas. Conquanto não esteja

¹⁶ No entanto, nem sempre se verifica a linearidade dos significantes, como nos casos de 'significantes amalgamados', 'significantes descontínuos' e de 'homonímia ou convergência de significantes'. Por razões de exposição, estes fenómenos não serão especificados neste ponto; reserva-se a sua definição para adiante: cf. I, 5.: n. 48.

—

demonstrado nos dados compulsados do corpus - amostra obtida qualquer monema */buru/, */luru/ ou */Ruru/, que, pelo segmento inicial, pudesse formar um par mínimo com */puru/ ou com */kuru/, tal não retira a individualidade fonológica de /b/, /l/ e de /R/ relativamente a /p/ ou a /k/. Isto quer dizer que, ainda que não existam no corpus - amostra obtida pares mínimos inexoráveis, se se operar no mesmo contexto (ou seja, por exemplo, /CONSOANTEVOGAL-/ x /CONSOANTEVOGAL-/), com é o caso de */puru/ x */buru/, de */laðu/ e de */Raðu/), ou se o timbre perceptível da realização da /VOGAL/ não depender do contexto (o timbre [u], perceptível como realização de /u/, dependeria do contexto se ocorresse apenas depois de /p/ e de /b/ — condição que não se verifica, basta para isso referir */furu/, a título de exemplo), estas factos, considerados em conjunto, são suficientes para demonstrar a individualidade fonológica de /b/, /l/ e de /R/, de /p/ e de /k/ (cf. BARBOSA 1994a: 76-78 e MARTIN 1997: 15).

Esta metodologia de análise, por um lado, dá conta da pertinência do lugar ocupado pelo fonema e, por outro, justifica a fórmula estabelecida para a identificação das unidades distintivas: inventariam-se as unidades entre as quais o alocutário escolhe uma em cada ponto do enunciado para que este corresponda à mensagem que deseja comunicar linguisticamente. Se esta comportar a sequência <golo>, é possível concluir que foi necessário terem sido feitas as seguintes escolhas: /g/ entre o paradigma das /CONSOANTES/ testadas em posição inicial de unidade acentual¹⁷ + /o/ entre o paradigma das /VOGAIS/ do sistema de sílaba acentuada aberta + /l/ entre o paradigma das /CONSOANTES/ em posição inicial de sílaba e em posição intervocálica + /u/ entre o paradigma das /VOGAIS/ em posição final absoluta. Para além de escolher este quatro fonemas, o alocutário não os dispõe por ordem arbitrária; se o fizesse ou obteria uma combinação que lhe era estranha, como */glou/ por exemplo, ou algum outro monema, como */loðu/, na medida em que «o fonema exerce a sua função distintiva em determinada posição» (MARTINET 1991: 104).

Daqui decorre também a razão pela qual se analisará separadamente o sistema fonológico das /VOGAIS/ e das /CONSOANTES/ (cf. II: 1-7).¹⁸

Ainda relativamente à análise e descrição funcional do sistema fonológico consignada no sector II, consagrar-se-á como aspecto fundamental a especificar as características de distribuição estereotipadas que na manifestação da variedade precisa não deixam de se revelar perceptíveis e, impõe-se dizê-lo, com um perfil de certa regularidade. Na senda de André Martinet (cf. MARTINET 1955: 47-48 e BARBOSA 1994a: 69 e 170), ao conjunto das

¹⁷ Como se verá, o conceito de 'unidade acentual' assenta na consideração, por critérios formais, do segmento significativo relevado pelo acento (ponto culminante) dado a uma só sílaba.

¹⁸ No âmbito destas duas classes fonológicas, equacionar-se-ão ainda os subsistemas fonológicos de /VOGAIS ACENTUADAS/, /VOGAIS PÓS-ACENTUADAS/, /VOGAIS PRÉ-ACENTUADAS/, /VOGAIS RESULTANTES DE FONOLOGIA COMBINATÓRIA/ e /CLÍTICOS/, por um lado; por outro, /CONSOANTES INICIAIS/ e /CONSOANTES FINAIS/.

realizações perceptíveis possíveis de uma unidade fonemática, instruídas atendendo à posição que a unidade ocupa no âmbito do sistema fonológico, distinguir-se-á o campo de dispersão, correspondendo a realização perceptível mais frequente ao centro de gravidade óptimo¹⁹.

Deixando de parte da análise fonológica os casos eventualmente possíveis em que a extensão das variações, por ser pequena, não é discernível à percepção, tomar-se-ão em consideração outros casos em que, a nível do processamento perceptivo, implicam a delimitação de uma área de variação suficientemente mais ampla. No entanto, se qualquer diferenciação fonética não puder ser controlada de forma consistente, isto é, quando o grau de precisão das estimativas baseadas na totalidade dos efectivos da amostra obtida/tamanho da amostra não for matematicamente equacionado na computação dos dados avaliados,²⁰ ela não assumirá neste modelo de análise algum valor linguístico. Todas as restantes manifestações perceptíveis serão calculadas pela proporcionalidade directa dos casos da amostra obtida em relação à amostra teórica, de onde resulta, expressa em percentagem, a estimativa e/ou generalização provável das ocorrências efectivas em variação livre e/ou individual.

Sendo o fonema, como se demonstra, um traço integrante da estrutura do sistema linguístico em análise, aos linguistas cabe discernir o modelo que mais perfeitamente se ajuste aos factos observados nos campos delimitados. Assim, de modo a se atingir como objectivo consciente o paradigma do sistema fonológico do universo que constitui este estudo, o processo de análise fonológica parte da transcrição fonética perante a qual o linguista começa a descodificar as correlações capazes de servir de fórmula simples e de pretensão geral ao sistema de sons perceptíveis da variedade em computação. O processo que permite a descrição da totalidade dos traços linguisticamente pertinentes passa pela inventariação de toda a distribuição possível dos segmentos, de modo a que, da mera manipulação externa das ocorrências dos sons, se atinja a estrutura linguística adequada.

Relembre-se neste ponto que, no âmbito distribucional, a qualquer diversidade fonética de uma unidade fonemática, seja ela em distribuição livre ou complementar²¹, dar-se-

¹⁹ Dir-se-á o 'membro principal', na corrente da fonética tradicional inglesa (cf. JONES; LAVER 1976: 8).

²⁰ Na ferramenta informática utilizada para a realização de cálculos estatísticos de frequência (SPSSV.11.0), o nível de confiança, expresso em percentagem, é de $\cong 95\%$.

²¹ Ao conjunto das variantes livres e contextuais de um fonema dar-se-á o nome de 'campo de dispersão' desse fonema. No entanto, é aqui conveniente ficar claro no que se distinguem estas duas 'subclasses' de variantes: por 'variantes livres' entendem-se as variantes da realização de um fonema susceptíveis de aparecer manifestadas no âmbito do mesmo contexto; dizem-se 'variantes complementares' (ou 'variantes contextuais') quando cada uma das variantes realizáveis de um fonema ocorre num contexto fixo no qual nenhuma das outras se mostra em ocorrência. Isto é, duas ou mais produções fonéticas perceptíveis são consideradas variantes livres de uma unidade distintiva sempre que elas, ao aparecerem no mesmo contexto, nunca desempenhem função distintiva uma em relação à(s) outra(s); duas ou mais produções fonéticas são consideradas variantes complementares ou

á o nome de ‘alofone’ dessa unidade — o que justifica a afirmação de que «um fonema é, pois, uma classe de alofones» (GLEASON 1985: 278-280, aqui, em especial 280) —, admitindo-se estar a distribuição de alofones, por sua vez, condicionada aos traços fonológicos próprios da variedade equacionada. Cada unidade, ao revelar-se por meio do campo de dispersão, não perde a sua identidade desde que não atinja o campo de manifestação de outra unidade.

Deste modo, ainda que se apresente a unidade distintiva formulada por realizações físicas perceptíveis diversas, sendo viável dentro desta variabilidade isolar regiões fronteiriças, a estrutura individual da unidade não se altera e a variedade manifestada não deixa de corresponder à revelação de um só fonema: aliás, «un phonème ne s’articule pas toujours exactement de la même façon» (MARTINET 1956: 35). Ademais, é também a existência de alofones de um fonema que mostra o próprio carácter abstracto e real da unidade mínima distintiva e sucessiva, definição esta que ultrapassa a particularidade fonética que caracteriza qualquer emissão perceptível de som na gestão da função comunicativa.²²

contextuais de uma unidade distintiva sempre que elas nunca se oponham uma em relação à(s) outra(s). Naturalmente, tanto as variantes livres como as variantes contextuais perceptíveis de um fonema apresentam, pela própria natureza fonética, similitudes de timbre.

Por razões metodológicas, merece ser agora objecto de ponderação o que se entende por ‘contexto’. Certos autores englobam sob o nome de ‘contexto’ o que outros designam por ‘contexto’ e ‘situação’, sendo os primeiros obrigados a esclarecer ‘contexto linguístico’ de ‘contexto extra-linguístico’. Optar-se-á pela primeira solução, que demarca mais claramente o que é linguístico do que o que não o é, e reserva-se «le terme *contexte* pour le contexte *linguistique*, c’est-à-dire l’environnement d’une unité dans la chaîne de l’énoncé (...)». Pour le contexte extra-linguistique, il semble préférable de conserver le terme de «situation» qui englobe, d’une part, tout ce qui peut intervenir au moment de la *communication* (personnalité, âge, connaissance des locuteurs), d’autre part, des *aspects* très matériels (bruit, type de canal de communication, etc.)» (POTTIER 1973: 73). Ou seja, entende-se por ‘contexto’ «l’ensemble des marques formelles linguistiques situées dans l’entourage prochain ou éloigné de l’unité considérée» (GERMAIN 1973: 39), especificadamente, todo o universo discursivo em que se insere a unidade, desde o condicionamento fónico que a circunscreve até às relações sintagmáticas, passando quer pelas relações mais estreitas (a relação de determinação entre o monema plural e o núcleo lexical, por exemplo), quer pelas relações de diferentes graus de proximidade (como, por exemplo, a posição da chamada ênclise ou próclise). Cf. também as definições de ‘contexte étroit’ e de ‘contexte large’ de CHARAUDEAU; MANGENEAU 2002: 134-136.

Decorrente da dicotomia terminológica contexto/situação, é ainda de advertir para o facto linguístico de que, num domínio mais lato, a construção de um contexto é inseparável do factor situacional («l’ensemble des faits connus par le locuteur et par l’auditeur au moment où l’acte de parole a lieu» — GERMAIN 1973: 26), na medida em que os dois constituem elementos fundamentais e complementares no processo da significação.

Quanto à opção metodológica tomada, ao se focar a atenção para a descrição de sistemas sectorizados por campos de análise linguística (isto é, o sistema fonológico, o sistema sintáctico e o sistema semântico – campo informativo), a relevância dada aos limites do universo contextual onde a situação de alocação se inscreve será especialmente tida em conta na explicitação funcional dos sentidos actualizados como mais expressivos (cf. III).

²² Uma vez que, no presente estudo, a questão das escalas de valores contínuos de várias propriedades, já referidas, quer acústicas (frequência, duração, etc.) quer articulatórias (volume das cavidades ressoadoras, altura e avanço/recuo da língua, etc.), enquanto medidas quânticas distintivas de regiões de variabilidade fonética, não corresponde a um dos objectivos centrais, não se aprofundará a problematização suscitada por esta matéria. Registrar-se-á porém que esta questão será objecto de um trabalho futuro, a desenvolver essencialmente no âmbito da teoria quântica da alocação, filiada

Numa perspectiva algo inversa, poder-se-á afirmar que o recurso a princípios de sistematização fonológica onde não seja inteligível uma relação eficaz de implicação estrutural só parcialmente se afigura operativo, uma vez que, por si só, a sua aplicabilidade não encerra as dimensões necessárias à identificação do estatuto que um segmento detém no sistema.

5.

À luz deste postulado requer ainda ser considerado o fenómeno da flutuação de fonemas.

Entendendo-se a expressão 'flutuação de fonemas'²³ como «la possibilité pour le même locuteur, dans les mêmes circonstances, de faire alterner librement deux ou plus de deux phonèmes dans la même unité significative, et cela seulement pour certaines unités du lexique» (CLAIRIS 1982 : 113 e 1991 : 24), este fenómeno será apreciado no âmbito das variantes perceptíveis facultativas não pertinentes.²⁴

Decorrente da análise fonológica, com a prévia inventariação de unidades fonemáticas, das suas variantes perceptíveis contextuais e/ou livres (campos de dispersão e respectivos centros óptimos de gravidade e, sempre que perceptíveis, regiões fronteiriças de cada unidade fonemática) e do registo de arquifonemas, crê-se ser possível divisar os casos

sobretudo em K. Stevens (cf., a título de introdução, STEVENS 1989: 3-45 e KENT; ATAL; MILLER 1991: 357-399).

²³ Ainda que a noção de flutuação se tenha mantido na óptica de André Martinet (cf. MARTINET 1956: 57) e designada como tal, por sua sugestão, por Mary Ritchie Key (cf. KEY 1968: 35-48), a primeira utilização teórica do termo 'flutuação' deve-se a Christos Clairis, quando descreve o qawasqar (cf. CLAIRIS 1977: 145-152). A partir dele, outros linguistas funcionalistas descreveram fenómenos de flutuação das unidades fonemáticas, como Jean Michel Builtes (cf. BUILLES 1986: 43-51) ou Henriette Walter (cf. WALTER 1980: 79-136 e 1984: 65-72). Surgiram ainda outros termos que especificam (e relativizam) o fenómeno de flutuação: Jacques Allières, por exemplo, designa por 'polimorfismo' a coexistência, na expressão linguística de um sujeito-alocutário, do uso concorrente de duas ou mais variantes fonéticas ou morfológicas da mesma unidade, estando a escolha de uma outra variante não dependente de condicionalismos articulatórios ou de intenções expressivas (cf. ALLIERRES 1982: 123-125). Por outro lado, Pierre Martin considera, a par do conceito de 'fluctuations', o fenómeno de 'flottements', segundo uma distinção entre o (intra-)individual e o interindividual. Para este linguista, 'flutuação' define-se como «une utilisation, par un même individu, d'unités distinctives différentes pour un même monème» e 'flottement' como «une pareille alternance mais chez des individus différents connaissant les mêmes oppositions, sans qu'il puisse s'agir de fluctuations ni chez l'un, ni chez l'autre». Pierre Martin distingue ainda um caso específico de 'flottement', que designa de 'oscillation', quando «pour un même monème, dans une position de la chaîne, chez des individus différents, une alternance entre ce qui constitue des unités distinctives différents chez l'un et des variantes d'une même unité chez l'autre» (MARTIN 1988 : 223-224).

²⁴ Relembra-se aqui a regra distintiva de fonemas, de variantes fonéticas e de grupos e fonemas postulada por Nicolas Troubetzkoy : «si deux sons de la même langue apparaissent exactement dans le même entourage phonique, et s'ils peuvent être substitués l'un à l'autre sans qu'il se produise par là une différence dans la signification intellectuelle du mot, alors ces deux sons ne sont que des variantes facultatives d'un phonème unique» (TROUBETZKOY 1986: 47).

de flutuação de fonemas, na certeza de, assim, não se confundirem as flutuações de variantes de fonemas com a flutuação das próprias unidades fonemáticas.²⁵

Na análise do corpus - amostra obtida notar-se-ão usos concorrenciais de formas distintas da mesma unidade significativa que, ainda que de frequência reduzida, não obedecem a qualquer condicionalismo seja ele articulatório ou estilístico, e ora coexistem nas produções idiolectais de um mesmo alocutário-dador (casos de 'polimorfismo')²⁶, ora operam num campo mais disperso no sentido do uso interindividual (casos de 'flottements')²⁷.

Ainda que não esteja nos objectivos centrais deste trabalho a análise sectorial de 'flutuações', elas serão identificáveis, de forma mais ou menos evidente, através de exemplos notados quer no sector FONOLÓGICO quer no sector SINTÁCTICO (cf. II e III).

Por outro lado, pelo rigor que se deve à descrição dinâmica de estados sincrónicos, os casos de flutuações considerados serão aceites como distintos quer de casos perceptíveis de variantes livres de um fonema,²⁸ quer de casos de neutralização.

Ainda que possa ser estreita a relação do fenómeno de flutuação com o da neutralização de oposições entre os fonemas, merece ser esclarecido que a proximidade admitida entre estes fenómenos, e considerada à luz da vertente dinâmica própria ao funcionamento da variedade linguística, não deve ficar restrita à natureza da esquematização causa/efeito: haverá fenómenos de flutuação que podem estar associados à distribuição de fonemas nos significantes dos monemas e que, embora originariamente não devam ser ainda considerados fenómenos fonológicos, podem trazer, a longo prazo, consequências possíveis no sentido de se manter ou de se eliminar a oposição.

Na senda desta formulação, retém-se que as flutuações de forma não consignam, naturalmente, a perda de uma relação opositiva (cf. WALTER 1992). Esta é reconhecida nos casos de neutralização (de oposições) sempre que determinado traço, que é pertinente na relação de oposição que se estabelece num outro ou em outros contextos, deixa de o ser neste outro ou nestes outros contextos — por isso, quando se diz que uma oposição se neutraliza, é porque ela (oposição) deixa de funcionar em contexto específico. Dessa neutralização resulta o 'arquifonema', representativo do conjunto dos traços comuns aos

²⁵ Este procedimento é seguido e reafirmado por linguistas como Christos Clairis e Henriette Walter (cf. CLAIRIS 1982: 111-113; WALTER 1989: 65-72, respectivamente).

²⁶ De acordo com a seguinte definição de Jacques Allières: «Nous appelons *polymorphisme* la coexistence, dans la langue d'un sujet parlant, de deux ou plusieurs variantes phonétiques ou morphologiques d'un même mot, utilisées concurremment pour exprimer le même concept, le choix de l'un ou de l'autre apparaissant comme indépendant du conditionnement articulatoire (tempo, etc.) ou d'une recherche quelconque d'expressivité» (ALLIERES 1982 : 123).

²⁷ Segundo a conceptualização proposta por P. Martin (cf. I, 5.: n. 23 supra.).

²⁸ Entendendo-se aqui que os casos de 'variantes livres' se restringem às realizações perceptíveis de um mesmo fonema e que a sua notação não é explicada de forma dominante pelo contexto no qual aparecem.

fonemas cuja relação de oposição deixa de existir (cf. BARBOSA 1994a: 125-126). Adiantando-se um pouco na análise do corpus - amostra obtida para uma mais clara exemplificação do fenómeno, em posição inicial de unidade acentual, a oposição entre os traços «vibrante» e «uvular» (isto é, /r/ x /r̥/), pertinente em posição intervocálica (/ˈpɐru/ x /ˈpɐr̥u/), não funciona, originando a sua neutralização (arquifonema /R/: /ˈRɔza/).

Levando em conta esta definição de neutralização, a descrição das unidades fonológicas tem obrigatoriamente em consideração a relação que se estabelece entre umas e outras (unidades fonológicas) pelos traços (pertinentes) que as individualizam. Nesta perspectiva, a neutralização de oposições de fonemas da variedade linguística computada, ao ser ditada pelo contexto, afecta todas as unidades que reúnem condições de neutralização.²⁹ Por tal, neste mesmo ponto, a neutralização distingue-se efectivamente da flutuação, na medida em que esta nunca afecta a totalidade das ocorrências do fonema certificado.

Adoptando a designação de flutuação proposta por Christos Clairis descrita supra, e reservando o uso do termo 'morfologia' para «designer uniquement la présentation des variantes des significants, quelle que soit la forme qu'on adopte pour arriver à ces fins» (MARTINET 1985: 96), é lícito manter a posição tomada por André Martinet, Christos Clairis³⁰ e Henriette Walter. Assim se justifica também que o fenómeno de flutuação de fonemas assenta no sector de análise mais morfológica do que fonológica.³¹

Embora em alguns casos esta explicitação seja dispensável, nomeadamente quando ela está associada apenas ao estudo fonológico, é inegável que a sua presença facilita a localização operativa dos fenómenos descritos, evitando-se assim a possível ambiguidade pulverizada por uma representação do tipo variantes/alofones e variantes de significantes. Este procedimento, não sendo isento de críticas, tem a vantagem de permitir uma descodificação da unidade que em cada caso é focalizada e, complementarmente, admitir uma representação mais fiel da configuração do sistema em geral.

Desta solução ressalta ainda um outro aspecto essencial: o facto de ser necessário determinar o espaço ocupado pelas flutuações e o espaço reservado às alternâncias. Henriette Walter propõe como distinção essencial o facto de as primeiras (as flutuações)

²⁹ Sobre esta matéria, de forma mais acurada, cf., entre outros, MARÇALO 1992c: especialmente 62.

³⁰ Christos Clairis circunscreve ainda ao domínio mais restrito da 'morfologia livre' ou 'tropologia' o estudo peculiar das variações possíveis e não obrigatórias.

³¹ Algumas escolas linguistas consideram que os fenómenos de diferenças notadas em significantes, quando estas não são passíveis de ser explicadas pelo contexto numa perspectiva sincrónica, devem ser inscritos no domínio da morfonologia. De acordo com o postulado da escola funcionalista, não se descodifica aqui um fundamento proficuo na existência dessa disciplina: «abandone-se pois o termo [usado por Troubetzkoy e por muitos linguistas da escola americana] *morfofonologia* (o qual sugere uma relação com a fonologia) designativo do estudo do emprego, para fins gramaticais, das distinções de que dispõem os locutores» (MARTINET 1991: 96; cf. ainda, entre outros, MARTINET 1965a: 15-30 e MARÇALO 1992a: 57-60).

serem variantes morfológicas aleatórias e individuais, enquanto que as segundas (as alternâncias) se encontrarem cristalizadas pela norma³² (cf. WALTER 1984: 68), não se fundamentando nenhuma delas (isto é, flutuações e alternâncias) pelas impossibilidades dos alocutários da variedade em articular determinadas combinações pertencentes à estrutura fonológica do sistema linguístico que as suporta.

Neste âmbito, prefere-se optar por uma representação mais simplificada e de apreensão mais acessível, em que apenas as variantes morfológicas são delimitadas, sem que se veja pertinência na distinção entre as que se afiguram aleatórias e individuais e as que se consideram (hipoteticamente) cristalizadas.

Um modelo deste tipo assenta numa visão de génese funcionalista e concebe o significante como a manifestação da existência do significado. Por isso, assim que a parte significativa do monema é identificada, importará à análise proposta apenas o conteúdo e a materialização perceptível do seu significante, incluindo-se aqui todas as variantes (alofones, flutuações e/ou alternâncias) que o significante apresenta. Estas, uma vez inventariadas, activariam de forma objectiva um estudo mais acurado no sector morfológico que no sector fonológico – relembre-se aqui que, na descrição sincrónica³³ da variedade em uso constituída pelos dados da amostra filiada ao modelo da dupla articulação,³⁴ a par do domínio demarcado pela conexão da experiência em signos linguísticos dotados de significado e significante, seus participantes indissociáveis, consagrar-se-á ao domínio da fonologia o exame da estruturação da articulação das unidades distintivas). No entanto, pela natureza do objectivo que se propõe alcançar, na descrição do funcionamento da variedade linguística delimitada, estas variantes que pertencem ao domínio das unidades significativas serão por vezes pontualmente relativizadas na descrição fonológica por interesse contextual do próprio sistema — de forma mais circunstanciada à descrição da figura perceptível das variantes, cf. II, 1-7.

No âmbito da análise fonológica, ficam ainda por descrever os critérios com base nos quais se procederá à identificação das unidades fonemáticas, dando obviamente conta da

³² Quando se refere, neste trabalho, à 'norma', está a considerar-se, de um modo geral, tudo o que na linguística é admissível como de uso corrente e relativamente estabilizado em termos de manifestações de acordo com factores quer linguísticos quer não linguísticos.

Claro será que, no estabelecimento da norma, o que diz respeito à importância da realidade extralinguística, como a tradição e os valores socioculturais, não entra no âmbito do estudo proposto.

Ainda que a problemática daqui decorrente não entre nos objectivos mais centrais propostos para este trabalho, referem-se aqui os textos admitidos como clássicos sobre a norma e a sua relação com a descrição prescritiva da língua de MARTINET 1969: 25-45; de ALAIN 1972: 4-28 e de DENISE 1972: 153-168, entre outros.

³³ Dar-se-á um esclarecimento geral acerca do conceito de descrição sincrónica em II, 5.: 13. infra.

³⁴ Crê-se ser aqui clara a distinção entre o modelo martinetiano da 'dupla articulação', adoptada na análise proposta, do modelo 'isomórfico' hjelmsleviano, na medida em que não decorre do método seguido na computação dos dados da amostra obtida o paralelismo de estruturas entre o nível significante e o nível do significado.

natureza estritamente linguística, isto é, referenciando-se a função que as unidades exercem no seio do sistema linguístico.

Do ponto de vista funcional, esta é a concepção legítima na inventariação dos fonemas no universo linguístico em que se escudam. Na verdade, trata-se de um método linguístico que fundamenta a fonologia como ciência que se ocupa das oposições dos sons. Mas, por outro lado, entender-se-á que dela decorre uma insuficiência de análise se da alocação se servir apenas para proporcionar a matéria-prima/objecto sonoro de estudo. Neste âmbito é particularmente significativo o tratamento dado aos alofones, já que, de um modo geral, mesmo as variantes livres e/ou individuais, se mais recorrentes e genéricas³⁵, figuram como operadoras integrantes da estrutura do fonema.

Em suma, a ambivalência deste modo de perspectivar a especificidade e o funcionamento das realizações perceptíveis das unidades fonemáticas reflecte a imprescindibilidade do critério funcional nas investigações de uma variedade linguística em uso por alocutários, e assume o facto de que a funcionalidade dos elementos, como tudo o que constitui a linguagem, ocorre no acto de alocação concreto.

Na tradução de um conceito de língua como entidade que funciona em termos de interacção comunicativa, um aspecto que pode eventualmente suscitar algumas reservas é o que se prende com o facto de se estar a colocar ambivalência sistémica a uma qualquer variedade de língua em uso. Esta situação gera-se pela ausência duma visão dos mecanismos fonológicos, sintácticos e dos recursos semânticos (informativos) enquanto sistemas gestores de realizações várias de uma língua comum, critério com base no qual decorre uma concepção enferma sobre a ambivalência sistémica de qualquer variedade linguística.

Acompanhando este ponto de vista, que clarifica o espaço linguístico ocupado pelas variedades de uma língua existentes e/ou potenciais, aceita-se que a expressão linguística não representa uma nomenclatura universal na medida em que, ao se analisar a comunicação, observa-se também que uma variedade em uso por uma determinada comunidade linguística não recorta a realidade linguística de maneira idêntica a outra variedade em uso por outra comunidade linguística — o que quer dizer que as variedades linguísticas não constituem um mesmo e único decalque invariável de uma realidade invariável.

Certo é que qualquer variedade linguística corresponde a uma reorganização dos dados da experiência mas que sempre lhe é particular, dando a primeira articulação mostras de como a experiência comum a todos os elementos dessa comunidade determinada é

³⁵ Estes termos resultam de equações operadas por métodos de análise estatística de frequência de ocorrências, manifestadas em valores de percentagem, como será observado na descrição dos dados.

analisada e ordenada – será esta a conclusão a que se chegará em relação à amostragem teórica, após análise dos dados.

6.

Ainda no que diz respeito à descrição fonológica proposta neste trabalho, merece ser observado o factor posição enquanto operador de valor indissociável do processo da descrição funcional das unidades mínimas sucessivas. De facto, uma visão sistémica dos mecanismos fonológicos não se compadece com uma análise em que as unidades não são definidas pela operacionalidade concatenadora quanto ao lugar que ocupam relativamente às unidades que a elas são contíguas.

Porque de posição relativa se trata, dela é também indissociável a dimensão silábica. Desta forma, é importante dilucidar o que se concebe por ‘sílabas’, de acordo com um estatuto operante.

Embora seja claramente sentida como espontânea no âmbito da segunda articulação, numa perspectiva fonética, não há uma definição de ‘sílabas’ que pareça consensual a toda a comunidade linguística.³⁶

Do ponto de vista fonético, trata-se de um segmento de som caracterizado por uma tensão crescente dos músculos do aparelho fonador seguida de uma tensão decrescente (cf. BARBOSA 1994a: 130-131).

Admitida pela análise perceptiva, esta caracterização deixa por esclarecer com rigor onde inicia aquela tensão e onde termina esta, à qual, naturalmente, outra tensão crescente se pode seguir (cf. GRAMMONT 1965: 97-104; HÁLA 1973: especialmente 27; 61-73; 81-85 e 99-105). Ainda assim, ao se operar com um conceito auditivo, de acordo com o qual se entenderá a sílaba como o segmento fonético susceptível de ser precedido e seguido de uma interrupção da fonação (cf. BARBOSA 1994a: 131), poder-se-á definir funcionalmente a ‘sílabas’ como a unidade hierárquica de organização ‘textual’ que é afectada apenas por um e um só acento.³⁷

³⁶ Em linhas gerais, ora se parte do efeito auditivo (a sílaba sonora, ilustrada por Otto Jespersen — cf. OHALA 1995: 416-419), ora da força expiratória (sob o ponto de vista fisiológico, a sílaba dinâmica de Stetson — cf. STETSON 1945: essencialmente 48-59, e 1951), ora do encadeamento articulatório resultante da produção dos sons vocais no continuum (a sílaba articulatória de Saussure — cf. SAUSSURE 1995), ora da tensão muscular ocasionada durante a série de articulações (a sílaba intensiva de Maurice Grammont — cf. GRAMMONT 1965: 97 ss.). Sobre o assunto, cf. também CÂMARA JR. 1980: 53.

³⁷ Postulada à dimensão fonológica, M.^a Helena Mira Mateus define ‘sílabas’ como «uma unidade rítmica, constituída por uma sequência de segmentos que se agrupam em torno de um segmento a que está associado maior grau de proeminência» (cf. MATEUS; ALII 1990: 187-222, aqui em especial 211). Confinada a um enfoque de natureza dissociável do que é discreto, este conceito de sílaba, de índole supra-segmental, não será adoptado na medida em que se encontra distante do âmbito no qual este trabalho é revisto.

A sílaba será assim concebida como uma unidade fonológica, ainda que se diferencie das unidades fonema e traço distintivo, na medida em que é considerada no âmbito das relações sintagmáticas: «.... éstos [fonema e traço distintivo] entran en relaciones paradigmáticas, mientras que la sílaba tiene su ser en la cadena, en el discurso» (MARTÍNEZ CELDRÁN 1989: 18).

Assumir esta concepção mais funcional implica estruturar a sílaba com um núcleo obrigatoriamente constituído por uma /VOGAL/ (sendo, por isso, /VOGAIS/ todas as unidades que ocupam esse espaço) à qual se adjungam em opção elementos de perfil /CONSONÂNTICO/.

Será também em virtude de factores silábicos, acordados com os critérios fundamentais que identificam as unidades fonemáticas e que se projectam sobre o seu estatuto, que se traçam os sistemas fonológicos: o sistema vocálico e o sistema consonântico.

Em suma, um dos motivos que pode ser responsabilizado pela diferença existente entre as duas classes resenhadas de fonemas será a que se traduz no papel funcional assumido pela /VOGAL/ na sílaba. Consequentemente, não se admitindo sílaba sem /VOGAL/, observa-se a impossibilidade de um fonema /CONSONÂNTICO/ isolado poder desempenhar esse papel, sendo, nesta perspectiva, considerado um fonema marginal.

De forma ilustrativa, ao se observar um segmento como «ano» (/ʔanu/), sublinhar-se-ão tantas as sílabas quanto as unidades /VOCÁLICAS/ separadas pela unidade /CONSONÂNTICA/, isto é, duas sílabas: /ʔa.nu/. A primeira sílaba é constituída por um único fonema /a/, que funciona como núcleo de sílaba e que, na dimensão perceptiva dos segmentos fonéticos, é claramente manifestada — designada por isso como som [VOCÁLICO]; a segunda sílaba comporta dois fonemas, um /u/ que funciona como o núcleo da sílaba e um /n/ que funciona formalmente como um movimento de som ascendente a /u/ — designado como som [CONSONÂNTICO].

Optando-se por uma esquematização, de forma elementar e de acordo com uma computação de ocorrências que atinge um peso percentual expressivo (≈99,9%), poder-se-á sintetizar o seguinte: junto ao núcleo silábico, sempre constituído por uma /VOGAL/, é possível verificar a ocorrência de seminúcleos dele dependentes, adjuntos à direita ou à esquerda na linearidade da FR. A ocupar este espaço, acham-se as /SEMICONSOANTES/, as quais formam com a /VOGAL/ uma sequência ditongada.

As margens, quer em posição anterior quer em posição posterior ao núcleo, são ocupadas por /CONSOANTES/. Como se verificará na descrição do corpus - amostra obtida, à margem anterior pode estar dependente uma semimargem ocupada por /CONSOANTE/.³⁸

³⁸ Adopta-se aqui de perto o esquema proposto por E. Martínez Celdrán (cf. MARTÍNEZ CELDRÁN 1989), o qual, de forma visual, pode ser assim representado:

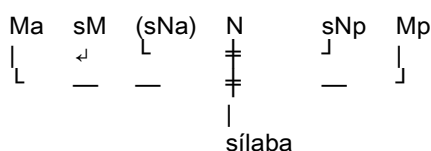
Numa visão mais acurada do fenómeno, sabe-se que, ainda que o fonema /CONSONÂNTICO/ não possa constituir núcleo silábico só por si mesmo (esse papel é, obrigatoriamente, dos fonemas /VOCÁLICOS/), ele pode sim constituir núcleo num grupo de /VOGALCONSOANTE/, sendo o espaço /CONSOANTE/ ocupado por /j/ ou por /w/, no chamado núcleo bifurcado, como em /'mAj((N)S)/ ou /'mAw((N)S)/ por exemplo, ou por /N/ no chamado núcleo simples, como em /iNfə'liS/ – fenómeno que permite a afirmação segundo a qual, do ponto de vista fonológico em relação ao ponto de vista fonético, a margem revela uma composicionalidade mais simples.

Este percurso significa que, sob o enfoque silábico, quando se fala de sons [VOCÁLICOS], fala-se automaticamente de fonemas silábicos e que os sons [CONSONÂNTICOS] (assim como os [SEMICONSONÂNTICOS]) modulam fonemas assilábicos, não sendo possível dissociar a estrutura da sílaba do resultado das relações que se estabelecem entre o elemento /VOCÁLICO/ e o(s) elemento(s) /CONSONÂNTICO(S)/.

Das premissas em que assenta esta análise decorre também que é a sílaba, enquanto tipo de estrutura fonológica elementar, que marca as características de uma língua (cf. JAKOBSON 1967: 133). Na verdade, os alocutários da variedade linguística considerada agrupam de um modo peculiar os sons que corporizam as suas produções de alocução, facto que, no seu conjunto, constitui um parâmetro de classificação a inventariar.

Adiantando um pouco no que será mais claro ao longo da exposição FONOLÓGICA (cf. II), a variedade em uso de acordo com o corpus - amostra obtida e computada não apresenta uma arquitectura silábica necessariamente implicada pelo intercalar da /VOGAL/ entre duas /CONSOANTES/ (os arquifonemas /L/, /N/, /R/ e /S/ e os fonemas /j/ e /w/ podem travar sílaba), admitindo-se que o tipo silábico³⁹ mais frequente em termos de optimização seja o que se pode representar por /CONSOANTEVOGAL/.⁴⁰

Por razões que se sustentam com o que já se disse acerca da sílaba, atendendo a que o acento português não tem uma função, por natureza, distintiva (apenas o lugar que



³⁹ Entenda-se 'tipo silábico' como o padrão (isto é, o tipo mais frequente) dependente da estrutura da sílaba ± n.º de segmentos assilábicos adstritos às margens.

⁴⁰ Sobre a constituição silábica merece ser ainda referido o seguinte: de acordo com o princípio básico de que as línguas, no seu processo de mudança, buscam otimizar os esforços acústicos e articulatorios, mantendo em bom funcionamento a capacidade comunicativa, no que se refere ao padrão silábico, Jakobson e Halle definem como estrutura óptima a combinação /CONSOANTEVOGAL/, na medida em que todas as línguas conhecidas reproduzem essa estrutura, embora nem todas possuam a combinação /CONSOANTEVOGALCONSOANTE./ (cf. JAKOBSON; HALLE 1956: 37).

ocupa a tem)⁴¹ e, ainda, por motivos de economia linguística, a inventariação das unidades fonológicas decorre da determinação de quadros/paradigmas de comutação, condicionados pela posição que as unidades da mesma natureza ocupam dentro da sílaba, como o são o /SISTEMA VOCÁLICO EM POSIÇÃO ACENTUADA/ ou o /SISTEMA CONSONÂNTICO EM POSIÇÃO INICIAL DE SÍLABA/ e /EM POSIÇÃO VOGALCONSOANTEVOGAL/, a título exemplificativo. O mesmo será dizer que o que determina os diferentes inventários fonológicos são as diversas posições que a sílaba ocupa em relação ao acento.

7.

Numa tentativa de descodificar a complexidade da estrutura interna do universo de estudo fundamentado pelo corpus-amostra, convirá recordar como Troubetzkoy concebe 'língua', compreendida como um caudal linguístico que «existe dans tous les membres de la communauté linguistique en cause», «le fondement d'innombrables actes de paroles concrets» (TROUBETZKOY 1986: 1). Na língua, que consiste «en règles ou normes», isto é, num sistema abstracto de funções (ou melhor, num conjunto de vários sistemas parciais), o significado, enquanto uma das faces da unidade linguística, «est représenté par des règles abstraites — syntactiques, phraséologiques, morphologiques et lexicales» (TROUBETZKOY 1986: 2), enclaves de ideias e de significações, «par opposition à l'acte de parole» (TROUBETZKOY 1986: 3). Por sua vez, no acto concreto de alocução, a forma do significante apresenta uma natureza física, concreta e perceptível, regularizada também ela por um sistema constituído por regras e normas.

Estes conceitos remetem de imediato para determinadas ponderações como a da noção, fundamental para o trabalho aqui apresentado, de 'variedade linguística em uso' e a da sua relação com os conceitos de língua, de sistema e de fala. Por razões de exposição não se toma agora esse caminho; retomar-se-á em I, 5.: 12. infra.

Atendendo ao argumentário de Troubetzkoy, admitir-se-á facilmente o apoio dos princípios teóricos elementares de Saussure, nomeadamente das suas dicotomias fala/língua e significante/significado (cf. TROUBETZKOY 1986: 1-3). Ainda que não se encontrem no autor definições explícitas do conceito em si, é de Saussure que advém a primeira noção de

⁴¹ É esta a posição de J. Morais Barbosa (cf. em BARBOSA 1983a: 218 e 1994a: 133).

Será nesta perspectiva de língua de acento 'livre', mas na qual o papel distintivo da posição do acento permite a oposição de esquemas acentuais, que se torna possível assegurar a distinção entre segmentos foneticamente idênticos (cf. MARTINET 1955: 156-157).

Requer-se neste ponto uma chamada de atenção para a função contrastiva que o acento assume como natural e básica, na medida em que contribui, grosso modo, para a identificação da sílaba acentuada por contraste com a(s) sílaba(s) vizinha(s) e, de um modo ainda mais amplo, para a individualização da unidade em relação às outras unidades presentes na mesma FR — factor importante, entre outros domínios, na análise da fonologia combinatória, por um lado; por outro, na opção metodológica operada na descrição dos 'clíticos', como se verá em II, 6.).

que na língua cada elemento está em permanente correlação de forças com todos os outros elementos, através de relações de semelhança e de dissemelhança.⁴²

É a implicação desta noção de ‘relação’ imanente que merece especial atenção, na senda do que tem vindo a ser afirmado pelos autores estruturalistas.

Na verdade, quando se diz ‘sistema da língua’, diz-se organização e adequação das partes numa ‘estrutura’⁴³ que explicita o todo formado de fenómenos solidários, de tal modo que cada um depende dos outros e não pode ser o que é a não ser pela sua relação com eles, por oposição a uma simples combinação de elementos. Tudo na estrutura é tão necessário que as modificações do conjunto e do pormenor estão reciprocamente condicionadas, o que é o mesmo que dizer que existe uma espécie de afinidade entre os elementos linguísticos explicativa das relações internas do sistema.⁴⁴

A adopção deste ponto de vista leva assim ao estudo das unidades perspectivadas não isoladamente (o que daria uma descrição atomista ou absoluta/universal), mas cuja identidade⁴⁵ advém de uma relação de solidariedade e de dependência.⁴⁶

Será com base na relação existente entre as unidades que para a descrição do modo de funcionar da variedade linguística a analisar deve implicar-se o parcelamento de (sub)sistemas particulares. Assim, como se verificará em II, no inventário dos fonemas atestar-se-ão determinados contextos ou posições, que possibilitam a descrição dos segmentos enquanto elementos (sub)sistemáticos.

⁴² Apesar de ter servido de orientação, directa ou indirectamente, aos estudos que se têm feito com base na concepção sistémica de língua, o sistema em Saussure surge ainda muito limitado. De acordo com uma concepção onde o essencial está apenas na relação que une o significado ao significante, as estruturas sintácticas e fonológicas encontram-se ainda secundarizadas, apesar de Saussure referir na língua a faculdade que permite apreendê-la organizada como um sistema de que todos os indivíduos se servem segundo a formulação dicotómica das relações sintagmáticas e associativas (cf. SAUSSURE 1995).

⁴³ No sentido vulgar do termo, ‘estrutura’ significa essencialmente construção. Por ‘estrutura linguística’ entende-se assim a organização do conjunto de traços que, por serem pertinentes, distinguem as unidades e formam um sistema. Assim, analisar uma estrutura linguística consiste em isolar as verdadeiras unidades de construção em questão — e não aceitar ou postular essas unidades a priori.

⁴⁴ O conceito de ‘sistema’, que provém do pensamento filosófico hegeliano e da postulação matemática do século XVIII, designa o conjunto de partes ligadas entre si. A linguística adopta esta noção de ‘sistema’, pondo em evidência a disposição do conjunto das unidades que o integram numa relação de exclusão mútua, o que faz com que, neste entendimento, a noção de sistema cubra a de paradigma.

⁴⁵ Aqui, ‘identidade’ é entendida como o traço dominante, ou seja, aquele cuja presença implica a presença de outro. Trabalha-se no âmbito do princípio do que é pertinente. Leia-se ainda o que se disse acerca de ‘traço pertinente’ em I, 5.: n. 7 supra.

⁴⁶ Com referência explícita ao pensamento de F. de Saussure, cf. a discussão da questão de posicionamento da unidade no sistema linguístico em BENVENISTE 1966: I, 21-22. À contraposição do ‘atomismo pré-estruturalista’ com o ‘estruturalismo relativista’, o autor faz corresponder a mudança de fundamentos epistemológicos em prol de uma ‘linguística moderna’.

Acresce-se ainda que quando se disser que uma oposição de traços pertinentes está neutralizada é porque se estabeleceu uma relação entre (sub)sistemas parcelares.

À concepção estrutural assim disposta vem associar-se naturalmente a noção de funcional, implicando que a análise do sistema linguístico seja determinada pela sua finalidade comunicativa. Assim, entender-se-á que, se, nuns casos, a oposição está associada à função, noutros — como o caso das variantes livres — não.

De acordo com esta modelagem, crê-se ficar também justificada a adopção de termos como 'construção' ou 'organização'.

Estas considerações fundamentam igualmente o percurso operacional objectivado por este trabalho, de acordo com o qual se vê definida a perspectiva do linguista perante o universo de estudo, obviamente distante da perspectiva do alocutário que desse universo faz uso. A título exemplificativo, refira-se o quadro fonológico, dividido, como já se observou, em secções parcelares e estruturantes de vocalismo pré-acentuado e de vocalismo pós-acentuado, que apenas constituem uma das representações arbitrárias do leque de escolhas disponível. Se, por um lado, o alocutário tão-somente precisa de fazer uso de 'vogais' e de 'consoantes' para dar corpo às suas necessidades comunicativas, não necessitando de as etiquetar, os linguistas, por seu lado, já não podem ignorar a rendibilidade funcional dos contextos pré/pós-acentuado, sílabas iniciais/finais e os factores comunicativos aí envolvidos e daí decorrentes.

O que, na realidade, o alocutário faz na sua actividade de interlocutor é o uso das realizações que lhe são oferecidas pelo sistema não afectando as condições funcionais do instrumento linguístico: «le langage humain fonctionne parfaitement, on est tenté de dire d'autant mieux, s'il n'y a pas chez le locuteur, prise de conscience concomitante de la nature des signifiés et des signifiants. Les unités linguistiques sont, avant tout et dans la plupart des cas, exclusivement des habitudes comme est une habitude anglaise la prononciation du th de cette langue» (MARTINET 1985 : 15).

Deste postulado não resulta apenas a exigência do reconhecimento das unidades fonéticas e a utilização daí decorrente, mas a da sua intervenção: partindo-se da descrição e do seu enquadramento pela identificação dos sons perceptíveis pertinentes; da determinação de elementos vocálicos e de elementos consonânticos; do parcelamento de contextos significativos, desmontar-se-á o sistema, que é o mesmo que explicar como ele funciona.

Alargando a análise do corpus - amostra aos domínios sintáctico e semântico (campo informativo), ainda que no presente estudo estes sectores não correspondam a um dos objectivos centrais, cabe dilucidar que, da organização do sistema da variedade linguística

computada, expor-se-á a estrutura formante através das relações dos elementos quer ao nível da cadeia sintagmática, quer ao nível dos paradigmas, revelando-se o carácter orgânico das possíveis mudanças às quais a variedade linguística é submetida.

8.

A transmissão linguística de uma dada experiência obriga à realização de 'escolhas': os alocutários escolhem determinadas unidades de entre as muitas que são disponibilizadas pela variedade da língua da qual fazem uso, tendo obviamente como medida imperativos de ordem experiencial.

Cada unidade é objecto de escolha, o que na perspectiva de análise quer dizer que, sempre que os alocutários-dadores procederam a mais uma escolha, documenta-se mais uma unidade, a que foi seleccionada por consequente exclusão de todas as outras unidades possíveis de serem seleccionadas.

De forma mais acurada, há que referir também que, para analisar linguisticamente as suas experiências, os locutários escolheram também os processos que, aliados às unidades, melhor satisfizessem as suas necessidades de comunicação. Com estes, produziram sequências completas de significação permissíveis à reconstituição das experiências em causa. Deste modo, as escolhas feitas, garantes do estatuto linguístico das unidades, tornam-se um factor inevitável e de máxima importância no processo comunicativo: só são pertinentes em linguística os elementos portadores de informação» (MARTINET 1991: 37).

Do que diz respeito ao conceito de escolha, advém a consideração da determinação da selecção pela qual o alocutário-dador mostrou optar nas várias escolhas operadas ao longo da mensagem que desejou transmitir. A natureza da experiência a comunicar levou-o não só a escolher as unidades linguísticas, mas também, simultaneamente, a relacionar fonemas e monemas uns com os outros, obviamente, por dois processos distintos.

Da análise do corpus - amostra obtida é verificável o seguinte: ao ter optado por uma unidade particular, o alocutário-dador, por um lado, pôs de parte todas as outras unidades capazes de figurar naquele contexto e que, pelo menos nesse contexto, se excluía mutuamente (relações paradigmáticas, *in absentia*); por outro, optou também por, dentro do enunciado, relacionar as unidades umas com as outras num entendimento combinatório de mútuo contraste (relações sintagmáticas, *in praesentia*).

De forma afirmativa, a 'oposição' ocupa na análise uma relevância assumida enquanto noção linguística afastada do seu sentido mais corrente: o facto de fonemas e monemas pertencerem a um mesmo sistema implica uma escolha de carácter exclusivo, como testemunham os princípios de análise cuja estruturação é a base da descrição efectuada nos sectores II e III.

Às operações metodológicas que permitem aos linguistas verificar as escolhas que foram feitas — e que constituem a grelha de amostragem do corpus — dá-se o nome de ‘segmentação’ e ‘comutação’.⁴⁷

O inventário da individualização formal das unidades fonológicas é conseguido pelo processo de segmentação, operação a partir da qual as unidades são decompostas até atingirem a indivisibilidade (BENVENISTE 1966).

No entanto, como facilmente se verificará, nem sempre se pôde cingir a esta evidência, na medida em que as variantes formais das unidades mínimas significativas levantam alguns problemas, de natureza essencialmente morfológica, na identificação da forma dessas unidades.

Perante as manifestações de escolha(s) por meio de apresentação amalgamada, de significante descontínuo, de significante zero, de sincretismo de significantes, de convergência ou de homonímia de significantes,⁴⁸ de variantes combinatórias ou contextuais⁴⁹

⁴⁷ Para uma visão sumária desta metodologia, cf. MOUNIN 1981.

⁴⁸ Designam-se por ‘significantes amalgamados’ aqueles significantes que, embora correspondam a mais do que um significado, podem ser formalmente confundidos com um só significante indivisível pela análise, isto é, amálgama é um conjunto não segmentável de marcas formais. Na FR /'vAwN 'a 'misa/ (FAT), não é formalmente possível repartir os vários monemas de «modo», «tempo», «pessoa» que determinam o monema lexical nuclear de /'vAwN/. O mesmo acontece com o sintagma /'a/ (cf. MARTINET 1985: 57-59; 1991: 97-98 e BARBOSA 1994a: 16-17).

Designam-se por ‘significantes descontínuos’ sempre que uma só escolha tem um significante que se apresenta em mais do que um ponto do enunciado. Por exemplo, no enunciado /fAL'tavawN 'me 'mujNtaS 'kojzaS/ (P), o monema «plural» manifesta-se em dois pontos, algo distantes, do enunciado: /-S/ /-S/. Como é visível neste fenómeno de determinação pelo «plural», os significantes descontínuos resultam frequentemente da chamada ‘concordância’ (cf. MARTINET 1985: 52-53; 1991: 100 e BARBOSA 1994a: 16).

Aos casos em que ao significado não corresponde qualquer manifestação fonética dá-se o nome de ‘significante zero’. Se no sintagma /'mezaS/ os significantes /'meza/ + /-S/ são identificados, marcando, este último, o valor de «plural», em /'meza/, por uma relação opositiva, poder-se-ia dizer que a ‘ausência’ de plural tem um valor também ela distintivo, na medida em que o significante /Ø/ de ‘especificação de número’ significa que poderia estar a determinação de número, isto é, o «plural». Não obstante, esta hipótese interpretativa fica fragilizada se se postular a ausência regular de uma marca formal como legitimadora de um signo zero, ou melhor, da própria ausência de signo (cf. MARTINET, J. 1975: 175-180; MARTINET 1985: 60-63 e BARBOSA 1994a: 18).

Entende-se estar perante um fenómeno de ‘sincretismo de significantes’ quando a um significante podem ser atribuídos vários significados. O arquifonema «central», fechado por /-S./ em /'ANdaS/, a título exemplificativo, pode representar significantes vários, como o de «1ª conjugação verbal», de «modo», de «tempo», sendo que o que permite entrever o valor distintivo dos significantes é o processo de comutação no eixo paradigmático, e a sua actualização através de sentidos no eixo sintagmático. Por seu turno, poder-se-á dizer que há ‘convergência ou homonímia de significantes’ sempre que a mesma forma de significantes corresponde a significados distintos. Na verdade, não é tarefa simples discreter se é homonímia ou se é sincretismo de significantes, ainda que a leitura de cada solução seja determinada pelo contexto em que o segmento questionado se encontra inserido. Neste trabalho, será dada preferência a uma explicitação dos fenómenos com base no esquema do sincretismo de significantes.

Mais sobre homonímia, e também polissemia, leia-se MARTINET 1985: 286-296 e BARBOSA 2005: 257-261.

⁴⁹ Sobre as ‘variantes combinatórias ou contextuais’, cf. I, 5.: n. 21 supra.

—

tornam possível sustentar as duas seguintes conclusões: uma delas é que o monema, para existir, não precisa de se manifestar num significante específico e perfeitamente identificável em termos fonéticos; a outra, decorrente da primeira, é que o processo de ‘segmentação’ não é suficiente para se determinarem todas as escolhas significativas pelas quais o alocutário opta na constituição da mensagem.

Como é salientado pelo estruturalismo europeu de inspiração martinetiana, não se permite atribuir um valor linguístico a uma diferença de sentido que não seja acompanhada por uma diferença de forma, uma vez que essa diferença de sentido já não seria então perceptível — e portanto também não seria comunicável. Contudo, uma vez assegurada a diferença formal, o que conta para uma unidade significativa é o seu sentido. Assim, a segmentação deverá ser acompanhada pelo processo da ‘comutação’, no qual permite trabalhar, para além do nível formal, o nível valorativo, integrando os dois processos a significação (MARTINET 1995: 201).

Depois de verificadas as escolhas feitas pelos alocutários-dadores, firmados pelo corpus - amostra representativo da variedade linguística circunscrita a este estudo, caberá relacioná-las na cadeia sintagmática, explorando a sua organização sintáctica, como já se referiu em I, 5.: 7..

De forma simplificada, é possível adiantar que na descrição apresentada essencialmente em III entrarão em convergência as perspectivas de análise depuradas na metodologia e na perspectivação do modelo construído neste quadro, cuja natureza é, importa reafirmá-lo, intrinsecamente relacional.

Dado que a análise sintáctica proposta se reporta à descrição de SV e do seu comportamento na FR, convém esclarecer que, no âmbito da sintaxe funcionalista inspirada em A. Martinet para o francês e em J. Morais Barbosa para o português, a relação sintáctica constitutiva do sintagma e da FR exige um conjunto em que se reconhece um núcleo ou determinado, sobre o qual incide um elemento inferior ou determinante. Ainda que implicitamente, deste entendimento admitir-se-á que a determinação pressupõe a hierarquia sintáctica dos elementos.

Será com base nestes critérios que a opção de análise sintáctica tomada recai na identificação das determinações que geram o SV (modalidades verbais e PP).⁵⁰

⁵⁰ Referenciando a análise sintáctica operada no âmbito do funcionalismo espanhol, e recorrendo à corrente estruturalista do distribucionalismo, a primeira tarefa da sintaxe consiste na segmentação das construções respeitando a hierarquia que preside à sua formação, isto é, analisar os constituintes maiores nos seus constituintes imediatos (GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ 1997: 27 ss).

A esta, acresce-se o reconhecimento de efeitos de sentido, que se crê reflectirem necessariamente a significação interna das sequências analisadas.

9.

Quando se estuda com espírito científico um objecto como a variedade de língua em uso, a noção de 'nível' aparece obrigatoriamente na determinação do procedimento de análise, na medida em que favorece um posicionamento estatutário da natureza articulada da variedade e do carácter discreto dos elementos que a compõem. No domínio da variedade linguística que se analisa atendendo ao corpus - amostra obtida, entendida como um sistema orgânico composto por signos linguísticos, será a hierarquização dos elementos a descrever que torna possível o reconhecimento da singularidade das partes e do todo.

Perante a complexidade do corpus-amostra, o fonema adquire valor como opositor de monemas e o traço distintivo, por sua vez, como opositor de fonemas. De facto, a 'niveação', da qual já se tem vindo a falar, torna-se a condição fundamental que as unidades preenchem de modo a obterem um status linguístico. Ela servirá de operadora que não se exclui da análise proposta. Perfilhando o que se aduziu nos parágrafos anteriores, cada unidade fonética só possui uma função na medida em que, pelo processo de segmentação da massa sonora, é possível estabelecer-se uma fronteira entre essa unidade e as unidades adjacentes. A nível de conjunto no sistema linguístico, o continuum sonoro vai distinguir-se dos outros por oposição, facto que o eleva à categoria de unidade fonemática (cf. MARTINET 1965b: 40-47). Cada unidade define-se ainda em termos de relatividade, significando esta relatividade o factor de proporcionalidade das relações dos sons perceptíveis, ou seja, as unidades definem-se relativamente umas às outras desde que mantenham entre si as diferenças e as semelhanças necessárias à sua individualização (cf. MARTINET 1991: 70-71).

Num domínio de análise mais alargado ('alargado' no sentido de novo e não no sentido de representativo de um degrau a mais na extensão do segmento considerado), atender-se-à FR (frase).

Adoptando-se, ainda que de modo geral, a estruturação hierárquica requerida pela análise distribucionalista proposta por Rainhild Wells (cf. WELLS 1947: 81-11)⁵¹ na qual os constituintes imediatos são apresentados como constituintes de uma constituição,⁵² torna-se

Para uma visão mais alargada da hierarquia segundo os descritivistas americanos, importa cf. WELLS 1947: 81-117; HARRIS 1948: 87-91; NIDA 1948: 414-441; HOCKETT 1970 e GLEASON 1985: 141-142).

⁵¹ Cf. também o exposto sobre o assunto em I, 5.: 8. supra.

⁵² Relembre-se que estudo da organização em constituintes proposta pela análise distribucionalista, segundo os exemplos a) um grupo de palavras (ao caso, /'uma kə'siNba/ seria constituinte da construção /ES'tə 'kə j 'uma kə'siNba/ (C)); b) uma palavra (/fumu/ em /fumu 'pRətu/ (Esc)); c) um

possível verificar a relação que os elementos assumem entre si no âmbito sintáctico, a ponto de ser elementar a observação de que um elemento inferior depende de outro de nível hierárquico superior. Consentânea com a escola funcionalista, a hierarquia dos constituintes assim identificada implica a observação da determinação como um mecanismo próprio ao relacionamento de dois elementos, em que «uno de los elementos incide sobre el otro, lo complementa y es formante de una unidad superior en que el núcleo o eje es dominante, y el complementario es subsidiario» (HERNÁNDEZ ALONSO 1995: 109).

Na medida em que na descrição informativa do comportamento dos monemas de PRED e de PP a presença do determinante assume necessariamente em contexto algum relevo (como se verá em III), merece ser esclarecido que, se o determinante constitui uma margem ou expansão sintáctica do núcleo (ou nó), de um ponto de vista semântico especifica-o e/ou acrescenta-lhe alguma informação adicional.

A compreensão da natureza de posicionamento analítico, que ocorre quando se transita da unidade linguística isolada para a FR, passa, como já se tem vindo a observar, pela observação de como se articulam as unidades e pela explicitação de como funcionam as relações que elas mantêm entre si.

Ainda neste particular, é conveniente disreter a noção de FR com a qual se opera.⁵³

À pluralidade de critérios que servem de suporte às definições de FR propostas (tais como a pontuação e a curva melódica), acresce igualmente a diversidade de termos que, muitas vezes, são empregues como sinónimos de FR, outras vezes, são designativos de realidades distintas.⁵⁴

morfema (/ləbə'rɛda/ + /-S/ em /ləbə'rɛdaS/ (Esc)); d) um fonema (/f/ em /'fumu/ (Esc)), pode corresponder aos seguintes domínios linguísticos, de acordo com o esquema: a) e b) — sintaxe; c) — morfologia; d) — fonologia (cf. GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ 1997: 396, ss).

⁵³ É entendível que, a par da existência de muitas e diferentes definições de FR, haja uma insatisfação geral quanto à operacionalidade que detêm, na medida em que, certamente, os conceitos apresentados cruzam, na base, uma diversidade de critérios. A noção mais recorrente, na linha da gramática tradicional e de alguma literatura mais especializada, advém do entendimento de sentido completo, como ponto de partida para a formulação da definição de FR: a título ilustrativo, na Nova Gramática Contemporânea, Celso Cunha e Lindley Cintra definem a FR como «um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação» (CUNHA; CINTRA 2000: 109).

Ainda que não seja propósito central deste trabalho uma abordagem epistemológica gramatical, refira-se que se assume por gramática tradicional aquela que preconiza uma análise tendente a explicar os factos sincrónicos sob uma perspectiva diacrónica, para além de não apresentar um estudo integrado num quadro teórico coerente. Isto quer dizer que sempre que se referir à abordagem tradicional dos factos, está-se a designar a reflexão não funcional, não sistémica e não relacional dos factos linguísticos.

Sobre as características gerais da gramática tradicional cf., de forma mais circunstanciada, COSERIU 1981: 74-102, por exemplo.

⁵⁴ Será por todos os linguistas reconhecido que, nomeadamente nas gramáticas, os termos frase, discurso, enunciado, proposição, oração e período aparecem mais ou menos como sinónimos.

Neste trabalho, a FR será assumida como um sintagma de grande capacidade de autosuficiência (cf. HERNÁNDEZ ALONSO 1995: 68). No entanto, importa sublinhar que, considerando-se a FR como um sintagma, nem todos os sintagmas podem ascender ao nível hierárquico da FR. Não obstante o processo de constituição assentar em relações de determinação estabelecidas nas hierarquias, FR e sintagma distinguem-se pela força (respectivamente, menor e maior) da ligação dos seus elementos constituintes.

Considerando que estes dois universos (FR e sintagmas), embora distintos, abarcam a mesma realidade, fixa-se a FR como quadro de análise representativo do nível da descrição nas acepções sintáctica e semântico-informativa da variedade em estudo. Do mesmo ponto de vista, sendo o domínio da sintaxe a FR, a construção da FR será entendida como a configuração da existência de um feixe de determinações centradas no elemento nuclear SV. Atinente à globalidade de sentido, a FR será operadora de relações sintagmáticas combinadas de acordo com determinadas compatibilidades que lhe permitem funcionar como uma mensagem transmissora de informação.

Um dos propósitos da análise encetada é, como já se anunciou, observar o estatuto informativo das estruturas demarcadas como rentáveis figurando como um operador integrante da análise da variedade a descrever. Uma análise exclusivamente sintáctica caracterizar-se-ia naturalmente insuficiente, na certeza de que as funções sintácticas consideradas estão dependentes das possibilidades de combinação sintagmática da variedade linguística e das imposições das suas restrições semânticas.

Na medida em que designam as relações que se estabelecem entre os constituintes e o conjunto a que pertencem, torna-se claro que a F sintáctica e a F semântica operam em planos linguísticos diferentes. Assim, do ponto de vista semântico, o(s) sentido(s) actualizado(s) por cada forma considerada será(ão) identificado(s) com base em critérios semântico-informativos afectos a condicionalismos de ordem comunicacional e essencialmente alheios a referências extralinguísticas, de acordo com o ponto de vista da perspectiva de análise adoptada.

Atendendo ao núcleo da FR, a análise funcional proposta reflectirá sobre o SV (ilustração exemplar da composição de um sintagma por determinação) constituído por V + determinação de «pessoa» ± outras determinações imediatas, como a de «tempo», «modo», «perspectiva» e «aspecto», isto é, por uma combinação de monemas cujas relações de dependência mútuas são mais estreitas do que as que mantêm com o resto dos

Perante estas disponibilidades terminológicas, esclarece-se que o termo *alocução* (assim como o de *acto discursivo*, de *fala*, *discurso*, ...) é entendido, neste trabalho, como exteriorização total do momento de *alocução*, isto é, tudo o que o *alocutário* diz desde que começa a falar até que se cala. Neste pressuposto, '*discurso*' congrega também a FR, embora '*discurso*' não signifique FR.

monemas/sintemas⁵⁵/sintagmas da FR (cf. MARTINET 1985: 88 e 1991: 108). Assim, nos SV estimados no corpus - amostra obtida, para além do núcleo, constituído por um monema de valor lexical pertencente à classe do V, reconhecer-se-á um conjunto de outros monemas responsáveis pelas oposições que se estabelecem entre eles.

Nesta óptica, a organização da FR com a qual se opera constitui-se pelo sintagma por excelência ou pelo SV \pm determinações externas do SV.

O recurso a critérios como os expostos permite «definir a FRASE como o enunciado cujos elementos se ligam todos a um predicado único ou a vários predicados coordenados» (MARTINET 1991: 125). Ainda que não restem dúvidas de que o procedimento adoptado marca o carácter linguístico, a representação de FR levanta duas considerações: não se apagam todas as dificuldades com as quais a descrição se depara no desejo de delimitar as fronteiras da FR e que ANDRÉ Martinet anunciou, acabando por admitir um certo embaraço na resolução a encontrar, a não ser enviar para um capítulo particular e marginal as possíveis soluções de pendor não sintáctico (cf. MARTINET 1982b: 28-30). Por outro lado, e de certo modo relacionado com o que se identificou na primeira consideração, gera-se a dúvida de posicionamento nos termos em que, perspectivando a FR como o quadro de análise sintáctico, será a identificação da FR um fenómeno prévio à análise? Ou será a FR, definida como um conjunto de monemas/sintemas/sintagmas que se ligam ao núcleo predicativo, o resultado da análise sintáctica? Jeanne Martinet levanta esta e outras questões com ela relacionadas e conclui que, na análise sintáctica, «il appartiendra au chercheur d'adopter l'une ou l'autre [solution] et de justifier son choix de sorte que, dans un traitement statistique du corpus, puisse apparaître clairement la place qu'occupent ces structures particulières» (MARTINET, J. 1982 : 33).

Ao se aceitar como noção básica de FR o conjunto de monemas/sintemas/sintagmas cuja relação mútua permite a constituição de um enunciado (cf. MARTINET 1982b: 28), a

⁵⁵ Por 'sintema', adopta-se a noção seguinte apresentada por André Martinet: «Nous proposons donc se désigner au moyen du terme *synthème* les unités linguistiques dont le comportement syntaxique est strictement identique à celui des monèmes avec lesquels ils commutent, mais qui peuvent être conçus comme formés d'éléments sémantiquement identifiables» (MARTINET 1967 : 6).

Assim, o conceito de 'sintema' admitido, numa exposição lexical (referente especialmente ao domínio do léxico primário), daria conta de um conjunto de unidades que corresponderiam a uma só, na medida em que são escolhidas no paradigma onde figuram monemas simples com os quais podem comutar, e as quais, sintacticamente, são impossíveis de ser determinadas isoladamente. Atendendo ao exposto, ao se considerar a unidade significativa mínima uma unidade significativa composta, a ambiguidade terminológica que se advinha de designações como 'monemas compostos' ou 'monemas complexos' fica resolvida.

Para um aprofundamento maior sobre as várias questões que ganham vida face à noção de 'sintema' e aos vários tipos de sintemas, leia-se ainda, entre outros, MARTINET 1967: 1-14; 1977a: 11-14; 1985: 34-42; 1995: 222-239 e 2000: 231-235 (sobre a sintemática e o papel decisivo que ocupa na dinâmica da língua), DEBATY-LUCA 1988 e BARBOSA 1996-1997b: 229-239 e 1998a (sobre os sintemas verbais). Cf. também em MARÇALO 1994 o primeiro estudo sobre o assunto tendo por base a língua portuguesa.

explicitação de como a estrutura frástica funciona terá de passar inequivocamente pela identificação das relações de coordenação e de subordinação,⁵⁶ ainda que de forma menos explícita em termos de descrição objectivamente efectuada.

Optando por esta solução, crê-se que se economizam esforços desnecessários à prossecução do objectivo proposto, mas a sua validação requer ainda um esclarecimento mais acurado.

Entender-se-á que a análise do corpus - amostra teórica depara-se com relações eventualmente não marcadas de forma explícita: se em «encontram-se e dão um abraço» a relação está expressa por meio do monema funcional «e», cuja ocorrência no âmbito da variedade observada é explícita, na FR «o Mário encontrou a tia Ana», as relações surgem marcadas pela posição relativa dos elementos. Noutros casos, e no domínio das amostras obtidas para análise, a delimitação da FR é apenas condicionada por elementos de conjunto, como as pausas efectuadas pelos alocutários-dadores e/ou a leve subida que se percebe registada na curva melódica aquando a alocução. Mas será que se torna claro afirmar que na alocução «sentou-se, não comeu nada» se trata apenas de uma FR com dois elementos coordenados? ou serão duas FR coordenadas? Perante este quadro, de acordo com o eixo sintagmático, neste e noutros exemplos similares, a opção tomada recai na consideração da existência de uma só FR, na medida em que entre os dois segmentos sucessivos do momento de alocução, ao serem perceptualizados, revelam uma ligação admitida como inequívoca do ponto de vista quer sintáctico quer semântico-informativo.⁵⁷

Posicionando-se operacionalmente desta forma perante a problemática descrita supra, e considerando-se a FR como o domínio a ter em conta para o estudo das relações sintácticas, internamente, há que delimitar o sintagma como a unidade de análise da sintaxe, sendo este, por sua vez, constituído por unidades mínimas significativas. Na medida em que os monemas e/ou sintemas não podem ser analisados fora do contexto sintáctico, entender-se-á que a delimitação do sintagma é condição prévia para a sua identificação por segmentação e por comutação.

Configurada a FR enquanto estrutura hierárquica, para a verificação das relações de determinação, reconhecer-se-á a criação de quatro 'functemas' básicos (isto é, espaços

⁵⁶ Uma vez definido o conceito de FR com o qual se opera, é conveniente relembrar o que, no âmbito do mesmo quadro operativo, se entende por 'coordenação' e por 'subordinação': na senda de André Martinet, coordenação e subordinação constituem dois tipos de expansão caracterizados com base na noção de função: assim, a coordenação distingue-se da subordinação porque, em relação à primeira, «a função do elemento acrescentado é idêntica à de um elemento pré-existente no mesmo âmbito» e porque, em relação à segunda, «a função do elemento acrescentado não aparecer também num elemento pré-existente dentro do mesmo âmbito» (MARTINET 1991: 123).

⁵⁷ Cf. I, 5.: n. 54.

correspondentes a uma função⁵⁸), os quais, na esteira de J. Morais Barbosa (e outros, como Jean-Michel Builles, René Gsell), podem ser preenchidos por monemas, sintemas ou sintagmas (functivos, os elementos polares de uma relação).

Nesta perspectiva, a FR é a condição a partir da qual ficará mais explícito o modelo de relações que as unidades significativas, em contexto, mantêm entre si, ou seja, o esquema paradigmático do quadro das determinações, que, pela análise do próprio funcionamento, são consideradas estar à disposição do uso da comunidade linguística estimada como o população-alvo deste estudo.

10.

É à luz da configuração de FR como uma estrutura na qual os elementos se ligam todos a um predicado (cf. MARTINET 1991: 125) e que comporta a obrigatoriedade da presença de um núcleo verbal, um SV (ou S predicativo) que não depende de nada para além dele próprio para indicar a natureza das suas relações com os outros elementos,⁵⁹ que se considerará o SV na perspectiva de sistema.

Nesta perspectiva dos factos, no sector da SINTAXE, mostrar-se-á que as formas conjugadas dos V computados no corpus - amostra são constituídas por monemas

⁵⁸ Por 'função' (F) entende-se a relação de determinação cujo ponto de incidência é, para a determinação de «pessoa» (F1), o V, e, para as restantes funções (F2, F3 e F4), o SV \pm determinações. Retomando as palavras de André Martinet, dir-se-á que «une fonction grammaticale est un lien entre deux éléments et non une façon de se comporter d'un élément» (MARTINET 1985: 175). Assim, F são, tal como os monemas e os sintemas, unidades que integram a estrutura da variedade de língua alvo deste estudo. Um determinado tipo de relação é escolhido entre várias relações de determinação disponíveis atendendo ao que se quer comunicar.

Com base em critérios de natureza formal, garantindo o rigor da análise que se propõe, é legítimo propor, como faz J. Morais Barbosa, as quatro funções sintáticas que se orientam em função de um nó predicativo.

Por imperativos de coerência, F1, F2, F3 e F4 constituem uma terminologia mais descomprometida: evitando qualquer interferência de ordem semântica, apresentam um carácter altamente económico e proporcionam à descrição dos factos clareza e simplicidade.

Relembra-se igualmente que ao se definir 'sintagma' de acordo com um conceito analítico como um conjunto de monemas e/ou sintemas ligados por relações de determinação, teve-se apenas em consideração a constituição interna do próprio sintagma (cf. I, 5.: n. 28 supra).

Neste momento, contudo, com base no mesmo conceito de 'relação de determinação', ao se operar ao nível das funções sintáticas, considera-se a funcionalidade do 'sintagma' na FR.

Em consequência deste quadro, por 'sintagma' entende-se todo o monema e/ou sintema, ou o conjunto de monemas e/ou sintemas, que preenchem o espaço correspondente a uma F: da mesma forma sintética, o monema de «pessoa», por exemplo, constitui sempre um sintagma.

Em síntese, impõe-se dizê-lo, ao se tomar este domínio da análise, tornar-se-á possível visualizar os vários níveis onde a relação de determinação opera.

⁵⁹ Segundo André Martinet, a suposição da existência universal do predicado realiza-se exclusivamente por indução (cf. MARTINET 1975a: 117). Na verdade, enquanto que as possíveis formas de os enunciados linguísticos manifestarem as funções dos seus elementos são estabelecidas por dedução, a existência universal do PRED é suposta por indução a partir de dados actuais e observáveis, reconduzindo-se assim a perspectiva indutiva ao perfil economicista (teoria da optimização) da génese do sistema linguístico.

pertencentes a diferentes classes sintácticas (monema «verbal», monema «modal», monema «temporal», monema «pessoal»)⁶⁰.

Reveste-se de alguma complexidade a delimitação das determinações do monema «verbal» pelas quais se orientará o estudo proposto.

A análise da FR poderia conceder relevância idêntica a variadas determinações possíveis por monemas como o N, ADJ ou outro SV em função de núcleo de uma determinação (ou predicatóide). Todavia, na essência do trabalho apresentado, no qual a dimensão sintáctica (assim como a semântica-campo informativo) assume um cariz de contribuição a um estudo ulterior mais acurado na área, para além do PRO, por razões que se crêem esclarecidas pelo decurso da análise, não serão alvo de descrição outras determinações exteriores às do SV propriamente dito.

No âmbito da caracterização do SV como o conjunto das classes gramaticais determinantes da classe verbal (as modalidades «tempo», «perspectiva», «aspecto» e «modo»), apresentar-se-á o sistema verbal máximo actualizado pela variedade da língua em uso computado de acordo com o corpus - amostra teórica, ilustrando em simultâneo um processo de economia sintagmática da utilização de monemas.

Tem-se consciência de que o sistema verbal máximo não se atesta na sua totalidade em certo tipo de orações, onde sofre reduções, como se terá oportunidade de ver demonstrado pelo exame de FR ilustrativas dos fenómenos descritos essencialmente em III.

11.

O processo de sistematização verbal a apresentar em III assenta essencialmente numa operação de ponderação que estima o grau de presença ou de manifestação de uma 'propriedade' essencialmente temporal nos elementos avaliados.

⁶⁰ Ainda que este trabalho não se detenha na problemática da «voz passiva»/«voz activa», merece ser esclarecido que, na senda de J. Morais Barbosa para o português, enquanto monema, à «voz passiva» não corresponde qualquer monema de 'voz activa' (cf. BARBOSA 1994a: 246).

Atendendo ao universo de corpus - amostra teórica, o facto de não existir sintacticamente um monema de «voz», não significa que o sentido de passividade (entendendo a passividade como a correspondência entre conceito sintáctico de SUJ e conceito semântico de paciente) não seja actualizado. Na verdade, o sentido de passividade está indiscutivelmente actualizado em FR como «as filhós eram feitas por todos» (P), opondo-se a um sentido de não-passividade em «todos faziam as filhós».

Se os exemplos da oposição passividade x não-passividade se esgotassem em estruturas de FR de tipo formal auxiliaridade do V principal pelo V «ser» x não-auxiliaridade pelo V «ser», poder-se-ia falar da existência mais exacta de um monema de 'voz passiva' oposto ao de um monema de 'voz activa'.

Mas estes exemplos são redutores: relativamente à estrutura sintáctica que alegadamente constituiria o significante da 'voz passiva', ela não configura uma unidade funcional na medida em que pode caldear valores diferentes. Exemplificando ainda que de modo generalista, na FR «ele é calado» (C) está-se perante uma estrutura composta por «ser» + monema adjectival «calado» sem que dela se possa ajuizar um sentido passivo. Por outro lado, o sentido de passividade entende-se actualizado em FR cuja estruturação sintáctica é distinta da da alegada forma passiva: «apanhou cá um cagaço» (D).

Observe-se que não se deixa de ter consciência de que a dimensão a partir da qual se processa a avaliação é extremamente variável, dependente desde logo da natureza do objecto avaliado.

Em virtude das características apontadas pelos dados computados do corpus - amostra obtida é possível adiantar desde já que o domínio das formas verbais perspectivadas de acordo com a leitura seguida oferece uma multiplicidade de manuseamentos.

Perante este facto, e de modo a garantir a coerência do estudo que se empreende, considera-se ser pertinente avivar, ainda que em traços muito gerais, algumas das principais linhas operacionais perfilhadas e que estão atinentes aos princípios teóricos de base desta análise, nomeadamente aos de dimensão temporal.

Comece-se pela desmontagem da ideia assumida como elementar e que vê na estruturação dos tempos verbais um reflexo da organização do tempo cronológico. Na verdade, a visão linear tripartida do tempo verbal que caracteriza, genericamente, uma parte das propostas seguidas pelo texto gramatical português, apesar de oferecer uma perfeita simetria de categorias,⁶¹ apresenta-se em uso em estreita e pouco clara convivência com o leque polivalente de sentidos actualizados num número expressivo de ocorrências aferidas no corpus - amostra obtida. Tendo por base este fundamento, a libertação do vínculo entre o tempo linguístico e o tempo cronológico permitirá reequacionar a pertinência semântico-informativa das modalidades verbais no momento de alocação e compreender-se-á melhor a construção de redes de relações temporais ramificadas no sistema da variedade de língua considerado.

Desta precisão é conveniente relembrar que as designações terminológicas adoptadas são arbitrárias e não mantêm uma relação compelida pela realidade extralinguística.

Assumindo como ponto de partida teórico a noção de língua como sistema de valores, cuja funcionalidade e dinâmica são garantidas no seu uso na comunicação, fica operacionalmente implicado o reconhecimento da importância da avaliação do comportamento das formas no momento de alocação. Também isto quer dizer que as designações, não estando em necessária relação com o tempo físico do acontecimento, servem apenas para etiquetar valores que se definem na variedade linguística que se analisa por relação uns com os outros.

⁶¹ A título ilustrativo, veja-se a seguinte apresentação acerca dos tempos verbais feita tradicionalmente: «Os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam, respectivamente, um facto ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala, e após o momento em que se fala» (CUNHA; CINTRA 2000: 379).

Recorda-se igualmente que, de acordo com André Martinet para o francês (cf. MARTINET 1988: 5-56 e 2000: 12 e 90) e com J. Morais Barbosa para o português considerado standarizado (cf. BARBOSA 1998b: 55-56), não se julga ser neste momento necessário ponderar a existência de monemas nem de «presente» nem de «indicativo» na medida em que o que distingue /'a/ de, por exemplo, /a'via/ é a ausência do monema «passado»; o que distingue /sə'bia/ de /sow'bese/ é a ausência do monema «conjuntivo». Isto quer dizer que formas como /'a/ não estão determinadas temporalmente; com os mesmo contornos, dir-se-á o mesmo a propósito da determinação modal, em formas como /sə'bia/.⁶²

Posto de lado o método mais clássico que preconiza a dependência entre o tempo cronológico espacializado e o tempo linguístico, e esclarecida a questão relacionada com o método operacionalizado na análise do 'presente' e do 'indicativo', convém ainda avaliar a especificidade dos monemas de «perspectiva posterior», de «modo infinito» e de «modo gerúndio», de «aspecto perfeito», decorrente da observação atenta dos dados do corpus - amostra obtida.

Pelo confronto do quadro da apresentação tradicional dos tempos verbais, verificar-se-á facilmente que as ocorrências do designado 'tempo futuro', parcas em termos de frequência no corpus - amostra obtida (cf. III: 9.; IV, 2.1.1.4.), não correspondem apenas, e/ou também, à função que nesse quadro simétrico lhes cabe, isto é, o lugar à direita do 'tempo presente'.⁶³

Ainda que se entenda que a dimensão a partir da qual se processa a análise possa ser extremamente variável, desde logo pela dependência da natureza do objecto de avaliação, a observação das ocorrências do 'futuro' no corpus - amostra obtida conduz à caracterização sintáctica dum monema integrado na classe da «perspectiva», gestor da dualidade tempo/modo.

Equacionada esta solução de caracterização, a descrição mais satisfatória parece ser aquela que, como se verá mais em pormenor em III: 9., distribui as actualizações da forma de «posterior» por três grupos: o grupo da função temporal, o grupo dos sentidos modais⁶⁴ e o

⁶² Estabelecida esta premissa, um dilema pode ser colocado: como fazer manter o paralelo entre uma definição sintáctica do 'presente' e do 'indicativo' enquanto monemas verbais nus, que actuam ao nível do sistema da variedade linguística sob escopo, dotados opositivamente a valores que poderiam determinar o V, com uma definição semântico-informativa do seu uso enquanto formas de sentido e de amplas potencialidades discursivas?

Descrever a pluralidade semântica do chamado 'presente do indicativo', designado, por razões operatórias, por «não determinação temporal», implica, então, ter em conta a dimensão significativa da FR, cuja pertinência comunicativa será, adiante-se, um indicador válido aos resultados nas análises efectuadas (cf. III: 6.).

⁶³ Veja-se a apresentação dos tempos feita por Celso Cunha e por L. F. Lindley Cintra em I, 5.: n. 61 supra.

⁶⁴ Sobre o conceito de 'modo' e, consequentemente, de 'sentido modal', aceita-se o postulado viabilizado por Joana V. dos Santos (cf. I, 5.: n. 65 infra). Manifestamente operantes, os sentidos modais

grupo em que à inscrição dos factos num momento prospectivo em relação ao momento em que se fala se acrescem os sentidos modais transmitidos pela forma.

Na identificação do sentido modal que as formas actualizam, ao caso especificamente consubstanciado nas formas de «posterior», impõe-se também distinguir a concepção que a ela preside, na medida em que o termo ‘modo’, tendo em conta as várias acepções que levanta, surge claramente polissémico.⁶⁵

Neste ambiente, a metodológica tomada parte claramente de uma base sintáctica onde o «modo», tal como o «tempo», será analisado como uma classe definida segundo critérios exclusivamente sintácticos.

Segundo este ponto de vista, o que se disser relativamente aos monemas (seja de «tempo», seja de «modo», seja de «perspectiva» ou de «aspecto») que integram os SV não deve ser confundido com os sentidos que actualizam esses valores (nem, naturalmente, com as realidades extralinguísticas que podem designar), embora seja negável que no percurso de análise proposta, e como se verá em especial em III: 5. a 10., as estruturas sintácticas e as estruturas semânticas próprias à contextualização de ocorrências sejam, por vezes, naturalmente difíceis de se separar.⁶⁶

À luz destes considerandos, outro esclarecimento é ainda devido: partindo da premissa que toda a comunicação é intencional, entender-se-á como ‘sentidos’ os dados

preconizados por uma dependência das formas linguísticas actualizáveis na FR não abalam as premissas em que a análise aqui proposta tem assento.

⁶⁵ Em termos muito genéricos no respeito à sua conceptualização, ‘modo’ ora pode representar uma categoria gramatical do V, reportando-se a uma noção linguística (cf., por exemplo, as posições de PALMER 1986 ou de BYBEE; FLEISCHMANN 1995: 2), ora pode corresponder a uma atitude do alocutário perante o que afirma, sendo então definido por critérios mentalistas ou pragmáticos (cf., por exemplo, a definição dada por MEILLET 1982: 190).

Um parâmetro explicativo alternativo é proposto por Joana V. dos Santos (cf. SANTOS 2003: especialmente 78-79): embora o modo/objecto de análise seja peculiar (ao caso o «conjuntivo»), constitui uma linha de proposta da autora considerar um efeito de sentido construído na FR a partir das formas linguísticas, sendo esse efeito de sentido o resultado de uma operação de referenciação modal através do qual o locutivo marca o seu distanciamento face à experiência que comunica e pretende influenciar de algum modo o comportamento ou o pensamento do seu alocutivo.

⁶⁶ É reconhecido que no estudo da significação linguística entendida numa perspectiva funcionalista, sentido e significado constituem objectos de disciplinas distintas, respectivamente, a Semântica e a Axiologia. À primeira cabe a tarefa de estudar os sentidos, as actualizações das unidades significativas, para o que concorre especialmente um factor como o contexto; a segunda corresponde o papel de isolar, no âmbito da significação dos monemas, apenas o que é comum a todos os usos de uma língua, de modo a alcançar as correlações que se estabelecem, entre as unidades, no sistema (cf. MARTINET 1977b: 157-163). Por outras palavras, «la sémantique parle du «monde», tandis que l’axiologie parle du «monde tel qu’il est perçu et catégorisé à travers le filtre d’une langue particulière» (BUILLES 1998 : 293-294).

Metodologicamente dissociáveis, entender-se-á que a complexidade dos dados linguísticos conturba, pela própria natureza das ocorrências, a delimitação mais objectiva das estruturas.

adicionais que se acrescentam ao significado potencializados pelo contexto onde a forma se concretiza, isto é, no resultado final da acção figurada pela FR.

A globalidade desta questão, associada à adopção de uma atitude que preconiza o estudo do campo informativo, remete elementarmente para o domínio da dinâmica linguística no que diz respeito à produtividade das unidades na comunicação, numa relação exequível entre frequência e carga informativa.

Por esta mesma razão, pode ver-se justificada a opção pela qual os dados analisados da amostra obtida sofrem uma computação matemática de inferência estatística. Mais adiante esclarecer-se-ão, de forma mais acurada, quais os passos seguidos para a validação dos resultados percentuais.

A investigação linguística realizada, embora parta, como já se referiu, dos traços que individualizam cada unidade de entre todas as outras unidades do sistema (passíveis por isso de uma formalização discreta), não rejeita a legitimidade da dimensão do sentido geral das unidades em situação concreta de ocorrência, que, por sua vez, se encontra confinado ao extralinguístico. Importa esclarecer que, embora se assuma a expressão do 'extralinguístico', torna-se evidente que, a partir do momento em que se considera a pertinência da dimensão implicada (ao caso, a do sentido), ela passa a ser linguística. Por tal, considerar-se-á, no que à significação diz respeito, um estrato semântico e um estrato informativo/'pragmático'.⁶⁷

Esta observação justifica e renova o estudo do uso das estruturas da variedade linguística considerada, isto é, das formas utilizadas pelas dimensões, quer fonológica quer sintáctica, que são utilizadas em situações de alocação reais e concretas.

Nos mesmos termos, está implicado, ainda que indirectamente, a pertinência da dimensão semântica da FR,⁶⁸ porquanto assim como se assume a separação entre os domínios do significante, do significado e do sentido não se pode deixar de ter em conta todas as dimensões em complementaridade, ainda que em momentos diferentes.

Retomando a descrição do método operacional que confirma o estudo linguístico do SV, a existência de critérios homogêneos na inventariação dos monemas verbais distanciados da perspectiva tradicional leva a considerar na mesma classe sintáctica os

⁶⁷ Estratos semântico e informativo com os quais a gramática funcional se tem preocupado em distinguir: «Debemos a G. Rojo uno de los esfuerzos más notables por separar, en el nivel teórico, ambos estratos [sintáctico e semântico], así como por distinguirlos de un tercer tipo de funciones, las *informativas* o *pragmáticas*», embora «Ha de reconocerse, contodo, que la formulación explícita de los rasgos que definen y caracterizan cada clase de funciones tropieza en la práctica com sérios problemas» (NARBONA JIMÉNES 1989: 47).

⁶⁸ Torna-se assim claro que o sentido afecta indiscutivelmente a compreensão da FR e, por essa mesma via, o próprio acto comunicativo da alocação.

monemas «infinito», «gerúndio» «imperativo» e «conjuntivo»⁶⁹ essencialmente pela não compatibilidade manifesta de uns com os outros e, conseqüentemente, pela mútua exclusão, porque nenhuma classe é compatível com ela própria.

A observação descontextualizada de SV determinados por monemas de «modo» permite rapidamente adiantar que a generalidade das determinações modais funciona com certas especificidades combinatórias, directa e obrigatoriamente relacionadas com a própria estrutura do sistema verbal no qual se escudam. Na verdade, atendendo-se apenas nos dados da amostra obtida em relação à distribuição de operadores de tipo determinação modal, tornar-se-ia possível, de modo equilibrado, o cotejo das suas características mais significativas.

Como domínios interdependentes que são em termos comunicativos, das modificações sintácticas decorrem, cabalmente, alterações informativas que, identificadas de modo sistémico, explicitam as realizações linguísticas da variedade que se propõe descrever.

Numa perspectiva subsidiária da linguística funcional, onde «l'accent [...] est mis sur ce qui, dans la parole, vise à assurer la communication entre les interlocuteurs (MARTINET 2000: viii), é particularmente significativa a configuração das diferentes funções desempenhadas pelos constituintes frásticos em análise (cf. especialmente III: 1. a 4. e 11. a 14.).

Partindo do princípio de que os meios linguísticos se encontram ao serviço da comunicação, não é totalmente incontroverso que as F sintácticas «son la manifestación formal de un determinado significado (la función semántica)» (ROJO 1983: 52), operando em estratos diferentes: na verdade, a uma F sintáctica desempenhada por um constituinte frástico não é obrigatória a correspondência de uma mesma F semântica (cf. ROJO 1983: 52).⁷⁰

Numa formulação adoptada de J. Morais Barbosa (cf. BARBOSA 1996-1997a: 254), segundo a qual se atesta a necessidade de se distinguir univocamente a função enquanto a relação sintáctica em estado puro do conteúdo semântico que lhe pode estar afecto, preconiza-se uma abordagem mais clara das propriedades estruturais das FR, nomeadamente as que estão ligadas aos monemas que intervêm na sua constituição.

⁶⁹ Como já se demonstrou supra, segundo o quadro funcional no qual a análise proposta se move, considera-se a não existência do monema de 'modo indicativo' essencialmente atendendo a duas razões: os SV no chamado 'modo indicativo' não têm um significante específico (razão formal); esses SV distinguem-se dos determinados por monemas de «modo» necessariamente pela ausência de sentido modal (razão semântica).

⁷⁰ De longe vem já esta questão: segundo Firbas, já Mathesius atribuía ao acto comunicativo o predomínio sobre a organização dos constituintes: «Mathesius holds that in communication the lexical and grammatical means of language are made to serve a special purpose imposed on them by the speaker at the moment of utterance, i.e. in the very act of communication» (FIRBAS 1974: 14).

Dada a importância das relações de determinação na estruturação da FR, a configuração dos monemas constituintes é assumida pelo valor adquirido pela natureza das determinações no eixo sintagmático e, à parte o significado integrante do monema poder ser actualizado por uma multiplicidade de sentidos, ele não decorrerá apenas da configuração semântica dos monemas per si.

No domínio da FR, os monemas cujos significados se mantêm pelo princípio de universalidade, apresentam uma capacidade de alteração de valor atestada em estruturas frásticas como «a lena casou com o filho do coveiro» (P) e «o filho do coveiro casou com a lena», onde os sintagmas «a lena» e «o filho do coveiro» podem assumir o valor de SUJ («a lena» na 1.^a FR; «o filho» na 2.^a FR) ou de OBJ («a lena» na 2.^a FR; «o filho do» na 1.^a FR).

Uma abordagem mais concreta de como estes parâmetros se articulam entre si ficará certamente mais clara depois de apresentadas as ocorrências: em lugar próprio (cf. III), analisar-se-ão algumas formas computadas manifestadas de acordo com as dimensões sintácticas e semântico-informativas que presidem às operações acabadas de enunciar.

12.

Uma questão premente que indiscutivelmente se coloca quando se abordam factos de língua em uso no domínio da geografia linguística é a que diz respeito à amplitude conceptual de noções como, a par da de 'língua',⁷¹ a de 'dialecto', de 'falar' e de 'variedade (linguística) em uso'.

A clarificação destes conceitos implica considerar, como ponto de partida ao raciocínio requerido, a distinção feita por Saussure entre o sistema chamado de 'língua' (*langue*) e o uso individual desse sistema, chamado de 'fala' (*parole*), num estado de língua (na sincronia)⁷².

Por razões óbvias,⁷³ a atenção dada à dicotomia *langue* / *parole* não se viabiliza nos termos em que foi formulada, na medida em que, na sua concepção, as possibilidades de análise que dela se relevariam não dariam certamente uma resposta satisfatória: por ser

⁷¹ Sobre a concepção que preside à significação de 'língua' e sobre o lugar que ocupa na gramática funcionalista de visão martiniana, cf. I, 5.: 2. *supra*.

⁷² Ainda que sumariamente, a distinção entre sincronia e diacronia e, especialmente, a dinâmica que se admite caracterizadora elementar de qualquer sincronia, serão retomadas *infra*: cf. I, 5.: 13..

⁷³ Embora se compreenda o que determinou a distinção que Saussure estabeleceu entre *langue* e *parole*, os termos em que ela foi formulada deixaram hoje de fazer sentido, o que é aceitável pelos anos que decorreram desde a sua primeira publicação, póstuma, em 1916 — relembre-se a própria condição de 'notas de aula' em que se publicou a obra, o que certamente fez com que certos pontos nela permanecessem mais obscuros, ou menos bem elaborados, ou com uma fundamentação insuficiente. No entanto, ainda hoje, o pensamento que orienta o *Cours de Linguistique Générale* produziu frutos nos pontos de vista mestres dos estudos contemporâneos da linguística em geral e da fonologia em particular.

demasiado rígida, a dicotomia saussuriana, fica longe de abarcar e esgotar a realidade linguística e, conseqüentemente, a realidade da variedade linguística que se propõe disreterar.

Assim, de acordo com os princípios gerais da linguística moderna, confinados a uma doutrina que, de modo objectivo, fundamenta a existência da linguagem só e exclusivamente na actividade linguística,⁷⁴ opta-se por uma solução que se pretende mais integrante, cujo princípio naturalmente não prescinde da importância da língua em uso.

Ainda que de modo pouco instanciado, a solução adoptada resulta do seguinte princípio: sem os usos da língua (e concebendo aqui o uso como a actividade linguística concreta, o acto de alocução), a língua não tem 'estrutura genética' para existir.

Antes de se prosseguir, deve ainda ser clarificada a operacionalidade das concepções sobre as quais se está, e se tem vindo, a reflectir.

Embora estabelecida por critérios linguísticos, a conceptualização que se legitima com este trabalho considera naturalmente critérios teórico-metodológicos, o que é o mesmo que dizer que o limites das distinções estabelecidas e a estabelecer entre 'língua'/'fala'/'variedade linguística em uso' devem residir em conformidade com o material linguístico considerado.

Assim, a distinção concluída entre língua e variedade linguística em uso estará orientada no sentido do conceito de língua formulado por André Martinet e no sentido da noção de variedade em uso, ponderando-se esta como sistema enquanto abstracção intermédia entre a própria língua e acto de alocução, e afigurando-se este como a actividade linguística concreta.

Na sequência do exposto, adoptando o ponto de vista do acto linguístico concreto, esclarece-se, ademais, que a variedade da língua em uso certificada pela análise proposta é-o necessariamente porque corrobora o 'como se diz' da comunidade linguística (população-alvo) fixada como tal.

É sobre a base do falar concreto, isto é, dos actos linguísticos em momento de alocução, que se crê dever partir a noção de variedade linguística e de sistema. Como única realidade investigável, os actos linguísticos concretos são a comprovação dos aspectos comuns considerados pela abstracção. Com efeito, o alocutário realiza na sua alocução as estruturas da língua que a comunidade tem à disposição.

⁷⁴ Sendo assim, 'língua' e 'fala' constituem-se como realidades não autónomas e não nitidamente separáveis na medida em que se a 'fala' é a realização da 'língua', 'língua', por sua vez, constitui-se sobre a base da 'fala' e só na 'fala' se manifesta concretamente.

Para mais especificações sobre a existência da linguagem na interacção entre o individual e o social, que Saussure negou através do conceito pelo sistema abstracto da língua, cf., entre outros, COSERIU 1979b: especialmente 33-50.

Para validar este padrão de análise, num primeiro processo de formalização, eliminar-se-á tudo aquilo que é pessoalização expressiva, variante individual, no sentido de postular a abstracção da estrutura geral da comunidade linguística considerada, para depois, através de nova operação abstractiva, se depreender toda a série de oposições funcionais, a que se chamará o sistema da variedade da língua portuguesa em uso pela população linguística convencionada como base do universo deste estudo.

É importante reafirmar que o processo abstractivo formalizado através da análise dos actos linguísticos registados no próprio momento da sua produção não é uma realidade autónoma ao próprio 'falar' da comunidade delimitada, mas a forma que se comprova no próprio 'falar' porquanto invoca a abstracção realizada a partir da actividade linguística concreta.

Em função destes padrões, e sem que se dissocie do estudo proposto a substância som, conforme solução preceituada pelo funcionalismo,⁷⁵ tornar-se-á viável a admissão do conceito de variedade linguística em uso instanciado num recorte sistémico concertado entre língua e fala.

Em abono desta solução, analisar-se-á a variedade em uso revelada pelo corpus - amostra obtida, contemplando simultaneamente as invariantes e todas as variantes numa relação linguística coordenada ao sistema, afuncionais umas e funcionais outras, mas todas portadoras em conjunto de traços que as marcam a favor do carácter sistémico de variedade da língua portuguesa em uso instituída pelo corpus - amostra teórica.

Uma abordagem assente no plano dos actos concretos de alocação permitirá concluir que eles constituem actualizações da variedade linguística em uso com graus distintos de formalização.

Na esfera do sistema, compete a este trabalho apresentar a estrutura da variedade linguística em uso considerada e a realização admitida no plano concreto desses usos.

À luz da distinção e/ou aproximação que se estabeleceu entre 'fala', 'variedade em uso' e 'língua', qual será a natureza de 'dialecto'?

O problema de saber como identificar o conceito de 'dialecto' não é uma questão de equacionamento muito recente: ao mesmo tempo que a sistematização de usos linguísticos começou a ser objecto de indagação, o conhecimento da estrutura de suporte à análise das

⁷⁵ O procedimento que assume as variantes como parte da descrição fonológica e que aceita certas variantes como portadoras de traços afectos a determinadas estruturas da língua deriva da interpretação de André Martinet (cf. MARTINET 1973 e 1947: 57, respectivamente), também ela tributária da reflexão de M. Malmberg (cf. MALMBERG 1944).

ocorrências da língua mereceu naturalmente um interesse crescente por parte da reflexão linguística. Mas, pela complexidade de que se reveste, a natureza do conceito de *dialecto* é um domínio relativamente ao qual as respostas são, e ainda continuam a ser, filtradas por um entendimento algo pessoalizado.⁷⁶

A existência de uma pluralidade de eixos na análise das variedades que a língua apresenta naturalmente em uso leva ainda à consideração da noção de 'idiolecto', «término introducido por los estructuralistas contra los dialectólogos tradicionales, que habían señalado la propia heterogeneidad del concepto *dialecto*» (ALVAR LÓPEZ 1969: 23).

Na tentativa de encontrar uma definição que manifestasse a noção de unidade do sistema dentro dos seus limites mais reduzidos, a linguística norte-americana propôs definir 'idiolecto' como «the total set of speech habits of a single individual at a given time» (WEINREICH 1954: 389). Ainda assim, esta concepção, cujo ensejo seria ir ao encontro da

⁷⁶ Para uma panorâmica geral da conceituação de 'dialecto' apontam-se as seguintes reflexões consideradas escolásticas: por 'dialecto', Leite de Vasconcellos entende a variedade regional do português, tendo em conta o seu reduzido afastamento em relação ao português considerado padrão. É de Leite de Vasconcellos o seguinte esclarecimento: «exceptuando os idiomas raianos (mirandês, riodorônês, quadramilês) e os dialectos crioulos, os nossos falares populares não se diferenciam muito profundamente entre si a ponto de as diferenças obstarem a que sejam sempre em geral entendidos no seu conjunto, embora difiram essencialmente» e «devo dizer que com a expressão *dialecto* não quero significar um conjunto uniforme, pois que dentro de cada um desses conjuntos há, como escrevi acima, variações» (VASCONCELLOS 1928-1938: vol. 4, 795 e 796 respectivamente).

A 'dialecto' Paiva Boléo faz corresponder o 'falar' ou 'variedade' (leia-se, por exemplo, a discussão acesa sobre o significado a atribuir aos termos 'dialecto' e 'falar' em BOLÉO 1946: 3-82, especialmente, 13-17). Paiva Boléo faz ainda a distinção entre o que entende por 'linguagem popular' e o que considera ser a 'linguagem regional': «a linguagem popular é a que fala o povo iletrado, em especial das aldeias; linguagem regional é a que usa o conjunto das pessoas de uma determinada região linguisticamente homogénea», isto é, «aquilo a que Leite de Vasconcellos chamou "dialectos"» e que o autor prefere «dar a designação de "falares"». Em harmonia com esse critério, Paiva Boléo considera o mirandês um dialecto, «ao passo que o minhoto ou o beirão» são representativos de «um simples falar» (BOLÉO 1974: 275 e 293 n. 1). Para a correspondente francesa da distinção entre 'dialecto' e 'falar' proposta por Paiva Boléo, leia-se «Dialect» de André Martinet (cf. MARTINET 1954: 1-11).

Serafim da Silva Neto define o 'falar' «como de traços linguísticos distintivos» (NETO 1955: 16 e 19), e, portanto, também manifestação de cultura, entendida esta como expressão de uma herança social.

Lindley Cintra adopta a terminologia de Leite de Vasconcellos, e esclarece que chama 'dialecto' «a toda e qualquer variedade regional de uma língua, seja qual for o seu grau de afastamento em relação ao português padrão» (CINTRA 1971: n. 40).

Para Manuel Alvar López, 'língua' é o sistema linguístico de uma comunidade alocutária e que se caracteriza em relação ao sistema linguístico de outra comunidade alocutária por ser grandemente diferenciado, por possuir alto grau de nivelação, por ser veículo de importante tradição literária e, às vezes, por se ter imposto a sistemas linguísticos de sua própria origem. Já 'dialecto' pressupõe um sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outras de origem comum (cf. ALVAR LÓPEZ 1968). Este linguista, quando se refere a 'falar', efectua a distinção entre os 'falares regionais' e os 'falares locais'. Os primeiros, caracteriza-os por constituírem as peculiaridades expressivas próprias de uma determinada região. Não possuindo a coerência interna de um 'dialecto', resumem-se às peculiaridades regionais de uma língua comum. Os segundos, isto é, os 'falares locais', constituem estruturas linguísticas de traços pouco diferenciados, mas com matizes característicos dentro da estrutura regional a que pertencem e cujos usos estão limitados a pequenas circunscrições geográficas, normalmente de carácter administrativo (cf. ALVAR LÓPEZ 1968).

tal unidade do sistema, não se manifesta passível de operacionalização — basta para isso ponderar, mesmo para um dado momento, a coexistência de sistemas vários.⁷⁷

De uma forma geral, das noções apresentadas, a pluralidade e a complexidade das dimensões actantes tornam-nas de processamento arbitrário e relativo. O grau de semelhança entre dois dialectos, por exemplo, pode variar bastante, mas, independentemente dessa maior ou menor semelhança, continuam a ser considerados dialectos. Além do mais, o conceito de dialecto sustenta-se na diferenciação, o que parece negar a existência da língua enquanto objecto de estudo potencialmente comum pela análise de como funcionam as variedades que a manifestam através do uso mais concreto.

Na base das dificuldades com que a sistematização linguística se depara está, importa dizê-lo, a definição dos conceitos que permitem criteriar os fenómenos analisados.

Neste trabalho, para a realidade da língua que se pretende sistematizar e da qual se descreve o funcionamento de acordo com os dados do corpus - amostra obtida num determinado espaço geográfico circunscrito, poder-se-ia adoptar a nomenclatura 'falar', como a ela se refere Paiva Boléo ou Manuel Alvar López; porém, no seguimento da linha do estruturalismo europeu, dar-se-á preferência ao termo 'variedade (em uso)' por uma comunidade linguística considerada como tal, na medida em que se crê que o próprio conceito concorre para uma operacionalização inequivocamente mais neutra dos fenómenos linguísticos.

Em suma, considerando o quadro operatório apresentado, entende-se a 'língua' enquanto (dia)sistema,⁷⁸ e reconhece-se a 'variedade (em uso)' como a sua concretização em funcionamento — sendo a natureza e a vocação primeira da língua interlocucional, nenhuma descrição dos factos linguísticos poderá deixar de ter em consideração essa dimensão comunicativa-interaccional que preside ao seu funcionamento.

Será importante reconhecer, conjuntamente com a proposta que advoga a noção de língua enquanto representação de um sistema organizado, que todas as realizações concretas desse sistema fazem parte e contribuem para a constituição do todo, e, apesar da variedade ser posta em uso por um número mais ou menos restrito de indivíduos-alocutários

⁷⁷ Sobre a temática da coexistência de sistemas, cf. i, 5: 13. infra.

⁷⁸ Ainda que não seja objecto de estudo neste trabalho discretar sobre a propriedade do termo 'diassistema', fica a referência de que, num âmbito mais lato, esta ideia de língua admitida como como um sistema do sistema já se encontrava em Troubetzkoy: «un tel empiètement de la phonologie dialectale sur les limites des diverses langues (sans égard à la parenté linguistique) puisse être utile, cela ne fait aucun doute. Certains phénomènes phonologiques se répartissent géographiquement de telle sorte qu'ils apparaissent dans plusieurs langues non appatentés, mais géographiquement voisines, ou à l'inverse manquent dans des domaines géographiques plus grands occupés par différentes langues» (TROUBETZKOY 1986: 349).

(população-alvo), ela possui traços que figuram na descrição da língua na medida em que eles funcionam dentro da comunidade maior (população-teórica geral). E, considerando que a língua é o conjunto de todas as variedades, a variedade, por mais 'privada' que se demonstre, deverá ser certificada como expressão sistémica porquanto contribui para completar e valorizar a especificidade da mesma língua.

Esta concepção exige ainda que se clarifique o seguinte: o facto de se ter referido à língua como um diassistema não significa que não se entenda que, perante diversas variedades linguísticas, seja também possível estar-se diante de sistemas distintos.

De tudo o que se expôs decorre a seguinte orientação: começar-se-á por observar o corpus - amostra teórica e obtida de modo a descrever o seu funcionamento e a revelar as características que mostram como os alocutários da variedade em questão analisam a experiência humana em unidades significativas e utilizam as latitudes postas à sua disposição pelos órgãos de produção/articulação da fala.

Da conjugação destes vectores resultarão informações fundamentais para a reconstituição de determinada estrutura linguística⁷⁹, num determinado estado do seu devir, especificadora e demonstrativa de que os alocutários do espaço geográfico do concelho do Fundão fazem, de forma nivelada,⁸⁰ as mesmas distinções fonemáticas e a mesma distribuição de alofones dentro do âmbito de cada fonema; estabelecem, preferencialmente, o mesmo tipo de relações mantidas pelas unidades significativas entre si, presentes em estruturas frásticas modelares e retêm um paradigma semântico, o qual é actualizado para a estruturação informativa das alocações em prol de uma interacção verbal de forma consequente e operativa.

À dimensão que envolve o conceito de 'variedade de língua em uso' com o qual se opera, acrescem-se os procedimentos implicados na identificação de regularidades nos diversos sectores avaliados.

Assim convirá relembrar que à identificação das regularidades de carácter fonológico, de carácter sintáctico e de carácter semântico-informativo que presidem à sistematização dos dados computados e que se consubstanciam num nivelamento comportamental, estará sempre presente, ao logo da análise proposta, a consciência do carácter relativo e absoluto destas.

⁷⁹ Relembre-se o que sobre o conceito de 'estrutura linguística' foi dito em I, 5.: n. 43.

⁸⁰ Para o grau de certeza associado à cobertura da amostra, serão equacionados, através da computação dos dados do corpus - amostra obtida, parâmetros como intervalo de confiança, nível de confiança e erro padrão, como se poderá verificar no decorrer da análise estimada pela ferramenta informática SPSSV.11.0.

Embora já referido, o assunto das regularidades/regras operacionais é aqui retomado atendendo ao objecto específico desta dissertação, onde a descrição/análise da variedade em funcionamento é objecto de reflexão pormenorizada.

Nesta orientação, no que concerne ao lugar que os procedimentos regulares de sistematização das dimensões quer fonológica, quer sintáctica, quer semântico-informativa ocupam, cada uma, na variedade da língua que aqui se analisa, assume-se que eles se caracterizam essencialmente pela modularidade, isto é, que são regularidades simultaneamente dotadas de autonomia e interagentes com as demais regularidades dos sistemas da variedade linguística em geral: regendo-se, cada dimensão, por princípios específicos de funcionamento, a sua identidade constrói-se na medida das correlações que mantêm com as regularidades de funcionamento dos demais componentes da variedade da língua.

Confinado às regularidades e à modularidade dos sistemas, um outro aspecto é necessário sublinhar: o contributo das relações hierárquicas que por vezes se estabelecem entre regras na descrição de sistemas deve ser entendido como artefacto metodológico do qual se sente necessidade, nomeadamente, para a criação de matrizes e tipologias capazes de descrever e de explicitar a organicidade dos fenómenos observados.⁸¹

Concluindo, na base da sua produtividade, as regularidades/regras operacionais registadas ao longo da dissertação são, nem mais nem menos, representações dos mecanismos de uso que têm certo poder preditivo.

Obviamente sensíveis ao contexto, isto é, sujeitas a condições linguísticas de genética e de aplicação funcional, estão portanto condicionadas quer pela base fonológica em jogo, quer pela arquitectura sintáctico-semântica e informativa estruturada na alocação.

13.

Considerada isoladamente a variedade da língua computada em determinado momento do seu devir, reconhece-se ser a análise que se apresenta a estudo como sincrónica, porquanto resultante da descrição de um estado que se demarca de forma concreta.

⁸¹ A representação deste posicionamento respeita a seguinte aceção de John Hewson : «On peut accepter une hiérarchie rigoureuse des règles si l'on accepte en même temps que cette hiérarchie, comme la règle elle-même, est un produit du linguistique-observateur. L'ordre des règles est un ordre logique, une construction du linguistique pour justifier l'ensemble des régularités» (HEWSON 1981 : 19).

Retomando o método da escola de Saussure,⁸² a linguística funcional aponta a possibilidade de perspectivar a análise dos dados da amostra obtida através de duas posições: a visão sincrónica e a visão diacrónica. No entanto, é importante reconhecer que, reclamando a posição tomada pelo Círculo Linguístico de Praga,⁸³ o método funcional advoga uma reformulação da concepção de sincronia — a ‘sincronia dinâmica’ proposta por André Martinet —⁸⁴, na medida em que, relativamente aos factos linguísticos a descrever, admitir-se-á que qualquer sincrónica não é apenas estática nem homogénea.

Foi mérito da análise dos fenómenos linguísticos ter-se promovido uma nova perspetivação relativamente ao estatuto da descrição, já que a observação concreta dos usos linguísticos evidencia que na realidade da linguagem o estudo sincrónico, observador de uma abstracção, para ser validado tem obrigatoriamente que descrever o *linquam facere*, explicando os factos encontrados dentro do próprio sistema de relações entre as unidades: «A língua funciona e é o seu funcionamento que a nós, funcionalistas, nos parece necessário mostrar» (MARTINET 1995: 42).

Adoptando a visão da sincronia dinâmica, a postura da análise funcionalista mostra-se apta a explicitar com mais coerência a diacronia da variedade em estudo (e, consequentemente, a validar o grau de precisão das investigações que se fizerem nessa perspectiva), o que significa que se apresenta também como um posicionamento mais conciliador no sentido em que mantém a interdependência e a reciprocidade entre o estado sincrónico e o estado diacrónico.

⁸² Para Ferdinand de Saussure, cronos é o factor que condiciona a existência de duas linguísticas: uma, onde o ‘tempo’ não intervém, estuda os factos simultâneos e as relações que se estabelecem no sistema; outra tem por objectivo de estudo a evolução das línguas no tempo, comparando diferentes estados sucessivos de mesmo objecto — reflexão esta que leva a questionar se, para o autor, o estado sincrónico seria uma acronia (cf. SAUSSURE 1995).

⁸³ Entre outros membros do Círculo congregantes da mesma visão, Roman Jakobson critica a separação radical entre sincronia e diacronia, que considera errada na medida em que advém do facto de se ter confundido a dicotomia sincronia/diacronia com a dicotomia estático/dinâmico (cf. JAKOBSON 1963: 177). Crítica semelhante é a feita, várias vezes, por André Martinet ao observar que o eixo sincrónico releva aspectos estáticos e aspectos dinâmicos.

Sendo um dado aceite que as línguas se transformam sempre, sem cessar, e em nenhum momento são perfeitamente uniformes, mesmo se se delimitar o estudo a um ponto cronológico fixo no seu funcionamento é natural a identificação da existência, mais ou menos pacífica, de vários sistemas — a dar conta do fenómeno dinâmico na sincronia em relação à variedade do português considerada *standar*, J. Morais Barbosa desenvolveu um estudo mais acurado sobre a realização do fonema /r/ em três variantes (vibrante apical múltipla [r], vibrante uvular [ɣ] e constrictiva velar-uvular [x]): cf. BARBOSA 1983: 188-193 e BARBOSA 1994a: 119 – 120.

Para uma visão panorâmica destes pressupostos, cf. COSERIU 1979b: 270.

⁸⁴ Para André Martinet, a sincronia é perspectivada como dinâmica, uma vez que as línguas se transformam sem por isso deixarem de funcionar. Acompanhando as modificações do grupo de alocutários, a língua deve ser entendida como um processo — e não como um produto —, em permanente mudança no sentido de se adequar, e de acompanhar, as necessidades sentidas por quem a usa: cf. MARTINET 1991: 14, 33; 1995: 76-85.

É por se reconhecer a perspectiva sincrónica dinâmica legitimada por estas premissas que se crê inaceitável o atributo meramente descritivista dado por alguns linguistas à visão que aqui se adopta enquanto método de análise.⁸⁵

14.

Ao associar-se o método dinâmico ao estudo sincrónico como metodologia aplicada particularmente relevante na forma mais capaz de compreender, para descrever, os factos da língua (as propriedades linguísticas a que se chegar fornecerão indicações insubestimáveis relativas à realidade da língua em uso), tornar-se-á claro que, no estudo empreendido, deixa de ser possível dissociar mudança e funcionamento.

Desta consideração entender-se-á igualmente que o funcionamento, ao ser traduzido como mudança de forma, não é, no entanto, passível de ser totalmente dotado de rigor explicativo, devido à especificidade inerente aos produtos mutantes e mudados. A não ser que se avalie a redução de esforço que o alocutário, a todo o momento, procura na transmissão linguística da sua experiência a par do esforço, também constante, que empreende para se fazer entender, não se crê ser possível discretear, de forma inexorável, a razão pela qual a mudança se dá em um sentido e não em outro.⁸⁶

Para assegurar a compreensão mútua, a variedade linguística considerada como o universo de estudo desta dissertação serve claramente de instrumento e de utensílio que permite aos alocutários contratuarem uns com os outros numa relação comunicativa. E se, numa visão diacrónica dos fenómenos, é perceptível a modificação dos factos linguísticos, a justificação da mudança avaliada deve essencialmente recair na consideração de que, hipoteticamente, os factos de língua se adaptam de um modo económico à satisfação das necessidades comunicativas dos alocutários (cf. MARTINET 1991: 14-15).

Embora a abordagem que aqui se empreende não seja a diacrónica, como se teve já oportunidade de esclarecer, esta reflexão processa como consequência necessária a noção

⁸⁵ Embora a abordagem que propõe tenha expressão numa terminologia distinta da proposta, comunga desta opinião Lo Lacom (cf. LO LACOMO 1982: 106-107). Este linguista esclarece que se deve adoptar o termo «dynamique» e não «synchronie dynamique», «car la synchronie dynamique, dans l'usage actuel, implique un point de vue plus descriptif qu'explicatif» (LO JACOMO 1982 : 106).

Não parece ser muito vantajosa essa distinção terminológica, basicamente por duas razões: a primeira resulta da óptica de que um estado sincrónico não é estático na medida em que nos factos que se queiram isolar dentro de um período se encontram processos evolutivos (isto é, um conceito que permite o estudo de «*divers états*» de uma língua susceptíveis de se manterem em copresença, ou num tempo zero da comunicação — cf. HOUDEBINE 1982: 108-110 e HOUDEBINE; ALII 1982: 144); além do mais, é uma distinção que se centra na consciência de que a explicitação dos factos implica necessariamente a sua descrição.

⁸⁶ Desta leitura compreende-se a noção, de âmbito mais alargado, de 'economia linguística', que se passa a citar: «O que pode chamar-se a economia da língua é esta busca permanente de equilíbrio entre necessidades contraditórias que é preciso satisfazer: necessidades comunicativas por um lado, inércia memorial e inércia articulatória por outro, estas últimas em permanente conflito» (MARTINET 1991: 166).

de economia linguística numa relação muito estreita com o que se entende por dinâmica da língua, na medida em que se admite como resultante da confluência de todas as forças presentes no momento de alocação, isto é, citando A. Martinet, «recouvre tout: réduction des distinctions inutiles, apparition de nouvelles distinctions, maintien du statu quo» (MARTINET 1955 : 97).

Porque as necessidades comunicativas se manifestam geralmente numa procura de elementos que sejam os mais pertinentes, quer no plano sintagmático quer no plano paradigmático, — procedimento este que acciona tendencialmente a economia linguística —, a sistematização fonológica, sintático-semântica que se apresentará adiante não equivale exclusivamente à redução a inventários de fonemas e de monemas(/sintemas/sintagmas) verbais e não-verbais escarpelizados, mas também à verificação da propriedade sistémica, à consubstancialização das unidades linguísticas em termos de rendibilidade funcional.

15.

Sem se cair no extremo de se entender a análise linguística com base na sincronia dinâmica como uma perspectiva essencialmente descritivista como foi já referido supra (cf. I, 5.: 12.), ter-se-á, no entanto, de encarar com consciência que a distribuição total de qualquer secção linguística deve ser pré-determinada por um exame atento a todas as unidades em uso da variedade (e delimitada como corpus - amostra teórica), pelo facto de, só assim, os tipos de operações subsequentes poderem vir a ser equacionados como mais realistas e menos especulativos.

Não obstante a pertinência dos parâmetros homogéneos de identificação de valores funcionais que se reconhece no método, entende-se que a constituição de um corpus aglutinador de todos os registos efectuados é uma empreitada humanamente impossível, pelo que se preferiu compor a distribuição dos fenómenos a partir de uma amostragem reconhecível da variedade em uso especificada (designada como corpus - amostra obtida), suficientemente ampla para diminuir as possibilidades de dados posteriores revelarem eventuais novos traços de distribuição.

Por coerência com este princípio, a interpretação das conclusões deve assentar em resultados obtidos a partir de dados de natureza paramétrica, já descritos particularmente em I, 3).

Da mesma forma, a fiabilidade dos resultados advém do tipo de estudo perspectivado, o qual, orientado pelos cálculos matemáticos de análise estatística, convoca etapas exploratórias e de preocupação descritivista, associadas a uma finalidade de hipótese prospectivada através da consideração do nível de confiança e da margem de erro (cf. HENRY 1998)

Decorrente deste ponto, fica por apurar o significado do que se considera a 'amostragem reconhecível da variedade em uso', isto é, o que se entende por 'representatividade dos corpora' ou mais particularmente, como se tem vindo a registar, por 'corpus - amostra teórica' e 'corpus - amostra obtida'.

Devido à variedade existente nos tamanhos de corpora disponíveis,⁸⁷ poder-se-á questionar em primeira instância sobre o tamanho que um corpus deve comportar de forma a ser representativo.

Na sua essência, entende-se que uma amostragem, seja de que tipo for, é sempre considerada como representativa, o que significa que o corpus serve, por definição, a 'representative function' (cf., a este respeito, LEECH 1996: 8-29 e 1997: 1-18).

No que diz respeito ao conceito de 'representatividade', a característica que a ele mais facilmente se associa de imediato é justamente a extensão do corpus, o que também significa que, em termos simples, para haver representatividade, o corpus deve ser entendido como um acervo com o maior número de dados possível (cf. SINCLAIR 1991).

Uma posição como a exposta é certamente devida à consideração do corpus como o espécime de uma população. Neste caso, tornar a amostragem o maior possível é o resultado da tentativa de a aproximar o mais exactamente da dimensão da população da qual deriva (cf. SINCLAIR 1991).

Ainda que seja lícito questionar se a representatividade do corpus, confinada a um acervo de dados, poderá vir a desvalorizar o papel que deve assumir na análise propriamente linguística, entender-se-á que a definição de um conjunto de critérios a adoptar é oportuna e só a partir deles é possível desenvolver um estudo com resultados exploratórios, significativos e, até um certo ponto, extrapoláveis.

⁸⁷ Como será do conhecimento linguístico geral, em 1964 foi criado o primeiro corpus linguístico electrónico, o Brown University Standard Corpus of Present — Day American English, que continha 1 milhão de termos compreendendo 500 textos-exemplos com 2.000 termos cada um. Este corpus Brown, certamente por conter uma quantidade invejável de dados para a época, marcou a Linguística de Corpus ao influenciar como seriam os corpora seguintes quer em termos de reprodução de formato, quer na padronização de representatividade. Na verdade, ao se fixar como uma referência, o tamanho de 1 milhão de palavras tornou-se um marco mais ou menos tácito de representatividade de uma amostragem.

No entanto, o protótipo de tamanho de corpora não se tem mantido sempre o mesmo: a título ilustrativo, o BNC (British National Corpus), completado em 1994, assim como o ANC (American National Corpus) e o Corpus del Español, possui 100 milhões de termos; 450 milhões é o universo de acepções que, em Janeiro de 2002, constituía o The Bank of English. O ICE (International Corpus of English) apresentou como amostragem 1 milhão de dados e o Subcorpus Oral del Corpus de Referencia del Español Actual (CREA) trabalha com 1.100.000 termos. Para a língua portuguesa, a amostragem constituída como universo de análise tem variado, nomeadamente por razões de objectivo das etiquetas, entre aproximadamente 180 milhões de dados em português europeu (o CETEMPúblico — Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) e cerca de 24 milhões em português na sua variante brasileira (o CETENFolha — Corpus de Extractos de Textos Electrónicos NILC/Folha de S. Paulo). O recente CORP-ORAL (corpus de fala espontânea em Português Europeu) arquiva cerca de 300.000 termos.

Uma amostragem cuja representatividade não tenha sido medida de forma apropriada é seguramente uma fonte de erro, embora se tenha percepção de que a esta concepção possam associar-se muitas outras questões, umas mais práticas outras mais filosóficas, algumas das quais inclusivamente têm vindo a ser aportadas.⁸⁸

É certo que cada investigador trata o problema que envolve a constituição de uma amostragem representativa de dados já com um quadro teórico predeterminado, com procedimentos de análise linguística específicos, com os seus objectivos e até hipóteses próprios — o que constitui um módulo interactivo que, de um plano mais amplo, importa respeitar porquanto interage coarticuladamente com a orgânica do processamento dinâmico entre a teoria e o corpus. Mas também é elementar que, num plano menos geral, da teoria ao corpus subsiste uma dinâmica necessária.

De acordo com esta premissa é possível formular hipóteses gerais e hipóteses mais precisas, dando conta, as primeiras, do sistema em geral; de um ou dos aspectos desse sistema, as segundas. Em função dessas conjecturas poder-se-ão extrair diversas manifestações linguísticas com níveis também diferenciados porque específicos, que são o nível estrutural, de onde se relevam os fenómenos invariáveis, como as distinções fonológicas, sintácticas e semântico-informativas; e os outros níveis no quais se verificam as variantes e respectivos graus de expressividade estatística.

Por um lado, poder-se-á objectar este procedimento na medida em que os níveis de que se fala apenas são possíveis de ser estabelecidos a par dos resultados da estrutura linguística analisada e uma vez que o estabelecimento hierárquico dos níveis ocorre no momento da representação dos estudos efectuados. Por outro lado, a aplicação das técnicas analíticas não é assim tão linear, como se verificará no decorrer da análise.

Como estratégia metodológica, actuar-se-á num processo de vai-e-vem entre os objectivos a atingir e os dados a aferir e a calcular, com a certeza de que ao se trabalhar numa estrutura determinada sobre o funcionamento linguístico e sobre as diversas manifestações e modalidades desse funcionamento será aos níveis específicos e igualmente determinados desse funcionamento que irão corresponder as diferentes etapas da análise.

Daqui decorre a consciência de que o progresso da investigação que se efectua afina e enriquece o modelo operativo do qual se partiu, ao mesmo tempo que aspectos particulares do quadro teórico possam vir a ser reformulados diante das hipóteses e da verificação dessas hipóteses.

Posto isto, atendendo à complexidade dos fenómenos linguísticos, e perante a diversidade de pontos de vista sobre esse objecto, sendo o estímulo principal que norteia este

⁸⁸ Para uma visão exaustiva das bases conceptuais da definição de corpus, cf., entre outros, BOMMIER-PINCEMINT 1999: 415-427.

trabalho conhecer o funcionamento intrínseco da variedade em uso pelos alocutários prototizados no espaço geográfico delimitado (população-alvo) enquanto utensílio linguístico de comunicação/interacção social, considerar-se-ão ainda as seguintes formulações de natureza estatística que não excluem obviamente todos os princípios operacionais que têm vindo a ser alvo de reflexão: a determinação do tipo de estudo; a selecção da população-alvo e os parâmetros e técnicas de recolha de informação; os dados a analisar; o modelo de análise e o objectivo a atingir.

Embora não se possa falar, efectivamente, de representatividade em termos absolutos, os dados computados serão programados como a amostragem obtida a partir da qual se torna possível generalizar, à amostragem teórica ou de inferência, as conclusões resultantes.

A concorrer para este objectivo, na selecção do corpus - amostra obtida, serão ponderadas metodologias estatísticas de extracção de dados, de forma a assegurar um número abrangente de traços linguísticos e, conseqüentemente, a validar a inferência das respostas.

De acordo com os dados obtidos a partir do Instituto Nacional de Estatística (Census 2001), a população-alvo presente (homem e mulher), atendida como universo de estudo ou amostragem intencional, é de ≈ 3.189 alocutários, valor ao qual se chegou a partir da equação da seguinte informação-base: população presente no concelho do Fundão (≈ 30.172) + taxa de analfabetismo ($\approx 17,3\%$) – população presente em meio urbano (≈ 1.946).

Deste universo de amostragem deve ser igualmente ponderado qual o número exigível de alocutários a adoptar como dadores.

Relembrando a tradição sustentada pelo método gillieriano, que admite a possibilidade de se constituir um informador único desde que represente um testemunho válido em termos de confiança linguística (cf. POP 1950: 186), e aplicando o critério tabelado pelos ensaios estatísticos, obtém-se uma dimensão de amostra proporcional a $\approx 4\%$ da população-alvo. Para dispor os dados à computação, elegeram-se alocutários-dadores prototizados da população-alvo, convencionados como tal pela assunção prévia de que se inserem na comunidade linguística/população-alvo numa relação de vinculação irrevogável em termos de comunicabilidade.⁸⁹

De forma a constituírem registos a trabalhar, um número de dados computados são transcritos através de notação fonética de modo a serem passíveis de inventariação contextualizada e de conseqüente identidade estatística.

Por este processo crê-se ser possível, numa primeira instância, determinar as unidades linguísticas segundo uma estrutura de individualização em subsistemas e, numa segunda instância, apurar a rendibilidade funcional de algumas oposições tendo em conta a

⁸⁹ Cf. o que sobre esta matéria ficou estabelecido de forma mais particular em I, 3..

utilidade e a utilização da oposição, ou seja, o uso funcional admitido com um peso percentual mais expressivo (como ficará declarado de forma precisa na CONCLUSÃO: cf. IV).

16.

Para além da identificação da matéria-objecto que este trabalho propõe descrever em funcionamento, a análise da dimensão variedade linguística em uso requer ainda a dilucidação do estatuto dos traços operacionais-metodológicos adoptados, na medida em que eles exercem algum poder de afectação no que se conclui, como também já foi referido supra.

Ainda assim, a convicção de que os critérios com base nos quais se procede à demarcação da posição tomada perante os fenómenos implicados nesta dissertação obriga a que se deva esclarecer mais em pormenor um certo número de pressupostos fundamentais, dos quais decorre a aceitação de determinadas consequências, representadas e explicitadas com a coerência dos factos linguísticos.

O conhecimento dos pressupostos envolvidos no discurso sobre a análise dos factos prende-se essencialmente com a necessidade de conferir ao trabalho um estatuto dado por via do enquadramento, dispondo os procedimentos operacionais e os resultados da investigação a que se chegam.

Face à pluralidade, e mesmo complexidade, das dimensões actantes no processo de análise/descrição do funcionamento da variedade/corpus - amostra obtida, como se tem vindo a demonstrar ao longo deste excuro, a teoria funcionalista martinetiana que aqui é reclamada pretende alcançar o sistémico relevado pelas realizações através do exame dos dados produzidos por alocutários-dadores em acção. Quer isto dizer que a primazia é dada ao momento de alocação e às relações que nele se vêem estabelecidas, deduzindo-se o sistema através da computação dos factos pelo processo empírico-dedutivo (cf. MARTINET 1995: 11-40). Da adopção deste método crê-se que resultam dados irrevocáveis.⁹⁰

Por outras palavras, a actividade científica que institui a descrição do modo de funcionar da variedade em uso no universo constituído pressupõe uma teoria que, em prol da coerência, cria obrigatoriamente uma 'linguagem' e 'modelo' próprios.

Face à configuração do objecto de estudo em torno do qual se instancia a variedade linguística de que uma comunidade faz uso para interagir (no sentido de ser um «*organum* para comunicar uno a outro algo sobre las cosas» — BÜHLER 1985: 44), essa variedade em uso, enquanto entidade complexa, poderia ser analisada através de pontos de vista diferentes. Impõe-se, no entanto, a escolha do ponto de vista no estudo do objecto e, uma

⁹⁰ Fazem-se eco de uma posição deste tipo as seguintes palavras: «l'objectivité d'une théorie est assurée par la confrontation avec les données empiriques» (LAZARD 2001: 12).

vez seleccionada, fundamenta a estrutura profunda dos resultados atingidos (cf. GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ 1997: 17-18).

Por fim, não oferece dúvidas que se deverá aferir o grau de verdade pela experimentação, e que, de intermeio, será necessário conjecturar hipóteses de carácter explicativo e interpretativo, enunciadas a partir do conhecimento empírico do objecto.

Assim se torna evidente que a condição de verdade ou de falsidade ditada pela sua verificação só ganha pertinência nas condições criadas pelo investigador.

Em síntese, o que se disser nesta dissertação tem assento em critérios que se revelam apropriados a explicar capazmente muitos dos fenómenos, salvaguardando-se os casos em que nem sempre é tão clara a impermeabilidade de fronteiras.

A fazer fé nas informações e condições disponíveis, as razões hipotizadas que se formulam até se atingir a objectividade de onde decorrem as conclusões permitirão, nestes termos, descrever o funcionamento corroborado do objecto variedade da língua que se propôs observar.

Com o tributo dos instrumentos operatórios perfilhados, advoga-se em favor da análise do modo de manifestação da variedade da língua-alvo. De forma associativa, não separando as vertentes formais e de sentido inerentes à estrutura da unidade linguística, a proposta em apreço será essencialmente traçada nas partes II e III desta dissertação.

capítulo 6

organização do trabalho.

No termo da primeira parte, merece ser referida a estrutura organizacional do trabalho que se apresenta.

Esta dissertação apresenta-se dividida em quatro partes ou secções.

A primeira, INTRODUTÓRIA, é constituída por seis capítulos de preocupação essencialmente informativa e teórica. Após uma secção preliminar, onde se descreve um percurso dialectológico¹ que leva à apresentação dos objectivos do estudo, determinam-se as fontes compulsadas e equacionam-se alguns pontos relevantes com que se depara a análise da variedade da língua em uso avaliada como população-alvo.

Da diversidade de correntes e orientações que coexistem na linguística contemporânea, optou-se por seleccionar e adoptar, de acordo com aptidões sentidas como mais representativas, aquela que se considera ser uma adequada abordagem do objecto em análise e a descrever. Explorando e absorvendo as virtualidades que decorrem da metodologia e da perspetivação legadas pelo funcionalismo, adoptando uma visão dinâmica do fenómeno da língua em uso, construiu-se um modelo de tratamento da dimensão da variedade linguística que se pretende operacional, porque simultaneamente conforme com a realidade da língua que se analisa e com os princípios básicos de organicidade e de funcionamento desta.

A segunda e a terceira partes, eminentemente práticas, são consagrada à descrição do sistema da variedade da língua em uso avaliada como corpus-amostra e, por tal, resultam da aplicação do modelo antes construído.

De objectivos mais experimentados, a parte II, de dimensão FONOLÓGICA, decompõe-se em cinco capítulos. A parte III, de perspetivação SINTÁCTICA/SEMÂNTICA E INFORMATIVA e

¹ Por percurso dialectológico entenda-se o estado de arte de estudos e de técnicas já mostradas à comunidade científica (sem que se tome perante estes e estas uma posição filiadora explícita), tendo em vista a sistematização e interpretação de traços linguísticos cuja existência é reveladora de um sistema linguístico comum.

cujo objectivo releva de uma preocupação linguística de descrição mais abrangente, apresenta-se organizada em dois capítulos.

Nelas mostrar-se-á o funcionamento efectivo do corpus-amostra obtida enquanto utensílio de comunicação, isto é, apresentar-se-á a combinação articulada que a variedade oferece aos que dela dispõem para construir e entender mensagens novas, sendo estas mensagens (a linearidade dos enunciados emitidos pelos alocutários) a correspondência linguística da globalidade da experiência analisada.

No procedimento de descrição do modo de funcionar da variedade linguística que aqui se leva a estudo, partir-se-á dos factos observáveis, isto é, do que é manifesto (os significantes descritos em termos de componentes fonéticos), para depois se passar para o que não é manifesto, visto que na comunicação linguística se significa algo não manifesto por meio de algo manifesto, como é do conhecimento linguístico geral.²

Disseminado pelas suas diferentes secções, é em II e em III que consta o corpus-amostra de materiais afectos à variedade que se analisa. Os exemplos, ditos 'autênticos' (porque provêm essencialmente da notação de sequências fonéticas perceptíveis in loco) admitidos como amostra nesta dissertação surgem numerados convencionalmente pela ordem de ocorrência pretendida.

Na parte II, para cada posição silábica, as sequências notadas como exemplificativas apresentam-se essencialmente por ordem alfabética.

A descrição do sistema fonológico assenta numa visão bipartida, a um tempo estrutural e dinâmica da língua, que se concebe pelo sistema vocálico e pelo sistema consonântico. A posição do grupo silábico activa uma estruturação operacional e característica da descrição fonológica: o paradigma do sistema VOCÁLICO ACENTUADO, PÓS-ACENTUADO, PRÉ-ACENTUADO; o paradigma do sistema CONSONÂNTICO EM POSIÇÃO INICIAL DE SÍLABA, INTERVOCÁLICA, e em POSIÇÃO FINAL DE SÍLABA; e o do sistema das FORMAS CONSIDERADAS 'CLÍTICAS'. Ainda neste sector específico, porque observável no âmbito da fonologia combinatória, tece-se uma apresentação do sistema das unidades fonológicas resultantes do contacto de /SEGMENTO VOCÁLICO FINAL DE UMA UNIDADE ACENTUAL + SEGMENTO VOCÁLICO INICIAL DA UNIDADE ACENTUAL/.

Processos e paradigmas tanto sintácticos como semântico-informativos interceptam diferentes componentes e activam um leque de variáveis que, na descrição do sistema sintáctico e semântico-informativo, de acordo com o modelo operativo perspectivado, clarificam a dilucidação do que se releva da variedade em uso perceptível na população-alvo tacitamente delimitada.

² Como já se teve oportunidade de expor, esta configuração espalda-se na secção I, e, de forma muito aproximada, evoca a visão funcionalista do estruturalismo europeu martinetiano (cf. MARTINET 1991: 41).

Encerra a presente dissertação uma parte, a quarta, de CONCLUSÕES, acompanhada de ANEXOS especialmente demonstrativos da análise estatística programatizada.

A apresentação BIBLIOGRÁFICA expõe as referências que mais se revelaram essenciais.



+

capítulo 1

vocalismo acentuado

0. introdução.

Veja-se o comportamento do sistema vocálico acentuado nas posições de sílaba aberta, de sílaba aberta seguida dos fonemas /. λ -/ e /. η -/, /. \check{s} -/ e /. \check{z} -/ heterossilábicos, de sílaba fechada por /-L./ (se é última ou única da unidade acentual ou se não é única nem última da unidade acentual), de sílaba fechada por /-N./, de sílaba fechada por /-R./, de sílaba fechada por /-S./, de sílaba fechada por /-j./, por /-jN./ ou /-jNS./ e de sílaba fechada por /-w./ e por /-wN./ ou /-wNS./.

1. em sílaba aberta.

/i/: «anterior» de «abertura 1»

/e/: «anterior» de «abertura 2»

/ɛ/: «anterior» de «abertura 3»

/a/: «central» «aberto»¹

/a/: «central» «fechado»

/o/: «posterior» de «abertura 3»

/ɔ/: «posterior» de «abertura 2»

/u/: «posterior» de «abertura 1»

A individualidade fonológica destas unidades atesta-se em:

/ˈvi/ x /ˈvɛ/

/ˈpɛ/ x /ˈpa/ x /ˈpɔ/

/ˈkama/ x /ˈkoma/

/aˈvɔ/ x /aˈvɔ/

¹ Explicita-se neste momento que o traço «aberto» deve ser entendido aqui apenas como expressão que, numa oposição de dois termos, serve para designar o carácter que neste contexto, relativamente à localização, se opõe a «fechado».

/ˈtɔdu/ x /ˈtudu/

Os alofones destes fonemas são, respectivamente: [i], [ɐ ɐj ɐa ɐw ɐwɪ], [ɐ a_w ɐ jɐ jɐ ɐj], [a_w ă_w ẽ_w õ ˈa_w], [a a_j a_j a_w w_a ɐ ɐ a_w], [ɔ ɔj ɔˈw ɔ], [o_j], [u_j u_jj].

São variantes livres e/ou individuais, de acordo com contextos mais específicos, os timbres perceptíveis que se agrupam de seguida: [ɐ ɐj] e [ɐw ɐ], relativamente à manifestação física de /ɐ/; [ɐ a_w] e [jɐ ɐ jɐ], relativamente a /ɐ/; [ă_w ẽ_w], [ă_w õ] e [ˈa_w a_w], relativamente à realização de /a/; [a a_j], [a a_j], [a a_w ɔ], [a w_a], [a a_w], [a a_w ɐ] e [a ɐ], relativamente à realização de /a/. No que diz respeito à manifestação perceptível de /ɔ/, documentam-se [ɔ ɔj], [ɔ ɔˈw] e [ɔ ɔ]; em relação à de /u/, [u_j u_jj].

Observe-se:

1.1. /ɐ/

O fonema /ɐ/ realiza-se com um grau de abertura intermédio entre /ɐ/ e /ɛ/; mas, por apresentar uma ressonância perceptível pouco nítida em termos de definição, não se adopta um símbolo diferente de [ɐ].

Leiam-se as seguintes notações:

1. [kəˈðɐɾə] (T, V)
2. [kəˈsɐɾə] (P)
3. [ˈdɐðu] (FAT)
4. [mãˈtɐɾə] (E, SALG)
5. [ˈvɐɾə] (L)

Quer em posição inicial quer em localização mediana, especialmente circunstanciada a um contexto definido pela presença de consoante «não palatal», a forma mais produtiva do subsistema é a que se realiza com o timbre [ɐ], cuja ocorrência atinge o nível perceptível de ≈54,2%.²

² Considerada umas das características fonéticas das variedades linguísticas portuguesas meridionais, a chamada monotongação do ditongo [ɐj] a [ɐ], foi devidamente assinalada por J. L. de Vasconcellos: «... devant une consonne, existe dans la partie orientale de Trás-os-Montes (Moncorvo) et dans une partie de la Beira Baixa; et domine dans tout le Sud, exception faite de quelques endroits voisins de la Beira-Baixa (Alvaiázere),... et aussi exception faite de Lisbonne ...» (VASCONCELLOS 1987: 93); por L. F. L. Cintra no corpus linguístico de todo o Sul e grande parte do Centro do País, «onde se diz ferrêro, sapatêro, lête, pêto e pêxe» (CINTRA 1958: 186-195).

Além destes autores, outros também já registaram este fenómeno fonético na variedade da língua de Monsanto (cf. BUESCU 1984: 87) e do Barlavento Algarvio (cf. NUNES 1902: 37 e HAMMARSTRÖM 1953: 130). M. de P. Boléo refere-se igualmente a ele, sublinhando-o em mapa geográfico (cf. BOLÉO 1974: mapa nº 8).

De forma mais pontual ($\approx 20,1\%$), nota-se a realização fonética dita ditongada [ej], em especial nos dados recolhidos em SC, facto que torna a variável formal residual e, consequentemente, menos caracterizadora do subsistema.³

6. [a'zɛtə] (ATC, S, PA); 7. [a'zejtə] (SC)
8. [də'retʷ] (P)
9. [dʲɾɐʷ] (P); 10. [dʲɾɐjɾʷ] (C)
11. [kə'dɛjɾə] (E, SALG)
12. [mã'n'gɛɾə] (C, P)
13. [mã'n'tɛgə] (E, SALG)

Nomeadamente quando posicionada em final da unidade acentual, a unidade /ɐ/ realiza-se com o timbre ditongado [ej]: junto a [ɐ] desenvolve-se um som perceptível da mesma região de articulação. Com um peso percentual de $\approx 12,5\%$ em termos de frequência das ocorrências, nota-se, ainda assim, por vezes, o segundo elemento da sequência fonética muito débil.⁴

Neste ponto, merece uma observação a presença da sequência sonora [ej] que, no discurso dos alocutários-dadores, surge em uso relativamente expressivo ($\approx 12\%$), especialmente no daqueles que, por característica e/ou por condicionantes extralinguísticas,⁵ revelam ter uma alocução mais pausada.

São alguns exemplos os seguintes:

14. [pruɲ'kɐ] (P)
15. [vɔ'sɐ] [C]
16. [vɔʃəmə'sɐ] (ATC)

Outro exemplo mais estrito da realização do elemento /ɐ/ acentuado em final de unidade acentual é o som perceptível [ɛə]. Embora merecedora de notação, no corpus analisado esta ocorrência é apenas averbada em S na sequência 17. [vɔʃəmə'sɛə], facto que permite considerá-la pouco rentável na variedade linguística estimada ao estudo apresentado: no subsistema em que se manifesta atinge apenas o peso percentual de $\approx 4,2\%$ de ocorrências.⁶

³ Por outro lado, também na localidade de SC, marcam-se alguns depoimentos, ainda que de forma não exaustiva, da realização [aj], que provavelmente constitui, com [ej], um alofone mais recente. Cf. notação 332. como exemplo.

⁴ A verificação da sequência fonética [ej] concorda com a ideia manifestada pelos que, nos estudos dialectológicos portugueses, admitem haver uma tendência para a criação dos chamados ditongos decrescentes (cf. VASCONCELLOS 1987: 90 - 94).

⁵ Cf. o que se disse sobre os elementos extralinguísticos em I, 5.: 2..

⁶ Um timbre perceptível idêntico foi analisado na variedade linguística de Odeleite (cf. CRUZ 1991: 13).

Outras vezes ($\approx 12,5\%$), /e/ apresenta-se com uma forte característica velar, como um [e_w] que se apresenta alternativo a um [e] sem que se observe um condicionamento muito claro que justifique a ocorrência.

Interessa reter a este propósito que, apesar do timbre velarizado [e_w] apresentar uma ressonância muito semelhante à de [a_w], a individualidade fonética e fonológica entre /e/ e /a/ mantém-se, atestada pelo confronto ilustrado pela oposição 18. ['ke_wḑa] x 64. ['ka_wḑa], /'keda/ x /'kaḑa/, «queda» x «cada». Ainda que de fonemas distintos se trate, é clara a observação de que a fronteira entre as realizações fonemáticas apresenta contornos pouco estanques e exactos.⁷

Alguns exemplos da alternância entre [e_w] e [e] são:

19. [kə'ḑe_wsjuš] (O, VP); 20. [kə'ḑe_sjuzuš] (P) (formas do significante de «cabeço»)
 21. ['se_wḑa] (L); 22. ['seḑa] (L, P) (formas do significante de «queda»)
 23. ['me_wḑu] (C, P)

Na contextualização do som perceptível [e_w], descreve-se o mesmo condicionamento indicado para a sequência fonética [ej], observando, no entanto, que a ressonância [e_w] ocorre com mais frequência em unidades cuja estrutura silábica é singular (monossilábica).

De acordo com o corpus - amostra obtida, estas estruturas monossilábicas estão representativamente mais circunscritas às formas verbais, sendo o peso percentual da frequência das ocorrências de $\approx 8,3\%$.

São casos:

24. ['le_w] (forma do significante de «lê») (O, VP)
 25. ['ve_w] (forma do significante de «vê») (O, VP)

1.2. /e/

No que diz respeito a /e/, a computação das ocorrências permite afirmar que o timbre mais aberto [e], com uma ocorrência a atingir a percentagem frequentativa de $\approx 47,7\%$ pode conviver em alternativa com a variante [a_w] (esta atinge $\approx 13,1\%$), especialmente em contexto verbal.

Veja-se:

26. ['le_va] (FAT); 27. ['la_wvə] (P) (formas do significante de «leva»)
 28. ['kə_rə'zə] (forma do significante de «quere-la») (P)
 29. [kə'zə_ra] (C); 30. [ki'za_wrə] (P) (formas do significante de «quisera»)
 31. [ki'zə_re] (L); 32. [ki'za_wr^e] (C) (formas do significante de «quiser»)

⁷ Relembrem-se noções de 'centro de gravidade óptimo' e de 'campo de dispersão' (cf. BARBOSA 1994a: 69, 170).

33. [ˈsɛřǻ] (T, V); 34. [ˈsawřǻ] (LAV) (formas alternativas do chamado ‘imperativo, na segunda pessoa do singular’ de «serrar»)

Outro caso de alternância é o que se verifica entre os timbres perceptíveis [jɐ] e [ɐ] no condicionamento mais estrito de estrutura /ˈkɐ.ˌ/, ou /kiˈɐ.ˌ/. Neste último condicionamento, observa-se ainda a debilidade de timbre do som perceptível dito semiconsonântico.

35. [ˈkɐtʰ]; 36. [ˈkɐtǻ] (ATC; S); 37. [ˈkiɐtʰ] (V)

Recolhido especialmente em P, circunstância que reserva a amplitude das conclusões sobre a variável, assiste-se ao fechamento do som perceptível vocálico a [ɐ], com uma frequência de ocorrência a atingir ≈8%, ainda que possa encontrar-se antecedido por um [j] de timbre débil.

38. [ˈkɐtǻ]; 39. [ˈkiɐtǻ]

Especialmente quando posicionado em sílaba final absoluta, a manifestação perceptível de /ɐ/ apresenta um desenvolvimento em termos de ressonância a [ɐj] (≈13,1%),⁸ onde o segundo elemento ([j]) é mais ou menos perceptível consoante a alocação revele uma menor ou maior dinâmica em termos de amplitude na linha temporal da realização.

40. [ˈfɐj] (C, O, P); 41. [ˈfɐ] (VP)
 42. [kǻˈfɐj] (ATC, P); 43. [kǻˈfɐ] (S)
 44. [ˈpɐj] (C, O, P); 45. [ˈpɐ] (VP)
 46. [ˈzɐj] (P); 47. [ˈzɐ] (C)

1.3. /ǻ/

Em posição acentuada e em sílaba aberta, a realização de /ǻ/ atesta, de acordo com a análise efectuada ao corpus - amostra obtida, uma manifesta tendência para a ressonância velar (≈43,8%). Nota-se, por isso, como [aw].

Verifique-se:

48. [sɛ̃miˈta_wriu]⁹ (ALJ, SALG);
 50. [ˈsawřǻ] (SALG) (forma do significante de «serra»)¹⁰

⁸ Com idênticos contornos contextuais, J. L. de Vasconcellos registou o fenómeno linguístico no Sul (cf. VASCONCELLOS 1987: 102), na Estremadura (cf. VASCONCELLOS 1897-1899: 144), no Alandroal – Alentejo (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 26 e VASCONCELLOS 1895- 1896a: 32), em Avis (cf. VASCONCELLOS 1895- 1896a: 219), em Évora, em Beja e em Serpa (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 18, 40-41 e 44 respectivamente) e, na Região Algarvia, em Cabanas de Conceição (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 328). Em Monsanto, idêntico fenómeno foi também verificado por M.^a L. C. Buescu (cf. BUESCU 1984: 87); na freguesia de Capelas em S. Miguel, por G. Hammarström (cf. HAMMASTRÖM 1953: 135) e na variedade linguística de Odeleite, por S. da Cruz (cf. CRUZ 1991: 8-9).

⁹ Com /sɛ̃miˈta_wriu/ concorre 49. [samiˈtɐriu] (P) — denúncia de um caso eventual de flutuação?

Seguida de «nasal» heterossilábica, esta unidade é realizada ou como um [ã_w] (≈25%) ou como um som perceptível mais fechado, igualmente velarizado, situado entre o modo de realização de [ɐ] e de [a], e que se representa por [ẽ_w] (≈12,5%).¹¹

- 51. [kã_wnə] (E)
- 52. [kã_wmə] (FAT, V)
- 53. [sɔ̃ə'mã_wnə] (P), a par de 54. [sɔ̃ə'mẽ_wnə] (P)
- 55. [ʃɔ̃ə'pã_wnə] (L), a par de 56. [ʃɔ̃ə'pẽ_wnə] (L)

Seguido de /-muS./ (significante da determinação verbal pela «4.^a pessoa»), a par da realização [ã_w], nota-se perceptível o fechamento de timbre, acompanhado de uma espécie de deslize para a série posterior, e que se representa como um [õ] nasalado por imperativo do contexto fonético. [ã_w] e [õ] constituem assim formas alternativas da chamada vogal do radical dos verbos da primeira conjugação ou do tradicionalmente designado 'presente do conjuntivo'¹² dos verbos que não sejam de tema em -a.

Naturalmente devido a razões de propriedade articulatória (coarticulação), a variante alternativa [õ], cuja ocorrência atinge o nível percentual de frequência de ≈25%, está dependente da realização da «bilabial nasal» inicial da sílaba subsequente, na medida em que o fluxo egressivo de ar necessário à produção deste segmento fonético, antes de alcançar o exterior, sofre uma obstrução completa originada pelo contacto dos lábios superior e inferior.¹³

Leiam-se os exemplos seguintes:

- 57. [kẽ'mã_wmuzjuʃ] (A); 58. [kẽ'mõmuzjuʃ] (P) (formas do significante de «comamos»)

¹⁰ Isto é, forma do significante de /'səřə/ (= 'instrumento cortante de lâmina dentada de aço'), que se opõe fonologicamente a /'seřə/ (= 'grande cadeia de montanhas ligadas entre si').
Perante estes dados, e atendendo à notação [səřə] enquanto forma alternativa de [seřə] — ambas formas do chamado 'imperativo, na segunda pessoa do singular' de «serrar» (cf. notações 33. e 34. — merece considerar-se o seguinte: comparando os testemunhos materiais de /ə/ e de /ɐ/, o tipo de problema que pode ser levantado é o que se prende com o facto de o som perceptível [a_w], ao constituir também um alofone da unidade /ɐ/ (cf. n. supra), provocar a perda de identidade fonológica entre /ɐ/ e /ə/. No entanto, basta confrontar novamente o par /'seřə/ x /'səřə/ para se comprovar que tanto /ɐ/ como /ə/ se mantêm fonologicamente como unidades autónomas, embora se admita que o espaço de fronteira entre as suas realizações possa estar muito estreito. Além do mais, a ambiguidade que pode ser sugerida pela semelhança das realizações fonéticas perceptíveis é naturalmente esclarecida pelo contexto de locução no qual se inscrevem.

¹¹ Na explicitação de um fenómeno fonético idêntico, Hammarström faz dever à acção dos sons perceptíveis consonânticos nasais a ressonância velarizada (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 136 e 153).

¹² A análise funcional das modalidades verbais, segundo a proposta de J. M. Barbosa, será objecto de tratamento em III.. Até lá, por conveniência metodológica, far-se-á uso da terminologia da gramática tradicional, a não ser em casos de absoluta necessidade explicativa e de congruência na descrição do modo de funcionar do corpus/amostra.

¹³ De forma mais circunstanciada, ler as descrições sobre a estrutura articulatória dos sons de língua portuguesa standard em BARROSO 1999: 43-113.

59. [ˈdã_wmuzjuš] (P); 60. [ˈdõmuzjuš] (BC) (formas do significante de «damos»)
 61. [ˈvã_wmuzjuš] (C); 62. [ˈvõmuzjuš] (P) (formas do significante de «vamos»)

De acordo com as formas analisadas, não se pode deixar de sublinhar a presença da sequência [w_a]: na verdade, quando a unidade /a/ está precedida da «dorsovelar surda», ainda que de timbre perceptível fraco e sem um carácter geral (os dados computados atingem um nível de frequência de ≈6,3%), nota-se a presença de um som perceptível semiconsonântico labiovelar.

63. [ˈk^wa_wḏa] (D), a par de 64. [ˈka_wḏa] (P)

1.4. /a/

De acordo com os dados compulsados, a unidade /a/ apresenta um timbre afectado por uma leve ressonância velar, que não se demarca diferente de [a] por ser de percepção muito débil. Estatisticamente, os dados aferidos relevam de um nível de frequência de ≈34,8% de ocorrências.

Vejam-se as notações/casos que se seguem:

65. [ašẽ_wⁿˈtaḏa] (E, SALG)
 66. [baṭeˈzaḏ^u] (E, SALG)
 67. [ˈfaḵa] (O, VP)
 68. [ˈkaḵa] (C, P)
 69. [kraˈvaḷ^u] (D, E); 70. [kaˈvaḷ^u] (P) (formas do significante de «carvalho»)
 71. [raḵaziˈaḏa] (L)

Por outro lado, quando a sílaba pré-tónica apresenta os fonemas /e/, /o/ e /u/, e/ou quando está imediatamente precedida de «palatal» ou «chiante», certamente como manifestação da influência da zona de articulação,¹⁴ atesta-se a coexistir com [a] o timbre palatalizado [a_j]. Com uma frequência em termos de percentagem de ocorrência a atingir ≈15,9%, o timbre [a_j] resulta certamente de uma ligeira diminuição do volume da cavidade bucal e, consequentemente, de um pequeno aumento do volume da cavidade faríngea.¹⁵

São exemplos da realização [a_j] as seguintes notações:

72. [fəˈka_jiː] (O, VP)
 73. [seˈfa_jiː] (C, P)
 74. [ãṃoˈša_jḏ^u] (C, P)

¹⁴ Atente-se que, do que foi possível avaliar pela análise do corpus-amostra obtida, as «chiantes» são muito frequentemente realizadas como ápico-alveolar-palatais (para uma descrição mas pormenorizada do caso, cf. II, 6.: 1.5., 2.5., 3.3. e 3.4.; 7.: 1.1..

¹⁵ É interessante observar que, em condicionamentos idênticos, a manifestação da característica palatal é levada ao extremo com a realização da sequência [a_j], na variedade linguística geograficamente próxima da que aqui se apresenta em estudo (Monsanto): cf. BUESCU 1984: 84 e 85.

75. [fu_j'majrⁱ] (O, VP)
 76. [ba_j'la_jrⁱ] (O, VP)
 77. [nã^mo'ra_jđ^u] (P)
 78. [řə_jã^mpə'žə_jrⁱ] (O, VP)

Com um carácter não regular, a atingir o índice percentual de ocorrências de ≈11,4%, observa-se que, junto do timbre [a] em sílaba tónica seguido de «apical» («surdo» ou «sonoro») ou de «sibilante», pode desenvolve-se o timbre [j], realizando-se a sequência como um ditongo decrescente [aj].

79. ['ajdr^u] (E, SALG); 80. ['ađr^o] (P)
 81. [sə'fajt^o] (E, SALG); 82. [sə'fatⁱ] (C)
 83. [ə'kwajz_jə] (E, P)
 84. [dz_j'grajs_jə] (AL)
 85. ['grajs_jə] (D, E)

Esta realização ditongada do timbre pode justificar outros usos onde, por analogia, se assiste à ocorrência (em ≈4,5%) de uma espécie de 'atração' do elemento pós-acentuado /i/ para junto da sílaba tónica: junto a /a/, assiste-se à presença de um timbre semiconsonântico perceptível como palatal ([aj]), de acordo com os exemplos:

86. [řu'zajr^u] (E, SALG), a par de 87. [řu'zəri^o] (P)
 88. [vi'gajr^u] (E, SALG), a par de 89. [vi'gar^o] (P)

Quando a /a/ se segue uma unidade silábica combinada por «dorsovelar» mais «labiovelar» como é o caso de /'agw-/, a par da realização ['agw-], é também clara a formação da sequência [əw] (≈11,4%) em ['əwg-]¹⁶, resultando numa série em que o /w/ 'primitivo', umas vezes, se mantém de timbre pleno; outras, é apenas ligeiramente perceptível; outras ainda, se dissimula em [o] e até, em alguns casos, embora pouco frequentes, deixa de ser perceptível a sua realização.¹⁷

90. ['əwgə] (C, FAT, P), a par de 91. ['əwgwə] (P)
 92. [ə'nəwgə] (E), a par de 93. [ə'nəgwə] (P)
 94. ['fəwgwə] (E), a par de 95. ['fəgwə] (E)
 96. ['məwgə] (AL, P), a par de 97. ['məgwə] (P)
 98. ['təwbə] (AL), a par de 99. ['təbwə] (P)

¹⁶ A 'atração' de u precedido de «dorsovelar» para a sílaba tónica tem sido registada por diversos dialectólogos em diferentes variedades linguísticas (cf., como exemplos, VASCONCELOS 1970: 78; MARTINS 1954: 184; HAMMARSTRÖM 1953: 154).

¹⁷ Por se tratar substancialmente do mesmo fenómeno, que se estende também ao vocalismo átono, pode-se acrescentar, por aproximação, o da forma verbal [Awgwēⁿtə'rēmuzjuš] (P).

Depois da «dorsovelar sonora» a preceder /a/ em posição tónica, nota-se o desenvolvimento do timbre [w] como um elemento labiovelar destacado do som perceptível consonântico.

Este timbre perceptível como labiovelar, que forma uma espécie de ditongo crescente com o [a] tónico seguinte, resultando na sequência [wa] (com o nível percentual em termos de frequência das ocorrências de $\approx 6,7\%$), surge certamente por um fenómeno natural de correlação com a correspondente «surda» /k/.¹⁸

100. [lu'gwari] (P, T, V)

101. [a'kwajzə] (E, P)

102. [k'wazə] (P, V).

A par da realização [a], inclusive nas mesmas unidades acentuais, observa-se o timbre velarizado [aw] com um nível de ocorrências a atingir $\approx 6,7\%$, reservando-se no entanto o timbre [a], mais forte em termos acústicos, especialmente para quando o som perceptível vocálico pré-tónico não é, ou é menos, perceptível.

Comprovam-no as notações seguintes:

103. [b'ərawkə] (P); 104. [brəkə] (AL, D, V) (formas do significante de «buraco»)

105. [bəsj'kawri] (C); 106. [bsj'kari] (AL) (formas do significante de «buscar»)

107. [tə'rawva] (ALJ); 108. [trava] (AL, FAT) (formas do significante de «tirar»)

Conjuntamente com o som perceptível [a], os timbres perceptíveis [aw] e [ə]¹⁹, este com uma percentagem de frequência de $\approx 4,5\%$, são a manifestação formal da vogal temática dos verbos em –a na chamada 'primeira pessoa do plural do mais-que-perfeito do indicativo':

109. [ã'n'darãmzə] (A); 110. [ã'n'derãmzuš] (C, P); 111. [ã'n'dawrãmzə] (A)

112. [dã'sarãmzuš] (BB); 113. [dã'serãmzuš] (O)

114. [saɫ'tãmzə] (C)

Com o peso percentual de $\approx 4,5\%$ de frequência de ocorrências, o timbre perceptível [ə], a par de [a], é igualmente manifestativo da forma do significante amalgamado da dita 'primeira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo' dos verbos de tema em –a.

São exemplos de [ə] os seguintes:

115. [dɛ'šẽmuzuš] (forma do significante de «dançámos») (C, P, S)

¹⁸ É de observar que quando /a/ se encontra em posição tónica, fechada e seguida de «dorsovelar surda» heterossilábica, o timbre perceptível semiconsonântico desenvolvido é apenas ligeiramente perceptível: [k'wawda] (D) (cf. notação 63.).

¹⁹ M.^a C. Duarte traça a área linguística analisada na zona de Castelo Branco, assim como na da parte setentrional de Portalegre e em dois pontos do concelho do Sabugal, na verificação da realização do fonema /ə/ em contextos similares aos que aqui se descrevem (cf. DUARTE 1950: 213 - 246, em especial, 218 - 226).

116. [ma'tẽmuzuʃ] (forma do significante de «matámos») (MR, V)

1.5. /q/

De acordo com os dados compulsados, a unidade fonemática /q/ é realizada com o timbre perceptível [q] com um índice de frequência de ocorrências a atingir os ≈56,3%. No entanto, embora se tenha optado por não se anotar diferente de [q], reconhece-se que, por vezes, o timbre manifesta uma ressonância de percepção muito débil, característica de um grau de abertura ligeiramente mais fechado.²⁰

Alguns exemplos são:

117. [a^w'gɔɾɐ] (P)

118. [ka'rɔsuzuʃ] (P)

119. ['lɔgu] (ALJ, FAT)

120. ['tɔzɐ] (L)

Outras vezes nota-se a 'deslocação' do timbre perceptível /j/ pós-tónico para junto da unidade vocálica posicionada em sílaba tónica, formando com ela a sequência ditongada [qj] (≈18,8%).

Pela natureza da coarticulação, a unidade que se segue ao ditongo assim formado ganha uma manifestação palatal, como é o caso do fonema /n/ que, perceptível em alguns dos alocutários-dadores (com um peso percentual de ocorrência de ≈1,6%), se realiza como [ɲ]. O exemplo mais recorrente é:

121. [ãⁿ'tɔjɲu] (ATC, C, P, S)

No âmbito deste condicionamento, com alguma expressividade em termos de frequência (o produto diferenciado entre a frequência da ocorrência perceptível e a da não ocorrência do timbre é de ≈31%), observa-se não a dita 'deslocação' do som perceptível semiconsonântico mas uma espécie de desdobramento de timbre, ilustrado em exemplos como os seguintes:

122. [ãⁿ'tɔjɲju] (C, P); 123. [ãⁿ'tɔjɲiu] [ATC]

Em posição final de unidade acentual e, especialmente, imediatamente antes de uma pausa no momento de alocução, assinala-se, com um índice de frequência a atingir os ≈18,8% de ocorrências, um timbre facultativo relativamente ao timbre mais comum [q],

²⁰ Vários linguistas verificaram, de igual modo, a existência de um timbre perceptível mais fechado do que o representado pelo símbolo fonético [q] nas variedades da língua portuguesa em uso constituídas pelos corpus que analisaram. Assim, H. Lüdtke destaca a região de Castelo Branco e de Idanha-a-Nova (cf. LÜDTKE 1957: 95 - 112, aqui, em especial, 109); M.^a L. Buescu, Monsanto (cf. BUESCU 1984: 83); Hammarström, algumas regiões do Algarve (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 51 — Sagres, 66 — Alvor, 79 — Silves, 90 — Alte, 94 — Gorjões e, também, 143 - 144) e S. da Cruz, Odeleite (cf. CRUZ 1991: 14).

manifestativo do desenvolvimento do som perceptível «labiovelar» que, embora reduzido, forma com [q] o ditongo decrescente [qʷ].

124. [a'vqʷ] (BC); 125. [a'vq] (P)

126. ['dqʷ] (BC); 127. ['dq] (C)

128. ['nqʷ] (BC); 129. ['nq] (L)

No corpus - amostra avaliado, é ainda de se mencionar o fechamento da realização do fonema /q/ ao timbre [q]. A coexistir com o som perceptível mais geral [q], embora com um peso em termos de ocorrência pouco privilegiado ($\approx 6,3\%$), a sua regularidade apenas parece estar determinada pelo condicionamento mais preciso de 'primeira pessoa do singular do presente do indicativo' dos verbos de tema em -a.

Veja-se:

130. ['prqvʷ] (BB)

131. [š'trqvʷ] (E); 132. [š'trɒvʷ] (BB) (formas do significante da 'primeira pessoa do singular do presente do indicativo' do verbo estorvar, em metátese)

1.6. /q/

O timbre desta unidade apresenta um ligeiro fechamento e uma ressonância palatal notada como [qj] ($\approx 99,9\%$)²¹, que se pode aproximar do som perceptível da realização intermédia entre /q/ e /qj/.²²

133. [bɐ'so:rɐ] (AL)

134. ['bo:rɐ] (L)

135. ['bo:rɐ] (P)

136. [kɐ'ɔ:rɐ] (C)

137. ['kõ:mʷ] (forma do significante do monema funcional «como») (L)

138. [kɐ'sõ:pʷ] (P)

139. ['do:sɛzɐ] (forma do significante de «doce») (P)

140. ['po:kv] (BC)

141. ['řo:ɛʷ] (AL)

142. ['to:ɟuzuš] (forma do significante de «todos») (T)

²¹ De modo a se evitar erros estatísticos de frequência, a definição da percentagem de confiança da amostra analisada é de 99,9%. Esta observação é válida sempre que o índice percentual é computado a $\approx 99,9\%$ de ocorrências.

²² No contexto apontado, diversos linguistas descreveram o fechamento da unidade /q/, observado nas variedades linguísticas em uso na região de Castelo Branco e Idanha-a-Nova, por Lüdtke (cf. LÜDTKE 1957: 109), em Monsanto, por M.^a L. Buescu (cf. BUESCU 1984: 82 - 83), por Hammarström em várias localidades algarvias (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 51 - Sagres, 70 - Fóia, 74 - Monchique, 79 - Silves, 90 - Alte, 108 - Olhão, e 144 - 145) e por S. da Cruz em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 16).

Em ambiente sintático, [o_j] é igualmente notado na forma amalgamada da dita 'terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo' dos verbos da primeira conjugação:

143. [dɐ'toj] (BC, P)

144. [dɐ'šo_j] (BC, C)

145. ['do_j] (C, P)

146. [f'ko_j] (P)

1.7. /u/

A observação dos dados averbados permite afirmar que a realização do fonema /u/, em posição tónica, apresenta, de forma constante, o timbre perceptível como palatalizado [u_j]: o índice percentual de frequência das ocorrências é de ≈99,9%, valor que revela um alto grau de produtividade da forma no subsistema.²³

147. [kə'rũ_jmə] (C)

148. ['kũ_jmə] (P)

149. ['s_ju_jguzuš] (forma do significante de «sugos») (P)

Esta ressonância palatal, sendo uma característica inerente à própria unidade porquanto é generalizada e reincidente nos alocutários-dadores avaliados, manifesta-se naturalmente ainda mais acentuada quando junto a /u/ se encontra o fonema com traços palatais como /i/.

São exemplos:

150. [mi'u_jđə] (BC)

151. ['mu_jzika] (P)

152. [vi'u_jvə] (BC)

Por outro lado, certamente a representar a intensidade física do traço «palatal» de /u/, nota-se, ainda que com menor ocorrência (≈20%) e de timbre fraco, o destacamento do som perceptível semiconsonântico [j], formando-se a sequência [u_j].

153. ['mu_jđə] (E)

154. ['tu_jđə] (E)

²³ J. L. de Vasconcellos localiza a realização deste fonema numa zona vasta que se estende, em parte, do Fundão e da Sertã a Portalegre e de Lagos a Vila do Bispo, no Barlavento Algarvio (cf. VASCONCELLOS 1987: 83).

Com uma visão mais alargada, D. Alonso diz que este fenómeno é comum a outros domínios românicos (cf. ALONSO 1962: 73-74, 78-80). Este autor, embora não se fixe numa tese substratista para explicar qual a génese de /u/, destaca a coincidência da sobreposição da realização [u_j] e os territórios célticos, quer peninsulares quer românicos (cf. ALONSO 1962: 78).

**2. em sílaba aberta +/.λ-/ e +/.ŋ-/
(«palatais») ou +/.š-/ e +/.ž-/ («chiantes»)
heterossilábicos.**

Antes de se passar à descrição de como funcionam as unidades no enquadramento sistémico aqui determinado, presta-se o seguinte esclarecimento: o critério que fundamenta a opção de conceber, numa mesma dimensão, fonemas «palatais» e fonemas «chiantes» defende o entendimento de que tanto uns (fonologicamente classificados como «palatais») como outros (os «chiantes») são articulados na zona do palato.

Revestindo-se este facto fonético de uma precisão das particularidades de uso das unidades em causa, assume-se assim, mais uma vez, uma perspectiva de análise em consonância com os princípios do funcionalismo definidos para o estudo fonético de uma língua particular.

Nesta posição confirma-se o arquifonema /E/, no qual se neutraliza a oposição de abertura /e/ x /ə/ («abertura 3» x «abertura 2») e a oposição de localização entre o traço «anterior» e «central» (/e e/ x /a/ ou, /E/ x /a/).

Assim:

/i/: «anterior»

/E/: «anterior»

/a/: «central»

/ɔ/: «posterior» de «abertura 3»

/ɒ/: «posterior» de «abertura 2»

/u/: «posterior» de «abertura 1»

Documentadas em:

/ˈpɪj(a)/ x /ˈpuŋ(u)/

/ˈ(v)Eλa/ x /ˈ(t)əλa/

/ˈtəš(u)/ x /ˈtəž(a)/

/ˈ(š)ɔ(š)u/ x /ˈ(s)u(ž)u/

/ʃaˈrEža/ x /kuˈruža/

Os timbres perceptíveis realizados por estas unidades são [i], [e e_w e_w e_j ə], [a a_j], [ɔ ɔ_j o_j u], [ɒ o_j] e [u_j u_{ij}].

Como se terá oportunidade de verificar, consideram-se como variantes típicas de /E/, de /a/, de /ɔ/ e de /u/ os timbres perceptíveis agrupados, respectivamente a cada unidade fonemática, do seguinte modo: [e e_j], [e_w e_{wj}]; [a a_j]; [ɔ_j o_{ij}] e [u_j u_{ij}].

[ɛ̞ ɐ]; [ɔ̞ ɔ̞] e [o̞ u] e [u̞ u̞] são variantes livres e/ou individuais, aferidas pela análise que se segue.

2.1. /E/

Ainda que seguida de um som perceptível consonântico com característica palatal, a realização de /E/ manifesta, a par da matiz palatal que lhe é própria por natureza física, uma ressonância velar que, por ser de percepção muito débil, não se nota diferente de [ɛ̞]. Este timbre apresenta um peso percentual de ≈54,2% de ocorrências.

Leiam-se as notações compulsadas:

155. [ɐ̞ˈɛ̞ɐ̞ɐ̞] (ATC, S)

156. [səˈrɛ̞ʒɐ̞] (FAT)

157. [səˈrˈvɛ̞ʒɐ̞] (P)

No entanto, em determinados contextos de limites não muito rigorosos, o que torna os timbres perceptíveis mais ou menos velarizados como alternativos, a ressonância velar é claramente perceptível num grupo que atinge os ≈8,5% de ocorrências.

Nestes casos é notada [ɛ̞w], como em:²⁴

158. [kɐ̞ˈɛ̞wʃu] (C, P)

159. [tɛ̞wɲu] (O, VP)

De uso a atingir o peso percentual de ≈25%, notam-se igualmente ocorrências demonstrativas que, dos fonemas consonânticos «palatais» e «chiantes» localizados posteriormente em relação à unidade vocálica acentuada, pode destacar-se um timbre [j], de percepção por vezes débil. De tal manifestação da tonalidade palatal resultam as sequências ditongadas [ɛ̞j] e [ɛ̞wj], que, dependendo dos alocutários-dadores, podem também aparecer sem o som perceptível [j] (como [ɛ̞] e [ɛ̞w]), constituindo estes alofones «variantes típicas»²⁵ de acordo como a elas se refere J. M. Barbosa.

Deste cenário são exemplos:

160. [ɐ̞ˈɛ̞wɐ̞ɐ̞] (ALJ, P)

161. [ɐ̞ˈmɛ̞ʃɐ̞] (D); 162. [ɐ̞ˈmɛ̞jʃɐ̞] (AL)

163. [ˈkɛ̞jʒu] (FAT, V); 164. [ˈkɛ̞ʒu] (ATC, S); 165. [ˈkɛ̞jʒu] (V)

166. [kuˈɛ̞ɐ̞u] (E, SALG)

167. [ˈfɛ̞ʃu] (E, SALG)

²⁴ Ainda que através de um diagnóstico genérico, poder-se-á dizer que esta velarização produz um efeito perceptível muito semelhante ao da ressonância [a̞w].

²⁵ Relembra-se que, segundo J. M. Barbosa, em português, a vogal acentuada, imediatamente seguida de «chiente» ou de «palatal», apresenta duas variantes: uma representa-se pela simples realização da vogal, a outra constitui-se pela vogal seguida de [j], ilustrando esta variante com [j] um caso de um fonema realizado por dois sons perceptíveis sucessivos (cf. BARBOSA 1994a: 110-111).

168. [pu'ejž^u] (E, SALG)
 169. [sa'režə] (C, P); 170. [sa'rejžə] (AL, ALNC)
 171. ['štewjžə] (O, VP)

Observando notações como as transcritas supra, será pertinente reafirmar que o som perceptível [j], inscrito em formas como a de 163. ['kejž^u] por exemplo, configura apenas o timbre representativo da passagem da manifestação de /E/ à manifestação da /CONSOANTE/ seguinte, distinguindo-se funcionalmente da unidade fonemática /j/ inscrita em [ã'mej] (cf. 306.) ou em [a'zajtə] (cf. 322.).

Antes de «palatal», em alternativa ao timbre [e], é também perceptível, embora com um peso percentual menos expressivo (≈8,5%), a realização mais central [a].

Veja-se:

172. [o'veλəzəš] (V); 173. [o'vəλəzəš] (E) (formas do significante de «ovelhas»)
 174. ['təλəzəš] (P, T); 175. ['taλəzəš] (P) (formas do significante de «telhas»)

2.2. /a/

Entre o /a/ acentuado em final de sílaba e os fonemas consonânticos «palatais» e «chiantes», desenvolve-se o som perceptível de transição [j], naturalmente resultante do desdobramento formal da palatalidade física destas unidades consonânticas, constituindo-se a partir deste fenómeno o ditongo [aj].^{26; 27}

Porque o iod é menos perceptível numas unidades que noutras e porque o fenómeno não se apresenta regular, considera-se analogamente como variante a realização simples [a].

Assim, com um nível percentual que acusa frequências de ≈53% e de ≈45,7%, respectivamente, os timbres perceptíveis [a] e [aj] apresentam-se como variantes típicas de realização de /a/, à semelhança das ocorrências [e ej] e [e_w e_{wj}] em relação a /E/.²⁸

176. ['baš^u]; 177. ['bajš^u] (E, SALG)
 178. ['grajšə]; 179. ['grašə] (C, P)
 180. ['kašə] (PA)

²⁶ Fenómeno idêntico a este surge com os fonemas «sibilantes», realizados estes com um timbre perceptível de marca apicoalveolar palatalizado (para uma descrição do fenómeno mais circunstanciada, cf. ii, 6.: 1.5., 2.5., 3.3. e 3.4.; 7.: 1.1..

²⁷ Para esta tendência, M.^a L. Buescu supõe «uma fase intermédia em que se dera a palatalização, por influência do i seguinte, destacando-se depois dessa vogal secundária a semivogal» (BUESCU 1984: 85).

²⁸ O considerado timbre perceptível simples (isto é, [a]) tem sido observado neste contexto em vários estudos sobre algumas variedades da língua portuguesa, nomeadamente, no Sul do país (cf. VASCONCELLOS 1987: 92), em Monsanto (cf. BUESCU 1984: 117), no Barlavento Algarvio (cf. NUNES 1902: 37 e 44 e em HAMMARSTRÖM 1953: 71 — Fóia e 81 — Silves), enquanto resultante da absorção de [j] pela «palatal».

181. [ˈlajʒə] (E, SALG)
 182. [ˈmajλ^a] (E, SALG)
 183. [ˈpəλa] (P); 184. [ˈpəiλa] (PA)
 185. [əˈtajλ^u] (E, SALG)
 186. [dəˈbajš^u]; 187. [dəˈbajš^u] (E, SALG)
 188. [dzɪˈgrəʒjə] (AL); 189. [dəzɪˈgrajsɪə] (P)
 190. [krəˈvajλ^u] (D); 191. [krəˈvaλ^u] (T)

2.3. /q/

Em convivência com o timbre [q], observa-se a formação do timbre de sequência ditongada [qj], resultante de uma metátese e naturalmente ocasionada pelo desdobramento da característica física de palatalidade própria das unidades «chiantes».

[q] e [qj] coexistem com um nível de ocorrência que atinge o peso percentual equiparado de ≈33,3%.

Algumas das ocorrências que confirmam este facto são:

192. [nˈgɔjʃ^o] (PA); 193. [nˈgɔsɪjɔ] (FAT) (formas do significante de «negócio»)
 194. [ˈprɔjʃmɔ] (AI, BB, PA); 195. [ˈprɔʃĩm^o] (AL) (formas do significante de «próximo»)

Menos recorrente (≈16,7%) é o fenómeno que se encontra no desenvolvimento do timbre perceptível como mais fechado e ligeiramente palatalizado [o_j], potenciado pelo condicionamento /q/ tónico + /λ-/.

A presença desta forma parece legitimar a leitura factual de se estar perante a manifestação de uma tendência para o fechamento da realização fonemática: veja-se que a mesma unidade acentual surge similarmente realizada, em variação individual, com o timbre [u] (≈16,7%). Curiosamente, neste condicionamento mais específico, o timbre [u] não apresenta o traço «palatal», perfil generalizado em todo o corpus - amostra obtida à efectivação da unidade vocálica «posterior» de «abertura mínima» em posição tónica.

Assim:

196. [ˈo_jλə] (L, MR, PA), a par da realização
 197. [ˈuλə] (P, PA)

2.4. /ɔ/

Na realização deste fonema é claramente perceptível a ressonância palatal (≈80%), produto da manifestação física das «palatais» e das «chiantes» heterossilábicas imediatamente subsequentes. Nota-se [o_j].

São exemplos ilustrativos os seguintes:

198. [ˈko_jʃə] (P)
 199. [ˈmo_jλ^u] (O, VP)

200. [ˈno_jʒʊ] (BC)
 201. [ˈpõ_jɲa] (L)
 202. [ˈšo_jʃʊ] (O, VP)

Neste grupo, ocorrem igualmente realizações em que entre /o/ e «chiantes» se desenvolve o timbre [j], embora de som apenas ligeiramente perceptível — [o_j] —, fenómeno que poderá ser entendido como a presença fonética do traço «palatal» próprio da unidade /o/.²⁹

Assim, e na medida em que a variante com [j] representa um caso do fonema realizado, de forma homorgânica por dois sons perceptíveis sucessivos, consideram-se [o_j] e [o_j] variantes típicas, à semelhança dos usos expressos em relação ao arquifonema /E/ e ao fonema /a/.³⁰

O peso percentual da frequência da ocorrência de [o_j] é de ≈20%.

Observe-se:

203. [ĩmˈpõ_jɲa] (AL) (forma do significante de «imponha»)
 204. [ˈso_jɪɫa] (AL)
 205. [ˈřo_jʃa] (ATC, S, P)
 206. [ˈpo_jʃa] (SALG); 207. [ˈpo_jʃa] (FAT)

2.5. /u/

O timbre [u_j], perceptível com forte ressonância palatal, encontra-se recorrente, com um peso percentual de ≈50%, no corpus - amostra constituído para análise.

208. [ˈku_jʒʊ] (B)
 209. [ˈsu_j ʒa] (BC)
 210. [ˈũ_jɲa] (L)

Apresentando inegáveis semelhanças com o uso de formas como [o_j] e [o_j],³¹ entre /u/ e «chiantes» ou «palatais» desenvolve-se explicitamente (≈50%) o som perceptível semiconsonântico [j], notando-se a sequência como [u_j].

Dada a esta relação sintomática, consideram-se os timbres perceptíveis [u_j] e [u_j] variantes típicas.

São exemplos:

211. [aˈʔru_jɲʊ] (SALG)

²⁹ O desenvolvimento de um timbre perceptível semiconsonântico entre /o/ e o elemento consonântico com traço de palatalização (apresentando este um timbre perceptível mais forte) foi igualmente demarcado na variedade linguística do português em uso em Monsanto: cf. BUESCU 1984: 85.

³⁰ Cf. II, 1.: 2.1. e 2.2. supra.

³¹ Cf. II, 1.: 2.4. imediatamente supra.

212. ['dʒujλ^o] (P)
 213. ['pũjn^o] (O, VP)
 214. ['šujšə] (BC)

3. em sílaba fechada por /-L./ («lateral»).

Neste contexto encontram-se duas situações distintas, que, por si, determinam dois sistemas de unidades fonemáticas também eles diferenciados.

Assim, apresentam-se os fenómenos inscritos em subcontextos nos quais:

- 3.1. a unidade em causa é a única ou a última da unidade acentual;
 3.2. ou, contrariamente, a sílaba travada por /L/ não é única nem é a última da unidade acentuada.

Começa-se pelo primeiro subcontexto.

No grupo contextual referido em 3.1., neutralizam-se as oposições de abertura em /ə/ x /e/, /a/ x /a/ e /o/ x /o/, de onde resultam os arquifonemas /E A O/.

Deste modo:

/i/: «anterior»

/E/: «anterior»³²

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»

Estas unidades são testadas em:

/ʼmiL/ x /ʼmEL/ X /ʼmAL/

/(əʼn)EL/ x /(əʼz)uL/

/ʼsOL/ x /ʼsuL/

³² No seguimento do que já foi dito em II, 1.: n. 1 supra, alerta-se aqui para o termo «anterior» do arquifonema que não é aqui acrescido do traço relativo à localização, por não se opor, neste contexto, a um outro arquifonema «anterior».

Na verdade, os alofones que realizam /EL/ (assim como /OL/) correspondem à neutralização de oposição entre os sons perceptíveis de graus de abertura 2/3 e, assim, o termo «anterior» é simplesmente uma expressão que se opõe ao conteúdo do traço «posterior» de /O/ e não a que se opõe a «anterior» de «abertura 2» ou «anterior» de abertura 3» num sistema que comporte /i/ /e/ /ə/ /a/ /a/ /o/ /o/ /u/, como é o do vocalismo acentuado em sílaba aberta, por exemplo (cf. II, 1.: 1.).

Esclarece-se ainda que, no âmbito deste trabalho, esta observação deverá ser tida em conta sempre que se interpretem casos iguais ou semelhantes.

Neste ponto, há que salientar o facto de todas as realizações destas unidades fonemáticas se manifestarem fisicamente perceptíveis com uma ligeira velarização, não ficando claro se esta ressonância velar apresenta um uso como o que se poderia esperar como próprio ao fenómeno de coarticulação. A este respeito, onde não parece existir qualquer dúvida é que a variante velarizada apenas é notada, em testes perceptíveis por via humana, por um ouvido com elevado treino fonético.

Como se terá oportunidade de reconfirmar, trata-se aqui, mais uma vez, de uma questão fonética: o [-ɫ] final, ao formar uma sílaba com a vogal paragógica [-i] ou [-ə], característica geral e frequente no universo constituído como corpus - amostra de referência (atinge o peso percentual de ≈99,9% das ocorrências), embora muitas vezes de fraca perceptibilidade, deixa de ser final, notando-se como [-ɫ-]. Este acrescento vocálico leva a que, em ambiente articulatorio, a parte posterior da língua não necessite de recuar tanto como acontece na produção de timbres das vogais antecedentes que, se assim não fosse, neste condicionamento esperar-se-iam velarizados.

O mesmo será dizer que, se se constituir o grupo [-ɫ^{i/ə}], a unidade vocálica que antecede esta sequência não apresenta sinais evidentes de timbre mais posterior como aquele que seria naturalmente perceptível se a /VOGAL/ ficasse entravada por /-L./.

As realizações das unidades compulsadas são, assim, [i], [ɛ a_w], [a], [ɔ] e [u], respectivamente.

[ɛ a_w] são variantes livres e/ou individuais.

3.1.1. /E/

A conviver com a variante [ɛ], nota-se o timbre [a_w], embora constitua uma alternativa menos generalizada, de acordo com os dados avaliados: os índices de ocorrência aferidos são de ≈60% e de ≈40%, respectivamente.

Contudo, merece ser considerado o facto de, a par da realização perceptível como mais central (em termos de ponto de articulação) do som vocálico, o timbre paragógico (ainda que perceptivamente pouco claro) se manifestar também mais central, como uma espécie de harmonia vocálica (cf. KRÄMER 2003) estabelecida entre os sons perceptíveis mediados pela «lateral».

Leiam-se as seguintes notações:

215. [ã'neɫ] (P); 216. [ã'na_wɫ^ə] (SALG) (formas do significante de «anel»)
 217. ['mɛɫ] (ATC, P, S)
 218. [pə'pɛɫ] (D, P); 219. [pə'pa_wɫ^ə] (FAT) (formas do significante de «papel»)

A observação destas ocorrências (e de outras ainda, com a mesma configuração e ilustrativas de realizações das unidades /i/, /A/, /O/, /u/) admite dilucidar o seguinte: embora

se interprete o grau de velarização como fenómeno condicionado à formação, ou não, de unidade silábica paragógica, os dados reunidos revelam que a frequência de uso de uma configuração silábica como /-VOGAL + L./ está longe de igualar aquela que se visualiza esquematicamente como /l + VOGAL-/ e que origina nova forma de sílaba (isto é, grupo /VOGAL. l + VOGAL./) — podendo concluir-se que formas como /-VOGAL + L./ preconizam uma fraca rendibilidade funcional.

Um cenário como este motiva ainda um outro problema, e que consiste em determinar se na variedade linguística constituída como objecto deste estudo há lugar para um sistema que considere os fonemas vocálicos em sílaba fechada por /-L./, mais especificamente do tipo se o fonema vocálico é único ou último em relação à unidade acentual na qual está inscrito.

Ainda que conscientes das asserções expostas e que explicitam um conjunto de condicionantes que tornam o sistema vulnerável neste contexto em termos de autonomia, opta-se por concebê-lo com um paradigma, na medida em que se reflecte na apresentação das unidades vocálicas epentéticas por um timbre de percepção fraca.

Para além do mais, esta solução, uma vez que reconhece a fisionomia do sistema, equaciona a possibilidade de, num estudo ulterior mais acurado em relação à estrutura /-VOGAL+L./, poder vir a ser apurado se se dilui ou não esta identidade.

No grupo subcontextual descrito em 3.2. (circunscritos os casos em que a sílaba entravada por /-L./ não é única nem é a última da unidade acentual), a oposição do traço «aberto» de /a/ x /a/ neutraliza-se, de onde resulta o arquifonema /A/.

Logo, as unidades fonemáticas verificadas no corpus - amostra são:

/i/: «anterior» de «abertura 1»

/e/: «anterior» de «abertura 2»

/e/: «anterior» de «abertura 3»

/A/: «central»

/o/: «posterior» de «abertura 3»

/o/: «posterior» de «abertura 2»

/u/: «posterior» de «abertura 1»

Unidades fonemáticas que se atestam nos seguintes confrontos:

/fiLtRa/ x /feLtRu/

/'(s)iLva/ x /'(R)eLva/

/pøLv(u)a/ x /pøLv(u)/

/mALta/ x /muLta/

De acordo com as ocorrências compulsadas em II, 1.: 3.1., os fonemas aqui equacionados, embora se encontrem entravados por /-L./ mas não em final de unidade

acentual, apresentam realizações que deixam verificar um timbre perceptível como não claramente velarizado.

É sintomática esta configuração, o que quer dizer, quanto às unidades «posteriores», que sofrem uma ligeira alteração na zona de articulação ao atenuarem o traço «velar» que lhes é próprio.

Recorda-se que se trata aqui de um comportamento fonético estabelecido pela realização da «lateral», cuja ressonância perceptível é, em parte, mais lateral alveolar que lateral velar, de acordo com a seguinte configuração física: o fluxo de ar egressivo atravessa a cavidade bucal de dimensão condicionada pelo abaixamento dos bordos da língua e pela aproximação do ápice da língua em direcção mais aos alvéolos que ao véu palatino.

Sendo assim, os timbres perceptíveis que documentam as unidades deste subsistema são, respectivamente, [i], [e], [ɐ], [a], [ɔ], [o] e [u].

Apenas a título exemplificativo, na medida em que não se registam alofones, apresenta-se uma notação para cada timbre identificado:

3.2.1.

[i]:

220. ['silvə] (E)

3.2.2.

[e]:

221. ['fɛltrʷ] (P)

3.2.3.

[ɐ]:

222. ['rɐlvə] (P)

3.2.4.

[a]:

223. ['pəlməzəʃ] (O)

3.2.5.

[ɔ]:

224. ['pɔlvərə] (E)

3.2.6.

[o]:

225. ['pɔlvə] (P)

3.2.7.

[u]:

226. ['muɫtə] (C)

4. em sílaba fechada por /-N./ («nasal»).

O sistema vocálico, nesta posição, é constituído por cinco unidades fonemáticas.

Nele deixam de se opor /a/ x /a/, /e/ x /e/ e /o/ x /o/, de onde resultam, pela neutralização dos traços de «abertura», três arquifonemas: /E A O/.

Assim:

/i/: «anterior»

/E/: «anterior»

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»

Unidades cuja identidade fonológica se atesta em:

/tiNtu/ x /tENtu/ x /tANtu/ x /tONtu/

/kANpu/ x /kuNp(R)u/

As realizações perceptíveis destes unidades são [i], [ẽ ẽ_w], [ã_w ã ã_j ẽ õ], [õ] e [ũ], respectivamente.

[ẽ ẽ_w], [ã ã_j], [ã_j ẽ] e [ã_w õ] são variantes livres e/ou individuais das manifestações físicas dos arquifonemas /E/ e /A/, respectivamente.

Veja-se:

4.1. /E/

A coexistir com o timbre [ẽ], cuja forma física perceptível expressa um grau ligeiro de abertura dos lábios (receptáculo bucal mais amplo) que a faz aproximar da ressonância [ã]³³ e

³³ O fenómeno de abertura mais acentuada perceptível na realização de /E/ em condicionamento idêntico ao descrito foi também documentado em Juromenha, Alandroal e Avis (localidades alentejanas), em Cabanas de Conceição (Algarve) e nos Açores, por L. de Vasconcellos (cf. VASCONCELLOS 1895-1896a: 13, 19-20, 31 e 216; 1895-1896b: 326 e 1890-1892b: 295, respectivamente), e em Odeleite, por S. da Cruz (cf. CRUZ 1991: 21 - 22).

cuja ocorrência atinge o nível percentual de ≈65,7%, nota-se igualmente, com um peso percentual expressivo (≈53,3%), o timbre velarizado [ẽ_w]³⁴.

Observe-se com mais nitidez:

- 227. [ˈdẽⁿtru] (ATC, S)
- 228. [ˈžẽ^o] (L)
- 229. [aĩ^mẽⁿtu] (C, P)
- 230. [a^wˈgwẽⁿta] (P)
- 231. [ĩⁿtigaˈmẽⁿtə] (P)
- 232. [ĩnuˈsẽⁿtə] (FAT)
- 233. [ĩvẽ^wˈtoɰw] (L)
- 234. [pĩ^mẽⁿtu] (E, SALG)
- 235. [sĩ^mẽⁿtu] (E, SALG)

4.2. /A/

A realização perceptível do arquifonema «central» sofre uma certa influência da redução da cavidade bucal na sua parte anterior, ocasionada por um ligeiro levantamento do dorso da língua em direcção ao véu palatino, e da aproximação média dos maxilares.³⁵ Este matiz velarizado é admitido como geral (≈55,7%) e manifesta-se de forma mais acentuada se o segmento é afectado por uma força articulatória mais expressiva.

Nota-se o timbre como [ã_w]³⁶:

- 236. [ã^mbũⁿˈdã_wsɨa] (P)
- 237. [ɐʃˈpã_wˈta] (P)
- 238. [ˈdã_wsɨ] (V)
- 239. [ˈsɨã_wˈgə] (D)
- 240. [ˈsã_wˈta] (P)

Mesmo se na sílaba anterior estiverem presentes timbres perceptíveis como [i] ou [u], [j] ou [w], ou um elemento consonântico com traço «palatal», a realização perceptível é a

³⁴ Certamente por um fenómeno de correlação entre subsistemas, este perfil velar apresenta-se articulatoriamente muito semelhante ao som perceptível [ã_w]: cf. a mesma sugestão ocasionada por [e_w] (II, 1.: 1.1.: notação 18.).

³⁵ Pela análise perceptiva seguida, admite-se que este timbre perceptível não é ocasionado apenas pela influência das labiais, como a ele se refere L. de Vasconcellos (cf. «l'a labialisé», VASCONCELLOS 1987: 78).

³⁶ Embora por outros termos (cf. II, 1.: n. 35 imediatamente supra), a ressonância velar de /A/ foi também registada por L. de Vasconcellos no *Fundão* (cf. VASCONCELLOS 1987: 78), assim como por Hammarström no Algarve (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 53 — Sagres, 60 — Lagos, 67 — Alvor, 71 — Fóia, 75 — Monchique, 95 — Gorjões, 109 — Olhão e, também, 157-158) e por S. da Cruz em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 19-20).

velarizada [ã_w], o que mostra que esta característica velar não é maleável no que respeita à integração contextual da unidade:

241. [dʲã_wⁿtə] (P)

242. [kri'ã_wsɟə] (B)

Ainda no que diz respeito ao contexto onde /A/ se actualiza, de acordo com o corpus - amostra obtida, merece ser considerada a seguinte particularidade: quando o arquifonema vocálico «central» é antecedido pelo grupo consonântico /'kw-/, a articulação da «labiovelar» é de percepção tão débil que, por vezes, se torna difícil admitir se houve, ou se não houve, realmente uma redução à sequência fonética ['kã_w].³⁷

243. ['k^wã_wⁿtɔ] (ATC, S); 244. ['kã_wⁿtɔ] (FAT)

245. ['k^wã_wⁿdɔ] (C, P); 246. ['kã_wⁿdɔ] (O)

Noutras conjunturas contextuais, nomeadamente em posição final absoluta de unidade acentual, o timbre empregue é [ã] (≈16,6% dos casos).

Verifica-se ainda que, se o arquifonema «central» se encontra posicionado em final de unidade acentual e se for afectado por uma força articulatória de ênfase, coincidindo ou não com uma pausa no momento de alocução, o timbre perceptível consensual é um [ãj] ligeiramente labializado (≈15,3% dos casos).

São exemplos as seguintes notações:

249. [ãmã'jã] (P); 250. [ãmã'jãj] (O, VP)

251. [kuvə'lä] (C, P); 252. [kuvə'läj] (E, SALG) (formas do significante de «covilhã»)

253. ['lã] (P)

254. [mã'sã]; 255. [mã'sãj] (E, SALG) (formas do significante de «maçã»)

256. [mã'jã]; 257. [mã'jãj] (E, SALG) (formas do significante de «manhã»)

258. ['řã] (P)

259. [řu'mã] (E, SALG)

Uma outra manifestação é permitida pela seguinte configuração: o arquifonema /A/, quando entravado por /-N./ seguido de outro fonema consonântico e quando, na sílaba anterior, se encontram [i] ou [u], [j] ou [w], ou o timbre de uma unidade consonântica com traço «palatal», realiza-se alternativamente, ainda que com um índice de ocorrência a atingir os ≈15,3%, com uma ressonância perceptível como intermédia entre [e] e [ɛ], que, por ser muito débil, não se nota aqui diferente de [ẽ].

Leiam-se os exemplos seguintes:

260. [aɟi'əsə] (E, SALG)

³⁷ Analogicamente, mas com um rendimento funcional mais baixo, na realização da sequência /'dwEN-/, nota-se o timbre perceptível [wẽ] a conviver com [wě] em, por exemplo, 247. ['d^wẽⁿtə] (C, P) e 248. ['d^wẽⁿtə] (C, MR), ambas formas do significante de «doente».

261. [dʲĩẽntʲ] (P)
 262. [kõfi'ẽsə] (AL, P)
 263. [kri'ẽsə] (E, SALG)

Por outro lado, em convivência com o timbre [ã_w], nota-se um exemplo estrito de realização muito próxima da que se representa perceptível como [õ], essencialmente quando o contexto é de arquifonema /A/ entravado por /-N./ e seguido de «dorsovelar sonora».

De acordo com os dados da amostra obtida, esta manifestação atinge os ≈6,7%.

Veja-se:

264. [mu'gõŋgʷ] (C, D, P)
 265. [mu'rõŋgʷ] (P, SALG)

5. em sílaba fechada por /-R./ («vibrante»).

Nesta posição neutraliza-se a oposição de «abertura» entre /a/ x /ã/. Daí o arquifonema central /A/.

São as seguintes as unidades avaliadas de acordo com o universo de estudo constituído para amostra:

- /i/: «anterior» de «abertura 1»
- /e/: «anterior» de «abertura 2»
- /ẽ/: «anterior» de «abertura 3»
- /A/: «central»
- /q/: «posterior» de «abertura 3»
- /õ/: «posterior» de «abertura 2»
- /u/: «posterior» de «abertura 1»

A individualidade fonológica destas unidades atesta-se em:

- /ʲ(s)iRku/ x /ʲ(p)õRku/
- /ʲARm(a)/ x /ʲẽRm(u)/
- /ʲpõR(ta)/ x /ʲpõR(ku)/
- /mu'λẽR/ x /mu'λAR/
- /ʲ(m)AR/ x /ʲ(k)õR/
- /ʲsAR(da)/ x /ʲsuR(tu)/

Os timbres perceptíveis inventariados são, respectivamente, [i], [e], [ẽ a_w], [a a_w], [õ], [õ] e [u].

[ɛ a_w] e [a a_w] são variantes livres e/ou individuais e documentam-se especificamente em final absoluto de unidade acentual.

5.1. /ɛ/

Especialmente em contexto de monemas não verbais e em final de unidade acentual, junto de /R/, a par de [ɛ] é perceptível a variante alternativa [a_w], embora esta apresente um nível de ocorrência mais baixo: o peso percentual encontrado relativamente a cada uma das variantes computadas é de ≈60% e de ≈40%.

São exemplo deste fenómeno as notações:

266. [kuj'λɛɾ] (C)

267. [muj'λɛɾ] (P); 268. [mu'λa_wr] (ALJ)

Ainda assim, em coexistência com os significantes /ku'λɛR/ e /mu'λɛR/, respectivamente 266. e 267., nota-se a presença de figuras fonéticas com timbres perceptíveis finais [i] e [ə], que, seja por razões de expressão enfáticas ou não, formam com a «vibrante», em algumas configurações de alocução, o grupo silábico /-re./:

269. [kuj'λɛri] (C) e 270. [muj'λa_wre] (P)

Ainda que pertinente na descrição da variedade representada pelo corpus - amostra obtida, pela análise percentual e estatística das ocorrências, aferido o conjunto, é clara a fraca rendibilidade funcional da estrutura /-VOGAL+R./ em final de unidade acentual, preterida em favor da estrutura /VOGAL + r + e/, especialmente em contexto de estrutura verbal.³⁸

Uma observação se deve em relação às ocorrências [-re] e [-ri] perceptíveis na manifestação de /-re./, ainda que não apresentem um carácter sistémico, aceita-se haver o recurso ao fenómeno de harmonização vocálica que se traduz pela realização da correspondência entre o timbre em posição tónica [a_w] e o timbre em posição final [ə], e, nos mesmos termos, entre o timbre [ɛ] e o timbre [i].³⁹

5.2. /A/

Em contexto de + /-R./ final de unidade acentual, o arquifonema «central», ao realizar-se, apresenta um timbre velarizado consensual, especialmente mais marcado quando

³⁸ De forma mais circunstanciada, cf. índices das estruturas /-VOGAL+R./ e /VOGAL + r + VOGAL/ em IV: 1.2.1.17. a) e 1.2.2.5..

³⁹ Com contornos idênticos, um fenómeno de harmonização foi igualmente testado na aferição da estrutura fonética [ɣ^ə/i]: cf. II, 1.: 3.1.1. supra.

constitui no âmbito desta estrutura silábica a forma da chamada vogal temática dos infinitivos verbais na sua forma alternativa finalizada pela «vibrante»⁴⁰.

Veja-se:

- 271. [lɐ'vrɐ_wr] (E, SALG)
- 272. [kãmẽ'ɲɐ_wr] (forma do significante de «caminhar») (E, SALG)
- 273. [mɐ'λɐ_wr] (E, SALG)
- 274. [truɣ'kɐ_wr] (L)

Ainda em posição final de unidade acentual, e atendendo aos dados compulsados de significantes não verbais, verifica-se a oscilação em termos de maior ou menor marcação perceptível do traço velarizado, facto pelo qual se opta pelas notações [a] e [a_w] enquanto variantes individuais e/ou livres de /A/, representando naturalmente [a_w] a manifestação fonética de uma articulação velarizada mais intensa. [a] e [a_w] ocorrem, de acordo com o corpus tratado, com um peso percentual que atinge a frequência de ≈60% e de ≈40%, respectivamente.

Veja-se:

- 275. [aɫgə'ðɐr] (E); 276. [aɫgə'ðɐ_wr] (SALG)
- 277. [aɫ'tɐr] (P)
- 278. [ultrã'mɐr] (BC); 279. [ultrã'mɐ_wr] (P)

Quando não posicionada em final de unidade acentual, o timbre verificado é, generalizadamente (≈99,9%), [a]:

São exemplos:

- 280. ['arka] (L)
- 281. ['fardº] (P)
- 282. ['parvº] (C)

6. em sílaba fechada por /-S./ («sibilante-chiante»).

/i/: «anterior» de «abertura 1»

/e/: «anterior» de «abertura 2»

/ɐ/: «anterior» de «abertura 3»

/a/: «central» «aberto»

/a/: «central» «fechado»

⁴⁰ Ainda que a rendibilidade da estrutura verbal avaliada como /VOGAL + R./ não seja inegavelmente produtiva, não deixa de merecer reparo que a manifestação de sequência, neste contexto mais preciso, pode ser evidência da coexistência de sistemas paralelos.

/ɔ/: «posterior» de «abertura 3»

/ɔ/: «posterior» de «abertura 2»

/u/: «posterior» de «abertura 1»

As unidades fonológicas que formam este sistema documentam-se em:

/ʔiS/ x /ʔeS/ x /ʔaS/

/ʔmɐS/ x /ʔmaS/ x /ʔmaS/

/ʔpɔS/ x /ʔpuS/ x /ʔpeS/

/ʔ(k)iSt(u)/ x /ʔ(p)ɔSt(a)/

Os alofones perceptíveis destas oito unidades são, respectivamente [i], [ɐ e_w], [ɐ], [a], [a], [ɔ], [o], [u].

[ɐ e_w] são variantes livres e/ou individuais.

6.1. /ɐ/

Em posição final de unidade acentual, o fonema apresenta uma realização perceptível velarizada notada como um [e_w]. Como se verificará, nesta posição mais específica, a forma aferida apresenta-se funcionalmente pouco rentável, na medida em que o peso percentual de ocorrência no corpus - amostra obtida analisado é estatisticamente pouco marcado (≈,6%).⁴¹

São exemplos:

283. [ʔmewš] (C) (forma do significante de «mês») (L)

284. [ʔnewš] (P)

285. [ʔfewš] (ALNC) (forma do significante de «fez»)

286. [ʔoɪɾə'vewš] (L, VP)

Em localização não final, a análise dos dados do corpus - amostra obtida permite notar a ocorrência alternativa dos timbres perceptíveis [ɐ] e [e_w], com um índice na ordem da proporcionalidade directa a atingir ≈33,4% e ≈66,7%, respectivamente.

Veja-se:

287. [ʔsewštɐ] (FAT)

288. [ʔvɐšpa] (ESC)

289. [ʔlewšma] (P)

6.2. /ɔ/

Quanto à «posterior fechada», o timbre perceptível que a realiza, de acordo com a análise do corpus - amostra obtida, apresenta uma ressonância palatal generalizada

⁴¹ Complementarmente, aponta-se uma leitura eventualmente prospectiva do carácter flutuante das estruturas /ʔ-eS/ e /ʔ-ezeS/ (cf. II, 1.: 6.3. e II, 7.).

(≈99,9%), certamente evidenciada pelo facto de se encontrar numa posição de + /-S./, contexto favorável ao fenómeno de palatalização da vogal.

Veja-se:

- 290. [kã^mpɔzojš] (P)
- 291. [ˈgərɔzojš] (P)
- 292. [ãⁿˈkojštʰ] (FAT, V)
- 293. [ˈmojštʰ] (P)
- 294. [ˈgojštʰ] [C, P)

6.3.

Relativamente ao contexto mais específico de /VOGAL + S./ em final de unidade acentual, é particularmente expressiva a frequência com que ocorrem os timbres perceptíveis paragógicos [i] ou [ə], fenómeno que, de um modo alargado às estruturas /+L./ e /+R./, pode figurar como um caracterizador da variedade linguística em uso admitido pelo corpus - amostra obtida.

Perante esta configuração, dois aspectos são imediatamente suscitados. Em primeiro lugar, no campo da estrutura silábica, os timbres perceptíveis vocálicos que se anexam a /S/ (e, com contornos idênticos, a /L/ e a /R/), formam, com ele, uma unidade silábica; em segundo lugar, no âmbito da sua função como novo centro de sílaba, provocam a deslocação da unidade consonântica de uma posição final para uma posição inicial de sílaba em estado intervocálico.

Merece ainda reparo o facto de o carácter comportamental deste fenómeno não retirar ao timbre perceptível da realização de /ɔ/ o seu traço marcadamente palatal.

7. em sílaba fechada por /-j./ («*espirante*» «*palatal*»).

Para se proceder à análise fonológica dos segmentos descritos em II, 1.: 7. a 10., far-se-á uma interpretação difonemática das /VOGAIS/ seguidas de /-j./ ou de /-w./.

Na verdade, contrariamente à análise fonética, na qual em formas como 295. [ˈpaj] ou 296. [ˈmɐw], as sequências [ˈaj] ou [ˈɐw] são vulgarmente designadas por ditongos, em fonologia, de acordo com a doutrina perfilhada, elas representam uma sucessão de fonema vocálico mais fonema consonântico, de onde resulta uma análise heterorgânica.

De facto, da estrutura /VOGAL +j ou +w/ ressalta um problema de segmentação fonológica que merece ser clarificado. Tendo em conta a funcionalidade de complexos como /uj/ ou /iw/ por exemplo, verifica-se que é característica do comportamento dos fonemas /-j./ e

de /-w./ comutar com /CONSOANTE/: /'Riw/ x /'RiS/; /'sAj/ x /'sAL/ — comuta também com /VOGAL/, mas em contexto de estrutura silábica distinta, como em /'Ri.u/ x /'Ri.a/; /sə'i/.

A configuração destes exemplos, assim como de outros que podem ser avaliados no corpus - amostra obtida, assume a prova do carácter difonemático da estrutura /VOGAL + CONSOANTE/.

Chama-se ainda a atenção para o princípio pelo qual tudo o que foi observado em relação a /-uj./ e /-iw./ justifica igualmente o carácter difonemático das sequências /-Ej./, /-Aj./, /-oj./ e /-oj./, /-ew./, /-ew./, /-Aw./ e /-Ow./, por razões de natureza quer fonética quer formal.⁴²

O subcontexto que se passa a descrever apresenta uma distribuição lacunar, pois as sequências /-ij./, /-ej./ e /-aj./ não são nele verificadas.⁴³

Logo:

/E/: «anterior»

/A/: «central»

/q/: «posterior» de «abertura 3»

/o/: «posterior» de «abertura 2»

/u/: «posterior» de «abertura 1»

Atestadas em:

/sEj/ x /sAj/

/'(d)oj/ x /'(f)oj/

/'foj/ x /'fuj/

As realizações perceptíveis destas unidades são representadas, por ordem, pelas seguintes sequências fonéticas: [e̞ e̞ ɐ̞ ɐ̞]; [aj]; [q̞ q̞]; [oj̞ o̞j̞ o̞j̞] e [u̞j̞].

Os grupos fonéticos que, de acordo com uma distribuição mais precisa, se admite constituírem variantes livres e/ou individuais são: no que diz respeito à actualização material do fonema «anterior», [e̞ e̞], [e̞ e̞], [e̞ ɐ̞] (o timbre [aj], como se verá, representa um caso de ocorrência muito pontual). Os timbres perceptíveis [q̞ q̞] em relação à realização de /q/. No que diz respeito à manifestação física de /o/, documentam-se como variantes livres e/ou individuais os grupos de sequências [oj̞ o̞j̞ o̞j̞] e [oj̞ o̞j̞].

7.1. /E/

Os alofones perceptíveis [e̞] e [e̞] distribuem-se em regime alternativo e livre especialmente quando seguidos de uma unidade vocálica; isto é, numa sequência que se

⁴² De forma clarificada, a este respeito, cf. MARTINET 1939: 94-103, PRIETO 1954: 43-59 e BARBOSA 1994a: 156-157 e 174-175.

⁴³ As sequências /ej/ e /aj/ serão também alvo de verificação segundo critérios de análise na linearidade da FR, como se verá em II, 5..

visualiza pela estrutura /-Ej.VOGAL/. Computados pela análise da proporcionalidade directa, o peso percentual dos alofones é de $\approx 66,6\%$ e de $\approx 33,3\%$, respectivamente.

Neste contexto há uma questão que será interessante observar: o timbre que realiza a unidade /-j./, ao apresentar-se perceptivamente com fraca intensidade, efeito que acaba naturalmente por reduzi-lo a [Ø], muito embora seja um fenómeno contrário à tendência mais geral para desfazer hiato, anuncia uma propensão fonológica para o desaparecimento da «anterior» neste sistema específico.

Veja-se os exemplos:

297. [ˈmɐj̞a] (C); 298. [ˈmɐ̞a] (ATC, S)
 299. [kãˈdɐj̞a] (P); 300. [kãˈdɐ̞a] (ATC, S)
 301. [sãˈmɐj̞a] (BC)
 302. [sãˈtɐj̞o] (AL)

Embora não se invoque este factor para se tecer uma explicação evolutiva, mantendo os propósitos que orientam esta tese, se se admitir o desaparecimento de /E/, o sistema em causa deixar de traduzir o complexo fonético [ɐj̞], o que, juntamente com a inexistência de [ij̞] e [ej̞], em termos fonológicos ocasionaria uma potencial redução à «central» e às «posteriores». ⁴⁴

Aliás, mesmo quando posicionada em sílaba final absoluta, a sequência fonética [ɐj̞] apresenta uma rendibilidade baixa em termos de ocorrência ($\approx 3,9\%$), facto que projecta também o estado fragilizado do fonema.

Um outro contexto mais específico que expressa a tendência para o desaparecimento da unidade são as alterações de timbre que revela quando inserida numa estrutura de alocução maior. De facto, se no acto de alocução a sequência /-Ej./ está seguida de uma pausa, nota-se a realização [ɐj̞] generalizada a $\approx 33,3\%$; caso esteja em próclise, a sequência ocorre com a forma de /-j/ de timbre perceptível muito fraco, quase reduzido a [Ø], em $\approx 66,7\%$ das ocorrências — configuração que também se justifica em termos de parentesco com o modo de como funciona no contexto mais preciso de /-Ej.VOGAL/ no âmbito do subsistema referido supra.

Leiam-se as seguintes notações:

303. [ˈɐj̞] (O, VP)
 304. [ˈlɐj̞] (ATC, SOALH)
 305. [ˈʁɐj̞ ˈmaɣu] (C, P, S)

⁴⁴ A flutuação entre a conservação do ditongo ou a sua redução antes de um elemento vocálico é particularmente notada em certas variedades linguísticas aferidas em populações-alvo alentejanas (Évora — cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 18; Alandroal — cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 25 e 1895-1896a: 28) e do sotavento algarvio (cf. CRUZ 1991: 56-57).

Inscrita no contexto mais estrito das combinações resultantes do 'pretérito perfeito do indicativo' ou do 'tempo futuro do indicativo' dos verbos da primeira conjugação, a sequência [eɪ] (representação fonética do significante amalgamado das classes modal + temporal, como se verá adiante⁴⁵) apresenta uma realização muito leve do fonema /-j-/ especialmente se não se achar seguido de pausa no momento de alocução. Constituindo este /j/ o significante da dita 'primeira pessoa do singular', torna-se possível registar desde já que, no âmbito sintáctico, a chamada 'primeira pessoa do singular' poderá surgir como uma variante amalgamada, com um índice percentual de frequência na ordem dos ≈99,9%.

306. [ã'meɪ] (O, VP)

307. [apã'neɪ] (ATC, S)

308. [dã'reɪ] (MR)

309. ['dɛɪ] (ATC, SOALH)

310. [kã'ɫeɪ] (D, FAT)

311. [kã'seɪ] (ATC, S)

312. [mã'teɪ] (P)

Na presença de + /-r-/, a realização perceptível de /E/ alterna entre os timbres [eɪ] e [eɪ̃], com um índice que, equacionado em proporcionalidade directa, atinge os ≈55,6% e os ≈44,4%. Mais uma vez, o segundo elemento da variante [eɪ̃] apresenta uma existência perceptível muito breve.

Leiam-se as notações que se seguem:

313. [fũj'mɛɪ̃u] (P); 314. [fũj'mɛɪ̃ru] (O, VP)

315. [fur'nɛɪ̃ɾɐ] (C, P); 316. [fur'nɛɪ̃ra] (P)

317. [maɪsi'ɛɪ̃ɾɐ] (ALC); 318. [maɪsi'ɛɪ̃ra] (SC)

319. [sɐɾə'ʒɛɪ̃ɾɐ] (E, SALG); 320. [sɐɾə'ʒɛɪ̃ra] (ALC)

321. [lɛj'tɛɪ̃ɾɐ] (MR, V)

Em suma, ainda em relação à variante [eɪ̃], a formulação, embora geral e de índole suprasegmental, que mais pesa quando se analisa o corpus constituído para amostragem é a que limita o seu uso ao discurso afectado pela força da alocução; o que é o mesmo que dizer que quando o acento é mais intenso e/ou a realização sonora é menos dinâmica em termos da robustez dos harmónicos, a sucessão fonética [eɪ̃], embora com a brevidade física do segundo elemento, torna-se consensualmente mais clara em termos perceptíveis.

Avaliando o funcionamento do arquifonema /E/, e reequacionando a pertinência que adquire dentro do sistema, não se pode deixar de apontar o fenómeno que a seguir se descreve: são já expectáveis na alocução em alguns pontos geográficos do espaço

⁴⁵ Cf. III: 12.2.1..

demarcado para recolha de dados-amostra, nomeadamente em SC, marcas ainda que fugazes e não sistémicas de ocorrência da sequência fonética [aj] ($\approx 0,26\%$).

Certamente denunciatória de um sistema simultâneo que compendia interferências de variedades linguísticas geograficamente mais alargadas,⁴⁶ admite-se, ainda que de forma pressuposta, que a sequência perceptível como [aj] dá conta da deslocação do timbre a uma posição articulatória mais central.

A notação mais exemplificativa é:

322. [a'z:ajtə] (SC)

A prova da coexistência de um sistema eventualmente mais recente pode também residir no facto, entre outros, de o elemento semiconsonântico [j], em termos frequentativos, exibir uma presença física aligeirada em termos perceptíveis.

Como consequência desta inevitabilidade física presente no momento de alocação de alguns alocutários-dadores poder-se-á prognosticar que este fenómeno atesta o surgimento do fonema «central fechado» /a/ com um carácter opositivo em relação à tendência para a ressonância monovocálica [e], isto é, numa tendência para afastar os timbres de modo a salvaguardar a existência da sequência fonemática /VOGAL + j./.

Na verdade, quando o timbre perceptível passa a ser [a], diminui-se consideravelmente o perigo de fusão a um só som perceptível, fenómeno que se insurge na sequência [ej], cujos elementos relevam de uma localização articulatória palatal aproximada.

7.2. /q/

A ressonância perceptível [q] mantém-se viva a $\approx 60\%$ de acordo com o universo de ocorrências constituído para corpus - amostra obtida, muito embora se note, especialmente em posição mediana no âmbito da unidade acentual, a brevidade da realização do elemento [j]: o peso percentual das ocorrências perceptíveis de [q] atinge os $\approx 40\%$.

323. ['dɔj] (ATC., FAT, P, V, T)

324. ['bɔja] (O, VP)

325. [kəʃa'rɔ'la] (P)

326. [mã'mɔira] (ATC); 327. [mã'mɔira] (S)

Perante a ocorrência de registos como 328. [mã'mɔria] (MR) ($\approx 0,06\%$), partilha-se a posição tomada por M.^a L. Buescu na explicitação de que, em casos semelhantes, [q] resulta do fenómeno de atracção do som perceptível semiconsonântico para junto da vogal posicionada em sílaba tónica (cf. BUESCU 1984: 93).

⁴⁶ Poder-se-á considerar a proximidade geográfica ($\approx 2\text{km}$) de SC com a cidade que dá nome ao concelho um factor motivador da coexistência de sistemas?

7.3. /o/

Pela análise efectuada ao corpus - amostra obtida afere-se que, seja em sílaba inicial seja em sílaba mediana, as realizações que /oj/ apresenta perceptíveis oscilam entre a conservação da sequência ditongada [ojj]⁴⁷, a difícil percepção do segundo elemento fonético em [oj] e a redução ao timbre palatalizado [oj]⁴⁸, equacionados na proporcionalidade directa de ≈22,2%, de ≈22,2% e de ≈55,6% em termos do peso percentual das ocorrências.

Da observação destas três ocorrências é clara a presença de um traço comum a todas elas: a ressonância palatalizada que se mantém perceptível mesmo na forma dita não ditongada [oj], onde o som vocálico não está sujeito à natural influência física de [j].⁴⁹

No entanto, é de admitir que a conservação plena da sequência ditongada seja mais frequente quando o termo em que se insere é motivado por um acto de alocução intencionalmente menos enérgico, quando é anterior a uma pausa ou quando, ainda do ponto de vista da expressividade, está atingido por uma força enfática. Nestas circunstâncias, aferido a ≈0,2%, o [jj] é claramente manifesto em termos perceptíveis.

Vejam-se alguns exemplos das formas:

329. ['kojzə], a par de 330. ['kojzə] (ATC, C, P, S) e de 331. ['kojzə] (ALC, ATC, C, P, S)
(formas do significante de «coisa»)
332. ['dojɔ̃], a par de 333. ['dojɔ̃] (C, P)
334. ['lojsə] (ALC)
335. ['fojsə] (forma do significante de «foice») (ALC)
336. ['nojtɨ] (ATC, O, S, VP); 337. ['nojtə] (ATC, C, O, P, S, VP) (formas do significante de «noite»)

⁴⁷ L. de Vasconcellos diz que «La diphotongue ôi existe plus ou moins dans tout le pays, car elle alterne avec ou dans certains mots: dois ou dous, oiro eou ouro; il y a cependant quelques mots dans lesquels oi est dialectal, et non général, comme oivir, toica (à Moncorvo)» e a respeito do «Diphotongue ôi. Cette diphotongue se confond dans beaucoup de mots de la langue usuelle avec ou. [...] Au Fundão: bôî, ôito.» (cf. VASCONCELLOS 1987: 91 e 93, respectivamente).

Na mesma linha, P. Boléo redige o seguinte acerca dos «Ditongos ou e oi (resultantes de au-, al- e oc-): De uma maneira geral, o ditongo oi é mais popular e mais usado que ou, aparecendo em palavras que na linguagem corrente têm ou: oirives, oitono, oitubro (Vej. «Ver. Lus.», vol. XXVIII, 1930), coibe (couve), etc. No entanto, há regiões, por ex. no Norte, onde o ditongo ou aparece em palavras que correntemente se ouvem com oi: loura, biscoito, doudeira, etc.» (BOLÉO 1946: 91).

Uma das possíveis origens do ditongo oi aponta para que este seja o resultado da evolução do ditongo ou. Teria havido a substituição da «labiovelar» pela «espirante» «palatal», de forma a se evitar um generalizado processo de monotongação da realização de /ow/, estabelecendo-se assim uma tentativa de segurança entre os dois elementos (cf. CINTRA 1984: 174-175, n. 47).

⁴⁸ L. Cintra fala da «monotongação do antigo ditongo ou numa pequena e curiosíssima região da Beira Baixa e Alto Alentejo, a [ô]: [oru], [tôru] ou [ôru], [tôru]» (CINTRA 1958: 192, correspondendo o diacrítico " ao traço «palatal» do som perceptível).

⁴⁹ Na variedade linguística aferida em uso na ilha açoreana de S. Miguel é testada na variante monotongada e palatalizada [oj]: cf. BERNARDO; MONTENEGRO 2003: 63.

Um outro tipo de posição analisável é o de final absoluto da unidade acentual. Aqui, a tendência observada (a $\approx 65,7\%$) nos dados computados do corpus - amostra obtida é a de conservação da sequência perceptível como marcadamente palatalizada [ojj], como se verifica nos segmentos que se seguem e que ocorrem geralmente diante de pausa no momento de locução:

338. [də'poj] (C, P); 339. [də'pojz^ə] (S) (formas do significante de «depois»)

340. ['poj] (forma do significante de «pois») (C, P)

Na estrutura mais específica de /+ .S-/ heterossilábico, o timbre perceptível [ojj] apresenta-se como alternativa mais frequente em relação ao timbre perceptível [oj] (equacionado-se a proporcionalidade directa de $\approx 75\%$ e de $\approx 25\%$, respectivamente), podendo ser esta ressonância ditongada admitida como resultante de um fenómeno em que o elemento (semi)consonântico traduz o reforço do traço palatal da «chiante-sibilante» que, ao apoiar-se pelo fenómeno de paragoge num som vocálico de timbre frágil, surge realizada com um carácter sonoro.

Leiam-se os seguintes exemplos:

341. ['bo_jz_j] (T, V); 342. ['bo_jz_j] (P)

343. ['so_jzəš] (S) (forma do significante de «sois»)

7.4. /u/

A realização perceptível [ujj] mantém-se muito rentável em termos funcionais, de acordo com a análise efectuada ao corpus - amostra constituído para estudo: atinge $\approx 99,9\%$ das ocorrências.

Desta evidência decorre a interpretação de que o fonema /u/ em posição acentuada apresenta uma realização perceptível caracteristicamente palatalizada, constituindo esta arquitectura fonética um dos traços característicos do sistema da variedade linguística alvo.

São exemplos ilustrativos:

344. [ja_jɐ'luja] (C, P) (forma do significante de «aleluia»)

345. ['fuj] (B, L, T)

8. em sílaba fechada por /-jN./ («espirante» «palatal» + «nasal») ou /-jNS./ («espirante» «palatal» + «nasal» + «sibilante-chiante»).

Neste contexto, pela verificação de algumas lacunas de distribuição, já apresentadas no ponto anterior,⁵⁰ e pela neutralização das oposições /a/ x /a/ e /q/ x /q/, o sistema apresenta a seguinte arquitectura fonemática:

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior» «fechado»

E documenta-se pelos seguintes confrontos:

/mAjN/ x /mujN(tu)/

/(p)OjN/ x /(b)AjN/

/pAjNS/ x /pOjNS/

Cujas produções perceptíveis são representadas pelas sequências fonéticas [ãj] ãj, [õj] e [ũj] ãj.

Incluem-se, neste contexto específico, as ocorrências [ãj] e [ẽ] (a par de [ãjj]) e [ũj] (a par de [ũjj]), que asseguram realizações de variantes individuais e/ou livres.

Observe-se:

8.1. /A/

O timbre perceptível [ãj] apresenta, seja qual for o condicionamento em que se inscreve, uma forte ressonância palatal (característica ocasionada, certamente devida a razões fonéticas, pela ditongação da sílaba acentuada), mantendo-se resistente numa percentagem que atinge ≈53,9% das ocorrências.

346. [a'ɹãjj] (AL, C)

347. [bãjj] (FAT)

348. [bə'ɹãjj] (ATC)

349. ['kãjjzə] (forma do significante de «cães») (ALC, D, P)

350. ['pãjjzə] (forma do significante de «pães») (P)

351. ['sãjj] (B, T)

No entanto, das notações avaliadas, admite-se que, em situação de próclise, a unidade /-j./ apresenta um timbre perceptível débil e de carácter recorrente em alguns

⁵⁰ Cf. II, 1.: 7. supra.

alocutários-dadores (≈30,8%), traduzindo uma configuração independente da tendência anti-hiática que poderá ser reconhecida numa perspectiva de estudo de fonologia combinatória⁵¹.

Leiam-se os seguintes exemplos:

352. ['bãj 'aʒa] (P, T)

353. ['bãj 'fɐtʊ] (P)

No entanto, esta apresentação não se revela constante, na medida em que caso o segmento no acto de alocação esteja em próclise, [ẽ] traduz-se como uma realização alternativa⁵² ao timbre perceptível [ãj], com ocorrências a atingir o índice percentual de ≈15,4%.⁵³

Veja-se:

354. ['bẽ] (P) e 355. ['bãj] (L)

356. [tã'mẽ] (S) e 357. [tã'mãj] (P)

8.2. /O/

À semelhança da realização oral [o], o timbre perceptível [õj] revela neste contexto um traço «palatal» acentuado,⁵⁴ com um peso percentual de ≈99,9%.

Veja-se:

358. ['põj] (forma do significante de «põe») (ALC, C, P)

Observa-se também que, de acordo com o fenómeno natural potenciado pela articulação linear dos sons na cadeia discursiva, este timbre perceptível [õj] confere às unidades consonânticas que o seguem de imediato um ganho em termos de ressonância palatal de configuração clara.

É deste cenário exemplo a seguinte notação:

359. ['põjzj] (forma do significante de «pões») (A, ALC)

⁵¹ Cf. II, 5.: 2..

⁵² O timbre perceptível [ẽ] encontra uma existência paralela em certas variedades admitidas a uso na região fronteiriça de Trás-os-Montes e do Minho (cf. VASCONCELLOS 1987: 81-82) e em Monchique (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 75).

⁵³ A coexistência dos dois timbres perceptíveis foi verificada com os mesmos contornos na população-alvo do Baixo Alentejo e do Algarve (cf. VASCONCELLOS 1987: 82 e HAMMARSTRÖM 1953: 53, 60, 66, 86, 91, 95, 99, 102, 105, 108-109 e 120, respectivamente, as localidades Sagres, Lagos, Alvor, Albufeira, Alte, Gorjões, Faro, Mesquita Baixa, Cachopo, Olhão e Monte Gordo) e em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 21-23).

⁵⁴ Cf. a realização perceptível da unidade «posterior de abertura 2» em II, 1.: 1.6., 2.4., 6.2. e 7.3. supra.

8.3. /u/

No que respeita ao fonema «posterior fechado», é indispensável observar o seguinte: neste contexto específico, a presença da sequência [ũj], que se apresenta perceptível com um perfil dito ditongado em 360. [ˈmũjtu] (FAT, T), como exemplo — sustentando uma ressonância palatalizada correlata à realização não nasal —⁵⁵, manifesta como variante alternativa o timbre perceptível monotongado [ũ] (cuja ocorrência atinge o índice percentual de ≈50%), especialmente se o segmento em que se inscreve for afectado por um acento expressivo de percepção intensa.

Leia-se o exemplo:

361. [ˈmũjˈtu] (BC, C, Esc, P)

9. em sílaba fechada por /-w./ («labiovelar»).

Nota-se a neutralização da oposição /a/ x /a/, de onde resulta o arquifonema /A/, realizado, como se verá, com o timbre perceptível [a]. Além disso, não se documenta a combinação /uw/.

Assim, os fonemas aferidos são:

/i/: «anterior» de «abertura 1»

/e/: «anterior» de «abertura 2»

/ɛ/: «anterior» de «abertura 3»

/A/: «central»

/O/: «posterior»

Instituídos pelos confrontos:

/ˈ(R)iw/ x /ˈ(t)ɛw/

/ˈ(s)ɛw/ x /ˈ(t)ɛw/

/ˈmɛw/ x /ˈmAw/

/ˈ(a)řAN'žOw/ x /ˈRANžɛw/

As sequências fonéticas perceptivas que realizam estas unidades em contexto de sílaba fechada por /-w./ são, respectivamente, [iw iØ i^w]; [e^ww ɛ^w ɛØ a^ww]; [ɛw ɛ^w], [aØ a^w] e [o^jw o^jØ o^jw].

De acordo com o corpus/amostra, os grupos fonéticos [iw iØ], [iw i^w iØ]; [ɛ^w ɛØ] e [e^ww a^ww]; [ɛw ɛ^w]; [aØ a^w] e [o^jw o^jØ], [o^jw o^j] são variantes livres e/ou individuais.

Descrevem-se de seguida algumas ocorrências:

⁵⁵ Cf. descrição da manifestação perceptível de /u/ em II, 1.: 7.4. supra.

9.1. /i/

Em relação à sequência fonológica /-iw./ será necessário dilucidar primeiramente os âmbitos em que se encontra, de forma a esclarecer eventos onde se afere a coincidência entre significantes.

De acordo com a análise, /-iw./ pode surgir em contexto de monemas quer lexicais quer gramaticais com as realizações perceptíveis [iw], [i^w] e [i], distribuídas com a seguinte formatação:

[iw] surge generalizadamente (≈99,9%) em unidades acentuais de composição monossilábica e seguidas de pausa no momento de locução. Quando a localização é proclítica, a variante perceptível que se regista é [iØ] (≈99,9% dos casos).

Veja-se as notações seguintes:

- 362. ['piw] (ESC)
- 363. ['tiw] (LAV)
- 364. ['ři 'tejžə] (PA)
- 365. ['ři 'zəwzrə] (C, P)
- 366. ['ti ǎn'tõŋə] (PA)

Por outro lado, no âmbito contextual do chamado 'pretérito perfeito do indicativo', 'terceira pessoa do singular' dos verbos da terceira conjugação, a sequência perceptível [iw] (que ocorre em ≈99,9% dos casos) é o resultado da amálgama das classes «modo» e «tempo», cujo som perceptível [w] é a forma do significante de considerada 'terceira pessoa do singular'; mas se o sintagma verbal assim constituído está posicionado antes de monemas pessoais com função outra que não a de sujeito e cuja estrutura significativa inicie em /CONSOANTE/, as realizações alternativas da sequência são [i^w] e [i], computadas pela proporcionalidade directa equiparada a ≈50%.

- 367. [pəɾ'tiw] (P)
- 368. [fu'ži^w mə] (LAV)
- 369. [mẽn'ti tə] (ATC, S)

9.2. /ɐ/

Perante a avaliação do universo de ocorrências do corpus - amostra obtida, crê-se ser de admitir que em sílaba final absoluta e seguido de pausa no momento de locução o timbre perceptível do primeiro elemento do grupo fonológico /ɐw/ apresenta uma ressonância velarizada, motivada certamente pela proximidade física da dorsovelar [w].

Nota-se a sequência perceptível assim configurada como [e_ww]⁵⁶, cujo peso percentual de ocorrências atinge ≈99,9%.

⁵⁶ L. de Vasconcellos registou um fenómeno idêntico no corpus aferido «dans tout le Sud et dans les régions orientales de la Beira et de Trás-os-Montes, au moins jusqu'à Freixo-de-Espada-à-Cinta (de

370. [ˈdeww] (B, P, T)
 371. [ˈteww] (C, D, FAT)
 372. [ˈdewwʃ] (ATC, S)

Quando seguido de som perceptível consonântico ou vocálico (exibindo este uma ressonância fraca), em próclise, e quando subordinada ao acento da unidade com a qual constitui um grupo de força acentual, a sequência [ew] (menos rentável em termos de ocorrência: ≈12,5%) entra em regime de alternância com o timbre perceptível vocálico [e] (≈87,5%). Curiosamente, nestas duas variantes não é perceptível um timbre velarizado.⁵⁷

373. [ˈdɛ ˈlə] (ALC); 274. [ˈdɛw ˈlə] (C)
 375. [ˈɛ ˈkɐru] (D, P)
 376. [ˈɛ ˈfiz] (BC)
 377. [ˈmɛ ˈfiɭu] (E, P); 378. [ˈsɛw ˈfiɭu] (LAV)
 379. [ˈmɛ ˈpaj] (C, P)
 380. [ˈtɛ ˈmɔɾi] (V)
 381. [ˈtɛ ˈsɔgrɔ] (A)

No contexto mais estrito em que se expõem as formas amalgamadas da ‘terceira pessoa do singular’ do ‘pretérito perfeito do indicativo’ dos verbos da segunda conjugação, a par da realização perceptível [eww], cujo elemento [w] dá forma ao significante da dita ‘terceira pessoa do singular’, assiste-se em uso, com peso percentual de ≈50%, à alteração do ponto de articulação da realização de /e/ até ao timbre perceptível mais central e velarizado [aw], de onde resulta a sequência [aww].

Leiam-se as seguintes notações:

382. [kˈmaww] (BC); 383. [kˈmeww] (SC) (formas do significante de «comeu»)
 384. [vĩnˈdaww] (BC); 385. [vĩnˈdeww] (FAT) (formas do significante de «vendeu»)

9.3. /e/

Nomeadamente em sílaba final absoluta, a realização perceptível [ew] é generalizadamente abundante no corpus - amostra obtida (≈99,9%), especialmente se depois da sequência de /ew/ ocorre uma pausa no momento de locução.

Veja-se:

phénomène s’observe dans la Beira au moins jusqu’à Mangualde et Carregal-do-Sal)» (VASCONCELLOS 1987: 90).

⁵⁷ Alargado à classe sintagmática do N, este fenómeno foi verificado na variedade linguística do português de Odeleite (cf. CRUZ 1991: 58).

Um estudo sobre a variedade linguística aferida em S. Miguel-Açores revela a redução idêntica da sequência [ew] a [e] especialmente em contexto de PP monossilábicos: cf. BERNARDO; MONTENEGRO 2003: 62.

386. [pi'tɐw] (P)
 387. [fuga'rɐw] (O, VP)
 388. ['sɐw] (ATC, S)

Outra configuração resulta da localização da unidade em próclise e de manifestação continuada por um som perceptível consonântico: neste contexto específico, o segundo elemento da emissão fonética apresenta um timbre perceptível muito débil, como [ɐ^w],⁵⁸ cuja ocorrência atinge o índice percentual de ≈40%.

Observe-se:

389. [ʃa'pɐ^w 'prɐt^u] (B)
 390. ['sɐ^w a'ʒiujɐ] (ENX)

9.4. /A/

Nomeadamente em localização diante de próclise, quando se lhe segue um som perceptível consonântico, a sequência /Aw/ manifesta uma tendência geral para se reduzir ao timbre perceptível [a] (≈65,7%).⁵⁹

Por outro lado, caso esteja afectado por um acento intenso expressivo ou se posicionado diante de pausa no momento de alocução, a sequência fonética perceptível é [a^w]. O peso percentual desta ocorrência atinge ≈99,9%.

Alguns exemplos são:

391. ['ma f'tiu] (FAT, T); 392. ['ma^w] (C)
 393. ['ta 'ta^w] (P); 394. ['ta^w 'ta^w] (L, P)

9.5. /O/

Em colocação final de unidade acentual, particularmente diante de pausa e sujeita à expressividade ento(n)acional, a sequência fonética [o^w] convive em alternância com o som perceptível [o],^{60;61} computado pela proporcionalidade directa no índice equitativo de ≈37,5%.

⁵⁸ Em condicionamento idêntico, foi descrita a tendência para a considerada monotongação a [ɐ] na variedade linguística em uso na região do Baixo-Alentejo, Alandroal (cf. VASCONCELLOS 1987: 90 e 1890-1892a: 29).

⁵⁹ Quer em situação de próclise, quer no âmbito da unidade acentual e em posição átona, a tendência para a redução a [a] foi igualmente observada por L. de Vasconcellos, especialmente nas variedades linguísticas aferidas em regiões do Alentejo e do Algarve (cf. VASCONCELLOS 1987: 90).

⁶⁰ L. Cintra fala da «monotongação do antigo ditongo ou numa pequena e curiosíssima região da Beira Baixa e Alto Alentejo, a [ö]: [oru], [toru] ou [öru], [töru]» (CINTRA 1958: 192, correspondendo o diacrítico " ao traço «palatal» do som perceptível). O mesmo autor salienta o facto de que «[ö] é o produto de uma monotongação paralela à que conduziu [ou] a [o], e não de uma mudança de timbre do [o] proveniente de uma anterior monotongação. A monotongação de ou em ö envolve teoricamente um grau intermédio de palatalização do o inicial do ditongo (eu por ou), que nos é perfeitamente conhecido da fonética histórica francesa — em que, como se sabe, o o longo em sílaba aberta, através das fases ou e eu, e acompanhado, a partir de certa altura, pelo ditongo ou de outras origens, se transforma precisamente no ö que vamos encontrar nesta região portuguesa (ou seja, Beira Baixa e Alto

Fisiologicamente explicável, este fenómeno parece traduzir a consequência de um alongamento sofrido pelo som perceptível vocálico final, reforçado pela generalização da chamada monotongação, cujo processo já se teve oportunidade de representar.

Por outro lado, assiste-se ao fenómeno de correlação com as sequências perceptíveis em uso [e_ww] e [ɛw], particularmente quando localizadas em final de unidade acentual.⁶²

Leiam-se as seguintes notações:

395. [l̥ə'vo_j] a par de 396. [l̥ə'vo_j^w] (P)
 397. [p̥ə'so_j] (ATC) a par de 398. [p̥ə'so_j^w] (P)
 399. [p̥ə'z_jo_jw] (S)

Embora considerada menos produtiva em termos de frequência de uso, merece ser observada a percentagem reduzida de unidades acentuais (≈25%), que, aferidas no copus-amostra obtida, mostram preservar a sequência perceptível como ditongada [o_jw] em posição mediana.⁶³

São eles, como exemplo:

400. ['mo_jwr^u] (V) e
 401. ['mo_jwr̥ə] (P), a par de 402. ['mo_jr̥ə]

**10. em sílaba fechada por /-wN./
 («labiovelar» + «nasal») ou /-wNS./
 («labiovelar» + «nasal» + «sibilante-
 chiente»).**

Por se verificarem lacunas na distribuição fonemática (as sequências /iwN/ ou /iwNS/, /ɛwN/ ou /ɛwNS/, /ɛwN/ ou /ɛwNS/, /ɔwN/ ou /ɔwNS/, /ɔwN/ ou /ɔwNS/ e /uwN/ ou /uwNS/

Alentejo). É uma evolução completamente anómala e isolada do panorama geral da fonética histórica hispânica e que nos aparece surpreendentemente associada às paralelas e também anómalas transformações de u em ü, a em e (em certas condições), e em ëi (através de um grau intermédio ë), todas elas bem conhecidas da Galo-România» (CINTRA 1970: 133).

⁶¹ O timbre perceptível [o_j], no condicionamento apontado, foi também alvo de verificação por L. de Vasconcellos em Avis — Alentejo — e Cabanas de Conceição — Algarve — (cf. VASCONCELLOS 1987: 91 e, mais especificamente, 1895-1896a: 218; e 1895-1896b: 326); por Hammarström em Silves, Albufeira, Gorjões, Feiteira e Monte Gordo — Algarve — (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 79, 86, 94-95, 104 e 119, respectivamente e, ainda, 145 e 163). Também M.^a L. Buescu e S. da Cruz descreveram este fenómeno para Monsanto e Odeleite, respectivamente (cf. BUESCU 1984: 87 e CRUZ 1991: 17-18). M.^a C. R. Bernardo afere o fenómeno como «particularmente (...) comum a toda a ilha de S. Miguel (cf. BERNARDO; MONTENEGRO 2003: 64).

⁶² Cf. descrições das realizações perceptíveis de /ɛ/ e de /ɛ/: respectivamente II, 1.: 9.2. e 9.3. supra.

⁶³ Já L. de Vasconcellos alude ao timbre ditongado [o_jw] perceptível numa parte da Beira, ainda que com certas reservas em termos do rigor da menção (cf. CINTRA 1970: 120).

não estão fonologicamente testadas) e por a oposição /a/ x /a/ não funcionar nesta posição, o sistema é apenas constituído pelo arquifonema «central» /A/, cuja individualidade fonológica se atesta em /'mAwN/ e em /'mAwNS/.

A estrutura /AwN/ realiza-se pelas seguintes sequências fonéticas perceptíveis, consideradas, pela análise efectuada, variantes livres e/ou individuais: [ã_w ẽ_wØ] e [ã_w ẽ_wW].

Dessa análise, retenha-se o seguinte:

10.1. /A/

Em primeiro lugar merece ser dilucidado que o arquifonema «central» é exposto por um timbre perceptível intermédio, que oscila entre [a] e [o], e que se nota como [ã_w].

Este timbre perceptível [ã_w], articulado por uma ligeira diminuição do volume da cavidade bucal e, conseqüentemente, por um pequeno aumento do volume da cavidade faríngea, atesta-se com um carácter generalizado de acordo com os dados computados (≈99,9%), manifestando-se a ressonância velar mais clara no condicionamento mais específico de presença de um som perceptível consonântico «bilabial» antes de /AwN/.⁶⁴

Por outro lado, em final absoluto da unidade acentual, as realizações perceptíveis notadas alternam entre a sequência [ã_wW] e o timbre [ã_w], cuja computação pela proporcionalidade directa atinge índices de ≈95,3% e de ≈4,7% respectivamente. Mais se observa que a variante univocálica [ã_w] se manifesta preferencialmente em uso proclítico.

Vários são os exemplos:

- 403. [bɐ'rã_wW] (T)
- 404. [buðɐ'gã_wW] (O, VP)
- 405. ['kã_wW] (C)
- 406. ['kã_w dǎ'nǎð^o] (BC)
- 407. [kɐ'stã_w] (PA); 408. [kə'stã_wW] (A, BB) (formas do significante de «questão»)
- 408. [fu'gã_wW] (E, L, P)
- 409. ['grã_wW] (B)
- 410. [ir'mã_wW] (P)
- 411. ['žã_wW] (forma do significante de «joão») (C, P)
- 412. ['mã_w 'drɐtǎ] (BC)
- 413. [ɔrtɐ'ɹã_wW] (L)
- 414. ['pã_wW] (P)
- 415. ['pã_w 'trig^o] (A, BB)
- 416. [pǎ'trã_wW] (O, VP)
- 417. [puɹ'gã_wW] (P)

⁶⁴ Acerca da influência do traço «bilabial», L. de Vasconcellos já referia o seguinte: «Dans plusieurs localités, l'a est labialisé (...). Sous l'influence des labiales, le même phénomène s'observe aussi au Fundão, quand l'a est nasal» (VASCONCELLOS 1987: 78).

418. [təɾə'λã_ww] (O, VP)

Muito embora fique claro que, pela observação do corpus - amostra obtida, a sequência fonética perceptível de ressonância [ã_ww] esteja presente na variedade linguística analisada como uma ocorrência de uso privilegiado, os alocutários-dadores com mais de setenta anos de idade residentes na PA e, com um carácter mais pontual em AL e BB e BC, registaram a sequência [ẽ_ww], cuja configuração poderá levar a admitir que este fenómeno pode ter eventualmente apresentado um carácter mais extenso. De forma circunstanciada, e de acordo com os dados computados, [ẽ_ww] apresenta o peso percentual de ≈14,3% de ocorrências.

Vejam-se as seguintes notações exemplificativas:

419. [k'nẽ_ww] (forma do significante de «quinhão») (PA)

420. [psj'i'zjẽ_ww] (forma do significante de «precisão») (AL, BB)

421. [sɔɔβas'ti'ẽ_ww] (BC)

capítulo 2

vocalismo pós-acentuado.

1. sílaba final

1.1. sílaba final aberta.

Este é o sistema computado em posição de sílaba final aberta:

/e/: «anterior»

/a/: «central»

/u/: «posterior»

A individualidade fonológica destas unidades atesta-se nos seguintes confrontos:

/ˈkɐlɐ/ x /ˈkɐlɐ/ x /ˈkɐlu/

Os alofones perceptíveis no corpus - amostra são [ə], [ɐ], [Ø], [i], [i̯], [a]; [a]; [u], [u̯], [o], [u] e [Ø].

Esclarece-se que [Ø] é símbolo de zero fonemático, isto é, representa a ausência de qualquer timbre perceptível, o que neste caso não corresponde à ausência da unidade fonológica, como facilmente se verifica pelos confrontos testados (cf. MYERS; HANSEN 2007: 157-193).

Em relação à efectivação perceptível de /e/, os grupos fonéticos [ə ɐ], [ə Ø], [ə i̯] e [ə ɐ] constituem variantes livres e/ou individuais, de acordo com contextos mais precisos, como se terá oportunidade de observar.

Quanto a /u/, os grupos de timbres perceptíveis em ocorrência alternativa que se atestam são [u̯ ɐ], [u ɐ Ø].

1.1.1. /e/

O timbre perceptível que manifesta a unidade fonológica /e/ vacila, sem regra definida de forma sistémica, entre a realização plena de [ə] e o timbre perceptível muito fraco [ɐ], com uma frequência equacionada a ≈50% e a ≈25% das ocorrências, respectivamente.

Por outro lado, [ə], cuja formação é débil e instável em termos de percepção, regista-se em síncope [Ø] (≈25%), especialmente quando inscrito numa estrutura não seguida de pausa na sucessão linear da alocução. Aliás, os exemplos compulsados dão prova de que o carácter átono destes segmentos os torna facilmente atingíveis pela tendência a apocopar.

Veja-se:

- 422. ['disjə] (D, P)
- 423. ['fɔm ə] (D)
- 424. ['gɔlp] (P)
- 425. ['paðrə] (C)
- 426. ['pujrkə] (ALJ)
- 427. ['maðrə] (P, SALG)
- 428. [ɛzətə'mẽwⁿtə] (ALJ)
- 429. [kõ'fɔrm] (P)
- 430. [vẽ'nagrə] (E)

Em relação à manifestação física de /e/ pós-acentuado em final absoluto, há um contexto particular que merece ser descrito, na medida em que se crê documentativo da dinâmica da variedade em termos do uso sincrónico de mais do que um sistema. Retomando o que sobre o assunto foi já mencionado aquando a descrição das manifestação perceptível da unidade vocálica em posição acentuada e em esquema sequencial de /+ «VIBRANTE»/ (cf. II, 1.: 5.1.) e que também é de fácil verificação na composição sintáctica do 'infinito' (cf. III: 3.8.), de acordo com os dados compulsados, é perceptível a realização [ə] (≈22,2%) de ressonância mais ou menos marcada ([ə] ≈44,4%), e que oscila, embora com menos frequência em termos de uso e mais condicionada à força da expressividade que afecta o segmento, com os timbres perceptíveis mais fechados [i] e [ɨ] (≈11,1% respectivamente).¹

- 431. ['aɾvɔrə] (E, SALG)
- 432. [aɾwmẽwⁿ'tari] (ALJ, P)
- 433. [bɔ'r̃aɾə] (L)

¹ Dâmaso Alonso justifica a presença do fonema /e/, na variedade que chama de 'português popular' e em outras variedades 'ocidentais', como manifestativa da conservação da vogal etimológica. O fonema vocálico umas vezes é apresentado como [ə], outras vezes está sujeito ao fechamento a [i] (cf. ALONSO 1962a: 66).

Nas variedades em uso no Algarve, Hammarström faz referência ao aparecimento de um som vocálico de apoio, de timbre reduzido, e dá a seguinte explicação ao fenómeno: «Il existe une tendance à prononcer un /ou un r d'une manière si détachée qu'ils viennent à former des syllabes à part – surtout quand la voyelle précédente est fortement accentuée. L'origine de la fonction syllabique des deux consonnes s'exokliques sans doute, 1° par la nature des voyelles accentuées portugaises qui se terminent par une phase 'faible', laquelle contient pour ainsi dire le germe d'une limite syllabique, 2° par le fait que /et r sont des consonnes fortes, c'est à dire qu'à la phase faible de la voyelle succède une consonne à forte tension articulatoire, 3° par l'analogie avec les autres consonnes de la syllabe finale, qui, placées après la voyelle accentuée, revêtent généralement une fonction syllabique dans des mots comme 'parte, sede, fase', etc.» (HAMMASTRÖM 1953: 142).

434. [mə'λqrə] (P)
 435. [š'kɛsɛri] (P)
 436. [sə'ḅɛrə] (ALJ)
 437. [tũ'maɾə] (ALJ) e 438. [tũ'maɾi] (ALJ, C)

No condicionamento mais específico de após /-S./, significante de «plural», em especial diante de pausa no momento de alocução, afere-se como generalizada ($\approx 99,9\%$)² a presença do timbre perceptível paragógico notado como [ə].

Observe-se:

439. [ˈgõməzə] (FAT, T)
 440. [a'ḅɛləzə] (P)
 441. [mə'diðəzə] (AINC, P)
 442. [qbriga'dĩɲəzə] (SC, VAL)

Crê-se que esta estrutura de sucessão fonética se encontra sistematizada na variedade que aqui se descreve na medida em que, mesmo não sendo /S/ manifestação fonológica do monema «plural», mas certamente por analogia com ela, são computados alguns casos ($\approx 7,5\%$) no corpus - amostra obtida em que é claro o timbre perceptível epentético [ə].

Veja-se:

443. [ˈarku ˈirizə] (C, Val)
 444. [ˈotɾə ˈvezə] (L, P)

/e/ apresenta também um timbre perceptível atenuado, característico de uma realização intermédia entre um [ə] mais fechado e um [i] mais aberto ($\approx 35,3\%$). Aliás, o som articulado é por vezes muito difuso e débil, não sendo linear a percepção das condições em que se aproxima de [ə] e em quais é mais claramente um [i], que se opta por representá-lo acima da linha ([i]).³

De acordo com os dados avaliados, a manifestação perceptível [i] ocorre com um peso percentual de $\approx 66,6\%$.

445. [ˈgrãndi] (O, VP)
 446. [ˈkɔv] (E)
 447. [ˈsɛt] (S)
 448. [aɫ'pẽndri] (ATC, C, MR, P)

² De modo a se evitar erros estatísticos de frequência, a definição da percentagem de confiança da amostra analisada é de 99,9%. Esta observação é válida sempre que o índice percentual é computado à percentagem de $\approx 99,9\%$ de ocorrências.

³ A emissão [i] parece aproximar-se em muito à que Hammarström descreveu como «un son vocalique dont la qualité oscille principalement entre *e* et *i*...» (HAMMARSTRÖM 1953: 142).

449. [ku'ɫɛti] (E, SALG); 450. [kʷ'ɫɛti] (C, P, FAT)

Proporcional ao já referido fenómeno de eventual paragoge de [ə] em unidades acentuais terminadas fonologicamente por «-LATERAL.» e por «-VIBRANTE.», acabando por assumir os conjuntos fonéticos [-ɫə] e [-rə] uma estrutura silábica,⁴ é analogamente frequente (≈62,5%) o desenvolvimento paragógico do timbre perceptível [i] (ocasionando a percepção dos conjuntos fonéticos alternativos [-ɫi] e [-ri]), cuja presença é mais ou menos forte consoante a intensidade física com a qual é afectado.

451. [ãmõn'tari] (O, VP)

452. [ã'mõri] (E, P, SALG)

453. [ã'nɛɹi] (MR)

454. ['kɹi] (O)

455. [lɹ'vɹari] (P)

456. [dɔ'ɓari] (AtC, MR)

457. ['pɹi] (P)

458. [ʃɔ'rari] (O, VP)

459. [trɓɓa'la'ri] (P)

Perante os exemplos notados, uma resenha é consentida: o uso das realizações de /e/ é revelador da instabilidade da unidade. Aliás, as variantes notadas oscilam não só de alocutário para alocutário, mas também no mesmo alocutário-dador, inclusive em igual unidade acentual, o que torna mais difícil sistematizar qual o condicionalismo que determina um e outro timbre perceptível.⁵ No entanto, pela observação atenta dos dados computados, é possível relacionar a opção pela manifestação de articulação mais fechada com o aumento de energia física motivada por uma força de ar egressivo de dinâmica enfática⁶.

⁴ Cf. II, 1.: 5.1. e 6.3..

⁵ A esse respeito, Leite de Vasconcellos limita-se a dizer que «l'e final devient fréquemment i, surtout dans le Sud» e «on trouve aussi des exemples de ce phénomène entre Entre-Douro-e-Minho.» (VASCONCELLOS 1987: 87). Ainda que não explicita um procedimento fonético que justifique a sua afirmação, como fez para um ou outro fenómeno, este dialectólogo mostra testemunhos da instabilidade de timbre enquanto característica da realização /e/ na variedade da língua em uso em Juromenha, Alandroal, Avis, Vila Viçosa e Évora (cf. VASCONCELLOS 1901: 13, 30, 217, 238 e 1890-1892a: 18, respectivamente) e na variedade linguística de Barrancos (cf. VASCONCELLOS 2000: 40). L. Buescu aponta idêntico fenómeno na realização de /e/ na variedade da língua de Monsanto, região geograficamente muito próxima daquela onde se procedeu à recolha dos dados linguísticos que formam o objecto de estudo desta dissertação (cf. BUESCU 1984: 89-90).

⁶ Fenómeno similar a este foi também verificado por Hammarström nas variedades linguísticas algarvias (cf. HAMMARSTRÖM 1953: 140-142).

Esta oscilação de timbre, seja no condicionamento pré-acentuado, seja no condicionamento pós-acentuado, foi igualmente descrita, para além de Leite de Vasconcellos (cf. n. imediatamente supra) e Hammarström (este autor localiza-a especialmente na variedade linguística em uso em Alte, Gorjões, Montes Novos e Monte Gordo — cf. HAMMARSTRÖM 1953: 90, 94, 103 e 118, respectivamente), por L. Buescu em Monsanto (cf. BUESCU 1984: 92-93) e por S. da Cruz em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 40-41).

Com um carácter mais marginal em termos de uso (computa-se um peso percentual de $\approx 7,5\%$ de ocorrências), facto que vem reforçar a natureza que se crê fragilizada de /e/, alguns dos alocutários-dadores, a par da realização perceptível [ə], mostram optar pela emissão [a] em final absoluto.

A escolha por este timbre perceptível leva a julgar, embora de um modo ainda embrionário, que a manifestação [a] é resultante de uma analogia com as unidades que expõem o considerado 'género feminino' através da forma fonética [-a].⁷

Vejam-se os exemplos:

460. ['fojsa] (ATC, SALG)

461. ['laža] (CN, SALG)

462. ['qšpəða] (A, P)

1.1.2. /a/

Em contexto final absoluto, o fonema «central» apresenta a realização perceptível [a] (computada a $\approx 99,9\%$) sensível a uma produção articulatória ligeiramente velarizada.⁸

463. ['kaža] (P)

464. ['eja aw'mēnta 'nā 'noja] (ALJ)

465. [ēnkū'mēnda 'dēja] (ALJ)

466. [fa'tuira] (P)

467. [mašə'rəka] (E, P, SALG)

468. [ma'drašta] (L)

469. ['pĩga] (B)

470. [sē'noja đo'tojra] (ALJ)

471. ['na 'kĩnta 'feira 'pra 'sĩma] (ALJ)

1.1.3. /u/

Ao ser perceptível como [u] (computado a $\approx 99,9\%$), a realização deste timbre empresta uma ressonância bilabializada ao som consonântico imediatamente precedente e que poderia ser marcado. No entanto, atendendo ao critério de economia que a própria variedade linguística reflecte enquanto sistema, optou-se por poupar um traço distintivo, evitando-se assim a quase duplicação dos fonemas consonânticos e respectivas representações fonéticas. Por este motivo dá-se preferência à interpretação estruturada como

⁷ Com base na possível relação instaurada entre opção alofónica e determinação sintáctica, cf. a descrição feita da variante [o] em II, 2.: 1.1.3. infra.

⁸ Merece ser lembrado o facto de a unidade, ainda que fisicamente realizada como [a], resultar do modelo fonológico /a/, notado sem diacrítico algum por não se opor a outro mais aberto em termos de modo de articulação (isto é, a um /a/).

[.CONSONÂNTICO-] + [-u.], em detrimento da correspondente interpretação homorgânica (cf. BARBOSA 1994a: 180-181).

Por conveniência tipográfica, nota-se o timbre perceptível em posição superior à linha.

- 472. [kaš'tig^u] (P)
- 473. [kũ'ɲađ^u] (E)
- 474. ['maš_i^u] (P, SALG)
- 475. ['mo_jk^u] (MR)
- 476. ['žũ_jɲ^u] (P)
- 477. ['nu_j 'saḃađ^u] (ALJ)

A ressonância bilabializada que o elemento vocálico, ao ser articulado, empresta ao som consonântico que o antecede pode manifestar-se com mais intensidade em termos perceptíveis, especialmente no caso da sequência /b-/ ou /m-/ ou /p-/ + /-u/ (cuja representação no corpus - amostra obtida atinge os ≈12,7% das ocorrências).

No entanto, pelos registos avaliados, este condicionamento consonântico não parece ter o exclusivo da ocorrência bilabializada (os dados equacionados revelam a existência de ≈19,1% estruturas em que a bilabialização não é efectiva). Nestes casos, a ressonância perceptível é notada como [°].

Leiam-se alguns exemplos:

- 478. [bãɲ°] (P)
- 479. ['kɔɲ°] (E, MR)
- 480. ['põ^mb°] (C, P, SALG)
- 481. ['rãm°] (T)
- 482. [sa'rã^mp°] (E, P)
- 483. ['šũ_jm°] (L.)
- 484. [ãⁿ'dɛrãmz°] (P)
- 485. ['ađr°] (P)
- 486. [a'bruɲɲ°] (SALG)
- 487. ['brɛk°] (P); 488. ['brɛk^u] (AL)
- 489. ['džujλ°] (P)
- 490. ['mo_wk°] (P)
- 491. [n'gɔjš°] (PA)
- 492. ['puɲɲ°] (O, VP)
- 493. [š'tɾɔv°] (BB) (forma do significante da dita 'primeira pessoa do singular do presente do indicativo' de «estorvar»)
- 494. ['tuɲđ°] (E)

É de mencionar que, ainda que admitam uma ocorrência menor em termos de uso ($\approx 4,3\%$), aferiram-se dos dados do corpus - amostra obtida formas que apresentam a variante fonética [o] por analogia com o chamado 'género masculino'. Este facto mostra-se em correlação com o fenómeno que ocorre com as formas cuja terminação fonética [-ə] não está interrelacionada com a matéria significativa do chamado 'género feminino' determinante.

É disto exemplo a seguinte transcrição:

495. [əš'trũ,mº] (L, P)

No condicionamento mais próximo de /VOGAL., j. ou w./ + /u/, o fonema «posterior» manifesta-se pelos timbres perceptíveis alternativos [u] ($\approx 80\%$) ou [o] ($\approx 20\%$).

Veja-se:

496. [ã'n'tojniu] (P)

497. ['ma fə'tiu] (FAT, T)

498. [səmi'tariu] (ALJ, SALG)

499. [sə'n'taiu] (C, E); 500. [sã'n'tajə] (AL)

Em posição proclítica, a unidade /u/ apresenta-se como [Ø] ($\approx 99,9\%$), já indiciado por um timbre perceptível de percepção muito ténue quando seguido de pausa no momento de alocução.

Será certamente a próclise a responsável pela ocorrência de apócope nas seguintes recolhas:

501. ['kwart mĩ'n'gã'ntə] (D, SALG)

502. ['mej kwə'tiɭu] (P)

503. ['nqs sə'nojɾi] (O)

504. ['tuɟđ 'žũj'ntu] (P)

505. ['tuɟđ 'nu 'səβəđu] (ALJ)

No entanto, há que mostrar que ainda que em estado de próclise, no segmento /-i.nu/ término de unidade acentual não se encontram vestígios de [Ø].

O exemplo recorrente do corpus - amostra obtida é:

506. ['sĩnu daɫ'dəɭə] (ALJ, P, VAL)

1.2. sílaba final fechada por /-L./ («lateral»).

/i/: «anterior» «fechado»

/e/: «anterior» «aberto»

/o/: «posterior»

Neste subcontexto, atesta-se um sistema de reduzida rendibilidade funcional (a percentagem média de ocorrências é $\approx 0,05\%$, $\approx 1\%$ e de $\approx 0,05\%$ respectivamente)⁹, no qual o fonema «anterior» «fechado» se manifesta perceptível como [i], o «anterior» «aberto» como [e], e o «posterior» com o timbre perceptível aberto [o].

Ainda que no âmbito dos recursos fonológicos da variedade que se descreve, o sistema aqui inventariado se manifeste com fraca produtividade funcional, é clara a observação de que o nível de expressividade percentual da frequência de cada fonema atinge $\approx 99,9\%$ das ocorrências verificadas.

Veja-se:

/ˈfəʃil/ e /diˈfisiL/;

/ˈtuneL/;

/ˈALkoL/

507. [ˈfəʃil];

508. [dəˈfisiɫ] (P)

509. [ˈtūneɫ] (LAV) e

510. [ˈaɫkoɫ] (ESC)

1.3. sílaba final fechada por /-R./ («vibrante»).

/i/: «anterior»

/a/: «central»

A individualidade fonológica destas duas unidades documenta-se pelo confronto exemplificativo /ˈ(mARt)iR/ x /(aˈsuk)aR/:

511. [ˈmɑrtir] (VAL) x 512. [aˈsukɑr] (P).

Os timbres perceptíveis discreteados neste subcontexto são, respectivamente, [i] e [a], com uma frequência de ocorrência na percentagem dos $\approx 99,9\%$ para cada um.

⁹ De forma mais clara, cf. dados percentuais obtidos pelos cálculos das frequências nos ANEXOS i-b, ix-b e xi-b.

Como é de clara observação pelos resultados obtidos na computação dos dados,¹⁰ o peso percentual de /i/ e de /a/ é de índice muito pouco expressivo (≈,05%), o que demonstra a fragilidade do subsistema em termos de rendibilidade funcional.

1.4. sílaba final fechada por /-S./ («sibilante-chiante»).

/e/: «anterior»

/a/: «central»

/u/: «posterior»

Este sistema está documentado pelos seguintes confrontos exemplificativos:

/pəke'ninazaS/ x /pəke'ninuzuS/

/mɐtezeS/ x /mɐtuzuS/

As realizações vocálicas perceptíveis são as seguintes: [ə ə i i] (consideradas variantes livres e/ou individuais da realização de /e/), [a ə] (variantes livres e/ou individuais da realização de /a/) e [u ɔ] (variantes livres e/ou individuais da realização de /u/).

Visto que neste contexto fonológico se documenta exactamente o mesmo sistema de unidades que no contexto de sílaba final aberta,¹¹ apenas se observará, sem mais ponderações interpretativas, uma amostragem exemplificativa.

Ressalve-se, no entanto, que este condicionamento vai igualmente dar mostras de intercorrências alternativas de formas de significantes da unidade significativa «plural». De acordo com os dados averbados no corpus - amostra obtida constituído para análise, estão vivas estruturas paragógicas [-əS.] e [-əS.] (a seguir a /a/ ou /e/ + /-S./, respectivamente), ou [-uS.] (a seguir a /u/ + /-S./), formando os grupos fonéticos [-əS.], [-əS.] e [-uS.] estruturas heterossilábicas em relação às sequências fonemáticas /aS/, /eS/ e /uS/.

Por representarem intercorrências no âmbito das formas de unidade significativa de uma classe sintáctica — ao caso o 'número' —, não se visa descrever neste domínio fonológico a fórmula capaz de identificar a estrutura, mais atestada ou não, da determinação por «plural». Ainda que indispensável ao estabelecimento exacto das relações sintagmáticas existentes entre os monemas no âmbito da estruturação frástica, importa apenas admitir que é exequível estar-se na evidência de dois sistemas paralelos de 'pluralização' ao serem

¹⁰ Cf. dados percentuais da frequência de /i/ e de /a/ em contexto pós-acentuado +/-R./: ANEXO i-b e x-b.

¹¹ Cf. II, 2.: 1.1. supra.

disponibilizados aos colocutores estruturas significantes como /-aS./, /-eS./, /-uS./ e /-azaS./, /-ezeS./, /-uzuS./.

Quer se considere ou não o fenómeno paragógico, os fonemas /a/, /e/ e /u/ travados por /-S./ ocupam um lugar final de unidade acentual seguido de /CONSOANTE-/ , posição esta que determina a perspetivação do inventário fonemático aqui descrito.

1.4.1. /e/

Atendendo ao corpus - amostra obtida, neste contexto, /e/ realiza-se alternadamente como [ə], [e] e [Ø], com uma percentagem de frequência relativa de ≈40%, ≈10% e ≈20%, respectivamente.

Leiam-se as notações seguintes:

513. [ˈãntš] (VP); 514. [ˈãntəzjəš] (P)
 515. [ˈarvʳəš] (E, SALG)
 516. [kurˈpɐtš] (VP); 517. [kurˈpɐtəzjəš] (FAT)
 518. [ˈmaɬəš] (E, SALG)

No entanto, com um carácter mais esporádico (≈20% e ≈10%, respectivamente), assinalam-se realizações de timbre perceptível mais fechado [i] e [i̯], representando este último a aproximação de uma realização intermédia situada entre os formantes de [ə] e de [i].

São exemplos:

519. [ˈãntš] (E)
 520. [ˈaɾiš] (E)
 521. [ãˈmɔɾəzəš] (P); 522. [ãˈmɔɾiš] (SALG, VP)

1.4.2. /a/

No condicionamento de + /-S./, a realização perceptível do fonema «central» é generalizadamente [a] (≈99,9%), como se mostra nos exemplos seguintes:

523. [ˈgõmaʒaš] (P)
 524. [fãˈmiɟiaʒaš] (P); 525. [fãˈmiɟiaš] (BC)
 526. [məˈðidʒaʒaš] (P)
 527. [pəˈkãˈnĩnaʒaʒaš] (C)
 528. [[pəˈsjoːʒaʒaš] (P)
 529. [siˈrojlaʒaʒaš] (P)
 530. [tiˈzojraš] (SALG)
 531. [ˈvaɣaʒaš] (P)

Todavia, com uma percentagem de índice ≈1%, nota-se com um timbre perceptível defectivo, num segmento fonético específico e que se sustentou presente em todos os alocutários-dadores que o realizaram. É ele o [ə] de:

532. [ˈbwʌʃ ˈtʌrdəzjəʃ]

1.4.3. /u/

A unidade «posterior» realiza-se como [u] ou [ɔ], timbres perceptíveis e de ocorrência alternativa (com um índice percentual de ≈65,5% e ≈36,4%, respectivamente).

Observe-se:

- 533. [kuˈpĩɲuzjʊʃ] e
- 534. [trãˈmɔsuzjʊʃ] (P);
- 535. [ˈfiɭuzjʊʃ] e
- 536. [ˈnɐtuzjʊʃ] (C);
- 537. [ˈmoɰkuzjʊʃ] (E);
- 538. [ˈpɔrkɔzjɔʃ] e
- 539. [pĩtãˈɲɔzjɔʃ] (L).
- 540. [ˈbuɹˈuzuʃ] e
- 541. [ˈfrãˈŋɔzɔʃ] (ALNC);
- 542. [kãˈʃɔrˈuzuʃ] e
- 543. [bɔˈrˈewɔzɔʃ] (FAT).

Num processo em que os timbres perceptíveis [u] e [ɔ] constituem variantes alternativas da forma de significante de «plural», não deixa de ser declarado a harmonia vocálica com o timbre perceptível do som vocálico da sílaba pré-acentuada em posição paroxítona; senão atente-se nas realizações notadas supra, cuja arquitectura do que se pretende exemplificar pode ser assinalada pelos esquemas [CONSOANTE + u + CONSOANTE + uʃ] ou [CONSOANTE + ɔ + CONSOANTE + ɔʃ].

1.5. sílaba final fechada por /-jN./ («dorsopalatal» + «nasal») ou por /-wN./ («labiovelar» + «nasal»).

/a/: «central»

Esta unidade apresenta a sua individualidade fonológica de um modo muito particular, inscrita em segmentos contextuais como /ˈ(bE)N(s)awN/ x /ˈ(O)N(t)ajN/, cuja oposição é demarcada única e simplesmente pela presença contígua das unidades /-w-/ e /-j-/.

Dada esta configuração fonológica, facilmente se torna claro que o sistema apresenta uma baixa pertinência funcional, intensificada pela ocorrência diminuta no corpus - amostra obtida analisado (a percentagem média de ocorrência é ≈,1%)¹².

¹² Cf. ANEXO x-b.

Os alofones perceptíveis da unidade /a/ estão representados nas sequências fonéticas [ǎ], [ǣ], [əØØ], [iØØ] e [aØØ] — no contexto mais específico de + /-jN./.

Na presença de + /-wN./ são testadas as sequências fonéticas [ǣ^w], [aØØ] e [üØ], como se terá oportunidade de observar de seguida.

1.5.1. /a/ + /-jN./

De forma mais circunscrita ao contexto de unidades acentuais de sílaba final /-ajN/, o fonema vocálico «central» manifesta realizações alternativas entre as produções perceptíveis [ǎ]¹³, [ǣ] e [ə]¹⁴, com percentagens de frequência de ≈11,1%, de ≈35,3% e de ≈44,4%, respectivamente.

Em próclise, o timbre perceptível pode atingir o fechamento máximo com a realização [i] (≈11,1%).¹⁵

544. ['ǫntǎi]; 545. ['ǫntǣ] e 546. ['ǫntə] (C, P, S)

547. [ǫn'tǫntə] (S)

548. ['ǫmǣ]; 549. ['ǫmə] (P, S) e 550. ['ǫmi] (MR, P)

551. ['nujvǣ] (ALJ) e 552. ['nujvə] (ATC)

Nomeadamente no condicionamento /-ž-/ + /-ajN./, o timbre perceptível é o de um [ǎ] desnasalizado (≈42,4%). Com ele convivem [ǎ] (≈35,7%) e [ə] (≈21,4%).¹⁶

Veja-se:

553. [ǎ'ražǎ] (CN) a par de 554. [ǎ'ražə] (E, L) e de 555. [ǎ'ražǎi] (P)

556. [ĩm'pĩžǎ] (P, S) a par de 557. [ĩm'pĩžǎi] (P)

558. [fə'r̥užǎ] (ATC) a par de 559. [fə'r̥užǎi] (P)

560. [fu'ɫižǎ] (ATC, P) a par de 561. [fu'ɫižə] (AINC)

562. [pǎ'sǎžǎ] (ATC, VP) a par de 563. [pǎ'sǎžə] (P, VAL) e 564. [pǎ'sǎžǎi] (Esc)

565. ['vǎžǎ] (P, S) a par de 566. ['vǎžǎi] (C)

¹³ O timbre [ǎ] apresenta-se como marginal em termos de ocorrência, o que indicia ter uma existência cronológica ou mais remota ou muito recente. Na medida em que se verificou que a população de alocutários mais jovem e/ou mais instruída realiza a unidade como [ǎ], opta-se pela hipótese de considerar [ǎ] uma manifestação alternativa mais actual.

¹⁴ O fenómeno de desnasalização e neutralização ao timbre [ə] foi também verificado na variedade de português em uso avaliada nas regiões de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (cf. VASCONCELLOS 1987: 87), no Barlavento Algarvio (cf. NUNES 1902: 35 e 44) e em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 50).

¹⁵ Exemplos da ressonância [i], neste contexto particular, foram igualmente testados na variedade de português em uso no corpus - amostra aferida na ilha de São Miguel (cf. BERNARDO; MONTENEGRO 2003: 59).

¹⁶ A manutenção de um timbre [ə] no condicionamento descrito foi também notada na variedade observada no corpus obtido em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 50).

1.5.2. /a/ + /-wN./

De acordo com o corpus - amostra obtida para análise, no condicionamento de + /-wN./ regista-se, a coexistir com a percepção de [ã^w] (≈60%), a manifestação da sequência fonética [aØ] em /'bENsawN/ (≈20%):

567. ['bēsã] (E, P, SALG) a par de 568. ['bēsã^w] (P)

Mas:

569. ['qrgã^w] (C, E) e

570. ['zjãⁿgã^w] (P, SALG)

De cariz mais singular, em final absoluto, nota-se a realização perceptível [ũ] (571. ['qrgũ]) nos dados discreteados em E e P, manifestação que alterna com [ã^w]. A frequência da ocorrência [ũ] é, em termos de representação estatística no corpus - amostra obtida, de ≈ 20%.

1.5.3.

Conquanto no universo em estudo este sistema se apresente, à primeira observação, reduzido à unidade /a/, não se deixa de notar, em sistemas peculiares (paralelos?), a existência da unidade fonológica /e/, no condicionamento de + /-jN./ em alocutários-dadores que opõem /a/ a /e/ pela função específica de constituírem a diferença entre o significante amalgamado da chamada 'terceira pessoa do plural do perfeito simples do indicativo' ou 'do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo' e a 'terceira pessoa do plural do infinitivo pessoal' dos verbos da 1.^a e 2.^a conjugações, como são exemplos /fã'lɔrawN/ x /fã'lɔrejN/ e /tEN'dɛrawN/ x /tEN'dɛrejN/.

Porém, à justificação da pertinência deste sistema de perfil colateral, poder-se-ia contra-argumentar com o facto de que o confronto admitido não está claramente representado, uma vez que o tipo de sílaba, embora seja de estrutura equivalente (isto é, /VOGALCONSOANTECONSOANTE/), não apresenta igual condicionamento: o fonema /a/ surge sempre acondicionado com o grupo + /-wN./ e o fonema /e/ no contexto de + /-jN./.

No entanto, visto que nesta posição alguns alocutários-dadores sustentam o uso continuado do timbre perceptível [ã] antes de /-wN./ e outros o uso continuado do timbre perceptível [ẽ] antes de /-jN./ (estabelecendo-se assim a distinção entre dois valores), enquanto que outros alocutários-dadores usam ora [ã] ora [ẽ] antes de /-jN./, crê-se que a análise linguística deve considerar esta coexistência de sistemas e a descrição do conjunto das suas operações funcionais, não podendo limitar-se a registar unicamente a presença do sistema reduzido à unidade /a/.

Assim, admite-se o sistema composto pelas unidades:

/e/: «anterior»

/a/: «central»

Cujos alofones perceptíveis estão testados nas sequências fonéticas [ĕ] e/ou [ă] e [ă^w], respectivamente.

Ainda que do ponto de vista da rendibilidade a estabilidade do sistema assume uma natureza imprecisa (a frequência de uso de [ĕ] atinge a percentagem de ≈66,%, a de [ă] ≈ 33,4%), observam-se alguns confrontos ilustrativos da autonomia fonológica de /e/ x /a/:

572. [kăⁿ'tă^ră^w] (B, FAT, P) x 573. [kăⁿ'tă^ră] (B) e 574. [kăⁿ'tă^rĕ] (P)

575. [fă[']lă^ră^w] (AC, C, P) x 576. [fă[']lă^ră] (C, P) e 577. [fă[']lă^rĕ] (P)

578. [fă[']zĕ^ră^w] x 579. [fă[']zĕ^rĕ] (C, P, S)

580. [tĕⁿ'dĕ^ră^w] (FAT, S) x 581. [tĕⁿ'dĕ^rĕ] (FAT, AC, S)

1.6. sílaba final fechada por /-jS./ («dorsopalatal» + «sibilante-chiante»).

/a/: «central»

A individualidade do único fonema que activa o sistema de configuração /VOGAL+ jS./ apresenta a realização perceptível [ă] (≈99,9%).

Por seu turno, a fraca rendibilidade funcional a ele adstrita está associada à especificidade da componente contextual em que /a/ se inscreve: o contexto sintáctico de determinação verbal por «5p»¹⁷.

Observe-se:

582. [ă^βă[']lă^văj^š]

583. [kă[']miăj^š]

¹⁷ Para uma reflexão mais circunstanciada desta estrutura, III: 11.2.6..

1.7. sílaba final fechada por /-N./ («nasal»).

/i/ «anterior»

Ainda que o subsistema seja muito restrito em termos de variedade fonológica, a realização perceptível do único fonema que o enforma é [i], numa percentagem de ocorrência cujo índice atinge os $\approx 99,9\%$.

A presença de /i/ no corpus - amostra obtida surge documentada essencialmente em sintagmas que envolvem operações de amálgama em contextos verbais como os seguintes¹⁸:

584. [ãⁿdaʃi] (forma de significante do chamado 'imperfeito do conjuntivo, terceira pessoa do plural' de «andar»)
585. [kãⁿmeʒi] (forma de significante do chamado 'futuro do conjuntivo, terceira pessoa do plural' de «comer»)
586. [kãⁿti] (forma de significante do chamado 'presente do conjuntivo, terceira pessoa do plural' de «cantar»)
587. [paⁿti] (forma de significante do chamado 'presente do indicativo, terceira pessoa do plural' de «partir»)

2. sílaba não final.

O vocalismo pós-acentuado em sílaba não final tem uma ocorrência pouco expressiva (com um índice percentual de ocorrência provável de $\approx 23,63\%$ em relação ao índice percentual de $\approx 76,7\%$ de probabilidade de ocorrência em contexto de sílaba final).¹⁹

Esta circunstância estatística (e consequente probabilidade de ocorrências) pode ser explicada no âmbito do esquema acentual da variedade da língua considerada no presente estudo, cuja estrutura acentual é preponderantemente paroxítona, isto é, cuja forma acentual pode ser visualizada como /... _' _/ ²⁰.

¹⁸ Com uma ressonância similar à aqui observada em final absoluto e em contexto sintático verbal, o estudo fonético efectuado na variedade linguística em uso, tendo por base a população-alvo da ilha de São Miguel dá conta da presença de [i], ainda que a justifique como resultante de um processo de «substituição de [ẽ] por [i]» (cf. BERNARDO; MONTENEGRO 2003: 58). Merece observação que o esclarecimento dado só pôde ter sido feito de forma menos atenta, pois não é claro que se trata de um estudo diacrónico nem se faz referência ao fonema cujas realizações eventualmente alternativas são as indicadas como [ẽ] e como [i].

¹⁹ Cf. na CONCLUSÃO os níveis percentuais relativos de ocorrência, resultantes da análise factorial baseada na amostra dos dados compulsados em IV: 1.1.2.4..

²⁰ Merece esclarecimento que em exemplos de visualização do esquema acentual, o _ é representação de sílaba e não de unidade fonemática.

Note-se que o sistema vocálico pós-acentuado não final traduz de modo quase irredutível ($\approx 99,6\%$) o paradigma do contexto da sílaba que segue de imediato a sílaba acentuada, ou seja, na segunda sílaba a contar do termo dos significantes proparoixítonos, cujo esquema ilustrativo é visualizado como /.... _ ' _ _ _/.

Ainda que ocorram estruturas em que o esquema acentual está patente em /.... _ ' _ _ _/ , nomeadamente em contexto sintático de determinação verbal pelo 'pretérito perfeito do indicativo, 1.^a pessoa do plural' ou pelo 'pretérito mais-que-perfeito do indicativo, 1.^a pessoa do plural'²¹, como em /kAN'təramuzuS/ ou /kə'miamuzuS/, a percentagem de ocorrência no corpus - amostra obtida desta estrutura é pouco expressiva em termos percentuais (atinge os $\approx 0,4\%$).

2.1. sílaba não final aberta + sílaba iniciada por /.VOGAL/.

/i/: «anterior»

/u/: «posterior»

O estatuto destes fonemas documenta-se pelo seguinte confronto:

/'(t)ə(b)uazaS/ x /'(v)ə(r)iazaS/

/i/ e /u/ são perceptíveis como [i] e [u Ø] (sendo [u Ø] variantes livres e/ou individuais da manifestação física de /u/).

Observe-se de forma mais descritiva:

2.1.1. /i/

De acordo com o corpus - amostra constituído para análise, notam-se os seguintes exemplos de realização preceptível em [i], cuja percentagem de frequência atinge $\approx 99,9\%$:

588. [ə'u_jđiə] (C)

589. [fə'mi_jiə] (VAL)

590. ['vəriuzuš] (P)

2.1.2. /u/

De formato já não tão irredutível em termos do timbre perceptível, a unidade «posterior» manifesta-se através do timbre [u] a coexistir com a percepção de [Ø], numa percentagem equiparada à ocorrência de usos $\approx 50\%$:

²¹ O possível sincretismo de significantes entre «pretérito» e «passado + anterior», no quadro da determinação por modalidades verbais no âmbito da descrição do modo de funcionar do sistema verbal considerado será alvo de esclarecimento em III: 3.2..

591. [ˈaʷgʷa] e

592. [ˈaʷgʷa] (P)

2.2. sílaba não final aberta + sílabas iniciadas por /CONSOANTE-/.

/i/: «anterior»

/e/: «central» «fechada»

/a/: «central» «aberta»

/u/: «posterior»

A individualidade fonológica destas unidades documenta-se por confrontos como:

/(k)q(l)i(k)a/ x /(R)q(t)u(l)a/

/(kANt)ara/ x /(bək)ura/

/(AL'fə)sezeS/ x /(kə'rq)suzuS/

Os alofones perceptíveis destas unidades fonológicas são, respectivamente, [i ə Ø], [ə ə ɤ Ø], [ɤ Ø] e [u u_i].

De acordo com os dados compulsados, os timbres perceptíveis [i ə Ø] são variantes livres e/ou individuais da realização de /i/.

Por outro lado, em contextos mais específicos, verifica-se a existência de timbres alternativos, como [ə ə] e [ə ɤ Ø] (em relação à manifestação perceptível de /e/); [u u_i] e [Ø ə] (no que diz respeito à realização perceptível de /u/).

Admite-se ainda que [ɤ] e [Ø] são variantes contextuais da realização de /a/, afirmando-se o mesmo para a realização de /u/ nos que respeita aos timbres perceptíveis [u u_i] e [Ø].

Veja-se mais circunstanciadamente:

2.2.1. /i/

A tendência da manifestação deste fonema é uma apresentação perceptível como especialmente resultante do grau de abertura da estrutura bucal que, accionada pela força articulatória da produção dos segmentos contíguos, pode ocasionar [Ø].

Ainda assim, as realizações perceptíveis [i], [ə] e [Ø] convivem, numa percentagem de frequência de usos de, respectivamente, ≈20%, ≈50% e ≈20% – índices que se crêem fisicamente dependentes da força egressiva conducente à produção/articulação do timbre manifestado.

Leiam-se algumas notações:

593. ['kəɫsə] (forma do significante de «cálice») (ALNC)

594. ['kãnddəðu] (P)

595. ['klɛrig^o] (P)

596. ['kɔɫəkə] (E, P)

2.2.2. /e/

O som [ə], apesar da brevidade do timbre que apresenta em muitas ocorrências (notadas como [e]), é ainda perceptível nos dados da amostra.

A percentagem de frequência de usos de [ə] e de [e] é de ≈66,6%, respectivamente.

São recorrentes notações como as que se seguem:

597. [aɫ'fəsəzəš] (P)

598. ['tẽ'məɫ^ezəš] (P)

599. ['tɔɫdəzəš] (C)

600. ['nɛšp^erə] (E, SALG)

A realização perceptível [a], computada em alguns registos equacionados do corpus - amostra obtida (com um índice de expressão que atinge ≈16,6%) é certamente devida à produção/articulação 'relaxada' do timbre.

Esta forma mais relaxada de produção/articulação vocálica acaba por provocar, em igual percentagem de frequência de usos (≈16,6%), uma espécie de absorção do segmento pela articulação do som consonântico contíguo (coarticulação), particularmente em casos de estrutura fonética capaz de suportar a sequência silábica [CONSOANTE+CONSOANTE+VOGAL], como revelam os exemplos:

601. ['nɛšpəɾə] (P) e

602. ['nɛšpɾə] (C).

2.2.3. /a/

Nomeadamente em casos de unidades acentuais de esquema proparoxítono, verifica-se a influência exercida pelo timbre perceptível do fonema vocálico final de sílaba. Ou seja, quando o segmento vocálico em posição final apresenta um timbre perceptível idêntico ao da realização mais esperada de /a/ (com traços aproximados aos da formação [a]), a forma manifestada é [Ø]; quando, contrariamente, o timbre perceptível do segmento vocálico final dispõe de traços mais distantes dos esperados em termos dos que manifestam o ponto de articulação/produção, a realização perceptível é [a].

Do produto de computação dos dados aferidos, pode apresentar-se, in abstracto, a seguinte visualização esquemática: CONSOANTE[Ø]CONSOANTE[similitude fonética com manifestação de /a/], ou, melhor, cc[similitude fonética com manifestação de /a/]; [a]CONSOANTE[não similitude fonética com manifestação /a/].

O peso percentual da frequência de [Ø] e de [ə] é, pela equação da proporcionalidade directa, de $\approx 50\%$.

Leiam-se as notações:

603. ['kã̃ˈtr̃ə] a par de

604. ['kã̃ˈt̃ər̃]

2.2.4. /u/

Paralelamente às ocorrências descritas enquanto realizações do fonema vocálico «central» não final seguido de /CONSOANTE INICIAL DA SÍLABA SEGUINTE/, e no condicionamento de unidade acentual de esquema proparoxítono, /u/ ocorre com uma percentagem de $\approx 55,6\%$ como [Ø], nomeadamente quando o timbre perceptível do fonema vocálico final absoluto tem um timbre perceptível idêntico a [u].

Por outro lado, os alofones alternativos [u] e [ụ] (com um peso percentual equiparado a $\approx 11,1\%$) são representativos de /u/, nomeadamente quando o timbre perceptível vocálico final da unidade é diferente de [u] e de [ụ].

Observe-se:

605. ['bãkr̃] (C)

606. ['bãk̃ur̃ə] ou

607. ['bãk̃ur̃ə] (P)

608. ['s̃ɛkl̃] (AL, P) ou

609. ['s̃ɛk̃ə̣u] (P)

610. [tri'ã̃ŋgl̃] (P)

Embora no corpus - amostra obtida não se disponha de uma amostragem suficiente para que dos casos apurados se possa relevar uma expressividade estatística para a definição do fenómeno (o índice de frequência é de $\approx 4\%$ de ocorrência), observa-se que o fonema «posterior» apresenta probabilidades de, ao manifestar-se neste contexto específico, sofrer uma redução de timbre perceptível afecto à queda por dissimilação sempre que os sons consonânticos que residem em contacto possam configurar um grupo consonântico viável.

Isto significa que, no condicionamento de /CONSOANTE/ + /u/ + «LATERAL» ou «VIBRANTE» heterossilábicas, /u/ nota-se perceptível por um [Ø] (com um peso percentual computado de $\approx 55,6\%$) ou por um [ə] de timbre perceptível fraco (com um índice percentual de $\approx 22,2\%$).²²

611. [ã̃ˈb̃ɔ̃br̃ə] (ATC, P, S)

612. ['r̃ɔ̃t̃ə̣] (P)

²² Leite de Vasconcellos e S. da Cruz observaram um fenómeno idêntico de redução a um timbre considerado mais neutro (cf., respectivamente, VASCONCELLOS 1987: 89 e CRUZ 1991: 38).

A dar conta do modo de organização do sistema que aqui se compendia, derivantes deste mecanismo fonético peculiar são também as manifestações atinentes à configuração de /e/ e de /a/ em contexto silábico idêntico, como está descrito supra.²³

²³ Cf. II, 2.: 2.2.2 e 2.2.3..

capítulo 3

vocalismo pré-acentuado.

O. introdução.

O inventário que se segue descreve o funcionamento do sistema vocálico pré-acentuado quer em posição inicial da unidade acentual, quer em posição não inicial.

Nesta última posição, isto é, numa localização que não inicia a unidade acentual, faz-se o levantamento e a descrição das unidades funcionais considerando em conjunto os subcontextos de posição imediatamente antecedente à sílaba acentuada e de posição antecedente a outra sílaba pré-acentuada.

Esta opção metodológica sustenta-se na grande uniformidade de distribuição das unidades que existe entre os dois subcontextos; pelo que não faria sentido estar aqui a explicar-se como que as mesmas coisas. Tal desvirtuaria a clareza intrínseca ao próprio sistema.

Os eventuais casos pontuais computados de diferenças de distribuição, nomeadamente em termos do campo de dispersão dos fonemas, crê-se poderem vir a ser clarificados pelos timbres perceptíveis considerados mais manifestativos de unidades fonológicas.

1. posição inicial da unidade acentual.

1.1. sílaba aberta.

/i/: «anterior»

/a/: «central» «fechado»

/a/: «central» «aberto»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»

O subsistema apresentado, onde se acusa a inexistência da oposição fonológica /q/ x /q̣/, documenta-se com os seguintes confrontos:

/il(u'di)re/ x /ạl(ə'ta)re/
 /O'(su)du/ x /i'(ra)du/
 /un(i)'AwN/ x /ạ'nAwN/
 /O'(f)əRta/ x /ạ'(p)əRta/
 /ạ't(a)re x /ạ't(q̣)re/

As unidades fonológicas que o compõem estão representadas pelos timbres perceptíveis, respectivamente, [ị ɪ̣], [ạ Ø̣], [ạ], [q̣ q̣ Ø̣ ụ] e [ụ].

As realizações agrupadas como [ị ɪ̣], [ạ Ø̣] e [q̣ q̣], [q̣ q̣ Ø̣] e [q̣ ụ] são variantes livres e/ou individuais, atestadas nos exemplos que se seguem nos quadros infra.

Antes de se avançar com a descrição do modo de funcionar das unidades em início de unidade acentual e em sílaba aberta, merece ser observado que a realização perceptível de /ạ/ acusa um peso percentual de ocorrência muito pouco expressivo (atinge o índice de ≈,05%)¹, o que permite alistar o fonema como tendencioso ao desaparecimento no sistema. No corpus - amostra obtida, identificam-se como casos ilustrativos as sequências notadas como /ạ'tivu/ e /ạ'toR/.

1.1.1. /ị/

Em posição inicial absoluta, a par do timbre perceptível [ị], assiste-se também à realização nasal [ɪ̣], com um peso percentual de ocorrências de ≈40% e de ≈60%, respectivamente.

Vejam-se os exemplos:

613. [ɪ̣n'grɛʒạ] (C), a par de 614. [ɪ̣n'grɛʒạ] (ALNC)
 615. [ɪ̣n'taɾni'dạðə] (C), a par de 616. [ɪ̣n'taɾni'dạðə] (P)
 617. [ị'gwạɪ] (MR)

1.1.2. /ạ/

De acordo com o corpus - amostra analisado, é frequente a alternância perceptível entre o timbre [ạ] e a ausência de timbre ([Ø̣]), com um nível de frequência a atingir os ≈60% e os ≈40%, respectivamente.

Observe-se:

618. [ạɪ̣m'brɔ̣ɾi] (T); 619. [lạ̃m'brɔ̣ɾi] (S)
 620. [ạɪ̣n'tɛ̣nạ]; 621. [ɪ̣n'tɛ̣nạ] (ATC) (formas do significante de «lanterna»)
 622. [ạ'fɔ̣ɾạ] (forma do significante de «fora»)

¹ Para uma visão mais circunstanciada do peso estatístico da frequência das ocorrências, cf. ANEXO IV.

623. [aʁaʎ'kaɾi] (forma do significante de «calcar»)
 624. [aʁa'fata]; 625. [sa'fata] (formas do significante de «açafate»)
 626. [ĩnda]
 627. [a'ji], a par de 628. [ˈji] (ESC, SALG)

1.1.3. /O/

Na variedade que se descreve coexistem o timbre perceptível [ɔ] e o timbre perceptível mais fechado [ɔ]^{2,3} com o índice percentual de ocorrências de ≈41,6% e de ≈35,3%, respectivamente.

São exemplos desta coexistência:

629. [ɔ'vidu] (MR)
 630. [ɔ'tõnɔ] (AL)
 631. [ɔ'ferta] (ESC)
 632. [ɔfaɾ'tõriu] (P)
 633. [ɔ'fêsa] (ESC)
 634. [ɔɐ'veɾa] (P), a par de 635. [ɔɐ'veɾa] (FAT)

Embora de ocorrência pouco expressiva (a atingir um peso percentual de ≈16,6%), na manifestação das sequências fonológicas /Obri'gaðu/ e /Obriga'dina/, o timbre perceptível marcado é [Ø].

Atendendo à inserção destas sequências no ambiente de alocação avaliado, poder-se-á crer que a manifestação em [Ø] é ocasionada pela componente informativa que activam e que os dispõe a serem afectados por um acento de maior força egressiva coincidente com o segmento silábico tónico (ou seja, /.'ga./ e /di./).

Leiam-se as seguintes notações:

636. [bri'gaðu] (FAT)
 637. [briga'dĩna] (B), mas
 638. [ɔbri'gaɾi] (ALJ)

Nestes últimos três registos, atente-se na posição ante-pré-acentuada que a unidade equacionada ocupa nos dois primeiros em relação à posição pré-acentuada do último: a realização do fonema posicionado em sílaba ante-pré-acentuada está afectada por uma

² Em posição e condicionamento idênticos aos que aqui se descrevem, o timbre perceptível [ɔ] foi também registado em uso na variedade do português da Estremadura e de muitos pontos da região alentejana (cf. VASCONCELLOS 1895-1896a: 30; 1987: 87; 1890-1892a: 26 — do Alandroal, 40 — de Beja; NUNES 1902: 34 — do barlavento algarvio; HAMMARSTRÖM 1953: 51 — de Sagres, 74 — de Monchique, e ainda 145).

³ Semelhante hesitação entre os timbres perceptíveis [ɔ] e [o] foi notada na variedade linguística aferida na região Sul (cf. VASCONCELLOS; 1895-1896a: 216; 1987: 87 e 2000: 40).

emissão egressiva débil em termos de força produtiva/articulatória, o que certamente justifica a ausência de timbre perceptível.

De carácter pontual, a atingir o nível percentual de $\approx 8,5\%$ de ocorrências, assiste-se igualmente à alternância entre os timbres perceptíveis [o] e [u], fenómeno que dá conta de certa ambivalência da unidade «posterior» em termos do espectro da manifestação fonética:

639. [o'vɐλɐzə] (ALNC)

640. [u'vɐλɐzə] (ALJ, P)

1.2. sílaba fechada por /-j./ («dorsopalatal»).

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»⁴

A individualidade fonológica destas unidades atesta-se nos seguintes pares:

/Aj'r(ɔz)u/ x /Aj'r(ɔd)u/

/Oj'(tENta)/ x /uj'(vɐre)/

Neste sistema nota-se a existência dos arquifonemas /A/ e /O/, resultantes da neutralização das oposições /a/ x /a/ e /q/ x /q/.

Os alofones perceptíveis são, respectivamente a /A/, /O/ e /u/, [a], [o u], [u].

[o u] são consideradas variantes livres e/ou individuais da realização perceptível do arquifonema «posterior».

Observe-se:

1.2.1. /O/

Neste condicionamento, a unidade «posterior» é a única que apresenta duas realizações alternativas, uma em [o] e outra em [u], cujo peso percentual das ocorrências, equacionando a proporcionalidade directa dos dados, é de $\approx 50\%$.

⁴ Condicionado pela composição da sílaba, cuja visualização é /VC/, representando /C/ um fonema consonântico com traço de palatalidade, não é de estranhar que o som vocálico adquira uma característica palatal. Apesar da impropriedade da característica ser considerada correntemente como um exclusivo da variedade linguística da região portuguesa delimitada à Beira Baixa, não deixa de ser esclarecedor e recorrente apontar-se a palatalidade como uma marca linguística caracterizadora e distintiva — basta para isso relembrar o que sobre o assunto foi dito, entre outros, por L. de Vasconcellos (VASCONCELLOS 1987), P. Boléo (BOLÉO 1974: 309-352, em especial 331-334), e L. Cintra (CINTRA 1971: 81-116).

O facto de uma das ocorrências se desviar em timbre perceptível para o som mais fechado e de ressonância palatal, pode levar a crer que /O/ apresenta vestígios de extinção, dispondo o sistema com tendência a reduzir-se às unidades /A/ e /u/.

Alguns exemplos:

641. [o_j'tẽ_wtã] (ALJ)

642. [u_jtã'sẽ_wtozõš] (P)

1.3. sílaba fechada por /-w./ («labiovelar»).

/e/: «anterior»

/A/: «central»

A oposição que se encontra em /a/ x /a/ não funciona neste contexto, o que dá origem ao arquifonema «central» /A/.

Os alofones que realizam com maior frequência de uso as unidades /e/ + /w/ e /A/ + /w/ manifestam uma realização perceptível com um grau de deslocação para o timbre velar, certamente proveniente do fenómeno fonético de aquisição do traço «velar» da forma de /w/. A unidade /w/, por sua vez, apresenta-se produzida com um timbre perceptível muito débil ou até não perceptível.

Destes dados pode extrair-se a seguinte conclusão: se já por si reduzido, o sistema de sílaba fechada pela unidade «labiovelar» mostra-se tendente a desaparecer, vindo porventura a incorporar o (sub)sistema que regula a sílaba aberta.

As unidades /e/ e /A/ aparecem documentadas nos seguintes confrontos:

/Aw'(r)qra/ x /ew(k)ariS'tia/

As sequências fonéticas realizadas perceptíveis são, respectivamente [e^w e_wØ øØ] e [a^w øØ].

Os grupos [e^w ew], [e_wØ øØ] e [a^w øØ] ocorrem em variação livre e/ou individual.

Veja-se:

1.3.1. /e/

Neste contexto convivem, com um índice de frequência relativamente equiparado a ≈26,6%, os timbres perceptíveis [e^w] (com uma realização muito débil do elemento semiconsonântico), e [e_w] (com uma ressonância velar certamente admitida pela ausência perceptível do timbre [w]).

É de mencionar que as sequências perceptíveis [e^w] e [e^ww] são pouco rentáveis em termos de funcionalidade, observação que permite admitir, sem causar grande estranheza, que a sequência fonológica /ew/ em início de unidade acentual apresenta vestígios que conduzem ao seu eventual desaparecimento.

Sintomático desse fenómeno é também o facto de a realização sofrer um deslocamento perceptível para uma articulação localizada num ponto mais posterior, manifestando-se como [ɔ] (≈14,3%).

Leiam-se as seguintes notações:

643. [e^wgẽniu] (D)

644. [e^wkə'ɰipəɽ^u] (E), a par de 645. [e^wkə'ɰipəɽ^o] (P)

646. [e^wkəɾiʃ'tiə] (C), a par de 647. [e^wwkəɾiʃ'tiə] (P) e de 648. [ɔkəɾiʃ'tiə] (P)

649. [e^w'rik^u] (MR)

1.3.2. /A/

Em correlação com os produtos de /e/, cujas realizações perceptíveis admitem um traço marcadamente velar consequente da leveza ou da inexistência do timbre [w]⁵, a unidade /A/ realiza-se ora como [a] ora como um timbre perceptível como posterior [ɔ]. Equacionados os dados da amostra, [a] e [ɔ] atingem um índice de ocorrência percentual de ≈50%, respectivamente.⁶

A dar mostras da ressonância velar que caracteriza este subsistema, é nitidamente perceptível uma maior abertura do timbre [a], em especial quando o som semiconsonântico [w] é débil ou é mesmo não perceptível.

São exemplos:

650. [əwmă^wn'təɾi] (E)

651. [õmă^wn'təɾi] (FAT)

1.4. sílaba fechada por /-L./ («lateral»).

/A/: «central»

/u/: «posterior»

Neste reduzido sistema a oposição entre /a/ e /a/ não funciona, dando origem ao arquifonema «central» /A/.

⁵ Cf. II, 2.: 1.3.1. supra.

⁶ Apontado como um caso 'peculiar', a variante perceptível [ɔ] de característica velarizada é aferida na variedade linguística em uso em S. Miguel, especialmente no contexto de sílaba inicial: cf. BERNANDO; MONTENEGRO 2003: 63.

A individualidade fonológica das duas unidades documenta-se pelo confronto:

/AL(kAN's)əre/ x /uL(tRə'm)əre/

As realizações perceptíveis são, por ordem, [a̠ a_w] e [u_j].

[a̠ a_w] são variantes de carácter individual e/ou livre da manifestação física de /A/.

1.4.1.

Tanto /A/ como /u/ apresentam neste contexto uma realização condicionada ao traço perceptível velar a que estão sujeitas por motivos da natureza da coarticulação, isto é, por se posicionarem num contexto em que estão entravadas pela «lateral».

No entanto, também devido a uma articulação alveolar de /L/, não raro regista-se o timbre perceptível [a̠] (com um peso percentual de ≈50% de ocorrências), como a seguir se exemplifica:

652. [a̠'pẽndrɪ] (ALJ)

653. [a̠gə'dəɾɪ] (T)

Veja-se ainda:

Em [a_wlvãⁿ'təɾɪ] e [a_wlvãⁿ'təɾɪ], 654. e 655. respectivamente, como ilustração de caso, a pouca força egressiva com a qual [ə] é produzido/articulado (em 655. corresponde mesmo ao timbre perceptível como [Ø]), tem como resultado fonético uma sílaba inicial constituída por [a̠+l.], estrutura que pode explicar o timbre perceptível velar que a realização da «lateral» empresta à realização [a_w].

Outros exemplos de ocorrência alternativa entre os timbres perceptíveis [a̠] e [a_w] são:

656. [a̠kã'səɾɪ] (V) e 657. [a_wkã'səɾɪ] (L)

O mesmo acontece com o segmento 658. [a_wɬ'ɬujə] (FAT), onde o perceptível enfraquecimento do som vocálico ([ɐ]) que se antepõe imediatamente à sílaba acentuada — e que se nota alternada com a realização perceptível produzida/articulada de forma plena e mais central em 659. [a̠ɬ'ɬujə] (P) —, leva a avaliar a reconstituição da sílaba inicial da unidade acentual segundo a estrutura /AL./.

É nesta circunstância que, em contextos similares, o som vocálico inicial pode receber um timbre perceptível velar ([a_w]).

1.4.2.

Na realização mais manifesta de /u_j/, por seu lado, a ressonância velar não é perceptível devido à força do traço palatal que distingue a unidade.

1.5. sílaba fechada por /-N./ («nasal»).

/i/: «anterior»

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»

Os confrontos que se seguem documentam a natureza funcional das unidades:

/iNtəri'ore/ x /ANtəri'ore/

/uN'(gi)re/ x /iN(pə'd)ire/

/ONd(u'l)əre/ x /AN'dəre/

As oposições /ə/ x /a/ e /ɔ/ x /o/ não funcionam neste contexto. Daí os arquifonemas /A/ e /O/.

Os alofones notados são, respectivamente, [ĩ ã_w ũ], [ã_w ĩ], [õ ũ_j], [ũ_j ĩ].

Neste subsistema, os grupos fonéticos perceptíveis [ĩ ã_w] e [ĩ ũ], [ã_w ĩ], [õ ũ_j], [ũ_j ĩ] e, mais pontualmente [ũ_j ĩ], apresentam-se como variantes livres e/ou individuais das realizações de /i/, de /A/, de /O/ e de /u/ respectivamente.

Veja-se:

1.5.1. /i/

A par da realização [ĩ] (≈35,4%), nota-se, com o índice percentual de frequência de ≈25,5%, a abertura perceptível da produção do timbre assemelhando-se à ressonância de localização mais central [ã_w].⁷

Repare-se nas seguintes notações:

660. [ĩkõmu_jđ^u] (P); 661. [ã_wⁿkõmu_jđ^u] (C)

662. [ĩvẽn^u] (T); 663. [ã_w'vẽn^u] (MR)

664. [ĩmpə'dĩre] (E)

665. [ĩm'pĩžã] (P)

666. [ã_wⁿgarã'nađ^u] (O)

667. [ĩfẽn^o] (E, P)

668. [ã_wⁿtu'pid^o] (LAV)

⁷ L. de Vasconcellos aponta a existência de um fenómeno idêntico ao descrito. São suas as seguintes palavras: «d'une manière générale, on peut dire que *ê*- devient *ĩ*- dans le Nord, dans le Centre et dans l'Extrémadure Cistagane, ; ex. : *intrar*, *entrar* (êntrar, êntrar)» (VASCONCELLOS 1987 : 86).

Para além deste dialectólogo, outros têm registado o timbre perceptível como [ã_w] na variedade linguística aferida em uso no barlavento Algarvio, em Odeleite e em Monsanto (cf. NUNES 1902: 37; CRUZ 1991: 43-44 e BUESCU 1984: 91, respectivamente).

As realizações perceptíveis [ɪ] e [ã_w] convivem sem que um condicionamento concreto as permita interpretar. Ainda assim, marcam-se algumas recorrências que podem justificar, embora sem pendor determinante, a escolha de uma ressonância pela exclusão da outra, nomeadamente cotejar a emissão perceptível de [ɪ] com presença contígua da «chiente» «surda» ou «sonora».

Equacionados os dados do corpus - amostra obtida, a ocorrência perceptível [ɪ] atinge um índice percentual na ordem dos ≈25,4%; a ocorrência perceptível [ã_w] alcança os ≈11,8%.

São exemplos:

669. [iʃq'viã] (P)
 670. [i'ʃaḍa] (T); 671. [ã_w'ʃaḍa] (LAV)
 672. [iṁpa'dir^ə]
 673. [iṁ'paḍa]
 674. [i'žĩnaḗaš] e, de uso limitado, 675. [ã_w'žĩnaḗaš]

De carácter ainda mais peculiar, o fonema «anterior», em /iN'žinazaS/, manifesta uma perceptível 'desnasalação' e produzida/articulada de forma mais central (676. [a'žĩnaḗəš]), ocorrência que se crê favorecida pela presença de um som vocálico tónico que, por razões de coarticulação, surge nasalado.

Singularmente, com um peso percentual de ≈5,6%, a par de [ɪ], regista-se o caso perceptível de fechamento completo ao som [ũ], no segmento 677. [ũ'veṛn^u] (AL, MR, P, V) (678. [i'veṛn^u]), certamente autorizado pela dinâmica articulatória de um acento expressivo.

1.5.2. /A/

A recorrência da realização de /A/ passa pelo timbre [ã_w] onde é perceptível uma velarização ocasionada pela redução da cavidade bucal na sua parte anterior em simultâneo com o levantamento do dorso da língua em direcção ao palato e com a aproximação mediana dos maxilares.

[ã_w] atinge o peso percentual de ≈65,5% das ocorrências.

Vejam-se os exemplos:

679. [ã_wⁿda'riλ^u] (P)
 680. [ã_wⁿdaşj^u] (ESC)
 681. [ã_wⁿdāsja] (PA, SALG)

O arquifonema /A/ pode ocorrer a ≈36,4% com o timbre perceptível [ɪ], de forma mais circunstanciada à presença adjacente de uma realização [i]. No entanto, esta justificação provoca algumas reservas na fixação do timbre perceptível nesse contexto, uma vez que a ressonância [ã_w] também é verificada.

Atendendo ao corpus obtido para amostragem, esta coexistência alternativa e livre dos timbres perceptíveis [i] e [ã_w] ocorre em segmentos como 682. [ĩ'žĩŋ^o] (P), 683. [ã_w'žĩŋ^o] (P); 684. [ĩd^o'rĩŋa] (AL), 685. [ã_wⁿd^o'rĩŋa] (AL, SC) ou 686. [ĩⁿtigã'mẽ_wtə] (MR), 687. [ã_wⁿtigã'mẽ_wtə] (P). Por outro lado, há casos em que o fenómeno de alternância de timbres perceptíveis é mais questionável: sempre [ã_w] em 688. [ã_wⁿdə'riλ^u] (P) e sempre [i] em 689. [ĩ'sĩŋ^o] (FAT, L, P).

1.5.3. /O/

Observa-se um registo expressivo em termos de ocorrência do timbre perceptível mais fechado [ũ_j] em convivência marcada com o timbre perceptível [õ], com um peso percentual distribuído a ≈50%.

690. [ũ_j^m'brerə] (S)

691. [õⁿdə'.ɭəð^u] (P)

Isto querará dizer que se está, mais uma vez, perante um sistema que tenderá certamente a reduzir-se às unidades «anterior», «central» e «posterior», naturalmente por razões de equilíbrio dentro do próprio sistema.

1.5.4. /u/

De forma mais generalizada (porquanto atinge o peso percentual de ≈75% das ocorrências), o fonema /u/ realiza-se com o timbre perceptível [ũ_j], como a seguir se exemplifica:

692. [ũ_j'sāw] (ALJ, P, VAL)

693. [ũ_j'žir^e] (P)

No entanto, nomeadamente na realização da sequência fonológica /uN'bigu/, nota-se a convivência dos timbres perceptíveis [ũ_j] e [ẽ], equacionando-se o timbre [ũ_j] mais rentável em termos de ocorrência no contexto particular aqui aferido.

De acordo com os dados estimados, a frequência de [ẽ] atinge ≈25% das ocorrências.

694. [ũ_j^m'big^u] e 695. [ẽ^m'big^u] (P)

1.6. sílaba fechada por /-NS./ («nasal» + «sibilantes-chiante»).

/i/: «anterior»

Este sistema sobrevive com a unidade «anterior» /i/, com um índice percentual de ocorrência na ordem dos $\approx 1\%$ ⁸.

De realização generalizada ao timbre perceptível [i] ($\approx 99,9\%$), observem-se as seguintes notações exemplificativas:

/iNStRu'sAwN/ : 696. [ĩʃtru'sjãw] (B)

/iNSpɐ'sAwN/ : 697. [ĩʃpɐ'sjãw] (P)

1.7. sílaba fechada por /-R./ («vibrante»).

/i/: «anterior»

/A/: «central»

/o/: «posterior»

/u/: «posterior»

A individualidade fonológica destas unidades atesta-se em confrontos como os seguintes:

/iR'(dɐ)u/ x /oR'(vɐ)u/

/uR'(t)ɪ(g)a/ x /AR'(ʒ)ɪ(l)a/

As oposições /a/ x /ɐ/ e /ɔ/ x /o/ encontram-se neutralizadas neste contexto. Daí os arquifonemas /A/ e /o/.

Os alofones aferidos são [i ɐ ɐ], [a], [ɔ ɔ] e [u ɔ], constituindo os grupos fonéticos perceptíveis [i ɐ ɐ], [ɔ ɔ] e [u ɔ] variantes livres e/ou individuais das manifestações físicas de, respectivamente, /i/, /o/ e de /u/.

Veja-se a seguinte descrição das realizações avaliada:

1.7.1. /i/

O timbre perceptível [i] não raro convive ora com [ə],⁹ ora, de carácter mais esporádico, com a realização perceptível de produção/articulação mais fechada [ɛ], com o peso percentual de ocorrência de $\approx 40\%$, $\approx 30\%$ e $\approx 30\%$, respectivamente.

Leiam-se os seguintes exemplos:

698. [ɐrvã'nɐi] (E)

699. [ərvɪ'λɐɐ] (ALNC)

700. [ir'mãww] (C)

⁸ Para uma visão mais ampla do nível percentual de ocorrência neste contexto, cf. ANEXO i-b.

⁹ O timbre perceptível [ə] é considerado por alguns autores uma característica das variedades linguísticas meridionais (cf., entre outros, VASCONCELLOS 1987: 88).

701. [ir'viλa]; 702. [ər'viλa];
 703. [ir'mã_ww]; 704. [ər'mã_ww]
 705. [ər'miða]
 706. [ir'mĩna]; 707. [ər'mĩna] (formas do significante de «hermínia»)

1.7.2. /o/

A realização de /o/ é perceptível, alternadamente, ora como [ɔ], ora como [o], com um índice de frequência que atinge os ≈60% e os ≈40%, respectivamente.

Veja-se:

708. [ɔrdə'nariɐ]; 709. [ordə'nariɐ]
 710. [ɔrgãñə'zari] (C)
 711. [ɔrdə'nariu] (C, P)
 712. [ɔrvə'laða] (P); 713. [orvə'laða] (Esc)
 714. [ɔrdə'nari] (P); 715. [ordə'nari] (ALJ)
 716. [ɔrdə'nari] (C); 717. [ordə'nari^ə] (MR); (formas do significante de «ordenar»)

Nestas últimas quatro sequências fonéticas não deixa de ser interessante notar que a acompanhar a abertura perceptível do timbre [ɔ], o som paragógico palatal fecha-se ao seu grau máximo (a [i]), crendo-se estar, por outro lado, o timbre perceptível [o] numa relação de estrutura dependente com a manifestação de um [ə] final.

1.7.3. /u/

Neste contexto de + /-R./, a unidade que se descreve apresenta alguns vestígios que poderão justificar o seu desaparecimento, mantendo-se mais afirmativamente o fonema /o/ como a unidade «posterior» a funcionar neste contexto.

A justificar este fenómeno nota-se, por um lado, a alternância de timbres perceptíveis entre [u_j] e [o_j] (com [o_j] a atingir o peso percentual de ≈42% das ocorrências) e, por outro, a fraqueza perceptível da ressonância palatal de [u_j], traço naturalmente atenuado pela presença mais forte do timbre manifestativo da «vibrante».

Observe-se:

718. [u_jrdə'dəra] (P)
 719. [u_jr'dir^ə] (ALN, FAT); 720. [o_jr'dir^ə]
 721. [u_jr'tiga] (O); 722. [o_jr'tiga] (P)
 723. [u_jrnã'mẽ_w^{ntu}]; 724. [o_jrnã'mẽ_w^{ntə}] (P)

1.8. sílaba fechada por /-S./ («sibilante-chiante»).

/E/: «anterior»

/A/: «central»

/o/: «posterior»

A individualidade fonológica destas unidades atesta-se pelos confrontos:

/ES'p(ɐ̃)tə/ x /AS'p(ir)ə/

/oSpi'(təL)/ x /ASpi'(rəR)/

Neste contexto específico, neutralizam-se as oposições fonológicas entre /ɐ̃/ x /ɐ̃/, /a/ x /a/ e /q/ x /q/.

Os alofones perceptíveis são [ɐ̃ Ø i], [a] e [o], sendo [ɐ̃ Ø] e [i] variantes livres e/ou individuais da realização do arquifonema «anterior».

Estas realizações estão documentadas na descrição que se segue:

1.8.1. /E/

Crê-se que a alternância perceptível ocorrente entre os timbres [ɐ̃], [Ø] e [i] aparece determinada pelo condicionamento resultante da força egressiva impulsionada por um acento expressivo que afecta a produção/articulação do segmento.

Nota-se que as realizações perceptíveis como [ɐ̃] e [Ø], as mais frequentes em termos de uso (atingem o peso percentual equivalente de ≈35,3%), surgem particularmente quando a sequência na qual se inscrevem não está afectada pela dinâmica de um acento expressivo mais intenso, pois, se esta condicionante suprasegmental se verificar, o timbre perceptível, ainda que breve, manifesta uma produção/articulação mais fechada.^{10;11}

Veja-se:

725. [iʃpãwⁿˈtəɫɐ̃] (P)

726. [iʃgrɔviˈəðɐ̃] (P)

727. [əʃkəˈɫɐɾə̃]

¹⁰ Num condicionamento idêntico, na variedade linguística observada por L. de Vasconcellos na região do norte de Portugal, foi testada a ausência de timbre (cf. VASCONCELLOS 1987: 86); na Beira Alta, nos Açores (Arrifes) e em algumas variedades linguísticas do Alentejo (Castelo de Vide, Alandroal e Avis) e do Algarve (Lagos, Silves e Gorjões) nota-se a presença do timbre perceptível [i] (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 296; 1895-1896a: 16, 34-35, 37 e 217; 1987: 86; HAMMARSTRÖM 1953: 59, 79 e 94, respectivamente). Estas duas realizações, isto é, [i] e [Ø], a par de [ɐ̃] foram também testadas em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 26-28). Na variedade do português em uso em Lisboa atesta-se essencialmente a variante [Ø]; em Braga, as variantes perceptíveis mais frequentes são [i] e [ə̃] (cf. RODRIGUES 2003: 105).

¹¹ A existência das variantes [ɐ̃] e [Ø] nomeadamente quando condicionadas pela posição aqui avaliada, leva a que certos autores considerem estar-se na presença de um núcleo silábico vazio (cf. ANDRADE; RODRIGUES 1998: 117-133).

728. [əʃ'mɔɪə]
 729. [ʃkəɾ̃əpəʃəɖ̪ʊ] (P)
 730. [ʃ'pɛɭu]
 731. [əʃ'prɪtə] (forma do significante de «espírito»)
 732. [ʃ'trũjmə] (VAL)

De certa forma, ainda que ocasionalmente em termos de ocorrência ($\approx 11,1\%$), a supressão perceptível do timbre átono pode conduzir à não perceptibilidade da totalidade da sílaba pré-acentuada, fenómeno que, a par das outras realizações alternativas da unidade — já por si de produção/articulação vocálica muito breve — crê-se ser indicativo de que /E/ tenderá a desaparecer.

Observe-se a título ilustrativo:

733. [tə'rejʒəʃ] (forma do significante de «estareis»)

Importa relembrar que, nos casos aferidos em que a unidade «anterior» não se manifesta perceptível através de um som vocálico, notado por isso como [Ø], não é a presença da entidade fonológica que se questiona. /E/ manifesta-se alternativamente, como o verificado supra, nos sons alternativos [ə] e [ɪ], ainda que breves.

Por outro lado, é possível a seguinte interpretação: se, por um processo de distribuição formal, for observado o comportamento fonológico das «sibilantes» e das «chiantes», reconhece-se a oposição funcional estabelecida por /s/ x /z/ x /ʃ/ x /ʒ/ em posição inicial de sílaba e a neutralização dessa oposição em posição final de sílaba, estando as realizações perceptíveis como surdas e sonoras do arquifonema «chiente-sibilante», nesta última posição, condicionadas pelo contexto e, por isso, distribuídas complementarmente.

Se, de forma mais circunstanciada, o exame proposto estiver limitado ao contexto intervocálico e se for representado pelas estruturas /E/ (de realização perceptível [ə]) + /s/ ou /z/ + /VOGAL/ + /VOGAL/ + /s/ ou /z/ + /e/ (de realização perceptível [ə]), como exemplificam as notações 734. [pə'sjɛgə] (P) e 735. [əsjə'guɾə] (FAT) ou 736. [pə'zjəɖ̪ə] (ALC) e 737. [əzjə'vĩɲə] (P), admite-se a existência de um /E/ que funciona como qualquer outra unidade vocálica cuja presentificação física é manifestamente perceptível (confirmam-no notações como 738. [pu'sjiɯgə] (C) e 739. [pɛ'zjĩɲə] (P) ou como 740. [əsj ə'ðɛɾə] (LAV) ou 741. [əzjə'ðĩɲə] (P), entre outras aferidas corpus - amostra obtida).

2. precedido de consoante.

O subsistema que se segue descreve as unidades fonológicas precedidas de /CONSOANTE-/ que se encontram tanto em sílaba inicial, como em sílaba não inicial da unidade acentual.

De acordo com esta repartição, e para mostrar como funcionam, firma-se o subsistema em grupos de estruturação silábica.

São eles:

2.1. sílaba aberta.

/i/: «anterior» «fechado»
 /e/: «anterior» «aberto»
 /a/: «central» «aberto»
 /a/: «central» «fechado»
 /ɔ/: «posterior» de «abertura 3»
 /ɔ/: «posterior» de «abertura 2»
 /u/: «posterior» de «abertura 1»

A individualidade fonológica destas unidades está atestada nas seguintes confrontações:

/ (p) i' (λ) ANsa / x / (m) a' (t) ANsa /
 / (f) Re' (gɛz) a / x / (p) Ru' (tEž) a /
 / (k) a' (b) aša x / (p) u' (t) aša /
 / (m) a' dɛra / x / (p) a' dɛra /
 / (d) ɔ' (b) aɾe / x / (l) ɔ' (v) aɾe /

As realizações perceptíveis aferidas são, respectivamente, [i ə Ø u], [e], [a], [a ə Ø ã õ ã ã ɔ ɔ u], [ɔ], [ɔ], [u u i].

De acordo com a análise efectuada ao corpus obtido para amostra, consideram-se variantes individuais e/ou livres das realizações perceptíveis de /i/, de /a/ e de /u/ os grupos fonéticos seguintes: em relação a /i/ — [i ə Ø] e [i u]; em relação a /a/ — [a ə Ø], [ã õ ã ã], [ɔ u ə a] e [wə Øɔ Øɔ] (este último grupo, num contexto mais específico de /kw-/ ou de /gw-/); e, em relação a /u/ — [u u] e [u i].

Segue-se uma descrição mais precisa do condicionamento das variantes manifestadas:

2.1.1. /i/

Nomeadamente sob a influência de uma consoante palatal contígua, a realização perceptível de /i/ alterna entre os timbres [i] e [ə], com um peso percentual respectivo de ≈66,6% e de ≈35,3% de ocorrências.

Observe-se:

742. [kaʃtə'ɲer^o] a par de 743. [kaʃtĩ'ɲer^o] (P)

744. [mãñã'zĩɲa]

745. [pi'kẽn^u] (C, P)

Por outro lado, sem um contexto mais preciso, verifica-se que os timbres perceptíveis [i] e [ə] coexistem de forma alternativa sem outra justificação a não ser a realização perceptível [ə] testemunhar a fraqueza própria da realização em posição silábica anterior à sílaba acentuada, chegando por vezes à ausência perceptível de timbre ([Ø]), nomeadamente quando as /CONSOANTES/ em contacto podem, no âmbito da fisionomia do sistema, formar grupo silábico.

Esta evidência,¹² por si só e pela própria natureza dinâmica da língua, faz prever o desaparecimento de /i/ nesta posição e contexto precisos, especialmente se se admitir que a realização perceptível [i] actua como uma força compensatória¹³.

Leiam-se os seguintes exemplos:

746. [fi'ʃar^o]; 747. [fə'ʃarⁱ]

748. [r̃ə'ʃerə]

749. [ʃorə'sjər^u]

750. [pẽ'mẽntu]

751. [də'rɐtə] (ALC); 752. [d'rɐtə] (FAT)

753. [ʃə'kɔtə]; 754. [ʃ'kɔtə]

755. [vẽ'nagrə]

756. [si'gar^u]; 757. [sə'gar^u]

Num contexto mais preciso, admite-se que a existência do som perceptível [i] em posição acentuada condiciona a ressonância [i] na posição pré-acentuada, accionada por uma espécie de fenómeno de harmonização ao traço «palatal».

É deste fenómeno exemplo a notação seguinte:

758. [sj'i'rojla]

De carácter mais pontual, a par da realização [i], nota-se a manifestação [u] com um peso percentual de ocorrências a atingir os ≈5,6%.

¹² A larga presença do timbre perceptível [ə] em idêntico contexto foi registada também nos dados computados nos Açores (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 296), no Algarve (cf. VASCONCELLOS 1895-1896a: 327 — mais precisamente em Cabanas da Conceição e 1987: 88; NUNES 1902: 36 — no barlavento; HAMMARSTRÖM 1953: 127-128), no Alentejo (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 19 e 1895-1896a: 217 — Avis) e em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 35-36).

¹³ Leite de Vasconcelos justifica a realização do timbre [i] com o mesmo propósito, isto é, «a pouca resistência do e átono, ou ə, faz que este, para não se sincopar se mude em i.» (VASCONCELLOS 2000: 41). J. Nunes, por seu lado, julga o fenómeno como um caso de afectação (cf. NUNES 1902: 36).

Veja-se:

759. [su'prɛʃtə] (forma do significante de «cipreste»)

2.1.2. /a/

É frequente a concorrência, na ordem dos ≈63,4% e dos ≈21,7%, dos timbres perceptíveis [a] e [ə], fazendo admitir que a forma perceptível mais neutra [ə], assim como a ausência de timbre ([Ø] ≈10,5%), seja ocasionada pela menor força egressiva na produção articulatória que afecta o segmento em posição pré-acentuada ou ante-pré-acentuada.¹⁴

Por outro lado, o exame das notações averbadas permite admitir que a presença destes sons alternativos é verificada especialmente no condicionamento de proximidade com «oclusiva»¹⁵, «chiante», «sibilante» e «vibrante».

Observe-se:

760. [kã'mɐr]; 761. [k'mɐrə]

762. [kã'mɐrsiu]

763. [mã'rɛwⁿdã] (T)

764. [mə'diðazəʃ] (LAV, P)

765. [p'lɔtã] (ALJ); 766. [pã'λɔtã] (V)

767. [sɔã'ɭuʃu]

768. [sã'guɾã]; 769. [sə'guɾã]

770. [sã'roɭã]; 771. [sə'roɭã]

772. [sãpuɫ'tuɾã]; 773. [səpuɫ'tuɾã]

Em relação à manifestação perceptível como [a], merece atenção o seguinte: o facto de os timbres perceptíveis alternativos conviverem no mesmo contexto concreto provoca, por vezes, uma certa dificuldade em discernir onde a realização perceptível deve ser fixada de forma mais objectiva em termos de notação.

Cientes dessa realidade (geral à forma de descrição do universo deste estudo), mas também conscientes de uma maior oportunidade descritiva, opta-se por notar como [a] o timbre perceptível que se situa, mais precisamente, entre os formantes [a] e [ə].

Leiam-se as seguintes ocorrências de [a]:

¹⁴ A presença do timbre perceptível [ə] em idêntico condicionamento foi também demonstrada nas variedades da língua em uso no barlavento Algarvio (cf. NUNES 1902: 36), em Cabanas da Conceição — Algarve (cf. VASCONCELLOS 1895-1896a: 328 e 1987: 87, 103), em Odeleite (cf. CRUZ 1991: 31-33) e em Monsanto (cf. BUESCU 1984: 95-96).

¹⁵ Em relação a traço «oclusivo», chama-se a atenção para a nomenclatura que foi aqui escolhida e que corrobora, mais uma vez, o carácter convencional das designações atribuídas, neste caso à ordem. Note-se que, apesar de noutros pontos da descrição do modo como funciona a variedade linguística admitida como corpus a característica «oclusiva» não ser suficiente para definir os fonemas de que aqui se faz referência, neste preciso momento torna-se um traço pertinente pelo estatuto caracterizador, e ao mesmo tempo económico, que institui ao identificar as unidades «bilabiais», «apicais» e «dorsovelares», como são /b/ e /m/, /t/ e /d/, /k/ e /g/.

774. [ĩṁtrə'sɐrɔ] (forma do significante de «interesseiro»)
 775. [dɐ'ʎisjɐ] (forma do significante de «delícia»)
 776. [liḂə'ʎĩɲɐ] (forma do significante de «libelinha»)
 777. [sə'rojʎəzɐʃ] (forma do significante de «ceroulas»)
 778. [və'ʀuɣɐ] (forma do significante de «verruga»)

Ao se comparar significantes de unidades como «relação» e «ralação», notadas como /Rɐʎə'sAwN/ e /Rɐʎə'sAwN/, observa-se a existência de coincidência de significantes.

O uso mais comum destas formas é transcrito como 779. [r̄ɐʎə'sjãw].

Mesmo sendo manifestada por um uso alternativo perceptível notado como 780. [r̄ɐʎəsjãw], a forma do significante de «relação» que ocorre com mais abundância é a que expõe o timbre perceptível [ɐ], facto que poderia provocar alguma ambiguidade se não fosse a consideração esclarecedora do contexto.

De acordo com a análise efectuada ao corpus - amostra obtida, observa-se ainda que a realização perceptível [ɐ] acompanha o timbre [ɐ] em posição tónica (a atingir o peso percentual de ocorrências de ≈17,4%), certamente devido a razões de harmonia vocálica (dada à proximidade dos timbres perceptíveis em termos de produção/articulação) entre a sílaba acentuada e a sílaba que a precede.

São exemplos ilustrativos os seguintes:

781. [ãmə'zɐðə] (forma do significante de «amizade»)
 782. [kã'mɐðrə] (C, P)
 783. [tã'nɐzɐ] (P)
 784. [və'ʎɐkɐ] (P)

No condicionamento mais específico de configuração /CV./, representando /C/ a «dorsovelar surda», a frequência de ocorrência do timbre perceptível vocálico [ɐ] atinge os ≈8%.

Observe-se:

785. [kã'miðɐ] (ALJ)
 786. [kɐtə'veʎu] (P) (forma do significante de «cotovelo»)

Por outro lado, a realização [ɐ] não raro convive também com os timbres perceptíveis [o] e [u] (com um peso percentual equiparado a ≈3,8% de ocorrências), certamente ocasionados pela influência da produção/articulação da «bilabial» contígua¹⁶.

¹⁶ A influência dos sons consonânticos «bilabiais» foi já demonstrada por Leite de Vasconcellos em muitas das variedades linguísticas do português que descreveu (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 19, 296-297; 1895-1896a: 328 e 1987: 103).

787. [kũ'mewr^ə] (ALJ) (forma do significante de «comer»)

788. [kõ'miãmoz^ə] (ALJ, MR) (forma do significante de «comíamos»)

Encontra-se ainda o timbre perceptível [a], nomeadamente em contexto de proximidade de «bilabiais» e de «labiodentais», em convivência com as ressonâncias alternativas [o], [u] e [ə], com um peso percentual de ocorrências de $\approx 11,5\%$, de $\approx 9,6\%$ e de $\approx 4,7\%$, respectivamente.

Do corpus - amostra obtida são exemplos as seguintes notações:

789. [bu'Ḅawr^ə] e 790. [bḄ'Ḅewrⁱ] (C)

791. [fə'r̄ɛtḄ] (FAT)

792. [ku'brãntu] (P, VAL)

793. [fə'vrɛr^u] (AL)

794. [mḄ'λɛrⁱ] (MR)

795. [pə'pĩn^ə] (P) e 796. [pḄ'pĩn^ə] (FAT)

797. [prõ'mɛr^u] (P, VP, V); 798. [prũ'mɛr^u] e 799. [prḄ'mɛr^u]

800. [vrõ'mɛλ^ə] (P); 801. [vrḄ'mawλ^ə]

802. [šprõ'mawr^ə]; 803. [š'prḄ'mewr^ə]; 804. [š'prũ'mawr^ə], estando este último timbre perceptível fechado a [ũ] certamente por influência da produção/articulação da «bilabial» adjacente.

Noutros casos, abundantes no corpus - amostra obtida, se a unidade /Ḅ/ se encontra precedida pelas sequências /kw-/ ou /gw-/ ($\approx 88,73\%$), certamente por acção do traço «velar» de /w/, a realização mais generalizada assume uma ressonância velarizada perceptível ocorrendo alternadamente entre o timbre [Ḅ] e o timbre [q], com um peso percentual relativamente a $\approx 35,3\%$ das ocorrências.

O fonema /w/, umas vezes, mantém-se perceptível como [w], outras, quase deixa de se realizar [w], atestando o timbre perceptível [Ø] o fenómeno de absorção do traço «velar» manifestado em [q] ($\approx 35,3\%$).

Ainda neste contexto, é de assinalar que a manifestação de perfil fonético posterior mais fechado [q], paralelamente ao que ocorre com o som perceptível [q], acompanha a ausência do timbre [w].

Vejam-se os seguintes exemplos:

805. [kʷḄ'λḄḄ^u] (P)

806. [kwḄ'rẽwⁿtḄ]; 807. [kḄ'rẽwⁿtḄ] (P)

808. [kḄdri'λɛr^u] (C)

809. [kḄ'rẽšmḄ] (ALNC)

810. [kḄḄⁿ'tẽwⁿḄ]

2.1.3. /u/

Neste contexto, as realizações perceptíveis alternativas [u] e [u_j] estão particularmente determinadas pela força egressiva do impulso que afecta a sua produção/articulação, na proporção de maior intensidade energética, maior também a ressonância palatal perceptível. É pertinente ainda dar conta de que a força egressiva de que aqui se fala não é apenas de cariz emotivo-expressivo; a própria aproximação da sílaba acentuada faz com que a energia necessária à produção/articulação do segmento possa recair com intensidade na sílaba que imediatamente a precede.

Este fenómeno vem adensar o traço palatal enquanto característica peculiar da ocorrência perceptível da «posterior fechada», na medida em que, por um lado, a existência da «posterior palatalizada» é admitida como frequente no sistema vocálico pré-acentuado e, por outro, se não o é de forma mais explícita, acaba por ganhar corpo em alguns condicionamentos através do alofone perceptível [u_j].

[u] e [u_j] atingem o nível percentual de ocorrências de ≈30% e de ≈20%.

Leiam-se notações como:

- 811. [ku'r_jai] (Esc)
- 812. [fūnə'ra_ji] (C); 813. [fūjnə'ra_j] (P)
- 814. [prɔku'ra_ji]
- 815. [štū_j'ma_jr] (ALJ)

Nos lexemas compósitos aferidos no corpus - amostra obtida, a unidade apresenta um timbre perceptível não palatalizado [u] (≈99,9%).

Acrescenta-se ainda que da observação dos lexemas compósitos cujo acento é proparoxítono, é possível justificar a presença da realização [u] na linha da descrição efectuada e que atesta a menor energia acentual na sílaba ante-pré-acentuada.

Leiam-se as seguintes notações:

- 816. [ku'pĩn^o] (C)
- 817. [kuλə'rãw] (P)
- 818. [fu'gɛrã] (FAT, V)

A par de [u], numa ocorrência que se admite como marginal porque de uso muito reduzido (≈10%), nota-se o timbre perceptível [i].

Este caso pontual aparenta ser resultante do empréstimo do traço «palatal» da unidade vocálica acentuada para a unidade pré-acentuada.

Os exemplos do corpus/amostra são:

- 819. [fu'tu_jr^u] e
- 820. [fi'tu_jr^u]

2.2. sílaba fechada por /-j./ («dorsopalatal»).

De acordo com os dados equacionados do corpus - amostra obtida, as sequências fonemáticas /aj/, /aj/, /ej/ e /ej/ não fazem parte da variedade que se descreve.

Assim, são as seguintes as unidades deste subsistema:

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»

Atesta-se a individualidade fonológica destas três unidades em confrontos como:

/ʔ(b)Aʃ'(l)əre/ x /ʔ(k)uj'(d)əre/

/kOʃ'(t)ədu/ x /kuj'(d)ədu/

Os alofones perceptíveis são, com um nível percentual de ocorrência de ≈99,9%, [a], [o] e [u].

Veja-se:

821. [baj'laɾ]

822. [kuj'daɾ]

823. [koj'taɖə] e

824. [kuj'daɖə].

2.3. sílaba fechada por /-w./ («labiovelar»).

A oposição /a/ x /a/ não funciona neste contexto. Também as sequências fonológicas /əw/, /əw/, /əw/ e /əw/ não foram averbadas no universo computado para análise.

Por estas razões, este sistema compreende as unidades:

/i/: «anterior»

/A/: «central»

A individualidade fonológica das duas unidades que compõem este sistema reduzido atesta-se em /pAw'(z)ada/ (P) em confronto com /pe'(g)ada/ (P) e em /Riw'(z)itu/ (E) em confronto com /Rə'(t)itu/ (P), como exemplo.

Os timbres perceptíveis são [a], como em 825. [paw'zaɖə] e [i], como em 826. [r'iw'zitu].

[a] e [i] ocorrem com um nível percentual de $\approx 99,9\%$, respectivamente.

2.4. sílaba fechada por /-L./ («lateral»).

/i/: «anterior»

/e/: «anterior»

/A/: «central»

/o/: «posterior»

/u/: «posterior»

Neste contexto, neutralizam-se as oposições /e/ x /e/, /a/ x /a/ e /o/ x /o/, originando os arquifonemas /e/, /A/ e /o/.

A individualidade fonológica das cinco unidades que compõem este sistema é testada pelos confrontos:

/f)iL'(m)ąžAjN/ x /(s)eL'(v)ąžAjN/

/b)eL'dąde/ x /(m)AL'dąde/

/soL'(d)ądu/ x /sAL'(g)ądu/

/k)uL'(p)ądu/ x /(s)oL'(d)ądu/

Os timbres perceptíveis que realizam as unidades do sistema são, com um peso percentual que atinge os $\approx 99,9\%$, [i], [e], [e], [a], [o] e [u].

De acordo com os dados compulsados, merece especial referência o fenómeno fonético de velarização do timbre perceptível vocálico que manifesta a «central», certamente devido à natureza da coarticulação com /-L./.

Nota-se como [a_w] em exemplos como:

827. [ka_w'mĩŋa] (C) e

828. [ma_w'dađə] (C)

2.5. sílaba fechada por /-N./ («nasal»).

/e/: anterior»

/A/: «central»

/O/: «posterior»

/u/: «posterior»

Nesta posição e neste contexto mais concreto, neutralizam-se as oposições /e/ x /e/, /a/ x /a/ e /o/ x /o/.

As unidades documentam-se pelos seguintes confrontos:

/ (s) eN'tare/ x / (ž) uN'tare/

/ kAN'tare/ x / kON'tare/

Os alofones perceptíveis verificados são, por ordem de relação com as respectivas unidades fonológicas, [ẽ_w ã ɪ], [ã ą ã_w ɪ], [õ ũ] e [ũ].

Os grupos fonéticos [ẽ_w ã ɪ]; [ą ã], [ã ã_w] e [ą ɪ]; [õ ũ] constituem-se como realizações perceptíveis enquanto variantes livres e/ou individuais.

Leia-se uma descrição mais circunstanciada:

2.5.1. /e/

As realizações perceptíveis [ẽ_w], [ã] e [ɪ] convivem sem que um condicionamento mais concreto as possa interpretar com mais certeza.

Todavia, pelas amostras recolhidas no corpus - amostra obtida, é possível o cotejo da realização [ɪ] com a presença perceptível (na ordem dos ≈50% das ocorrências) na sílaba acentuada de um [i] ou de um [j], ainda que breve.¹⁷

Veja-se:

829. [ąẽ_w^m'brąɪ]; 830. [ąĩ^m'brąɪ]

831. [ąpẽ_wⁿ'drađą]

832. [lã'sjɔɪ]; 833. [lĩ'sjɔɪ]

834. [vąĩⁿ'tāw]

835. [mĩⁿ'tira] (C)

836. [sjĩⁿ'tiđɯ] (P)

2.5.2. /A/

No corpus - amostra obtida, o timbre perceptível [ã] representa apenas uma parte dos usos averbados, apesar do uso privilegiado que lhe é dado.

Veja-se:

Por um lado, quando o grupo /-AN./ se encontra manifestado seguido de «palatal», para além da ressonância palatalizada que o timbre perceptível adquire, nota-se por vezes a realização desnasalizada [ą], a conviver com um [ã] perceptível, num índice percentual de frequência de ≈35,3% e de ≈41,6%, respectivamente.

Atente-se nos exemplos seguintes:

¹⁷ O som [ɪ] foi já observado por Leite de Vasconcellos «dans certains endroits du Nord de Trás-os-Montes, dans une partie de la Beira et de l'Alto-Alentejo et dans l'Estrémadure» (cf. VASCONCELLOS 1987 : 87). O timbre perceptível [ã] foi também verificado na variedade do português em uso na região de Alto Douro e de Monsanto (cf. VASCONCELLOS 1987: 87 e BUESCU 1984: 91, respectivamente).

837. [kã'zĩŋoʒoʃ]
 838. [lãř'žerã] (BC) e 839. [lãř'žerã] (ESC)
 840. [mãžã'rikʷ] (P) e 841. [mãžã'rikʷ] (FAT)
 842. [mã'ziŋã] (forma do significante de «mãozinha») (LAV)

Por outro, com uma ocorrência de índice percentual mais estrito ($\approx 35,3\%$), nomeadamente em presença das manifestações das «apicais» /t/ e /d/ e em posição não inicial da unidade acentual, o timbre perceptível que genericamente realiza a «central» representa-se por [ãw], com um perfil velarizado marcado.

São exemplos:

843. [kãwⁿ'tiɫ^o] (V)
 844. [grãwⁿ'dĩŋ^o] (D)
 845. [mãwⁿ'dãŋ] (O)
 846. [sãwⁿ'tewɫ] (FAT, T, VAL)

De outro modo, diante do uso de cariz aleatório dos timbres perceptíveis [ã] e [ĩ], com um peso percentual a atingir os $\approx 8,5\%$, parece ainda ser possível afirmar que a responsabilidade pela escolha de um timbre perceptível em exclusão de outro não radica em qualquer contexto definido.

Observem-se as notações:

847. [lãⁿ'tẽŋã]; 848. [lĩⁿ'tẽŋã]

Perante os alofones perceptíveis computados, não se crê haver dúvidas de que a sequência /AN/ apresenta uma relativa diluição de actividade fonemática, expressa nomeadamente em [ã], que inscreve a imperceptibilidade da nasal, e em [ĩ], que atesta não só o fechamento do timbre perceptível mas também a sua deslocação para um modo de produção/articulação posição anterior.¹⁸

2.5.3. /O/

Tal como o verificado em sílaba aberta, ainda que em início de unidade acentual,¹⁹ o arquifonema «posterior» é realizado com um timbre perceptível mais fechado [ũ] num índice percentual que atinge os $\approx 43,8\%$. Convive com [õ], cuja frequência das ocorrências mostra uma taxa de rendibilidade ligeiramente mais alta que a de [ũ]: $\approx 56,3\%$.

¹⁸ Esta tendência para o fechamento dos sons átonos vocálicos, mesmo quando entravados pela nasal, foi igualmente observada por Leite de Vasconcellos que a localiza sobretudo na variante linguística em uso no sul, embora a tenha verificado em alguns casos nas variedades da língua observadas nas regiões do Minho e da Beira (cf. VASCONCELLOS 1987: 85).

¹⁹ Cf. II, 3.: 1.1.3. supra.

Observe-se que a tendência para o fechamento perceptível está determinada pela formatação da própria realização [õ] que, a ser mais rigorosos, se situa em termos de produção/articulação entre os timbres [õ] e [ũ].

A realização com o timbre perceptível mais posterior [ũ] anuncia o perfil vulnerável da unidade /O/ em relação à funcionalidade da unidade /u/ que, assim, se torna mais rentável.

Observem-se as notações seguintes:

849. [akũ'n'tɛsɪ]; 850. [akõ'n'tɛsɪ]
 851. [akũmpã'ɲaɖu]; 852. [akõmpã'ɲaɖu]
 853. [kũ'm'bɛrsa] (MR); 854. [kõ'm'bɛrsa] (MR)
 855. [kõmpleɾã'mẽwtə] (ALNC, T)
 856. [kũmbĩɲa'sjãw]²⁰; 857. [kõmbĩɲa'sjãw]
 859. [kũ'sɛɾɐ]; 860. [kõ'sɛɾɐ]
 861. [kũštĩm'paɖu]; 862. [kõštĩm'paɖu]
 863. [mõn'taɖu] e
 864. [mũn'taɾɐ]
 865. [põn'tɛɾu] (P)

2.6. sílaba fechada por /-R./ («vibrante»).

/e/: «anterior»

/A/: «central»

/u/: posterior»

Nesta posição e contexto mais específicos, não se verificam as oposições /ɐ/ x /ɛ/ e /a/ x /a/, de onde os arquifonemas «anterior» /e/ e «central» /A/.

A natureza fonológica das unidades é aferida pelos seguintes confrontos:

/sAR'diɲa/ x /suR'diɲa/

/puR'tɛɾa/ x /pAR'tɛɾa/

/(s)eR'ti(ɲ)a/ x /(k)uR'ti(d)a/

²⁰ Merece menção aqui também, especialmente porque foi evidente em termos de ocorrência, a desnasalização ao timbre perceptível [u], embora conviva com [ũ] num índice percentual de ocorrência de ≈6,3% na mesma unidade acentual: cf. notações 856. e 857. com 858. [kuĩɲa'sjãw].

Possivelmente, a causa deste fenómeno está na tendência economicista inerente à própria estruturação da língua em não repetir o traço «bilabial» de /N/ e de /b/. Curiosamente, em 853. e 854. tal facto não é verificado.

Os timbres perceptíveis são, respectivamente, [ə ɐ], [ɐ ə ɔ] e [u], sendo [ə ɐ] e [ɐ ə], [ɐ ɔ] variantes livres e/ou individuais das manifestações físicas dos arquifonemas /e/ e /A/, respectivamente.

Identificam-se os comportamentos que se passam a descrever:

2.6.1. /e/

Embora no corpus - amostra obtida a manifestação perceptível [ə] apresente uma ocorrência mais expressiva (≈66,6%), é também possível considerar a existência alternativa das realizações perceptíveis [ə] e [ɐ] (≈33,4%), em exemplos como:

866. [pər'nɐɐ] (VAL)
 867. [pər'diðɐʒəʃ] (forma do significante de «perdidas») (P)
 868. [sər'veʒɐ] (P); 869. [sər'veʒɐ] (SC)

2.6.2. /A/

É o timbre perceptível [ɐ] que geralmente manifesta a unidade «central» na estrutura silábica do tipo /CONSOANTE+VOGAL+R./ (≈70%).

Vejam-se casos concretos como em:

870. [mɐr'muɐriu]
 871. [mɐr'kaɖu]
 872. [fɐr'nãɐɖɐ]
 873. [pɐr'sɐrɐ]
 874. [pɐr'dizɐ]
 875. [gɐr'gãɐtɐ] e 876. [gɐr'gãɐtɐ]

Em 875. e 876. convivem as realizações perceptíveis [ɐ] e [ə], provando este último timbre, mais fechado e mais breve, a debilidade fonética que reveste os sons vocálicos que se encontram em posição pré-acentuada.

Neste contexto, o som alternativo [ə] atinge o peso percentual de ocorrências na ordem dos ≈14,3%.

Chama-se ainda a atenção para as realizações perceptíveis de forma alternada [ɐ] e [ɔ], ocorrentes no contexto mais estrito de tipo /kwAR./ e /gwAR./.

Reconhece-se ≈20% do uso do timbre perceptível de produção/articulação posterior nos casos em que o fonema /w/ apresenta uma realização muito débil ou deixa mesmo de se realizar, como em:

877. [kwɐtɐ'rɐw]; 878. [kɔtɐ'rɐw]
 879. [gʷɔr'dɐr]

2.7. sílaba fechada por /-S./ («sibilante-chiante»).

/E/: «anterior»

/A/: «central»

/u/: posterior»

Neste contexto concreto assiste-se à neutralização dos confrontos entre /ɐ/ x /e/ e de /a/ x /a/.

As sequências fonológicas /iS/, /oS/ e /qS/ não são verificadas.

Assim, atesta-se o carácter funcional das unidades nos pares seguintes:

/p)ES'kəre/ x /(b)uS'kəre/

/gAS'təre/ x /guS'təre/

De acordo com a análise testada no corpus - amostra obtida, os alofones perceptíveis computados são, respectivamente, [ə ə], [a ə] e [u ə] (considerados variantes alternativos e/ou livres).

Leia-se uma descrição mais circunstanciada:

2.7.1. /E/

Equacionando a proporcionalidade directa dos dados avaliados, o nível percentual das ocorrências perceptíveis [ə] e [a] atinge, respectivamente, os ≈66,5% e os ≈33,5%.

São exemplos:

880. [fəštəžər] e 881. [fəštəžər]

882. [fəš'təž°] (MR)

2.7.2. /A/

De acordo com os dados computados, [a] e [ə] atingem o peso percentual de ≈75% e de ≈25%.

Leia-se:

883. [pəš'kwɛɹa] (C)

884. [pəš'tər] (ALNC); 885. [pəš'tər]

886. [əfəš'tər] (P)

2.7.3. /u/

[u] e [ə] ocorrem, em termos percentuais, com um índice equiparado a ≈42,4%.

Observem-se exemplos dos timbres perceptíveis:

887. [kuš'tlətə]; 888. [kəš'tlətə]

889. [kuštə'rɐɾə]; 890. [kəštu'rɐɾə]²¹

892. [tuʃ'tõjjzjə] (Esc) e 893. [təš'tõjjzjə] (C, P) (formas do significante de «tostões»)

2.7.4.

Estes dados podem ser objecto de uma interpretação mais explicitada.

Na verdade, à vista das realizações individuais e/ou livres das três unidades fonemáticas que compõem este (sub)sistema, é possível admitir que o campo de dispersão de cada uma delas se liga ao das outras, resultando deste fenómeno de consideração de um espaço limiar a questão de se admitir não a existência das três unidades, mas a existência apenas, neste tipo de sílaba, do fonema vocálico /e/, convencionado como um 'target' por razão fonológica da manifestação palatal presente em todas as realizações perceptíveis admitidas.

No entanto, embora se chame a atenção para a possível interpretação do (sub)sistema reduzido a uma única unidade, esta solução não é aqui seguida. Ainda que se admita que a interpretação /e/ tenha a vantagem de ser mais económica do que a proposta /E A u/, existem também razões para a rejeitar.

Uma delas passa pela descrição, o mais vasta possível, do sistema linguístico que se analisa e opta-se pelo que for mais representativo do modo de funcionar – deste modo, em qualquer caso, convém remeter sempre da notação para a descrição.

De resto, do ponto de vista da estrutura, o sistema encontra-se integrado em correlação com o sistema de +/-R./ homossilábico.

²¹ Com uma manifestação representativa de uma frequência de ≈14,3%, atesta-se o timbre perceptível [qš] em 891. [kqštu'rɐɾə] (VP).

Tendo em conta as realizações perceptíveis [əš] e [uš] averbadas como formas no mesmo significante, o timbre [qš] não pode ser considerado manifestação da sequência fonológica /qS/ mas apenas uma realização alternativa, e muito pouco rentável, da sequência /uS/.

capítulo 4

vocalismo dos 'clíticos'¹.

O. introdução.

A presente análise tem por objectivo descrever o funcionamento dos fonemas vocálicos em posição final absoluta dos significantes de unidades significativas que mantêm, do ponto de vista sintáctico, uma relação de determinação muito estreita com o núcleo determinado.²

Pretende-se, em particular, considerar o sistema das unidades vocálicas posicionadas em contexto final de sílaba aberta dos significantes de 'preposições', 'artigos', 'pronomes pessoais' OD e OIND, 'pronomes pessoais reflexos' extraídos do corpus - amostra obtida.

A proposta de análise aqui empreendida representa uma visão convencionalizada das chamadas formas clíticas. Com efeito, o estatuto que advém da identidade dos clíticos enquanto entidades desprovidas de acento próprio não se enquadra de forma irredutível nos pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a descrição apresentada do sistema fonológico. De um modo sumário, a análise encetada das unidades fonológicas torna clara a aplicação de processos de segmentação que relevam de uma natureza indissociável do que é discreto.

Ainda que de algum modo precarize a preservação do princípio definatório de unidade acentual, aceita-se a proposta de descrição configurada infra como uma solução operacional que permite identificar a existência de um sistema vocálico peculiar³.

¹ Como se tornará claro na descrição parametreada neste capítulo, e nos pressupostos de análise que dela se relevam, a consideração das unidades chamadas clíticas será objecto de um processo de reconfiguração operatória. Isto quer dizer que a própria designação 'clíticos' é apenas consentida como metafórica.

² Foi atendendo ao estreito grau de determinação estabelecido entre as unidades consideradas no âmbito aqui movido, que André Martinet instituiu o conceito de 'silema' (entendido como uma estrutura conjunta formada por um monema nuclear e as respectivas modalidades, ou seja, por determinantes não determináveis) — cf. MARTINET 1985: 83-84.

³ Peculiar no sentido de ter como base de inventariação critérios diferenciados dos que se tomam na sistematização do vocalismo acentuado, pós-acentuado e pré-acentuado (cf. II, 1. a 3.). Com base neste

A razão principal que permite sustentar a optimização linguística do modelo de análise adoptado perpassa essencialmente pela seguinte consideração: a relação das unidades umas com as outras é atendida pelo critério da ordem linear pelas quais elas se encontram perceptivamente posicionadas nos actos de alocação. Isto é, supondo que UAa e UAb (unidade acentual a e unidade acentual b) surgem na FR localizadas uma atrás de outra, do ponto de vista 'linear' torna-se evidente que UAb aparece 'à frente de' UAa. Perspectiva de identificação esta distinta da que adviria da consideração das mesmas unidades por um critério sintáctico, no qual as unidades acentuais seriam consideradas tónicas ou átonas de acordo com a função ocupada em contexto frástico.

A esta solução adiciona-se a perspectiva de concepção funcional de sílaba definida como uma unidade hierárquica capaz de determinar a combinação possível dos fonemas,⁴ e o critério da significação associado aos clíticos, ainda que de variantes de significantes se trate e que os significantes sejam manifestos em configuração amalgamada (e, eventualmente, não perceptíveis).^{5; 6}

Resumindo, a categoria de unidade acentual é aqui tomada com um estatuto mais amplo, de forma a poder incorporar não apenas o segmento caracterizado pelo relevo de apenas uma e de só uma das suas sílabas, mas também outros segmentos (sequências fonéticas) que, tradicionalmente considerados não portadores de acento próprio, são aqui sistematizados individualmente.

É com base nesta aceção lata e até eventualmente controversa⁷ da unidade acentual e, conseqüentemente, dos clíticos, que se operacionaliza a exposição proposta.

mesmos princípios, instaura-se também o sistema fonológico resultante de segmentos vocálicos que se encontram em contacto na linearidade da alocação, posição admitida que ocasiona uma ressilabificação (cf. II, 5.).

⁴ Subsidiária da actuação do operador percepção, a representação de sílaba traduz-se por um segmento fonético susceptível de ser antecedido e seguido de uma interrupção de fonação. A este pressuposto, poder-se-á acrescentar a invalidação da função distintiva do acento per si, atendido apenas na sua pertinência contrastiva. Para um detalhe mais pormenorizado sobre o assunto, cf. I, 5.: 6.

⁵ É de acordo com este critério que se consideram todas as unidades significativas (monemas e sintagmas em amálgama) como unidades acentuais, ainda que do ponto de vista sintáctico não surjam autonomizadas: são assim notadas com o diacrítico marcador de sílaba tónica unidades como os «determinantes artigos definidos» e «determinantes artigos indefinidos», os «PP» e as «PREP».

⁶ Outras razões de vária ordem poderiam ser alegadas, nomeadamente as decorrentes de factos prosódicos. No entanto, como foi já afirmado em I, 5.: n. 10 e n. 11, não cabe no seio deste trabalho dissecar as relações entre fonologia e prosódia. Não por ser inoportuna, mas por não se rever na análise encetada (na qual o aspectos físicos poderiam ser revistos na dimensão prosódica apenas pela função de pertinência demonstrada por segmentação dos traços tonais, acentuais e de durabilidade), não se indagará qual a associação ou qual a fronteira que pode ou não existir entre os segmentos aqui tomados como matéria de descrição linguística e a organização de 'prosodic word' e de 'sintagma fonológico'.

⁷ A respeito da eventual evidência de uma análise controversa, impõe-se dilucidar que só se entendem as designações referenciadas como não unívocas se não forem criteriosamente enquadradas. Ao ser

Com o intuito de sistematizar o sistema fonológico das /VOGAIS/ em contexto de final absoluto de sílaba das unidades clíticas, entender-se-á que se deve equacionar a operacionalidade movida numa dimensão de sílaba acentuada. Por tal, justifica-se o diacrítico ‘ notado em anteposição à sílaba tónica.

Atendendo aos dados extraídos do corpus - amostra obtida, é possível evidenciar uma relação de similaridade do sistema aqui dimensionado com o sistema do vocalismo pós-acentuado em contexto de final absoluto de sílaba.

Compõem-no as seguintes unidades fonemáticas:

/e/: «anterior»

/a/: «central»

/u/: «posterior»

Cujas realizações perceptíveis são, por ordem, [ə], [i], [a] e [u] (considerando-se [ə i] variações livres e/ou individuais da unidade /e/).

Observe-se com maior detalhe:

1. /e/

Na realização perceptível do fonema nota-se o timbre [ə], cuja ressonância surge produzida/articulada num ponto mais central, próxima à formação de [a] (com uma percentagem de uso de índice ≈40%), fenómeno que, se isolado, poderia ser prenúncio de eventual esbatimento de fronteiras entre /e/ e /a/⁸.

São exemplos:

894. [‘də ‘kəzə] (P)

895. [‘də ‘sə š’tə] (ALJ)

896. [‘nũkə ‘mə ‘disi] (D)

897. [‘tirə ‘sə ‘li] (P)

Por outro lado, a unidade vocálica «anterior», ao manifestar-se com a ressonância [i] (numa percentagem de ocorrência de ≈20%, no contexto específico antes de pausa em momento de alocução), não só evidencia uma tendência para o fechamento na produção/articulação do som vocálico final átono, mas, especialmente, dá conta do estatuto incerto em termos da ressonância apresentada. Note-se que o timbre perceptível [i] é a tentativa de representação gráfica de um som intermédio situado entre os formantes de [i] e de [ə].

clarificado o critério operativo, a perspectiva de análise teórica torna-se convencionada e, por tal, a eventual irrefutabilidade das conclusões possíveis é eliminada.

⁸ Cf. II, 4.: 2. infra.

Veja-se:

898. [aḳoḃar'daɾ 'sji] (E, SALG)

899. [aɾ'ə'kɔλə 'ti] (SALG)

A realização do timbre perceptível de produção/articulação mais aberta [a] exemplifica um caso da natureza articulatória dos sons produzidos em sequência linear. Isto é, no acto de alocação, numa percentagem de uso de ≈20%, os alocutários/dadores, na articulação manifestada, não juntam os lábios suficientemente de modo a produzirem um timbre perceptível como mais fechado [ə]; ao invés, produzem/articulam quase de imediato o som seguinte. O timbre [a] surgirá como um som vocálico intermédio que inibe a ocorrência da sequência de estrutura tipo [.CONSOANTE + CONSOANTE + VOGAL.], nomeadamente porque a configuração assim permitida seria estranha ao sistema.

Leiam-se as seguintes notações exemplificativas:

900. [ˈmɐ 'lẽmbɾu] (P) (forma do significante de «me lembro»)

901. [ˈlɐ 'lẽmbɾɐʒəʃ] (P) (forma do significante de «lhe lembres»)

2. /a/

No que diz respeito ao timbre perceptível [a] que realiza o fonema vocálico «central» (num índice percentual de ≈99,9% de ocorrências)⁹, julga-se ser pertinente dar conta da existência, neste subsistema, duma espécie de homonímia fonética entre esta realização perceptível [a] de /a/ e o alofone perceptível [a] da unidade /e/, exemplificado este último nas notações 900. e 901. indicadas supra. Observa-se também que a probabilidade de se originar ambiguidade funcional entre os fonemas /e/ e /a/ não é aqui questionável porque fica naturalmente desfeita no contexto do acto de alocação.

Leiam-se as notações seguintes:

902. [ˈdɐ 'lɔʒɐ] (C) (forma do significante de «da loja»)

903. [ˈnɐwˈmɐ 'lɐvɐzəʃ] (P) (forma do significante de «não ma leves»)

904. [ˈmɔʃtɾɐ 'lɐ] (D) (forma do significante de «mostra-lha»)

3. /u/

A unidade fonemática /u/ realiza-se com um timbre perceptível mais ou menos palatalizado consoante as propriedades físicas impulsionadas na alocação, em especial os

⁹ De modo a se evitarem erros estatísticos de frequência, a definição de percentagem de confiança da amostra analisada é de ≈99,9%. Como tem vindo a ser seguido como método de análise descritiva, esta observação estender-se-á a todos os dados computados que atingem um índice percentual de ocorrência similar.

parâmetros energia e duração que afectam o segmento em questão: o traço de palatalidade é mais perceptível quanto maior for a força infraglótica egressiva impelida na produção/articulação de som.

Neste ponto, importa lembrar que estes traços de produção física entram apenas na caracterização do segmento fonético e, portanto, com um valor relativo, não funcionando nem distintiva nem contrastivamente.¹⁰

Ainda no contexto deste subsistema, o timbre perceptível palatalizado [u_j] apresenta-se com uma frequência de uso muito rentável (com um índice de significância de ≈99,9% na percentagem de ocorrência), certamente devida à analogia fonética com a forma manifestada da unidade /u/ em posição acentuada.

São exemplos do timbre os seguintes:

905. [ˈdu_j fũˈdãw] (FAT)

906. [ˈnũˈkə ˈtu_j ˈdisə] (D)

907. [kũˈmɐɾãmu ˈzu_j] (forma do significante de «comeramo-lo») (B)

908. [ˈdɐ ˈlu_j] (C) (forma do significante de «dá-lho»)

¹⁰ Para maior esclarecimento sobre a postura seguida perante a análise dos traços suprasegmentais no âmbito do modelo de análise reclamada, leia-se I, 5.: 3..



capítulo 5

combinatória vocálica.

O. introdução.

Porque prementes na variedade linguística alvo do universo de estudo aferido, tecem-se neste capítulo observações relativas às unidades fonológicas resultantes do contacto, na linearidade do momento de alocação, de /SEGMENTO VOCÁLICO FINAL DE UMA UNIDADE ACENTUAL/ + /SEGMENTO VOCÁLICO INICIAL DA UNIDADE ACENTUAL/,¹ sejam significantes amalgamados ou significantes epentéticos.

Entra-se, portanto, no âmbito da fonologia combinatória.

Assim, são considerados todos os segmentos vocálicos possíveis de se colocarem em posição de estreita adjacência, de forma a que se admite que o esquema configurado permite entender a operação em causa como um processo resultante de um grupo de força fonético².

Numa estruturação deste tipo, os segmentos colocados à esquerda e à direita do considerado não deixam de ser independentes. Isto é, aceitando o princípio de operacionalidade da unidade acentual, o estatuto das unidades finais e iniciais de unidade acentual não sofre alteração: as unidades acentuais inscritas na alocação não perdem o seu acento próprio.

Da análise proposta releva-se um critério da configuracionalidade. E é este plano estrutural que dá origem ao sistema fonológico aqui enquadrado por um processo de ressilabilização.

¹ A tipologia operatória que caracteriza a descrição apresentada encontra-se em relação com os conceitos de 'unidade acentual' e de 'sílabas' e com a aplicação que deles se releva, quer na estruturação dos SISTEMAS FONOLÓGICOS DO VOCALISMO ACENTUADO, PÓS E PRÉ-ACENTUADO, como, numa ligação mais estreita, na sistematização do VOCALISMO DOS CHAMADOS 'CLÍTICOS'.

² Considera-se 'grupo de força fonético' a sequência linear inscrita entre dois momentos sucessivos de possível pausa.

Veja-se então o sistema fonológico resultante da adjunção de /FONEMAS VOCÁLICOS DA FRONTEIRA FINAL ESQUERDA DA UNIDADE ACENTUAL PRECEDENTE OU 1.^a/ + /FONEMAS VOCÁLICOS DA FRONTEIRA INICIAL DIREITA DA UNIDADE ACENTUAL SUBSEQUENTE OU 2.^a/.

A análise dos resultados fonológicos permitidos pelas sequências verificadas responde a um carácter de regularidade (com uma frequência de significância de ≈99,9%)³ facilmente verificado no corpus-amostra obtida.

Por conseguinte, propõe-se a descrição do sistema fonológico aqui instituído partindo da representação dos fenómenos/paradigmas que caracterizam o resultado obtido.

Começar-se-á a descrição pelo subsistema resultante do fenómeno de assimilação do fonema vocálico final de unidade acentual 1.^a ao fonema vocálico inicial de unidade acentual 2.^a (cf. II, 5.: 1.). Seguem-se-lhe os subsistemas resultantes de fenómenos de paragoge de /-j./ que constitui sílaba com o fonema vocálico final de unidade acentual 1.^a (cf. II, 5.: 2.); de fenómenos de paragoge de /-w./ que constitui sílaba com o fonema vocálico final de unidade acentual 1.^a (cf. II, 5.: 3.); e de fenómenos de crase de fonemas vocálicos final de unidade acentual 1.^a e inicial de unidade acentual 2.^a com traço de produção/localização e de grau de abertura iguais (cf. II, 5.: 4.).

Não será demais relembrar que se considera não ser imperativo que as unidades posicionadas em 'ênclise' ou em 'próclise' contenham a informação de 'não acentuação própria'. Numa reflexão circunstanciada ao sistema que se pretende descrever neste capítulo, propõe-se uma representação alternativa.⁴

Assim:

1.

Pode afirmar-se que se verifica uma tendência dominante (com uma frequência de ocorrência de ≈45%) para a assimilação do fonema vocálico final de unidade acentual 1.^a ao fonema vocálico inicial de unidade vocálica 2.^a, de acordo com o seguinte inventário:

909. /a/ + /a/ = /a/ : /'iN'd a/ (significante de «ainda há bocado») (E)

910. /e/ + /a/ = /a/ : /'li'g a mAN'gEjra/ (significante de «ligue a mangueira»)

³ Na sequência do método reclamado, de modo a se evitarem erros estatísticos de frequência, a definição de percentagem de confiança da amostra analisada é de ≈99,9%.

⁴ Por outras palavras, ainda que de modo distinto (recorde-se que se opera com o critério da linearidade no momento de alocação e não com o critério sintáctico), parte-se da nomenclatura utilizada por Epiphânio da Silva Dias na posição/localização das unidades (cf. DIAS 1905: 11) quando se refere às formas de significantes que, por não comportarem acento próprio, se subordinam ao acento dos significantes de acento próprio que se encontram imediatamente antes (enclíticas) ou imediatamente depois (próclíticas).

Deve ser reparado que, na Gramática de Epiphânio, ainda que os termos expostos sejam 'próclíticas' e 'enclíticas' (este último apenas presente no ÍNDICE e no ÍNDICE ALFABÉTICO), certamente por lapso, 'próclíticos' surge a definir os dois casos de subordinação ao acento tónico da «palavra precedente, v. g. *lê-se* (que se pronuncia do mesmo modo que *lesse*)» e «de uma palavra que vem depois, v. g. *quando se pára* (*se pára* pronuncia-se do mesmo modo que *separa*)» (DIAS 1905: 11, § 7, b)).

911. /e/ + /iN/ = /iN/ : /'s iN'bqra/ (significante de «se embora»)
 912. /e/ + /ẹ/ = /ẹ/ : /'s ẹle/ (significante de «se ele»)
 913. /e/ + /ẹ/ = /ẹ/ : /'k ẹra/ (significante de «que era»)
 914. /e/ + /a/ = /a/ : /'s aj/ (significante de «se há»)
 915. /e/ + /o/ = /o/ : /'d ože/ (significante de «de hoje»)
 916. /e/ + /u/ = /u/ : /'d uva/ (significante de «de uva»)
 917. /o/ + /a/ = /a/ : /pRi'mAjr 'anu/ (significante de «primeiro ano») (T)
 918. /u/ + /ẹ/ = /ẹ/ : /'kọ'm 'ẹle 'diS/ (significante de «como ele diz»)

1.1.

Para além destes casos de assimilação, observa-se (com um peso percentual de ocorrência frequentativa de ≈5%) um tipo de assimilação do fonema vocálico final da unidade acentual 1.^a ao fonema vocálico inicial da unidade acentual 2.^a que se considera aproximada, na medida em que o fonema resultante da combinatória ocasionada apenas se diferencia do fonema assimilador por uma manifestação perceptível em termos de grau de abertura:

Veja-se:

919. /a/ + /u/ = /q/ : /'nuN'k q 'kẹR/ (significante de «nunca o quer»)
 920. /a/ + /u/ = /q/ : /'ẹ'r q/ (significante de «era o»)

2.

Com uma expressão de frequência de ≈32% de ocorrências, destaca-se o fenómeno de inserção da unidade /-j./ a fechar sílaba com o fonema vocálico final da unidade acentual ao qual se adjunta, manifestando-se na sequência /-VOGAL + -j. + VOGAL./ com pertinência anti-hiática.

Observem-se os seguintes casos:

921. /'a j 'ana/ (significante de «a Ana»)
 922. /'a j 'uS iN'gaşuzuS/ (significante de «há os engachos»)
 923. /'mɪɲa j 'ALma/ (significante de «minha alma»)⁵
 925. /'uma j 'uva/ (significante de «uma uva»)
 926. /'vẹ j 'u 'ARku 'ireS/ (P) (significante de «vê o arco-iris»)
 927. /'ẹ j 'ana/ (significante de «é Ana»)
 928. /'ẹ j 'u 'şAwN/ (P) (significante de «é o chão»)
 929. /'ẹ j 'a j 'Awga/ (significante de «é a água»)

⁵ Uma realização em uso de carácter alternativo é a que, a par de 923. ['mɪɲa j 'aɫma], se representa 924. ['mɪɲ 'aɫma], activando-se um processo de resultado não paragógico mas de crase como os descritos em II, 5.: 4.

3.

Segundo o modelo equacionado em II, 5.: 2., identifica-se a paragoge do fonema /-w./, com uma expressão de ocorrência de ≈9%. No corpus-amostra computado, é também possível associá-lo a uma função anti-hiática.

Veja-se:

930. /a/ + /a/ = /aw.ə/: /'dɔ w 'ə 'ʒa/⁶ (significante de «dá-a já»)

932. /ɔ/ + /a/ = /qw.ə/: /'ɔ w 'əna/ (significante de «ó Ana»)

Pela observação dos dados compulsados em II, 5.: 2. e 3., merece menção o factor aproximativo do traço afecto à ordem de localização presente na escolha do fonema paragógico em especial relação ao fonema vocálico final de unidade acentual 1.ª.

4.

Por fim, um outro fenómeno a ressaltar no modelo de descrição praticada (num índice cuja expressividade atinge ≈9% das ocorrências) reside na crase dos fonemas vocálicos final de unidade acentual 1.ª e inicial de unidade acentual 2.ª, da qual resulta uma unidade fonemática vocálica com o mesmo traço pertinente de «localização», mas com diferente «grau de abertura» (ao caso, a produção/articulação perceptível expõe uma maior abertura do esqueleto bucal).

Observe-se:

933. /a/ + /a/ = /a/: /'tɔ'd a/ (significante de «toda» em /'tɔ'dɔ'vida/)

934. /u/ + /u/ = /ɔ/: /'tɔ'd ɔ 'dia/ (significante de todo o dia)

⁶ Ocorre a par de 931. /'dɔzia 'ʒa/.

capítulo 6

consonantismo em posição inicial de sílaba.

1. posição inicial de unidade acentual.

Na posição circunscrita ao início de unidade acentual, a oposição /r/ x /ř/ não funciona, resultando daí o arquifonema «vibrante» /R/, cuja ocorrência, de acordo com os dados computados é, como se verá mais pormenorizadamente na análise estatística da amostragem (cf. ANEXO xxv-a), de $\approx 5\%$.

É também de mencionar a ocorrência muito baixa em termos de rendibilidade ($\approx 2\%$) do fonema «palatal» /ʎ/ neste contexto, que, de acordo com os dados inventariados, apenas está testado sob a manifestação perceptível [ʎ] nas formas de PP das chamadas 'terceira pessoa do singular' e 'do plural' em função de OD, como exemplificam as notações ['ʎə] e ['ʎəzəš] ou ['ʎə], ['ʎə], ['ʎəzəš] e ['ʎəzəš], expondo estas quatro últimas sequências o resultado da combinação de /'ʎə/ com as formas de /'u/, /'a/, /'uzuS/, /'azaS/ (PP nas 'terceira pessoa do singular e do plural' em função de OD).

Por outro lado, ainda no que diz respeito ao contexto específico de posição inicial de unidade acentual, há que registar que a percentagem de ocorrência estatisticamente quase nula do fonema «dorsopalatal» ($\approx 0,05\%$)¹ justifica a sua não inserção no subsistema aqui descrito.

Assim, pela pertinência admitida, as unidades documentadas caracterizam-se do seguinte modo:

/p/: «bilabial» «surdo»

/b/: «bilabial» «sonoro» «não nasal»

/m/: «bilabial» «nasal»

/f/: «labiodental» «surdo»

¹ De forma mais circunstanciada, cf. análise percentual equacionada pela frequência da amostra computada em ANEXO xxi-a.

/v/ : «labiodental» «sonoro»
 /t/ : «apical» «surdo»
 /d/ : «apical» «sonoro» «não nasal» «não lateral»
 /n/ : «apical» «nasal»
 /l/ : «apical» «lateral»
 /s/ : «sibilante» «surdo»
 /z/ : «sibilante» «sonoro»
 /š/ : «chiante» «surdo»
 /ž/ : «chiante» «sonoro»
 /ʎ/ : «palatal»
 /k/ : «dorsovelar» «surdo»
 /g/ : «dorsovelar» «sonoro»
 /R/ : «vibrante»

A individualidade fonológica atesta-se nos seguintes confrontos:

/'fʌka/ x /vʌka/
 /'kʌtu/ x /'gʌtu/
 /'lʌta/ x /'mʌta/
 /'nʌta/ x /'mʌta/
 /'pʌta/ x /'bʌta/
 /'Rʌtu/ x /'pʌtu/
 /'ʎʌ/ x /'sʌ/
 /'sʌN(tu)/ x /'zʌN(gawN)/
 /'šʌ(k)a/ x /'žʌ(g)a/
 /'tʌna/ x /'dʌna/

Os alofones perceptíveis destas unidades são, respectivamente, [p], [b], [m], [f], [v b], [t], [d Ø], [n], [l], [s s_j š], [z z_j ž], [š š_j ts], [ž], [ʎ], [k], [g] e [ʀ].

As realizações [v b], [d Ø], [s s_j š], [z z_j ž] e [š š_j ts] são variantes livres e/ou individuais, e são documentadas pela seguinte análise:

1.1. /v/

De carácter não sistémico, as realizações perceptíveis [v] e [b] convivem² com um índice de percentagem de ocorrências na ordem de ≈60% e ≈40% respectivamente.

São exemplos:

935. [vʌ'rewɾ] (P, S); 936. [bʌ'rewɾ]
 937. [vʌɾə'doɾu] (E, FAT) e 938. [bʌɾə'doɾu] (BB, C) (formas do significante de «varredor»)
 939. [vʌžə] (T) e 940. [bʌžāj] (VP)

² Fenómeno idêntico ao que Leite de Vasconcellos referiu em VASCONCELLOS 1987: 95.

1.2. /d/

No contexto mais preciso de /-deS./ em posição pré-acentuada, o som perceptível [d] e a ausência perceptível de som ([Ø]) mostram-se alternativos, embora seja possível afirmar que a ausência de timbre, com uma percentagem de ocorrência na ordem de ≈25%, esteja relacionada com uma alocação neutra no sentido de menor afectação expressiva do segmento e, consequentemente, de menor carga enérgica egressiva.

Leiam-se as seguintes notações:

941. [dəʃprə'taɾi] (ALJ, ALNC)
 942. [dəʃpə'gaɾi] e 943. [əʃpə'gaɾə] (P)
 944. [dəʃti'ɭaɾi] e 945. [ʃti'ɭaɾi] (forma do significante de «destilar») (P)

1.3. /s/

Em relação à unidade fonemática /s/, nota-se que as realizações perceptíveis que a manifestam alternam entre [s], [s_j] e [š] (com um índice percentual de ocorrências na ordem de ≈28,5%, ≈35,7% e ≈42,9%) sem que se identifiquem contextos precisos que justifiquem, de modo sistémico, a escolha de um segmento sonoro por outro.

Ainda assim, pela observação dos dados avaliados, é possível admitir que, embora as formas [s_j], [s] e [š] ocorram em uso alternativo e/ou livre, a presença dos timbres perceptíveis [s_j] e [š] está relacionada com a presença perceptível de traços de natureza palatal, como é o que se passa com a aproximação contextual manifestada de outro fonema consonântico /š/ ou do fonema vocálico /i/. Trata-se, mais uma vez, de um fenómeno de harmonia entre os sons perceptíveis, como oportunamente se verifica em outros contextos.

Assim:

946. [sə'noɾa] (C) e 947. [s_jə'noɾa] (E)
 948. [s_jə'biɾa] (C)
 949. [s_jə'tēnta 'i 's_jetə] (C) e 950. [sə'tēnta 'i 's_jetə]
 951. ['s_jãwtozoš] (C)
 952. ['šēntro] (E)
 953. ['šaj] (E)
 954. [sə'viɭə] (E); 955. [šə'viɭə]
 956. [s_jēn'tid^u] (E); 957. [šān'tid^u]
 958. ['saš^u] (MR) e 959. ['šaš^u] (ATC)
 965. ['sekl^o] (F) e 961. ['s_jəkəl^o] (C)

Contudo, merece ser observado que as ocorrências perceptíveis de [s_j] e de [š], articuladas aqui em registo alternativo de carácter livre e/ou individual, apresentam-se funcionais em registos como 969. ['s_jqka] e 970. ['šqka] dada a importância que a pertinência

do traço «sibilante» de /s/ assume em relação ao traço «chiante» de /š/; o que é o mesmo que dizer que /s/ e /š/ são dois fonemas distintos.

Neste caso, e noutros como este existentes no corpus – amostra obtida, está-se perante uma estrutura que pode potenciar a dúvida no reconhecimento. No entanto, na medida em que as unidades acentuais /'sqka/ e /'šqka/, assim como quaisquer outras, dificilmente constituem emissões de alocução isoladas, isto é, desprovidas de um contexto frástico ou de uma situação discursiva, torna-se previsível a resolução da ambiguidade por parte do alocutivo no que diz respeito à descodificação e à consequente pertinência funcional de /s/ e de /š/.

1.4. /z/

Em consonância com os princípios da correlação (ao caso em relação às manifestações de /s/ descritas em II, 6.: 1.3.), a «sibilante» «sonora» ocorre com os timbres perceptíveis [z], [zi] e [ž], em uso alternativo e livre, com um uso percentual de índice ≈40%, ≈40% e ≈20% respectivamente.

Vejam-se alguns exemplos:

962. ['ze] e 963. ['zi] (L, PA)

964. ['zi:zi:] (SC)

965. [za'be:] e 966. [ža'be:] (P)

1.5. /š/

De forma sistémica, o timbre perceptível [š] (≈64,9%) surge em início de unidade acentual.

Ainda que se compute uma percentagem de ocorrência de menor expressão (≈7,1%), a ressonância [š:] também é admitida.

São exemplos:

967. ['ša]

968. ['ša:ga:ša]

969. ['š:avãna]

970. ['šqka]

971. ['šu:va]

A par dos sons perceptíveis [š] e [š:] marca-se a presença do timbre perceptível [ts] (com um índice de ≈38,8%), circunscrito a usos livres em que a sequência onde se inscreve é afectada por uma força emotivo-expressiva mais marcada. Na verdade, constata-se que o timbre perceptível [ts] assume presença quando a preocupação dos alocutários está no sentido de acrescentar ao que comunicam uma expressão de admiração, de espanto ou no uso de unidades de significação confinadas a certos limites de sentido diminutivo.

Nestas situações mais precisas foram perceptíveis segmentos como:

972. [ʃaɸaɾ'disjə]; 973. [tsaɸaɾ'disjə]

974. [ʃaɸa'riʃ]; 975. [tsaɸa'riʃ]

976. [ʃuʃa]; 977. [tsuʃa]

E, especialmente:

978. [ʔsĩ ʔsĩ] (P); 979. [ʃji ʃji]

980. [ʔo'risʊ] (O, P); 981. [ʃo'risʊ]

2. posição intervocálica.

Como se verá, é nesta posição específica que se atesta em quantidade a quase totalidade de unidades fonemáticas de natureza consonântica identificadas na variedade em uso que enforma o corpus admitido a estudo, o que é o mesmo que dizer que se inventariam, distribuídas neste contexto concreto, todas as unidades consonânticas, excepto a «dorsopalatal» /j/ e a «labiovelar» /w/.

No entanto, nem todas as ocorrências se nivelam pelo mesmo rendimento funcional: como facilmente se constata pela confrontação dos valores percentuais resultantes da análise dos dados do corpus – amostra obtida,³ os fonemas «palatal nasal» e «uvular» apenas assomam neste contexto com uma percentagem de ocorrências na ordem dos ≈5,1% e ≈4,8%, respectivamente.

Por outro lado, adianta-se que, neste subsistema, a unidade que apresenta uma taxa de ocorrência mais rentável (de índice percentual a nível dos ≈25% de ocorrência⁴), é a «vibrante» /r/.

/p/: «bilabial» «surdo»

/b/: «bilabial» «sonoro» «não nasal»

/m/: «bilabial» «nasal»

/f/: «labiodental» «surdo»

/v/: «labiodental» «sonoro»

/t/: «apical» «surdo»

/d/: «apical» «sonoro» «não nasal» «não lateral»

/n/: «apical» «nasal»

/l/: «apical» «lateral»

³ Cf. ANEXOS xvii e xx.

⁴ De forma mais circunstanciada, cf. ANEXO xix.

/r/: «vibrante»
 /s/: «sibilante» «surdo»
 /z/: «sibilante» «sonoro»
 /š/: «chiante» «surdo»
 /ž/: «chiante» «sonoro»
 /ɲ/: «palatal» «nasal»
 /λ/: «palatal» «lateral»
 /k/: «dorsovelar» «surdo»
 /g/: «dorsovelar» «sonoro»
 /ř/: «uvular»

As oposições fonológicas que identificam as unidades são as seguintes:

/'Rapu/ x /'Raβu/
 /'(p)itu/ x /'(t)idu/
 /'(t)ɔka/ x /'(R)ɔga/
 /aʃi'aɖu/ x /aβi'aɖu/
 /'kaʃa/ x /'kaʒa/
 /'(t)aʃu/ x /'(g)aʒu/
 /'(k)ɛru/ x /'(f)ɛru/
 /'(s)aɭa/ x /'(p)aɭa/
 /'amu/ x /'anu/ x /(a'p)anu/

As realizações perceptíveis testadas são, por ordem, [p], [β], [m], [f], [v β], [t], [ɖ], [n ɲ], [ɭ], [r], [s s_j š], [z z_j ž], [š š_j ts], [ž], [ɲ], [λ], [k], [g] e [ř].

Na variedade em uso descrita, marca-se a existência dos timbres perceptíveis [r] e [ř], que apenas se opõem fonologicamente em posição intervocálica, como documentam as confrontações /'kaɾu/ x /'kařu/, /'muru/ x /'muřu/. Isto quer dizer que em outros ambientes a oposição fica neutralizada. Ou seja, a título elucidativo, em posição inicial, o arquifonema /R-/ ocorre com o timbre perceptível [ř]; como segundo elemento de grupo consonântico homossilábico é apenas notada a ressonância [r].

Relativamente à posição da fonema consonântico em contexto intervocálico, impõe-se ainda mencionar alguns fenómenos do âmbito da fonética geral, explicitados em I, 5., relacionados com o ponto de articulação de certas /CONSOANTES/, nomeadamente /b/, /d/ e /g/. Estas unidades, sendo «sonoras», ao se manifestarem fisicamente perante um contexto que as circunscreve entre fonemas /VOCÁLICOS/, havendo por isso uma articulação mais aberta (própria da realização da /VOGAL/) antes e depois delas, apresentam uma realização perceptível imperfeita da oclusão própria da [CONSOANTE]. As articulações consonânticas que,

por esta razão física, não chegam a ser perfeitamente oclusivas, são notadas como [ɓ], [ɗ] e [g].

De um modo mais alargado, se se considerar a entidade fonológica /g/, por exemplo, atestada modelarmente oclusiva (como [g]) nos demais contextos, em posição intervocálica realiza-se perceptivelmente como [g]. Assim, [g] e [g], em virtude de serem variantes determinadas pelo contexto, são ditas por isso mesmo contextuais.

[n n], [v ɓ], [s s_j š], [z z_j š] e [š š_j ts] são variantes livres e/ou individuais das realizações perceptíveis de, respectivamente, /n/, /v/, /s/, /z/ e de /š/.

[n] e [n] constituem variantes perceptíveis do fonema /n/ em distribuição complementar, como se terá oportunidade de verificar de imediato.

2.1. /n/

Com uma percentagem de ocorrência de ≈60%, a realização mais frequente do fonema /n/ é marcada pelo timbre perceptível [n].

Observe-se:

982. ['kã_wn^u]

983. ['lõnə]

984. ['pẽ_wnə]

985. ['sõn^o]

No entanto, num contexto circunscrito à acção do traço «palatal» de /i/, a unidade manifesta-se com o timbre perceptível [ɲ] (≈40%), chegando mesmo a reduzir ou a absorver o som perceptível vocálico anterior que a segue na alocação, com um índice percentual de ocorrência aferido na ordem dos ≈20%.

São exemplos:

986. [ãⁿtõɲ^o] (P) e 987. [ãⁿtõɲⁱo] (C), a par de 988. [ãⁿtõni^u]

989. [dãⁱmõɲ^o] (S) e 990. [dãⁱmõɲⁱo] (ATC), a par de 991. [dãⁱmõni^o]

2.2. /v/

Assim como o verificado em contexto de posição inicial da unidade acentual,⁵ nesta localização concreta, as realizações perceptíveis [v] e [ɓ] convivem com um nível de ocorrência que atinge o índice de ≈50%, ainda que dos usos computados não se identifique uma explicitação sistémica inequivocamente esclarecedora.

Veja-se:

992. ['brəv^o] (VAL) e 993. ['brəɓ^o] (ESC)

994. [ə_wl'drəɓə] e 995. [ə_wl'drəvə]

⁵ Cf. II, 6.: 1.1. supra.

996. [a_wldra'ḃā_ww] e 997. [a_wldra'vā_ww]
 998. [brə'ḃiu] (VAL) e 999. [brə'viu]
 1000. [livə'r'daḃ^o] (O, VP) e 1001. [liḃar'daḃ^o]
 1002. [trəvə'la_r] (FAT, VP) e 1003. [trəḃə'la_r]

2.3. /s/

De acordo com os dados que constituem o corpus – amostra obtida, e ainda que a manifestação perceptível como sibilante [s] atinja a percentagem expressiva de ≈45,5% de ocorrências, verifica-se a alternância entre os timbres perceptíveis [s], [s_j] e [š], sem que se apurem condicionamentos inexoráveis que a possam justificar.

Não obstante, aparte o fenómeno não sistémico de alternância de timbres perceptíveis, é possível depurar com base nos dados observados algumas hipóteses factíveis de condicionamentos mais ou menos determinativos: assim, admite-se que a ressonância perceptível como chiante [š] (cotejada com um nível de ocorrências na ordem dos ≈36,4%) é resultante de um fenómeno de harmonia acústica motivada pela proximidade dos timbres perceptíveis [s] e [s_j]. Quanto ao uso do som perceptível [s_j], é possível considerá-lo em associação a uma espécie de desmembramento do traço palatal, perceptível, ainda que de forma muito débil, no som [j] – a percentagem de ocorrência deste fenómeno é de ≈18,2%.

Leiam-se, como exemplos, as seguintes notações:

1004. ['grajša], 1005. ['grajsja], 1006. ['graša], 1007. ['grasja] (ALC, C, P) (formas do
 signifiante de «graxa»)
 1008. ['graša], 1009. ['grasja], 1010. ['graša] (D, E) (formas do signifiante de «graça»)
 1011. ['pašar^u] (L), 1012. ['pašar^u]
 1013. [ašēn'tarⁱ] (C), 1014. [ašēn'tarⁱ]
 1015. [dəzj'grasja] (AL) e 1016. [dəzj'grasja] (VAL) (formas do signifiante de «desgraça»)

2.4. /z/

De acordo com os dados inventariados, marca-se a existência dos sons perceptíveis [z], [z_j] e [ž], que ocorrem em regime alternativo e/ou livre na proporção de ≈37,5%, ≈37,5% e ≈25%, respectivamente.

Veja-se:

1017. ['kazja]; 1018. ['kaža] e 1019. ['kaža]
 1020. [prə'zəpiu] (F); 1021. [prə'zəpiu] (C) e 1022. [prə'žəpiu] (AL, P)
 1023. ['təzja]; 1024. ['təza]

A observação destes e de outros exemplos do corpus permite afirmar que as variantes perceptíveis [z], [z_j] e [ž] identificam realizações correlacionadas com as que manifestam as

ocorrências alternativas de /s/⁶ — com contornos idênticos tinha-se já assistido ao estabelecimento da relação entre as formas perceptíveis que manifestam /s/ e /z/ em posição inicial de unidade acentual, porquanto fenómeno revelador da estabilidade própria ao sistema.⁷

2.5. /š/

Com idêntica informação situacional (isto é, de cariz extra linguístico) à anotada na descrição do uso da ressonância perceptível como africada surda [ts] enquanto variante da realização perceptível do fonema /š/ em posição inicial de unidade acentual,⁸ nota-se a percepção [ts], neste contexto concreto de posição /VOGAL + š + VOGAL/, em exemplos como:

1025. [mą'tsõnə] (O, P) e

1026. [pɔwka'tsĩnʷ].

Observada em variedades linguísticas circunscritas a um uso mais individualizado, a manifestação perceptível como [ts] revela um índice de uso muito pouco expressivo: ≈0,4%.

No entanto, ainda que seja verificada a ressonância [šj] (≈25%), o timbre [š] é a manifestação formal perceptível mais ilustrativa da «chiante surda», a atingir uma percentagem de uso com índice de ≈75%.

Leiam-se:

1027. ['kašɔzɔš] (forma do significante de «cachos»)

1028. ['tašjɔ] (forma do significante de «tacho»)

3. em posição pós-consonântica.

Documentam-se de seguida as unidades fonemáticas consonânticas que se posicionam em início de sílaba imediatamente depois dos aquifonemas /-L./, /-N./, /-R./, /-S./, e dos fonemas /-j./ e /-w./ a entrar a sílaba precedente.

Relembra-se que as unidades transcritas como /L/, /N/, /R/ e /S/ simbolizam o resultado da neutralização de oposições cotejadas quer em posição inicial de sílaba quer em posição final de sílaba.

Observe-se:

/p/: «bilabial» «surdo»

⁶ Cf. descrição do funcionamento de /s/, II, 6.: 2.3. supra.

⁷ Cf. II, 6.: 1.3. e 1.4. supra.

⁸ Cf. II, 6.: 1.5. supra.

/b/: «bilabial» «sonoro» «não nasal»
 /m/: «bilabial» «nasal»
 /f/: «labiodental» «surdo»
 /v/: «labiodental» «sonoro»
 /t/: «apical» «surdo»
 /d/: «apical» «sonoro» «não nasal» «não lateral»
 /n/: «apical» «nasal»
 /l/: «apical» «lateral»
 /r/: «vibrante»
 /s/: «sibilante» «surdo»
 /z/: «sibilante» «sonoro»
 /š/: «chiante» «surdo»
 /ž/: «chiante» «sonoro»
 /ɲ/: «palatal» «nasal»
 /ɬ/: «palatal» «lateral»
 /k/: «dorsovelar» «surdo»
 /g/: «dorsovelar» «sonoro»
 /ʁ/: «uvular»
 /R/: «vibrante»

Ainda que por razões operacionais e metodológicas do inventário seja aqui registado de forma global o sistema das unidades consonânticas em posição inicial de sílaba a ocorrerem depois de uma /CONSOANTE/ que entrave a sílaba anterior (ou seja, como visualização esquemática, /VOGALCONSOANTE.CONSOANTE(CONSOANTE)VOGAL/), não se deixa de observar que há certas unidades que apenas são perceptíveis depois de algumas daquelas seis unidades que fecham a sílaba antecedente.

Senão veja-se, a título ilustrativo:⁹

Depois de /-L-/ a entrar sílaba, são testados os fonemas /t-/ e /d-/ (com ≈,8%), o arquifonema «vibrante» /R-/ (≈,6%), os fonemas /m-/ e /v-/ (≈,5%), /s-/ e /k-/ e /g-/ (≈,3% cada), /p-/ (≈,2%) e /f-/ (≈,1%). Os fonemas /n-/ e /š-/ e /ž-/ estão comprovados, ainda que a percentagem de ocorrência (≈,05%) seja a tradução da quase nula rendibilidade funcional no subsistema.

Observem-se alguns exemplos:

/'sALmu/ x /'sALtu/ x /'sALvu/
 /'(A)Lgu/ x /'(mɐ)LRu/
 /AL'f(Rɐdu)/ x /AL'g(ARve)/

⁹ De forma mais circunstanciada, cf. os índices estatísticos de frequência resultantes dos dados equacionados no corpus – amostra obtida nos ANEXOS xxiii-b/f; xxiv-b/f; xxv-b/f; xxvi-b/g e xxi-b/f; xxii-b/e.

Se a fechar a sílaba precedente o arquifonema /-N./ é avaliado, as unidades que funcionam são /t-/ (≈5,9%), /d-/ (≈1,9%), /s-/ (≈1,7%), /k-/ (≈1,6%), /g-/ e /R-/ (≈1,4% cada), /p/ (≈1,1%). Com índices menores de ocorrência, atestam-se os fonemas /š-/ e /ž-/ (≈,8% cada), /f-/ e /v-/ e /z-/ (≈,6% cada), /m/ (≈,4%) e /b-/ (≈,1%).

Vejam-se algumas notações:

/ (k)AN'tare/ x /AN'dare/ x / (d)AN'sare/

$/\text{'ONRa}/ \times / \text{'ONsa}/ \times / \text{'(R)ONka}/$

/iN'š(ere)/ x /iN't(eRnu)/ x /iN'v(eRnu)/

/(fR)AN'zire/ x /(k)AN'sare/

$$/ '(l)ENbR(u)/ \times / '(s)ENpR(e)/$$

/ (A)N'gɔ(la) / x / (kO)N'fɔ(Rme) /

/'(šAw)NmuzuS/ x /'(sE)NtuzuS

/ˈpɛNka/ x /ˈsɛNta/

A seguir a /-R./, isto é, depois de sílaba fechada pela «vibrante», documentam-se, ilustradas com respectivos índices de frequência, as unidades /t-/ ($\approx 2,5\%$), /d-/ ($\approx 2\%$), /v-/ ($\approx 1,3\%$) e /n-/ ($\approx 1,1\%$). Com uma representatividade estatística abaixo do 1%, demarcam-se os fonemas /k-/ ($\approx 8\%$), /s-/ ($\approx 7\%$), /g-/ ($\approx 5\%$) e /m/ ($\approx 4\%$), /p/ e /f/ ($\approx 2\%$). A ocorrer com uma percentagem de $\approx 1\%$, equacionam-se os fonemas /l-/ , /š-/ e /ž-/; com um estado de rendibilidade quase nulo ($\approx 0,5\%$), o fonema /b-/.

Observe-se:

$$I'(k) \circ R_{nu} / \times I'(p) \circ R_{ku} /$$

/ˈkaRta/ x /ˈkaRga/ x /ˈkaRla/

/ʔARma/ x /ʔARka/

$$I'(m) \in R_{da} / \times I'(p) \in R_{na} /$$

/ (s) eR'vire/ x / (pa) R'tire/

/ʔfARpa/ x /ʔfARda/

$$I'(g)ARfuzuS/ \times I'(p)ARvuzuS/$$

Depois de «-sibilante-chiante.» /-S./, inventariam-se as unidades /t-/ (≈2,8%), /k-/ (≈1,4%) e /p-/ (≈1,2%). Abaixo do índice de ≈1% de ocorrências, testam-se os fonemas /d-/ (≈,6%), /m-/ , /z-/ e /g-/ (≈,4% cada), /f-/ (≈,3%)e /v-/ (≈,2%). Com ≈,1% de ocorrência em termos estatísticos, os fonemas computados são /n-/ , /ž-/ , /š-/ e /s-/. Com uma rendibilidade funcional quase nula (≈,05%), o fonema /b-/.

São exemplos:

/ESkAN'(š)are/ x /ESpAN'(t)are/

$$I'(p) \mathfrak{a}_{\text{Sm}}(u) / \times I'(k) \mathfrak{a}_{\text{Sp}}(a) /$$

/ (n)AS's(e)re/ x / (p)AS't(a)re/

A seguir a /-j-/ documentam-se os fonemas /t-/ (≈,7%), /z-/ (≈,5%), /r-/ (≈,4% cada), /d-/ , /l-/ e /s-/ (≈,2% cada), /v-/ e /š-/ (≈,1%). Com uma percentagem de ocorrência de ≈,05%, os fonemas /f-/ , /n-/ e /ř-/.

Depois de /-w./, os fonemas /p-/ e /m-/ (≈,3%), /t-/ , /z-/ e /k-/ (≈,2%), /s-/ , /g-/ e /r-/ (≈,1%). Com ≈,05%, os fonemas /v-/ , /l-/ e /š-/.

São exemplos:

/kAj'(š)AwN/ x /kAw'(s)AwN/

/bAjř(u)/ x /bAjl(e)/

/'(f)ojse / x /'(b)ojze/

/(kəgə'n)Ejru/ x /'(f)Ejtu/

/'(p)Awla/ x /'(l)Awra/

/(iN)Aw'g(u)ra/ x /Aw'r(ɔ)ra/

/'(d)əwze/ x /'(s)Owbe/

/'(s)Owb(e)/ x /'Owv(u)/ x /'(n)Owt(R)u/

/(pRə)fAj'tjnu/ x /pAj'zjnu/

A amostragem aqui listada, embora não seja exaustiva, não é por isso menos esclarecedora nos termos em que revela as possíveis combinações que apenas em alguns casos se documentam.

Pela análise das combinações executadas, nota-se que // está testado depois de /-R./ e de /-j./, que /R/ surge depois de /-L./ e de /-N./, e que apenas depois de sílaba entravada por /-j./ funciona a oposição /r/ x /ř/ certificada pelo par opositivo /'(k)Ajru/ x /'(b)Ajřu/.

A identidade das regras de formação silábica que se reivindica neste trabalho define-se em função da sua estrutura interna (dimensão nuclear da /VOGAL/ como centro silábico), e do seu carácter produtivo e sistémico.

Todavia, estas propriedades, afirmadas pelo perfil decorrente do exame estrutural da variedade da língua de forma mais ampla, não implicam que certas combinações consonânticas não possam ser entendidas como casos de alternância fonológica: só assim se justifica a presença no corpus - amostra obtida de unidades como /nə'mRədu/, /pSi'zAwN/ e /vSEnte/, a alternar com /nəmu'rədu/, /pRəsi'zAwN/ e /və'sENte/.

Potencialmente reveladoras de mudança, unidades como /ES'tRume/ e /ESkəřəpə'sədu/ podem manifestar-se perceptivelmente com elevado rendimento funcional em 1029. [ʃtřũjmə] (VAL) e em 1030. [škəřəpə'sədu] (P) (/StRume/ e /Skəřəpə'sədu/?).¹⁰

¹⁰ Este fenómeno fonético de síncope foi já objecto de verificação aquando a descrição do funcionamento de /e/ em posição pré-acentuada e em posição inicial de unidade acentual + /-S./ – cf. II, 3.: 1.7..

Em resumo, os alofones perceptíveis das vinte unidades que enformam o subsistema pós-consonântico são, respectivamente, [p], [b], [m], [f], [v], [t], [d], [n], [l λ], [r], [s s_j š], [z z_j ž], [š ts], [ž š], [ɲ], [λ], [k], [g] e [ř].

As realizações perceptíveis [l λ], [s s_j š] e [z z_j ž], [š ts] e [ž š] são variantes livres e/ou individuais das manifestações perceptíveis de /l/, de /s/, de /z/, de /š/ e de /ž/.

Veja-se uma descrição mais detalhada:

3.1. /l/

Em relação ao fonema /l/, verifica-se a par da realização apical mais generalizada [l] (≈99,9%) o uso perceptível da palatal [λ] (≈50%), certamente por influência da ressonância palatal emprestada pelo som perceptível [j] antecedente, que, neste ambiente mais circunscrito, pode sofrer uma redução, por vezes considerável, do timbre perceptível (na ordem dos ≈33,3% de ocorrências).

Observem-se alguns exemplos:

1031. ['bajlə] (ATC), a par de 1032. ['bajlə] (P)

1033. [ba'λar'] (P, SALG), a par de 1034. [baj'lar']

1035. [bajlə'rikʷ] (ESC), 1036. [bajλə'rikʷ] (P)

3.2. /s/ e /z/

Certamente associadas à ocorrência das variantes livres e/ou individuais que dão forma perceptível aos fonemas /s/ e /z/ em contexto intervocálico,¹¹ em posição pós-consonântica, as ressonâncias alternativas [s], [s_j], [š] e [z], [z_j], [ž], correspondem à realização perceptível de /s/ e de /z/.

Cotejadas em uso livre (com índice de ocorrência de, respectivamente, ≈77,8%, ≈22,2% e ≈ 11,1%; ≈34%, ≈33,3% e ≈33,3%), é possível afirmar que os timbres perceptíveis [s_j] e [š], [z_j] e [ž], pares aproximados em termos de modo e ponto de produção/articulação, possam estar relacionados com a presença da manifestação [j] na unidade acentual. Esta estrutura ocorre com um índice de ≈27,8%.

Leiam-se as seguintes notações:

1037. [kã'serə]; 1038. [kã'sejrə]

1039. [kõsəgrə'sāw]

1040. [pã'suḍə]

1041. ['te_wrsʷ]

1042. [fɛj'sjāw]; 1043. [fɛ'sāw]

1044. [pě'sāw]

1045. ['tāsʷ]

¹¹ Cf. II, 6.: 2.3. e 2.4. supra.

1046. [a'kaǰə] (P); 1047. [a'kaǰə] (E) (formas do significante de «quase»)

1048. [kǎǰijnuzjuš]; 1049. [kǎ'zinuzjuš]

1050. ['koǰa]

1051. [paǰ'zǎwna]

3.3. /š/

Decerto por influência do carácter fonético (ponto e modo de produção/articulação) de [j], o timbre perceptível [šj] pode ocorrer, de acordo com os dados computados, em alternância com [š], a atingir um nível percentual na ordem de ≈32,5% e de ≈50% respectivamente.

Veja-se:

1052. ['baǰ'ša]

1053. [kaǰ'šjot°]

1054. [paǰ'šǎw]

Por outro lado, verificou-se no corpus – amostra obtida que, a par de [š], o timbre perceptível [ts] é igualmente recorrente, em especial quando o segmento está afecto pelo impulso egressivo resultante de um acento emotivo-expressivo. Nestas circunstâncias de alocação, o índice de ocorrência do som perceptível [ts] atinge os ≈60% numa relação de proporcionalidade directa com os ≈40% de ocorrência de [š].

São exemplos:

1055. ['gǎšqozǰš]; a par de 1056. ['gǎntsqozǰš] (formas do significante de «ganchos»)

1057. [škǎntsaǰa] (P); a par de 1058. [°škǎ'saǰa]

1059. [mǎntseǰa]

3.4. /ž/

Em consonância com o fenómeno de ocorrências de timbres perceptíveis alternados verificados em II, 6.: 3.3. supra, notam-se em contextos idênticos as ressonâncias perceptíveis [ž] e [žj], com um índice percentual a atingir os ≈42,9% e ≈ 28,6%, respectivamente.

Veja-se a título exemplificativo:

1060. ['beǰž°] a par de 1061. ['bež°]

1062. [ěžǰ'taǰ°]

Apesar de revelar um carácter esporádico e não geral de acordo com os dados compulsados (o índice de ocorrência atinge, de acordo com os dados do corpus – amostra obtida, ≈28,6%), merece ser marcada a realização ensurdecida da unidade /ž/ perceptível

como [š], fenómeno explicado pela posição final de unidade acentual que passa a ocupar após o desaparecimento do timbre vocálico neutro, já por si de forma perceptível muito débil.

Relembra-se que, embora este fenómeno se apresente com um carácter mais circunstanciado à posição que ocupa a nível da FR, a fraqueza do timbre perceptível [ə] é também corrente na variedade linguística avaliada nesta dissertação em posição final de unidade acentual, chegando inclusive a atingir a ausência de timbre perceptível.¹²

1063. ['lõižə] (JC) e 1064. ['lõjš] (B) (formas do significante de «longe»)

1065. ['oʒə] (D) e 1066. ['ojš] (C) (formas do significante de «hoje»)

4. posição pré-consonântica.

Neste ponto tratar-se-á das unidades de natureza consonântica que se posicionam imediatamente antes de outra unidade consonântica no âmbito da mesma sílaba, sendo esta última unidade os arquifonemas /-L-/ ou /-R-/ (ou /-S-/, com um índice de ocorrência de ,05%, computado de forma pouco rentável em unidades significativas como /pSi'zAwN/ ou /'vSENte/), visto se encontrarem numa posição de neutralização onde deixam de funcionar as oposições /l/ x /λ/ e /r/ x /ř/ (ou /s/ x /z/ x /š/ x /ž/).

Há ainda a mencionar a existência de um outro tipo de combinatória consonântica, que um espírito menos atento aos critérios de análise perfilhados poderia contextualizar nesta posição. Casos como o que se atesta em /admi'rədu/ (/d.m-/) ou em /ədvAR'tire/ (/d.v-/), a título de exemplo, não são aqui tratados, na medida em não se estruturam num grupo consonântico homossilábico. Em grupos desta tipologia, a fronteira silábica recai, obrigatoriamente, entre as duas unidades consonânticas, como acontece em /'kAN.ta.ru/ por exemplo. Por outro lado, admite-se que as estruturas verificadas em unidades como /'fkəre/, ou como os já referidos /nə'mRədu/, /pSi'zAwN/ e /'vSENte/, podem suscitar algumas dúvidas de delimitação silábica.

Assim, neste contexto mais preciso, os fonemas inventariados são:

/p/: «bilabial» «surdo»

/b/: «bilabial» «sonoro» «não nasal»

/m/ «bilabial» «nasal»

/f/ : «labiodental» «surdo»

/v/ : «labiodental» «sonoro»

/t/ : «apical» «surdo»

/d/ : «apical» «sonoro»

¹² Cf. II, 2.: 1.1.1. e II, 5.: 1..

/k/: «dorsovelar» «surdo»

/g/: «dorsovelar» «sonoro»

Documentados pelos seguintes confrontos:

/sə'pRəre/ x /sə'bRəre/

/bL(uz)a/ x /(su)'pL(ik)a/

/'kwədRu/ x /'kwətRu/

/(ə)'tLəta/ x /(bisi)'kLəta/

/'kR(ə)du/ x /'gR(a)du/

/'kL(i)ma/ x /'pL(u)ma/

/'(š)ifRe/ x /'(l)ivRe/

/'fL(ə)R/ x /'pL(AN)ta/

Estas unidades fonemáticas são perceptíveis, respectivamente, como [p], [b v], [m], [f], [v], [t], [d], [k] e [g].

[b v] são variantes individuais e/ou livres da manifestação perceptível de /b/.

Veja-se a seguinte descrição:

4.1. /b/

De carácter não sistémico e em certas sequências de estrutura /.bR-/, verifica-se a alternância perceptível entre a bilabial [b] e a labiodental [v], com um índice de ocorrência que atinge, respectivamente, os ≈55,6% e os ≈44,5%.

Leiam-se as seguintes notações:

1067. ['fəbrə] (ATC) e 1068. ['fəvrə] (S)

1069. ['fəbrikə]

1070. [fəvri'kãw'te]

1071. ['fəbrə] e 1072. ['fəvrəzɛš]

1073. ['kəbrə]

1074. [ləvrə'dowrə] e 1075. [ləbrə'dowrə]

capítulo 7

consonantismo em posição final de sílaba.

1. unidades consonânticas em final de unidade acentual ou em posição pré-consonântica heterossilábica.

Neste contexto mais preciso, o posicionamento das unidades consonânticas em final de sílaba pode corresponder à sua localização em final absoluto, isto é, no fim da unidade acentual, ou, dentro da unidade acentual, aos fonemas de natureza consonântica que finalizam sílaba em posição pré-consonântica, sendo esta última posição ocupada por um segmento consonântico heterossilábico.

Tanto num como noutro caso atesta-se exactamente o mesmo sistema, composto pelos arquifonemas resultantes da neutralização das oposições /m/ x /n/ x /ɲ/, /l/ x /ʎ/, /r/ x /ʀ/ e /s/ x /z/ x /š/ x /ž/, e pelos fonemas /j/ e /w/.

O arquifonema «nasal» ocorre em exclusividade neste contexto (atinge ≈99,9% de validade percentual); com um grau perto da exclusividade, com valores percentuais de ≈98,5% e de ≈99,7%, aferiu-se a ocorrência dos arquifonemas «dorsopalatal» e «chiantesibilante», respectivamente.¹

De molde esquemático, as unidades fonemáticas avaliadas nesta posição são:

/N/: «nasal»

/L/: «lateral»

/R/: «vibrante»

/S/: «chiantesibilante»

/j/: «dorsopalatal»

/w/: «labiovelar»

¹ De forma mais acurada, confirmem-se os valores percentuais de ocorrências inscritos nos ANEXOS xxi a xxvi (frequência das sequências fonemáticas).

Atestadas em:

/pAj/ x /pAw/

/pAR/ x /paS/

/(k)ə'nAL x /ə'nAN/

/kəS(p)a/ x /kAR(t)a/

/kANta/ x /kARta/

/fAj(n)a/ x /fAL(t)a/

/pAw(l)a/ x /paS(t)a/

As realizações perceptíveis destas unidades são, respectivamente, [ː], [ʔ], [r], [š z z_j ž], [j] e [w].

Atente-se que as ressonâncias perceptíveis [š], [z z_j] e [ž] são variantes contextuais na medida em que são distribuídas complementarmente, isto é, [š] ocorre antes de um som perceptível como consonântico surdo ou antes de pausa no momento de locução; [ž], antes de um som perceptível como consonântico sonoro; [z] e [z_j] em posição intervocálica no âmbito da fonética combinatória ou sintáctica.

Impõe-se ainda distinguir que, neste último contexto, a localização da unidade fonológica em final de sílaba é relativa, pois no acto de locução, excluindo os casos de afectação por um acento emotivo-expressivo resultante do aumento da força egressiva na articulação/produção do segmento, o /S/ seguido de uma unidade de natureza vocálica heterossilábica constitui geralmente grupo silábico com ela, passando a estruturar-se pela equação /.CONSOANTE + VOGAL./.

Os timbres perceptíveis [z] e [z_j], contudo, ocorrem entre si em variação livre e/ou individual.

Observe-se de seguida a descrição das ocorrências de /S/:

1.1. /S/

1076. [ʔəštəš 'ko_jzəš] (forma do significante de «estas coisas») (CAST)
1077. [pəš] (VAL)
1078. [pəz 'i sə'u_jðə] (forma do significante de «paz e saúde») (P)
1079. [už 'dədɔzɔš] (forma do significante de «os dedos») (P)
1080. [uš 'pəjzəš] (forma do significante de «os pais») (FAT)

Pela observação dos dados computados, admite-se ainda ser de mencionar o índice percentual de ocorrência da ausência de timbre ([Ø]), cuja frequência atinge ≈33,4%, em

especial na realização perceptível de significantes como /'majS/ e /'pojS/: respectivamente 1081. ['maj] e 1084. ['poj].

Contudo, estes mesmos segmentos, especialmente em situação de próclise, convivem com as formas notadas como 1082. ['majzə] ou 1083. ['majzə] e 1085. ['pozə] ou 1086. ['pojzə], nas quais o arquifonema, por se encontrar em localização intervocálica, se manifesta à escala de ≈66,7% de ocorrências pelo timbres perceptíveis alternativos [z] e [zj], devido a razões de complementaridade distribucional como já se referiu supra.

1.2.

Ainda no que diz respeito ao contexto final de sílaba, é importante relembrar um aspecto articulatorio que, embora comum no âmbito da fonética geral, não deixa de ser pertinente na descrição do funcionamento da variedade - alvo que aqui se leva a estudo: a tendência para a bilabialização das unidades consonânticas quando seguidas de /u/ átono.

São exemplos 1087. ['kõmʊ] ou 1088. ['tõntʊ].

Sobre este assunto, mantém-se uma interpretação difonemática (e, consequentemente, uma descrição heterorgânica), o que permite descrever a realização perceptível do fonema /u/ como um som vocálico que segue um som consonântico.

Como o já observado no funcionamento do vocalismo pós-acentuado em final absoluto,² /u/ pode comutar com /a/ e com /e/ e, ao manifestar-se em [ʊ] ou em [ʊ], exerce um empréstimo de cariz bilabializado à realização perceptível da consoante anteposta e que pode comutar com /a/ e /e/.

1.3.

Deixou-se para o final deste capítulo a descrição resultante da observação das ocorrências perceptíveis das unidades /-j./ e /-w./, essencialmente por dois motivos: o primeiro deve-se ao facto destas unidades, em contexto, apresentarem um estatuto fonológico particular; o segundo explica-se pelo registo de ocorrências, que, no seu conjunto, relevam de peso percentual importante neste contexto em relação aos outros contextos aferidos no sistema consonântico (nos quais o peso percentual aferido atinge ≈85,9% de ≈13,1%, respectivamente).

Pela observação do corpus - amostra obtido para análise, no âmbito do sistema consonântico, quer em posição inicial quer em posição intervocálica, é possível concluir que as oposições que aí se verificam deixam de funcionar em contexto final de sílaba, de onde resultam os arquifonemas /L/, /N/, /R/ e /S/, como já foi testado supra.

² Cf. II, 2.: 1.1.3..

De forma suscita, a estas quatro unidades, que se opõem entre si, opõem-se também os fonemas /j/ e /w/.

Leiam-se alguns exemplos de oposição entre /j/ ou /w/ em relação a /L/, a /N/, a /R/ e a /S/, respectivamente:

/ˈkAj/ x /ˈkAL/ e /ˈkAw(z)a/ x /ˈKAL(s)a/

/ˈsAj/ x /ˈsAN/ e /ˈpAwta/ x /ˈp(L)ANta/

/ˈpAj/ x /ˈpAw/ x /ˈpAR/

/ˈpAj/ x /ˈpAw/ x /ˈpaS/

Por outro lado, /j/ e /w/ opõem-se entre si: /ˈpAj/ x /ˈpAw/, como exemplo.

Perante estas e outras notações computadas na avaliação do corpus – amostra, admite-se a conclusão seguinte: /j/ ocorre apenas depois de /ɐ (E)/, /a (A)/, /ɔ/, /o/ e /u/. O fonema /w/ é verificado após /o (o)/, a (A)/, /ɐ/, /e/ e /i/.

De acordo com distribuição atestada, a observação dos factos leva a registar o seguinte:

- (i) excluindo o contexto de /ɐ/+, /a/+, e de /o/+, a oposição /j/ x /w/ neutraliza-se;
- (ii) parece desenhar-se a tendência para que os fonemas vocálicos «posteriores» exijam a presença de /j/ e os «anteriores» a presença de /w/.

Ainda em relação ao estatuto fonológico das unidades /-j./ e /-w./, um esclarecimento é devido: no corpus - amostra inventariado, a realização perceptível como [w] é aferida precedida de [VOGAL], como em 1087. [ˈpiw] ou em 1088. [ˈfriw], em regime alternativo a [u] (1089. [ˈpiu] e 1090. [ˈfriū]).

Em casos com estes, a realização perceptível como [w] não deve ser interpretada como a manifestação física da unidade /w/ mas sim como a de /u/, na medida em que entre [i] e [w] há uma fronteira silábica: 1089. [ˈpi.w] e 1090. [ˈfri.w]. A prova dessa divisão silábica pode ser testada pela determinação de «plural»: 1093. [ˈriw]³ em relação a 1094. [ˈriɔzɔʃ].

Resumindo, embora seja clara a aproximação fonética de [w] para com [u], e, nos mesmos moldes, de [j] para com [i], admite-se que quer /w/ quer /j/ não podem ser consideradas unidades vocálicas.

Ao se relembrar a definição perfilhada sobre a estrutura funcional de /CONSOANTE/, entendendo-se como /CONSOANTES/ unidades que não podem formar sozinhas uma sílaba (cf. I, 5.: 6.), não restam dúvidas sobre a estreiteza existente entre os fonemas /w/ e /j/ e as unidades consonânticas, facto que também se vê confirmado pela possibilidade de /w/ e /j/ comutarem apenas com /CONSOANTES/: /ˈkALsa/ x /ˈkAwza/; /ˈkAj/ x /ˈkAL/ x /ˈkANTu/.

³ A propósito de /ˈRiw/, cf. BARBOSA 1983: 184-185.

Noutra perspectiva, ainda que com contornos idênticos de arquitectura distribucionalista, se se pensar no fenómeno de neutralização da «vibrante» que deixa de funcionar quando /j/ é precedente (/ˈbAjřu/ e /ˈpAjra/, como exemplo) da mesma forma que em posição intervocálica⁴, e se se verificar que tanto a unidade /w/ como a unidade /j/ podem inscrever-se em sequências contíguas de +/-N/ e de +/-NS/ (/ˈmAwN/, /ˈmAwNS/; /ˈmAjN/, /ˈmAjNS/), é admissível concluir que /w/ e /j/ se afastam do comportamento funcional das outras unidades consonânticas — fenómeno que lhes confere, enquanto /CONSOANTES/, um estatuto particular inegável.

⁴ Cf. II, 6.: 2..



algumas considerações de sintaxe/semântica (campo informativo)

1.

Pretende-se na parte reservada ao estudo do SV assinalar, numa primeira etapa do trabalho a desenvolver (cf. III: 1. a 4.), os factores de problematização decorrentes da análise descritiva do processo de funcionamento da variedade em uso no nosso universo de estudo, particularmente no que se refere à escolha das modalidades verbais e respectivas combinações sintagmáticas, na perspectiva da dinâmica da língua. Concomitantemente, chama-se a atenção para a eventual identificação de sistemas coexistentes enquanto perfis manifestativos da função comunicativa na óptica do funcionamento.

Numa segunda etapa do estudo do SV (cf. III: 5. a 10.), propõe-se analisar como as questões de significação levantadas pelas oposições binárias (expressas pelas diferentes formas perceptíveis do sistema verbal analisado) poderão explicar, em parte, os chamados efeitos de sentido obtidos pelo discurso. Isto é, descrever-se-á a dinâmica de sentidos temporais particulares decorrentes da actualização dos SV avaliados nos momentos de alocação.

Em associação com as propostas operacionais definidas em I, 5.: 10. e 11.), refira-se ainda, de seguida (cf. III: 2.), um enquadramento mais circunstanciado, no sentido de maior clareza teórico-metodológica.

De tudo o que se disser decorrem as opções relativas ao modo como se aborda o objecto sintáctico computado no corpus - amostra, e respectivo efeito semântico-informativo.

2.

Em relação aos usos averbados, requer dilucidarem-se duas possíveis sistematizações verbais, consentâneas ambas com a análise sustentada das formas. Da

primeira afigura-se o sistema que, apresentando a redução do sistema designado como o sistema verbal máximo, é o único praticado pelo grupo de alocutários; da segunda identifica-se o sistema de outro grupo de alocutários que, embora reconhecedor da totalidade das unidades monemáticas do sistema verbal máximo, regularmente prescinde de algumas delas.

Atendendo ao modelo que se apresenta em primeiro lugar, é de mencionar que certos sintagmas, ainda que não activados por certos grupos de alocutários-dadores, não deixam de ser aceites pelos mesmos, o que pode levantar a questão de, assim sendo, não fazerem eles também parte do sistema linguístico dos próprios.

Note-se que, embora não estejam desanexados um do outro, é no âmbito do marco sistematizador delimitado em primeiro lugar que a análise empreendida ganha corpo. Ou seja, é da aceitação de um sistema máximo que resultam as informações basilares para a reconstituição do sistema verbal afilado. Contudo, reconhece-se o carácter parcelar das descrições a que se chega, dadas as limitações que, no quadro das formas, o corpus apresenta.¹

Para a descrição do comportamento das modalidades verbais no discurso dos alocutários-dadores, toma-se, de acordo com um procedimento operacional, a importância atribuída à integração contextual das unidades como factor de significação. Do peso desta contextualização decorre a valorização das relações que na locução se desenham pelos factos comunicados linguisticamente. Esta constatação leva a colocar na classe do V o papel central da estruturação frástica e, por isso, a opção de reservar o estudo do SV como um domínio essencial afecto à estruturação sintáctica e consequente relevância semântica e informativa.

De acordo com o seu carácter basicamente nuclear na FR, e perante o estudo exaustivo dos dados compulsados, identificam-se as compatibilidades sintácticas que o V apresenta com as modalidades² «pessoa», «tempo», «perspectiva», «aspecto» e «modo».³ Ao determinarem o núcleo verbal, são estes monemas os responsáveis pelas oposições que se estabelecem nos SV.

¹ A questão levantada, ainda que mereça obviamente um estudo de alcance mais alargado que inclua todas as formas do sistema verbal máximo, estaria dependente de um inquérito linguístico dirigido que levasse, de forma inelutável, à actualização das formas verbais não apenas as que são 'aceites'. Ora se o modelo de inquérito activado nesta dissertação opta, como método preferencial, por recolhas que privilegiam a espontaneidade dos alocutários, o trabalho de conclusão que suscita não permite confirmar aspectos de organização de uma estrutura mais 'omnipotente'.

² Relembre-se que se segue aqui o conceito de modalidade de acordo com a linguística funcional (cf. MARTINET 1985: 39-40 e 121-122; BARBOSA 1998a: 71-86 e 1998b: 46-64). Assim, as modalidades verbais são entendidas como aquelas que determinam o V e que não são determináveis.

³ Existe ainda um monema de «voz passiva» que apenas se encontra na chamada conjugação passiva. Recordando o que já foi dito em II, 5: 11, a este monema de «voz passiva» não corresponde qualquer um de voz activa. A nível da computação dos dados, da «voz passiva», o índice de frequência registado na amostra não atingiu um valor de uso espectável da forma.

Atendendo a estas coordenadas, procede-se à análise dos SV da variedade linguística representada pelo corpus – amostra obtida, dispondo inicialmente as formas (determinadas por «3 p») numa visualização esquemática em quadro (cf. III: 3. infra).

3.

Veja-se então o quadro-resumo dos SV determinados por «3p». Ao caso, parte-se da exemplificação por um V considerado da 1.^a conjugação porque de uso regular na variedade que se estuda; mas o que se diz sobre ele é válido para todas as conjugações disponíveis no corpus - amostra:

	«tempo»	«perspectiva»	«aspecto»	«modo»
/ʼANda/	—	—	—	—
/AN'daʋa/	passado	—	—	—
/AN'dOw/	pretérito	—	—	—
/AN'daʋa/	passado	anterior	—	—
/ANda'ra/	—	posterior	—	—
/ʼANde/	—	—	—	conjuntivo
/AN'daʋe/	passado	—	—	conjuntivo
/AN'daʋaze/	—	posterior	—	conjuntivo
/AN'daʋe/	—	—	—	infinitivo
/ʼANdu/	—	—	—	gerúndio
/tʼAjN AN'daʋu/	—	—	perfeito	—
/tʼijna AN'daʋu/	passado	—	perfeito	—
/tʼEʒa AN'daʋu/	—	—	perfeito	conjuntivo
/ti'vɛʃe AN'daʋu/	passado	—	perfeito	conjuntivo
/ʼANda/ ⁴	—	—	—	imperativo

Os monemas verbais distinguem-se pelos traços que se passam a apresentar de seguida.

Recorde-se que, tendo em conta as opções tomadas relativamente ao modo como se aborda o objecto de estudo (isto é, o modelo 'um' referido em III: 2.), não se descreve, pela opção binária, o processo sintáctico das formas resultantes da determinação por «passado + posterior» e por «posterior + perfeito + conjuntivo».

⁴ Esta forma aparece determinada por «2p» porque o «imperativo» não se mostrou compatível com outras pessoas a não ser com «2p» ou com «5p».

Veja-se:

- 3.1. «passado»: significantes /-va/ na 1.^a conjugação e /-ia/ nas 2.^a e 3.^a conjugações. São exemplos ilustrativos os sintagmas /'dɔvamuZuS/ ≈ /'dɔvamuS/, /kə'miamuZuS/ ≈ /kə'miamuS/ e /O'viamuZuS/ ≈ /O'viamuS/, em codeterminação com «4p», cujas formas perceptíveis mais produtivas são ['dɔvãmoʒoʃ] (VAL), [kə'miãmoʒoʃ] (P) e [o'viãmoʒoʃ] (C), na proporcionalidade directa de ≈99,9% de ocorrências.
- 3.2. «pretérito»: para precisar o significante do monema «pretérito» dir-se-á necessário levar em conta a distribuição dos significantes amalgamados da combinatória «tempo» + «modo» relativamente aos significantes do monema «pessoal». Note-se que o monema «pretérito» apresenta um significante /Ø/; deste modo, /əpREN'di/ (MR) é «pretérito» porque associado a certa variante do monema verbal (ao caso /əpREN'd-/) e a certa variante do monema pessoal («1p», também neste caso, de significante /-i/ (/əpREN'di/ (P), /kON'pRi/ (FAT) e /ʃə'mi/ (C)); se estiver em codeterminação com «2p», verificam-se hesitações entre os significantes /-S.teS/ e /-S.te.ze/ (/lə'vASteS/, /əpREN'dəSteze/, cujas manifestações perceptíveis mais expressivas são, respectivamente, [lə'vəʃtəʃ] e [əprẽw'n'dəʃtəzə] (P)). Em codeterminação com «4p», neste contexto sintáctico de determinação de «pretérito», observa-se ainda um fenómeno que não se pode deixar de mencionar (ainda que o nível de significância de ocorrência seja diminuto (≈,004%), o seu índice probabilístico (< ,005) mostra ser estatisticamente relevante)⁵: trata-se da coincidência de significantes existente na determinação por «pretérito» e na determinação por «passado + anterior», independentemente da conjugação verbal a que o núcleo lexical do SV pertence. De facto, averbaram-se casos em que um SV como /kAN'tɔramuZuS/ (P), visto de um modo isolado, poderia ser entendido como significante de um ou de outro valor temporal. Obviamente que, inserido num contexto frástico, o significado da modalidade temporal fica esclarecido. Quando combinado com «6p», nas primeira, segunda e terceira conjugações, o significante admitido é /-i/: /kAN'tɔriN/, /kə'meriN/, /fu'giriN/ e /'RiriN/.
- 3.3. «passado + anterior»: de significante /-ra/ (/əbə'lɔrawN/, como exemplo).
- 3.4. «posterior»: quando combinado com «1p» e «5p», o significante é /-rE/ (/ANdɔ'rEj/ e /ANdɔ'rEjS/); com «2p» e «3p» é /-rɔ/ (/ANdɔ'rɔS/ e /ANdɔ'rɔ/); quando combinado com «4p» o significante é /-rɛ/ (/ANdɔ'rɛmuZuS/); com «6p» é /-rA/ (/ANdɔ'rAwN/).
- 3.5. «conjuntivo»: na primeira conjugação, em combinatória com «1p», «2p» e «3p», o significante é /-e/ (= [-ə]; ['gãɲə] (LAV)); com «4p» é /-ɛ/ ([ã'mẽmoʒoʃ] (P)); /-E/ e /-i/ são significantes da combinatória com «5p» e «6p» respectivamente (/kAN'tEjS/ e /pRɔku'rEjS/, /ə'bɔliN/ e /'puliN/). Nas segunda e terceira conjugações, com «1p», «2p»,

⁵ Para a obtenção deste resultado em termos de frequência estatística, executou-se o teste não paramétrico T, com um intervalo de confiança diferencial de 95%.

«3p» e «6p», o significante é /-a/ (/koma/ ← «1p» ou «3p»; com «4p» é /'-e/ (segunda conjugação) e /'-i/ (terceira conjugação); combinado com «5p», o significante é /.'E/.

Pela análise efectuada, note-se que o «conjuntivo» apresenta um significante /e/, assim como o dito 'presente do indicativo'. Na realidade, tanto o chamado 'presente do conjuntivo', que no quadro exposto se designa por precisão «conjuntivo», assim como o dito 'presente do indicativo', têm de ser entendidos em combinatória com os monemas de «pessoa» que não são os mesmos para um e para outro: diz-se que /'paše/ (D) só é significante de «conjuntivo» porque associada à variante do monema verbal /'paš-/ apresenta a variante do monema de «3p» /-e/. Do mesmo modo, /'paša/ (FAT) só é significante do dito 'presente do indicativo' quando em combinatória com a variante do monema verbal /'paš-/ e a variante do monema «3p» /-a/ coexistem.

- 3.6. «passado» + «conjuntivo»: significante /-se/ em codeterminação com todos os monemas pessoais excepto + «6p». Nesta estrutura, o significante é /-i/: /tRaḅa'lašiN/, /adu'əsiN/ e /miN'tisiN/.
- 3.7. «posterior» + «conjuntivo»: significante /-ra/. Ilustra-se com exemplo de + «2p»: /'se 'fɔrazeS iN'bɔra/ (MR).
- 3.8. «infinitivo»: de significante /'-re/, as realizações que admite são perceptíveis nas variantes alternativas [-rə] e [-rɪ] (com um peso percentual de ≈40% e de ≈60% das ocorrências), como são exemplos [di'sa_wri] (P), [naḡo'ra_wrə] (VP), [pašə'a_wri] (VP), [traḅa'la_wri] (VP) e [traḅa'la_wrə] (SALG)⁶.
- 3.9. «gerúndio»: significante /-N.du./, cujas manifestações alternativas são [VOGAL NASALADA.d^o] ou [VOGAL NASALADA.d^u]. Constituem exemplos ilustrativos [kuj'ãnd^u] (P) e [ti'rãnd^o] (SALG).
- 3.10. «perfeito»: o significante deste valor apresenta-se descontinuadamente na forma dos significantes /Ø/ de «modo» e «tempo» suportados por /'tɛR/ + o significante do «particípio passado» do valor lexical núcleo do SV.

Neste ponto aproveita-se a ocasião para dilucidar duas premissas que têm que ver directamente com a questão do monema «perfeito». A primeira admite que, de acordo com o corpus - amostra avaliado, a generalidade dos «participios passados» apresenta o significante /-du./ combinado sucessivamente com o monema verbal de significante terminado em /-VOGAL./, como em /'tAjN kRi'aḡdu/ (P). De outro modo, dir-se-á que o significante do «particípio passado» se vaza em duas variantes perceptíveis: em [-d^{u/o}] e em amálgama com o monema verbal (como são exemplos [fa'zjid^o] (LAV) e ['fɛit^o] (BB) ou [a'ḅriḡdu] (P) e [a'ḅɛrt^o] (SALG)), manifestando-se a primeira estrutura mais rentável (com um índice de ocorrência de ≈75%).

⁶ Cf. índices que podem denunciar a copresença de dois sistemas de 'infinito' em I, 1.: 5.1. e 5.2.; IV, 1.2.1.17.a) e 1.2.2.5..

A segunda premissa prova que o segmento que suporta as modalidades «modo» e «tempo» (de acordo com o corpus - amostra, considera-se por /'tɛR/) não constitui, por isso mesmo, neste caso e em outros como este, monema próprio como se institui em /'tɛɲu 'uN lAɲ'rAwN/ (P) por exemplo.⁷

- 3.11. «passado» + «perfeito»: significante de apresentação descontinuada na forma do significante de «passado» manifestado em /'tɛR/ + o significante do «particípio passado» do valor lexical núcleo do SV (/ʔɛla 'tɲa kAN'tadu 'tudu/ (VP)).
- 3.12. «perfeito» + «conjuntivo»: significante de apresentação descontinuada na forma do significante de «conjuntivo» suportado por /'tɛR/ + o significante do «particípio passado» do valor lexical núcleo do SV em causa (/ES'pɛɾu 'kɛ 'tɛɲa O'viStu/ (Esc)).
- 3.13. «passado» + «perfeito» + «conjuntivo»: o significante desta combinatória apresenta-se de maneira descontinuada na forma dos significantes amalgamados de monemas «passado» + «conjuntivo» em suporte /'tɛR/ + o significante do «particípio passado» do valor lexical núcleo do SV determinado (/sɛ ti'vɛzezeS 'ditu/ (C)).
- 3.14. «imperativo»: combinado com «2p» em todas as conjugações verbais e com «5p» na terceira conjugação, apresenta um significante /Ø/ (codeterminado com «2p»: ['paʃa] (VP) e ['kõmə] (LAV), codeterminado com «5p»: [sa'i] (P)). Aponte-se que, de acordo com o corpus – amostra obtida, aferiram-se manifestações alternativas perceptíveis como [-ðə], como em [sa'iðə] (LAV, P) provavelmente devidas à analogia da forma ['iðə]. Em determinação conjunta com «5p» na primeira e segunda conjugações, o «imperativo» apresenta o significante /-j./: [q'laɲ] (VP) e [kũ'maj] (SC) por exemplo.⁸
- 3.15.

Dadas as limitações naturais de operacionalização num estudo que se pretende descritivo e que, no âmbito da sintaxe e da semântica, tece apenas algumas considerações modelares da variedade-alvo, observe-se que, por conveniência expositiva, se fez uso exemplificativo de formas variáveis de manifestação monemática, embora fossem estas variedades formais de natureza mais morfológica que sintáctica.

⁷ De forma circunstanciada, J. Morais Barbosa chama a atenção para a distinção funcional que existe entre «pretérito» e «perfeito» (também chamado «passado presente»), exemplificando-a com a que corresponde à diferença entre, de forma ilustrativa, *fiz* e *temos feito* (cf. BARBOSA 1989: 221-228).

⁸ Em relação ao «imperativo» sublinha-se que este monema, excluindo os monemas de «2p» e «5p», não existe em situação de codeterminação com monema de classe verbal, facto que poderia permitir incluí-lo em qualquer uma das classes sintácticas, como sugere J. Morais Barbosa (cf. BARBOSA 1998a: 79 e 86). A especificidade do monema «imperativo» no âmbito do SV, aliada à sua não existência com o monema «adverbial de negação», levou Fernand Bentolila a afirmar que «il vaut mieux mettre l'impératif à part au moment de donner une image du système verbal d'une langue» (BENTOLILA 1988: 40).

No seguimento de J. Morais Barbosa, atendendo ao princípio de que só o critério sintáctico é válido para a inventariação das classes de monemas (cf. III, 5: 11.), incluíram-se na classe do «modo» verbal os monemas «imperativo», «infinitivo», «gerúndio» e «conjuntivo».

Teve-se consciência de que, embora um monema não apresente necessariamente um significante perfeitamente identificável em termos fonéticos, à oposição entre um monema e outro ou outros deve corresponder genericamente uma manifestação formal perceptível.

Assim, foram identificados monemas, objecto de escolha dos alocutários-dadores, a que correspondem não só significantes segmentáveis, como também significantes amalgamados e significantes zeros (cf. III, 5: n. 49).

4.

Expôs-se modelarmente até este ponto alguns princípios que se observam no radical dos SV determinado pela amálgama «tempo» + «modo» na grande maioria dos SV inventariados e que, por se apresentarem constantes no que diz respeito ao radical, são designados por V regulares.

No entanto, de acordo com os dados averbados, verificaram-se, com um índice de ocorrência relativamente expressivo ($\approx 45,3\%$), usos de SV representativos de uma forma de radical não previsível em termos de codeterminação: dir-se-ão por isso SV não regulares ou irregulares.

Veja-se, a título ilustrativo:

/di'zi/ (= «dizer» + «pretérito» + «1p») e /di'zẽw/ a par de /'diše/ (= «dizer» + «pretérito» + «3p»); /'fẽze/ a par de /fã'zẽw/ (= «fazer» + «pretérito» + «3p»). Em outros SV de núcleo lexical «fazer», registaram-se significantes de princípios regulares, como /fã'zi/ (= «fazer» + «pretérito» + 1p) e /fã'ziSte/ (= «fazer» + «pretérito» + «2p»). /'puzu/ (= «pôr» + «pretérito» + «1p»); /'fõStajS/ (= «ser» + «pretérito» + «5p»); /'truše/⁹ a par de /trã'zi/ (= «trazer» + «pretérito» + «1p»), /tRã'zẽw/ (= «trazer» + «pretérito» + «3p»). /dizã'rAj/ (= «dar» + «posterior» + «1p»); /fãzã'rAj/ (= «fazer» + posterior + «1p»); /trãzã'rAj/ (= «trazer» + «posterior» + «1p»). /O'via/ (= «haver» + «passado» + «3p»). /'dEja/ (= «dar» + «conjuntivo» + «3p») e /'dEjawN/ (= «dar» + «conjuntivo» + «6p»); /'vAja/ (= «ir» + «conjuntivo» + «3p»); /põ'dAjS/ (= «poder» + «conjuntivo» + «5p»); /'tRãzaS/ (= «trazer» + «conjuntivo» + «2p»).

Não determinados por um monema temporal, aferiram-se ainda os seguintes SV: /'AjRu/ (= «abrir» + «1p»)¹⁰. /'Aj/ a par de /'a/ (= «haver» + «3p»)¹¹; /'ãdeS/ (= «haver de» +

⁹ Registo idêntico foi observado por Leite de Vasconcellos em estudos sobre a variedade linguística em uso na região alentejana (cf. VASCONCELLOS 1895-1896a: 45).

¹⁰ Registo idêntico a este foi observado na variedade em uso aferida no Alandroal (cf. VASCONCELLOS 1895-1896a: 44) e no barlavento algarvio (cf. NUNES 1902: 46).

¹¹ Leite de Vasconcellos explica a existência /'Aj/ do seguinte modo: «Este facto parece, à primeira vista, de origem hispanhola, mas não o é, pois se encontra constantemente no português antigo, onde tem origem na fusão de *há* com o advérbio *hi* Como o *hi* se tornou proclítico, facilmente se soldou ao corpo da palavra» (VASCONCELLOS 1890-1892a: 26). O mesmo autor (cf. VASCONCELLOS 1890-1892a: 19; 1895-1896a: 46, 222 e 330) assim como J. Joaquim Nunes (cf. NUNES 1902: 47) consideram a forma como própria das variedades linguísticas meridionais.

«2p») e /'adiN/ (= «haver de» + «6p»). /'kabu/ (= «caber» + «1p»); /'fazu/ (= «fazer» + «1p»); /'faze/ (= «fazer» + «3p»); /'Owvu/ (= «ouvir» + «1p»); /'pødu/ (= «poder» + «1p»); /'səmuzuS/, a par de /'səmuzuS/ e de /'šAwNmuzu/ (= «ser» + «4p»); /'tENze/ (= «ter» + «2p»); /'tRazu/ (= «trazer» + «1p»); /'tRaze/ (= «trazer» + «2p»); /'vimuzuS/, a par de /vi'əmuzuS/ (= «vir» + «4p»).

A observação desta amostra de dados permite as seguintes considerações:

De acordo com o que é conhecido, para se obter a melhor expressão linguística de uma ideia, o alocutário recorre essencialmente a duas soluções: ou à junção de novas unidades ao sistema seu conhecido, inseridas pelas relações sintagmáticas, ou ao aumento da empregabilidade das unidades no discurso através de escolhas do seu paradigma.

Os exemplos observados de usos de formas alternativas, ditas umas de regulares outras de irregulares, salientando-se o índice de produtividade mais elevado das que derivam de um processo calculável ($\approx 56,6\%$), traduzem claramente uma tendência de economia linguística, especialmente marcada pela repetição de operações.

Perante um visionamento mais amplo do sistema verbal, dir-se-á que os dois processos de conjugação verbal (chamados de conjugação regular e de conjugação irregular), reconhecidos ambos no corpus - amostra, não são manifestativos de idêntica rendibilidade, sendo clara a compreensão de que o uso uniforme de um modelo exige um esforço menor do que aquele que exige a escolha de uma forma para cada actualização pretendida.

De um modo abrangente, poder-se-á afirmar que as formas dos V regulares funcionam como expressões modelares cuja significação é assimilada em bloco, quase (dir-se-á com atrevimento) como se de um sintema se tratasse, não traduzindo essa escolha o resultado da soma das unidades componentes.

5.

Identificadas as modalidades verbais a que se propôs a análise e, explicitamente, os operadores envolvidos na formação de SV, importa agora conhecer também as relações semânticas que presidem aos diferentes tipos de verbalização, distinguindo a informação veiculada pelos sentidos aduzida pelas actualizações processadas por efeito de determinação «temporal + modal + perspectual + aspectual» (para simplificação da leitura, a partir de agora condensar-se-á a combinatória de determinação pelas modalidades verbais na determinação por «tempo»).

Dadas as considerações permitidas pelo corpus – amostra obtida, e recorrendo ao modelo base estabelecido como eixo à representação do sistema verbal, é de adiantar que a especificidade que caracteriza o dito 'modo indicativo' e o papel de elevada ocorrência de que se reveste suscitam um tratamento mais activo nesta dissertação.

Naturalmente, este quadro não implica que os modos «conjuntivo», «gerúndio», «infinitivo» e «imperativo» sejam obviados; atendendo à informação disponibilizada, apenas se considera que o reduzido emprego de sintagmas determinados quer pelo «modo conjuntivo», quer pelo «modo gerúndio», quer também pelo «modo infinitivo» ou «imperativo» tem relação directa com o facto de estes não se encontrarem inequivocamente disponíveis. Assim, pela 'indisponibilidade' deste mecanismo, cuja produtividade quase nula¹² deve ser compreendida no quadro de um discurso basicamente ancorado ao momento de alocação e de reduzida complexidade sintáctica, não se explicitará a sistematização destes modos.

Adianta-se como indicador da fraca produtividade de SV determinado por «conjuntivo» o perfil dispensável por outras formas. A título informativo, vejamos alguns exemplos-tipo, especialmente envolvidos em configuração de F4, onde, no quadro das relações estabelecidas na FR, as formas de «passado + conjuntivo» apresentam uma relação de dispensabilidade quer com as formas de «passado»: /'sə kə'məʃe 'isu 'tudu/ (P); /sə'iNda 'tɪnə 'u le'rAwN/ (LAV), quer com as formas de «passado + anterior»: /'sə 'nAwN 'fəs ə'kilu/ (E); /'pRə 'kə 'lə kAN'təɾəS/ (P).¹³

Recorde-se que se assume como princípio operacional a noção de língua como sistema de valores, importando a definição dos monemas verbais como classe sintáctica definida pelas suas compatibilidades e pelas relações que estabelecem entre si, independentemente das realidades linguísticas que podem designar e dos efeitos de sentido a que podem dar lugar.

Por outro lado, não esquecendo que, se o carácter gramatical da escolha paradigmática não deve ser posto em causa, também a influência dos factores semânticos não deve ser posta de parte (cf. MOUNIN 1968). Assim, equacionam-se também algumas questões fundamentais relativas à natureza semântica das entidades envolvidas no sistema de valores, cuja funcionalidade e dinâmica estão garantidas pela convocatória operada no momento de alocação.

Ainda que a compreensão da variedade linguística aferida como instrumento de comunicação de uma população-alvo configure uma inegável ligação entre a sua estrutura interna e as estruturas do real, é um dado adquirido que as estruturas linguísticas actualizadas não se resumem a um mero reflexo do real, sendo pois possível conceber a significação como resultado do sistema.

¹² Esclarece-se que a produtividade das unidades resulta da análise dos dados computados no corpus – amostra obtida. O facto de se considerar a produtividade como nula, ou não relevante, advém do fenómeno não ter tido uma relevância que o levasse a ser avaliado pela fórmula estatística activada pela ferramenta informática SPSS v.11.0..

¹³ Esta representação de ocorrências permite a observação de que a combinatoria «passado + conjuntivo» perde vitalidade no universo estudado onde, pelo menos em parte, a dispensabilidade se apresenta aparentemente inofensiva para os efeitos semântico-temporais procurados.

Este princípio implica operacionalmente o reconhecimento da importância do exame do comportamento das formas em momento de alocação, na medida em que o conhecimento do lugar que as formas ocupam no sistema é inseparável do conhecimento do seu comportamento no discurso em contexto, ou seja, é cumprindo a sua função basicamente comunicativa que as unidades ganham vida e se integram na dinâmica da variedade de que fazem parte.

Decorre do que se disse, tendo sempre por base o corpus - amostra constituído, descrever o perfil comportamental das formas verbais em situação discursiva. Partindo dos dados fornecidos pelas ocorrências, procurou-se mostrar os diferentes sentidos potenciados pelas formas aferidas em uso mais expressivo na variedade linguística demarcada, tendo em conta indicações a nível da produtividade informativa (relacionada esta com o tipo de configurações semântico-temporais actualizadas); a nível dos contextos em que participam e a nível das eventuais relações de dispensabilidade que, através da contextualização, podem assumir com outras formas do sistema.¹⁴

Para a configuração linguística de um trabalho como o que se apresenta neste ambiente mais específico, merece ser reafirmada, ainda que de modo reiterado, a integração contextual da unidade enquanto factor de expressa coesão semântica.

Da consciencialização de definida importância do contexto na produção da significação, chama-se a atenção para um outro aspecto que, por se manter implícito em muitas das considerações feitas, não deve ser afastado e que se prende com a previsibilidade na resolução, com alguma dificuldade, da separação clara do que é, em termos de informação, da responsabilidade das modalidades verbais e do que é decorrente de outros elementos do contexto ou de uma combinatória contextual das unidades. Está-se ciente desta realidade complexa e merecedora da aceitação de um compromisso possível e sustentável entre o valor das formas no sistema e a diversidade das suas actualizações.

Concentrando-se no carácter basicamente de alocação e orientativo das relações de tempo produzidas no discurso dos alocutários-dadores pelas determinações de «tempo», a descrição proposta do modo de funcionar das formas verbais da variedade linguística em estudo toma como ponto de partida duas informações admitidas como coordenadas delimitadoras das configurações potenciadas pelas formas: parte-se do marco referencial a

¹⁴ A propósito do modelo operatório assumido como base sistematizadora do sistema verbal, convém mencionar que as relações de dispensabilidade das formas são convocadas como particularidade complementar das precisões informativas e da rendibilidade funcional (vejam-se os casos de dispensabilidade verificados no corpus - amostra obtida como exemplos que indiciam um grau de vitalidade fraca no sistema das formas de «passado + conjuntivo»). A descrição do comportamento dos 'tempos' que se entendeu propor decorre essencialmente das actualizações contextuais das formas e não tanto do índice de dispensabilidade traduzido na relação forma/forma.

que se apresentam ancorados os intervalos de tempo salientando-se a perspectiva que a partir dele se configura (cf. ROJO 1974: 73).

Neste âmbito, assume um papel promotor o momento de alocução, entendido como intervalo de tempo enquanto eixo gerador do tempo linguístico e responsável último de todo o processo, quer de potencial ramificação contextual da rede de relações temporais, quer de eventual suspensão da ancoragem a esse intervalo de tempo-origem (cf. FONSECA 1992: 175).

Da opção pela conjugação destes vectores, sem esquecer que as FR representativas foram captadas em ambiente de alocução, ter-se-á em atenção os seguintes parâmetros-indicadores, propulsivos no momento de descrição das ocorrências das formas inscritas: por um lado, a relação das formas com o momento de alocução e com outros possíveis pontos de referência indicados contextualmente; por outro as possíveis configurações semânticas-temporais que as formas assumem na FR (e a eventual dispensabilidade em contexto com outras formas do sistema, como já se referiu supra¹⁵).

Na descrição do comportamento das formas do sistema verbal, resultantes de uma escolha em prol da comunicação eficaz, não se pode deixar de referir as estruturas de oralidade dispostas no universo linguístico aferido como corpus-teórico — factor relacionado com a iniludível ligação do acto de alocução ao momento de enunciação, formalizado na maior parte dos registos notados no processo de autorreferencialidade enunciativa.

O mesmo será dizer que, decorrente da análise apresentada, pela manifestação dos traços de perfil recorrente, sintetizar-se-á a multiplicidade semântica das combinações de «tempo + perspectiva + aspecto + modo» analisadas, de modo a que seja possível proceder-se à delimitação informativa e, consequentemente, à relevância produtiva das formas na sua relação com as outras formas do todo tomadas como referência.

Decorrente dos pressupostos enunciados, a conjugação das modalidades verbais combinadas pela determinação no SV é apresentada como «ausência de determinação temporal» (isto é, as formas tradicionalmente designadas como ‘tempo presente’) (cf. III, 6.), «passado» (cf. III, 7.), «pretérito» (cf. III, 8.), e «posterior» (cf. III, 9.).

Relembra-se que na base da opção pela descrição destas determinações verbais está o peso percentual relativo das formas e, consequentemente, o carácter representativo que ele promove, de acordo com o modelo convocado como eixo sistematizador do sistema verbal.

¹⁵ Cf. III: n. 14.

6.

Inicia-se a exposição pelas formas que, de acordo com o quadro operatório adoptado, se consideram não estar temporalmente determinadas¹⁶ — opção metodológica que não entra em conflito com a concepção de uma unidade linguística potencialmente actualizada por efeito(s) de sentido(s), como se verá pela configuração das FR.

Como se pode verificar, e como foi já facto referido, depositária de uma enorme diversidade de informação semântico-temporal, coloca-se, com pertinência, a questão de saber como enquadrar a forma de 'presente' no âmbito da variedade de língua admitida como corpus enquanto instrumento de comunicação. Duas hipóteses são evocadas: trata-se de um monema do português, conjugando manifestação formal oposicionalmente diferenciada (significante /Ø/, neste caso) e carga significativa específica, virtualmente responsável pela sua polissemia; ou corresponde, simplesmente, à ausência de unidade de tempo, ficando o enquadramento semântico-temporal dos factos à mercê das coordenadas contextuais? Certo é que, numa ou noutra hipótese, isto é, correspondendo a um valor temporal do sistema ou à ausência de unidade de tempo, não se pode deixá-lo de lado quando se trata de compreender a rede de relações temporais potencializadas pela actualização de determinados sintagmas, resultantes da combinação de unidades significativas da variedade linguística que se pretende expor enquanto sistema autónomo¹⁷.

Tradicionalmente apresentado como o tempo que designa um facto ocorrido no momento em que se fala (cf. ALI 1964: 68), observa-se através análise do corpus - amostra obtida que, no universo de sentidos que o dito 'presente' potencia, o volume de ocorrências em que o momento de alocução e o presente coincidem exactamente não corresponde a um uso exclusivo e/ou privilegiado da forma contextualizada.

De produtividade elevada no sistema analisado (≈ 55,1%), caracteriza o comportamento de formas não determinadas temporalmente uma evidente capacidade de adaptação a diferentes contextos, uso que vem traduzido pela polivalência semântica em termos de perspectiva que assume nos contextos encontrados.

Vejam-se alguns registos exemplificativos desta multiplicidade informativa, cujas manifestações serão logo depois exemplificados mais em pormenor.

Esclarece-se que as ocorrências que se seguem, assim como todas as notadas ao longo desta dissertação, são a constituição de exemplos de grupos-tipo que, computados do universo de dados analisados, legitimam a identificação dos sentidos mais específicos das formas.

¹⁶ Cf. I, 5: 11..

¹⁷ Cf. também o que se disse em I, 5: n. 62.

Assim:

- a. /'ew 'ONde **Ra'zidu** 'e 'kiNta 'iN 'va'le 'de pRa'zerezeS/ (VP)
- b. /'ew 'sOw da'ki || 'siN sa'jora/ (C)
- c. /'e j 'uN 'sitiu 'de vi'zita/ (SC)
- d. /tAN'bAjN 'e **vAR'dade** || 'uma pa'soa 'e kON'foRme 'a kRia'sAwN 'ke 'tAjN/ (P)
- e. /Aw'gora 'uze 'nosuzuS 'filuzuS 'nuN 'pReStawN 'pRa 'na'da || a'tAwN 'sAwN **kRI'aduzuS** 'kuN pa'pa'rokazaS || a'tAwN 'ma'ze 'e **vAR'dade** || a'kelezeS 'IEjtezeS iNduStRi'AjzeS/ (P)
- f. /'a 'mAlta 'nAwN 'liga 'na'd a 'isu/ (VP) /kON'foRm a'siN 'uze 'le'vawN 'pRa 'ka'za || a'siN 'uze 'dEjtawN 'fora/ (P)
- g. /'e j 'uN 'pobRe 'de 'kRiStu/ (ALJ)
- h. /'nAwN 'a j 'na'da 'kum 'uN 'bON 'lume/ (JC)
- i. /'a'su 'ka'lAjN 'u 'sotu 'da 'ka'za 'ke 'tAjN 'fEjtu/ (AL) /'ew 'a'su 'kuN 'dia 'iNda 'vamu'zu 'a vOL'tAR a'siN 'a 'seR 'a 'sAjN 'puR 'sENtu/ (CAST)
- j. /'ew 'zuLgu 'ke 'nAwN || 'so 'nu 'bANku 'de puRtu'gAL/ (P)
- k. /'digu 'le 'meSmu || 'ew 'tEju so'dadezeS da'kele 'IEjte/ (P)
- l. /'ke 'diS 'ele/ (O)
- m. /'tEju Ra'zAwN || 'q 'nAwN/ (C)
- n. /'iNda 'me 'IENbRu pRa'fAjta'mENte 'disu || 'isu 'nuNka 'ma 'IENbRu/ (P)
- o. /'bAjN 'iSt a'ki || 'nuN 'sEj 'se **ka'jnes a j** ES'toria 'da'ze fRe'ga'zi'azaS 'du kAS'telu 'nuN **ka'jnes**/ (CAST)
- p. /'ew 'sEj 'a ku'ANTuzuS 'anuzuS 'la ES'tOw || 'ew 'sEj 'a ku'ANTuzuS 'anuzuS/ (T)
- q. /'a j 'anuzuS 'ke 'nAwN 'u 'vEzu/ (P)
- r. /'a j 'anuzuS 'ke j a'siN/ (VP)
- s. /'oze 'sANTuzuS 'pe'dezeS 'u fu'lAR/ || /'la ES'tOw/ (DD: C)
- t. /'le'vu 'te 'u'z qvuzuS/ (FAT)
- u. /'ela 'mANda 'la 'u ga'rotuzu/ (LAV)

Em a. e em b., assim como em outras ocorrências similares, os factos relatados pelos SV /Ra'zidu/ («resido») e /sOw 'de/ («sou de») inscrevem-se num intervalo de tempo que, embora abranja o momento de locução referenciando um facto que pertence à actualidade da situação discursiva, o ultrapassa nos seus limites anterior e posterior.

Também em c. se encontra uma relativa diluição de fronteiras temporais. Usos como este, de certa configuração atemporal, dão conta de factos que escapam à relativização temporal a partir do momento em que são enunciados, sendo por isso possíveis de ser apresentados como estando presentes nesse ou em outro qualquer momento de locução. Em ocorrências como estas analisadas no corpus – amostra obtida, a inscrição temporal dos factos está também dependente da informação transportada especialmente pelos

complementos do V, ou também por outras determinações do V, ou ainda por um contexto mais alargado (cf. RIEGEL 1994: 299): leia-se d..

No entanto, há usos em que a inscrição temporal dos factos é difícil de definir, permitindo um uso de cariz temporal esbatido mesmo quando aplicados a algo circunscrito à actualidade da alocução: veja-se a ocorrência e. como exemplo.

Em usos como f., independentemente da circunstância em que a FR foi (ou é) enunciada, o locutor faz um comentário habitual. É como se se tratasse de uma verdade considerada universal cujo sentido advém de o facto relatado ser recorrente e não estar circunscrito a quaisquer limites na linha de tempo. São várias no corpus – amostra obtida, em termos percentuais ($\approx 5,7\%$), as ocorrências como esta: leiam-se a título ilustrativo g. e h.¹⁸.

Ainda pela observação de registos como os agrupados em i. e j., é possível afirmar que, no sistema linguístico em análise, a responsabilidade do enquadramento temporal dos factos que são expressos relativamente ao momento em que são efectivamente enunciados parece também radicar na actualização concreta do significado do monema lexical dos V em causa: o sentido mais específico de «achar» e de «julgar», juntamente com a determinação de «1p» (/’aʃu/ e /’žuLgu/), pressupõe que a experiência linguisticamente transmitida esteja inscrita no intervalo de tempo mais ou menos coincidente com o intervalo de tempo do próprio acto de alocução da FR (o peso percentual de ocorrência de 'presente' com esta informação contextual atinge $\approx 2,3\%$).

Para além dos V admitidos como performativos (como «achar» e «julgar»), a actualização em sentido no qual os factos em causa, na sua realização, coincidem exactamente com o intervalo de tempo ocupado pelo momento de alocução implica também a presença de V de tipo metadiscursivo em contexto de «1p» ou, menos recorrente, de «3p», como se verifica em algumas ocorrências averbadas no corpus ($\approx 1,1\%$) e exemplificadas em k., l. e m..

De uso relativamente expressivo ($\approx 1,1\%$), de acordo com os dados avaliados no corpus – amostra obtida, averbou-se um outro grupo de ocorrências que actualizam uma configuração temporal mais alargada em relação ao momento de alocução: particularmente através dos monemas verbais «lembrar» e «conhecer», são recorrentes manifestações de recordações (do locutivo ou do alocutivo) cuja actualização inclui uma referência mais ou menos explícita ao processo em causa e ao momento em que a FR é enunciada. Leiam-se a título de exemplo os registos n. e o..

Um outro caso digno de se mencionar encontra-se nas ocorrências ($\approx 3,4\%$) do V «haver» frequentemente determinado por um sintagma com indicações semânticas de tempo

¹⁸ Ainda que se admita o concurso dos valores lexicais dos SV para o efeito de sentido provocado (basta, para isso, centrar a atenção nos monemas lexicais «ligar», «levar» e «deitar» por um lado — cf. f., e, por outro, «ser» e «haver» — cf. g. e h), e que se aceite a FR como um todo semântico coerente, não é nesse âmbito de análise que se centra o objecto desta descrição. Dos valores lexicais só é oportuno fazer referência se a propriedade informativa for, nesses termos, muito esclarecedora (cf. i. e j.).

cronológico e cuja implicação remete para um sentido em que o facto transmitido linguisticamente é inscrito de modo não pontual num intervalo de tempo de relativa limitação anterior em relação ao momento em que a FR é enunciada — leiam-se os exemplos p., q. e r..

O emprego com o sentido de futuridade é um dos usos expressivos ($\approx 20,7\%$) dos V não determinados por um monema temporal: em contextos como o exemplificado nas ocorrências s., t. e u., os factos relatados inscrevem-se num intervalo de tempo posterior em relação à actualidade em que o momento de alocação se insere. Aliás, ao nível da inscrição dos factos na linha de tempo, de acordo com o corpus – amostra obtida, a forma em causa neste emprego prospectivo constitui alternativa à forma de «posterior», o que certamente contribui, em termos gerais, para a produtividade menos expressiva desta última.¹⁹

Com efeitos de expressão de futuridade, é também possível ($\approx 1,1\%$) encontrar nos registos avaliados no corpus - amostra obtida usos de combinatórias sintemáticas²⁰ do tipo «ir a + infinitivo» (leiam-se as notações v., w., x. e y., como exemplos) ou «haver de + infinitivo» (z. e aa.) com um núcleo não determinado temporalmente.

Veja-se:

v. /'vAj 'a kə'məR a'gɔra/ (P)

w. /'ANda 'vAj 'a fə'lAR 'kON 'ɛla/ (A)

x. /'komu 'vAj 'a 'səR 'isu/ (D)

y. /'vOw 'a 'vəR/ (A)

z. /'adiN 'd iR iN'bɔra/ (CN)

aa. /'adeS 'd iR 'a šə'mAR/ (C)

Neles facilmente se observa também que o sentido prospectivo expresso pela actualização destas combinatórias vem acompanhado de um sentido mais imediato, no que se relaciona com o momento de alocação.

¹⁹ Leia III: 9. infra.

²⁰ De acordo com a interpretação feita por J. Morais Barbosa, considera-se que as construções como «ir a + infinitivo» e «haver de + infinitivo», e outras como elas, são casos de sintemas verbais. Entendidos os sintemas como um complexo formado por dois ou mais monemas cujo comportamento sintáctico apresenta as mesmas compatibilidades de um monema só, ao caso de um monema pertencente à classe verbal (cf. BARBOSA 1996-1997b: 229-239), as estruturas consideradas como um todo sintemático recebem, enquanto tal, a determinação das modalidades verbais que formalmente surgem num só monema.

Atentando nos exemplos dispostos no corpo de texto de v. a ee., e considerando-os contextualizados em FR, o monema e o sintagma que aparecem sublinhados determinam a estrutura sintemática como um todo. No entanto, alguma dúvida poderia resultar da não contextualização dos exemplos: o monema verbal que em w. surge na forma de /'vAj/ e em bb. surge na forma de /'iR/ poderia ser determinado individualmente pelo sintagma sublinhado duplamente.

Ainda sobre o conceito de 'sintema', recorde-se o que foi dito em II, 5: n. 55.

De acordo com a delimitação que se estabeleceu para este trabalho, ainda que não se tencione aferir por que base, se gramatical se lexical, ou a partir de que identificação, se temporal se modal, se localiza a forma do chamado ‘futuro’ no quadro do sistema verbal, interessa especificamente observar quais os expedientes linguísticos que, não determinados temporalmente, actualizam uma expressão prospectiva.

Não obstante reconhecer-se ser uma necessidade imperiosa para a compreensão da dinâmica da língua definir com rigor o lugar da forma de «posterior» no sistema verbal integrador (a complexidade da questão exigiria uma observação num quadro mais alargado do que aquele que se apresenta neste ponto), é propósito aqui reflectir em torno dos dados do corpus - amostra constituído para análise partindo da relação sinonímica tradicionalmente apontada entre a forma do dito ‘futuro’ e a das construções sintemáticas verbais aferidas onde o V auxiliar não está temporalmente determinado.

A proximidade de sentido entre as formas leva a considerar que, na realidade da variedade corpus – amostra teórica que se descreve, a representação do sentido prospectivo surge mais expressivamente por expedientes linguísticos outros que não os decorrentes da determinação pelo «posterior».²¹

Vejam-se mais alguns casos:

bb. /'nAwN 'tɛmuzuS 'd iR/ (VP)

cc. /'kɛR fə'zɛR 'tudu/ (MR)

dd. /'ə 'pAwla 'dɛve 'd ES'tAR 'iN 'kəza/ (C)

Ainda em relação aos factos comunicados por alguns destes exemplos, que traduzem uma estrutura recorrente no corpus - amostra, é possível considerar inerente a eles mais do que uma leitura temporal. Na verdade, semanticamente implicados com o efeito de sentido de uma espécie de obrigação prospectiva actualizado por «ter de» (bb.), «querer» (cc.), e por «dever de» (dd.), cruzam-se outros efeitos de sentido actualizados por «ir», «fazer» e «estar» (relembre-se que, embora representados por monemas verbais não determinados temporalmente, estas unidades estão sintacticamente dependentes do núcleo da estrutura a que pertencem).

7.

Em relação à forma de «pretérito», com índice percentual de ocorrência de ≈25,3%, os dados particulares recolhidos da observação do corpus – amostra obtida permitem adiantar que as actualizações da forma em causa no discurso dos alocutários-dadores não

²¹ Para uma visão mais circunstanciada da expressividade funcional das percentagens de uso, veja-se III: 9. e IV: 2.1..

configuram os factos inscritos posicionados indubitavelmente num intervalo de tempo inteiramente circunscrito à esfera do passado.²²

A actualização das formas de «pretérito», ocorrida em contextos que processam uma qualquer solução de continuidade com o intervalo de tempo da alocação, está certamente ligada ao perfil do corpus – amostra constituído para análise, o qual, por reproduzir as enunciações dos alocutários-dadores, e as coordenadas que as envolvem, permite configurações naturalmente ancoradas ao momento de alocação.

Decorrentes da observação do comportamento das formas de «pretérito» na alocação, em ocorrências como as representadas nas estruturas a., b., c. e d., reconhece-se o sentido de proximidade ao momento em que a FR é enunciada, indicado contextualmente pela presença de adverbiais como /ə'gqra/, /'žə/, /'sENpRe/, /'nuNka/ e /'kə/.

Observe-se o fenómeno nos exemplos que se seguem:

- a. /'žə 'nuN pə'sizu 'də 'maqina || ə'gqra 'žə 'mə tRu'kOw ə'ki || 'žə 'mə tRu'kOw 'u 'pRi'm AL'fRədu/ (P)
- b. /'əw 'sENpRe 'tɪve 'mujNt əbuN'dANSia 'nə 'kəza 'duze 'məwze 'pAjzezeS || 'əw 'nuNka 'mə fAL'tOw 'nəda/ (P)
- c. /'žə mə'r_ərawN 'žə 'ə j 'tRiN't i 'tAL 'ənuzuS/ (SALG)
- d. /'əw pEN'sEj 'iN nAS'səR 'kə 'i mə'r_əR 'kə/ (SALG)

Convirá no entanto asserir que a presença do «pretérito», ainda que em convivência com monemas lexicais e/ou adverbiais de sentidos temporalmente próximos do momento de alocação, não anula o seu sentido preferencialmente retrospectivo (cuja configuração temporal admite um índice de significância de ≈75% de ocorrências) em relação ao marco referencial que o justifica.

Deste modo, é também frequente encontrar exemplos no corpus - amostra obtida (≈ 30%) onde se nota que a presença do «pretérito» a determinar V de sentido durativo em contexto não anula a informação temporal de passado circunscrito.

Leiam-se as seguintes notações:

- e. /'əw sə'fRi 'mujN't i šə'rEj 'mujNtu 'pə'l u 'məw 'fiɭu 'k AN'dOw 'iN AN'gola || 'əw pAR'di 'ə 'mEɲa 'mAjN || 'mujNta 'laɖRima də'tEj/ (B)
- f. /'Aj 'dEj 'mə 'tANta 'pən ə'kezezeS 'ənuzuS || 'dɔ'z ənuzuS puR' əle 'foj 'ə RAN'dəR/ (B)

Já num outro tipo de contextos, como os representados por b., a forma de «pretérito» funciona como indicadora de um passado 'genuíno' sem que na FR haja alguma indicação

²² A posição relativa do «pretérito» leva a observar que, na variedade da língua em estudo enquanto sistema de valores, se assiste à neutralização do confronto opositivo entre um passado perfectivo e preterial e um passado configurado próximo das circunstâncias do momento de alocação.

explícita de relação temporal com o momento em que é enunciada. A computação de ocorrências com esta configuração temporal atinge o peso percentual de $\approx 12,5\%$.

Veja-se a título exemplificativo:

g. /'pRONtuzu || **tAR**mi'nOw/ (B)

h. /nAS'si 'iN 'miL nqva'sENTuzuS 'i 'tRiN't i 'døze 'a j 'ONze 'du 'uN/ (P)

Em g. observa-se o exemplo de uma estrutura sintáctica na qual a forma de «pretérito» potencia um rendimento contextual-semântico que se pode quase comparar com os usos ditos perfectivos. O rendimento contextual semântico que a forma potencia em estruturas como a que está aqui representada (e que atinge $\approx 5\%$ das ocorrências), autoriza a aproximação da actualização em causa com uma forma cuja construção é semanticamente muito aproximada — leia-se a notação seguinte:

i. /ES'ta əkə'baðu/ (FAT)

Um outro tipo de ocorrências observadas no corpus – amostra obtida mostra uma configuração assumida pelo «pretérito» numa rede de relações temporais com outras formas de 'passado' que funcionam em contexto como marcos referenciais. De significância percentual assumida no corpus - amostra constituído para análise (cujo índice percentual de ocorrências atinge $\approx 17,5\%$), observam-se exemplos frásticos em como entre as formas de «pretérito» e as formas de «passado» se estabelece uma relação temporal com alguma nitidez:

j. /'ew 'nAwN 'sEj 'kə'm ɛ 'k ɛle 'nuN 'mə '**dise** 'k ew 'ɛ k ES'ta'v a nə'mə'rAR 'i 'ɛle 'a mi'žAR 'mɛ 'nu 'kəlu a'kele 'baɣuru/ (C)

k. /'ew '**sOwbe** 'k iaS 'q fuN'dAwN/ (P)

l. /'**dise** 'kɛ voL'tava 'pR a 'sANta lu'zia/ (MR)

m. /'puR'k ew || 'a bə'nɛka 'mAj 'liNda 'k ew '**tive** 'fər a 'kɛla/ (P)

No que ainda diz respeito às configurações que a forma de «pretérito» pode assumir em contexto mantendo relações temporais com outras formas, no corpus - amostra obtida verifica-se também, com um peso percentual de $\approx 15\%$ de ocorrências, o estabelecimento de um quadro relacional de uma forma de «pretérito» com uma outra forma de «pretérito», especialmente em estruturas de foco²³ «ser que + V ← pretérito».

²³ Por 'estruturas de foco' designa-se o procedimento sintáctico opcional marcador da função informativa de ênfase, ao caso demarcado por uma construção equacional 'ser que/quem/o que'. Ao optar por uma estrutura focalizada, o eu locutivo faz uso de um esquema frástico que lhe permite sobrelevar os elementos que considera terem a informação necessária comunicar ao tu alocutivo.

Para uma visão circunstanciada de alguns procedimentos de marcação de foco, naturalmente associadas às estruturas de alocução reconhecidas no corpus, cf. III: 13. infra.

Para além da estrutura sintáctica de tipo equacional, outros instrumentos do eixo sintagmático que se podem verificar no corpus – amostra obtida são, por exemplo, a opção por determinada ordem dos constituintes da FR como a das construções equativas como /'a ve'rɒnika 'ɛ j 'a 'ti/ (P) ou os

Leiam-se os seguintes exemplos:

- n. /'fuj 'ew 'k ʔ kRi'Ej/ (C)
- o. /'pRa 'ke 'foj vɔsɔmɔ'sɛ di'zɛR 'k ew 'dise 'isu/ (FAT)

Desta configuração das formas *dir-se-á* que o monema temporal «pretérito» pode ser representado por dois tipos de actualizações que se distinguem naturalmente pelo contexto frástico. Isto é, um deles aceita configurar factos projectados retrospectivamente em relação ao outro que, por sua vez, se inscreve num passado circunscrito em relação ao momento de alocação da FR.

Resumindo, da consideração destes dados enquanto amostra representativa de configurações manifestadas no corpus – amostra analisado, observa-se que no sistema verbal computado o «pretérito» ocorre em contextos que inscrevem os factos em três ambientes específicos: num passado imediatamente anterior ao momento de alocação, num momento passado que vê estabelecida uma relação com o momento de alocação, ou num passado que não é posicionado na sua relação com o estado presente de coisas, à razão da proporcionalidade directa de $\approx 5\%$, $\approx 75\%$ e $\approx 5\%$ respectivamente. *Dir-se-á* que tal perfil configurativo é pouco ambivalente porquanto se reconhece constante o papel da forma na perspectiva de passado, facto que permite concluir que a funcionalidade semântica de «pretérito» na variedade linguística em estudo apresenta um certo grau de exclusividade na configuração retrospectiva dos factos, mantendo contextualmente um comportamento informativo não muito maleável.

8.

A observação do comportamento da forma de «passado» – cuja ocorrência no corpus - amostra obtida atinge $\approx 17,1\%$ –, permite constatar, desde logo, a sua capacidade para uma certa indefinição das fronteiras que demarcam os intervalos de tempo nos quais os factos se inscrevem. Desta relativa desvinculação a uma ancoragem objectiva ao momento de alocação, manifestada no corpus - amostra obtida com um índice percentual a considerar, decorre a sua capacidade de integração contextual e a destreza semântica que, por um lado,

procedimentos de correferencialidade aplicados por construções como «ART → N (functivo de OD em posição pré-V) ↔ SV ↔ PP (functivo de OD)» (cf. III: 12. infra).

Seria ainda possível verificar outros métodos possíveis de funcionar na comunicação realçada de um facto determinado pela análise quer do plano lexical (pela marcação da repetição de segmentos frásticos, por exemplo), quer no plano prosódico (com a delimitação do acento de intensidade). No entanto, como isso provocaria um afastamento dos propósitos centrais da análise pretendida, distingue-se apenas aqui alguns desses modelos tornados no decorrer dos dados compulsados.

A propósito dos marcadores de foco, veja-se entre outros, GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ 1986: 45-85 e 1997: 37-34. Sobre as estruturas equacionais e equativas, leia-se ALARCOS LLORACH 1974 : 232 e HERNÁNDEZ ALONSO 1995: 94-95.

garantem a pluralidade dos seus usos, por outro, justificam a relativa produtividade do seu emprego.

Vejam-se algumas ocorrências consideradas representativas:

- a. /'ele ǝ'IN'd ǝ j **ES'tǝva** 'n iNStRu'sAwN 'i O'poj šǝ'mǝrawN 'u/ (B)
- b. /vi'ǝrawN 'tANtuzuS mǝ'niStRuzuS 'dǝ 'tANtuzuS pǝ'izezeS 'lǝ 'kǝ 'žǝ 'lǝ 'niN **kǝ'biawN** 'ǝze ǝviǝ'nǝtazaS/ (B)
- c. /'ǝSta 'kǝza 'tǝjN 'ǝ RASAwǝ'dina kuNpRǝraw 'ǝ 'k **ES'tǝv** ǝ'ki || REStAw'ǝrawN 'ǝ/ (T)
- d. /'ǝse 'mONta 'iN'dǝ 'bǝlu 'vǝj 'u 'nǝ'm u kASǝ'IEžu 'pRuk ǝ'via 'lǝ j 'uma kǝ'pǝla/ (CAST)
- e. /'ǝra j 'uN ku'r'išu || 'uN 'pǝRku pi'kǝnu/ (P)
- f. /'isu || 'iENbRu 'mǝ || iNtigǝ'mENte '**puna** 'tudu 'nu bǝr'ǝ'nAwN 'kǝra j 'uN ALgi'dAR 'gRANde || 'ǝze pǝ'sǝazaS mǝ'tiawN 'lǝ j 'u kǝ'mǝR || 'nuN ǝ'via pRǝtuzuS || 'nuN ǝ'via gARfuzuS || 'ǝra 'lǝ 'nu 'tENpu 'dǝ mi'zǝria/ (P)
- g. /'ǝze 'fǝStazaS iNtigǝ'mENte 'ǝrawN 'mǝjze ǝ'lǝgRezeS || 'ǝrawN mǝ'lǝqzezeS || 'pojze izǝtǝ'mENte || 'ǝrawN 'mǝjze ǝ'lǝgRezeS || 'u pǝsǝ'AL pǝ'rǝse '**kǝra** 'mǝjze ǝ'lǝgRe || **mǝ'tia** '**sǝ** 'ǝ dAN'sAR 'i 'ǝsa 'kǝjza 'tǝda || 'ǝže 'nAwN/ (VP)
- h. /iNtigǝ'mENte 'ǝra 'ǝze 'kǝr'uzu 'dǝ 'bojze || 'mǝze ǝ'gǝra 'isu 'ǝ j 'uzuS 'pRǝ 'i 'nuze kiN'tǝjzeS || 'mǝze ǝ'siN ǝ'tivuzuS 'nAwN/ (T)
- i. /'poj ǝ'tAwN || 'ǝw 'puR ǝ'kǝzu tAN'bǝjN ES'tǝva 'dǝ pǝ'sǝžin || 'žǝ 'mǝ j **ES'tǝva** j ESke'sǝR/ (L)
- j. /'uze 'pǝjze 'ǝ 'kǝ 'žǝ j 'ǝrawN dǝ'ki/ (T)
- k. /'viǝna 'ǝ pRǝ'kura 'du sǝ'ǝR 'pǝdRe/ (C)

Das formas de «passado» registadas poder-se-ão observar algumas particularidades de efeitos de sentido: em a. reconhece-se uma capacidade de delimitar a extensão temporal dos factos a partir de um ponto diferente do momento em que se fala. Deste modo, a participação do «passado» requer a presença de uma referência temporal não coincidente com o momento em que se enuncia a FR, podendo este outro facto expresso contextualmente aparecer ou não na mesma FR: em b., c. e d. aparece na oração determinada; em e. não aparece.

As informações recolhidas no universo de dados seleccionados mostram, no entanto, que o uso mais abundante da forma de «passado» (≈85,2%) é o que dá conta de factos que se circunscrevem num intervalo fechado em relação ao momento em que a FR é enunciada. Na verdade, são recorrentes as ocorrências da forma em causa em casos nos quais se admite a perfeita marcação de fronteira entre um 'antigamente' e um 'agora/hoje' (≈29,6%). Leiam-se os registos exemplificativos f., g. e h., em que o intervalo de tempo no qual se

inscrevem os factos relatados aparece claramente delimitado sem que esteja manifestada uma solução de continuidade em relação ao momento de alocução.

Por outro lado, encontram-se registos no corpus - amostra obtida (são exemplos i. e j.) reveladores de que a forma de «passado» se actualiza também numa solução de continuidade que a permite aproximar do momento de alocução, não ficando muito clara, a não ser por uma relativa coincidência, a relação entre a possível extensão de inscrição dos factos e o momento em que são enunciados: ao caso, o monema adverbial «já» (cf. particularmente o uso em i.), para além de assinalar uma relação de coincidência com um outro facto inscrito num momento passado, autoriza também uma solução de continuidade em relação ao momento em que a FR é enunciada²⁴. O peso percentual desta configuração temporal de «passado» atinge $\approx 7,4\%$ de ocorrências.

É ainda de referir alguns usos, mesmo que relativamente pouco numerosos ($\approx 3,7\%$) no corpus - amostra obtida, em que a presença da forma de «passado» assume um sentido enunciativo em relação ao momento de alocução. Na verdade, em determinados produtos enunciados, a presença da forma em causa apresenta um certo sentido modal de cortesia que lhe é próprio no sistema estudado. Basta para isso comparar a ocorrência k. com o registo l. (/vEju 'a bə'bəR 'uN paŋa'sə/ (CAP)), onde a presença de uma forma não determinada temporalmente pode ser substituída por uma forma determinada pelo «passado»: /vEju/~/'vina/. No entanto, ainda que temporalmente dispensável, o uso da determinação de «passado» acrescenta-lhe um sentido de cortesia que a outra forma não assume — efeito que justifica, em certa medida, a ocorrência preferencial de formas de «passado» neste tipo de contexto.

9.

Em comparação com os outros tempos verbais analisados no corpus – amostra obtida, as formas do monema «posterior» apresentam uma produtividade muito restrita quer em termos de ocorrência (atinge um peso percentual denunciador de fraca rendibilidade: $\approx 3,8\%$ de ocorrências), quer em termos do sentido prospectivo que a forma actualiza ($\approx 1,9\%$),²⁵ sendo o efeito de sentido de futuridade muitas vezes produto de outras construções

²⁴ Ainda que, por coerência metodológica, não seja objectivo deste trabalho a análise de coordenadas aspectuais, sejam elas gramaticais ou lexicais, leia-se a descrição do valor aspectual de «já», monema adverbial temporal em contexto de enunciados descritivos de factos estativos (cf. LOPES 2003: I, 415-419), porquanto são analisados contextos de ocorrência do adverbial de valores temporal e não temporal no âmbito do português europeu contemporâneo em suporte de corpus oral.

²⁵ Cf. dados percentuais relativos às ocorrências em IV: 2.1.1.4..

sintácticas com as quais mantém uma relação 'sinonímica' (ou de dispensabilidade), como se teve já oportunidade de aferir supra²⁶.

De modo a se prosseguir na caracterização do monema «posterior», relembra-se que o posicionamento operatório seguido — contrário, como já por diversas vezes se teve oportunidade de verificar através da análise feita aos dados compulsados, à apresentação mais tradicional segundo a qual os tempos verbais se situam num dos três períodos que compõem o tempo cronológico espacializado — implica que, a partir da gestão das coordenadas «temporais» e «modais», se distribuam as formas em causa por três grupos de sentidos (o sentido temporal prospectivo; o sentido modal dubitativo e a aliança entre os sentidos temporal prospectivo e modal dubitativo).

Passando à explicitação, atente-se nos exemplos de ocorrências em que a forma de «posterior» participa em contextos que expressam factos que, na linha de tempo, se inscrevem num momento considerado posterior em relação ao momento de locução da FR.

Em ocorrências como a notada em a. /šəgə'raq 'pRa 'dAR və'zAwN/ (P), o monema «posterior» actualiza claramente uma presença semântica temporal e, mesmo que se argumente a favor da sua dispensabilidade, aduzida por estruturas sintácticas como as representadas em b. /'iStu 'nAwN 'vAj 'ə 'dAR 'pRa 'uze pə'diduzuS/ (S), a ausência do «posterior» não implicaria a perda do sentido de futuridade. O sentido temporal prospectivo, em exemplos de usos como os de c. /EStə'remuzuS 'lq 'ə 'əsa 'qra 'se 'dewze ki'zeR/ (P) mantém-se independente de qualquer sentido não temporal adicional; no entanto, em ocorrências como as de d. /'ele vi'raq 'ku'ANdu/ (C), poder-se-á considerar que a dispensabilidade da forma de «posterior» resultaria na perda de um certo efeito de sentido modal. Se comparada com usos como e. /əpə'res əmə'nAN/ (C), a ausência do monema temporal, a concorrer com a presença do adverbial /əmə'nAN/, e, ao caso, com um contexto interrogativo, manifesta uma dúvida que o colocutor espera ver esclarecida; já em d. a presença de «posterior» parece modalizada por um certo sentido de dúvida apenas.

Por outro lado, usos como os de f. /'ə 'əSta 'qra 'žə šə'gOw 'du 'šAwN 'i 'žə EStə'raq 'lq/ (LAV) ou de g. /'nOwtRuzuS lu'kAjS sə'raq i'dEntiku/ (CAST), a forma surge em contextos que expressam factos inscritos no próprio momento de locução, fenómeno que permite considerar que a pertinência semântica da forma é meramente modal, ao caso, de sentido dubitativo da afirmação.

Ocorrências como a de h. /sə'raq 'ke 'vAj 'meSmu/ (FAT), cujo índice de ocorrência, de acordo com o sistema de computação estatística activado, não atinge um peso percentual de aptidão representativa, actualizam uma estrutura de foco de sentido dubitativo, onde a

²⁶ A concorrer para este fenómeno, aponte-se especialmente o facto de o sistema analisado comportar expedientes linguísticos que se apresentam com um peso forte na expressão de futuridade. Leia-se III: 6. supra.

presença da forma de «posterior» não parece ser de carácter dispensável porquanto não pode ser, ao caso, comutada isoladamente.

Da observação das ocorrências de «posterior» constata-se que, na variedade linguística que compõe o corpus - amostra, a dispensabilidade da forma parece depender essencialmente da complementaridade do contexto mais ou menos próximo — facto que certamente condiciona a frequência reduzida da forma, especialmente se a este facto se adicionar a relação de dispensabilidade que pode ser criada com a forma não determinada temporalmente ²⁷. A argumentar também em favor da dispensabilidade do monema «posterior» no âmbito do sistema analisado, reconhece-se a possibilidade de comutação das formas pelas construções sintemáticas (as chamadas 'perífrases verbais'), manifestada por um índice expressivo de ≈62,5% de ocorrências.

Ainda que o fenómeno de dispensabilidade seja mais sintáctico que semântico,²⁸ a ele deve relacionar-se necessariamente a fraca ocorrência das formas de «posterior» e, conseqüentemente, a constatação do exercício de dinâmica linguística.

10.

Depositária de uma enorme diversidade de informações semântico-temporais, no âmbito da variedade linguística em estudo enquanto instrumento de comunicação, a actualização dos monemas temporais merece ainda uma reflexão que parta dos seguintes pressupostos: (i) o facto de o corpus - amostra obtida ser constituído por registos captados em ambiente de alocação leva a considerar a instância enunciativa com um desempenho destacado na descrição do funcionamento dos monemas temporais; (ii) porquanto a temporalidade linguística é dependente da instância enunciativa, essa centralidade está naturalmente reflectida nos monemas escolhidos e na cadeia de relações constituintes das FR, enquanto manifestações linguísticas escolhidas pelos alocutários para dar conta de uma determinada experiência, e enquanto promotoras e criadoras de efeitos de sentido. (iii) A constituição do corpus - amostra, decorrente de actos de alocação captados no universo de dados que previamente se circunscreveu para análise linguística, condiciona a recorrência de expressões próprias da oralidade, como o próprio acto de alocação, o acto de alocação do locutário, a relação momentânea entre colocutores e as manifestações dessa interacção, entre outros.

²⁷ Cf. III: 6. *supra*.

²⁸ Recorde-se o que sobre a carga informativa das construções sintemáticas foi dito *supra* (cf. III: n. 20).

Da consideração destes três vectores, naturalmente interrelacionados, observam-se alguns grupos de ocorrências que, participando muitas delas na interacção dos colocutores-dadores, são por isso mesmo mais enunciativas e menos informativas. De elevada função preparativa, conclusiva, ou mesmo de manutenção da interacção linguística entre as partes, esses grupos de ocorrências manifestam um certo enfraquecimento semântico, promovendo simultaneamente um uso cristalizado das expressões no acto de locução.

Leiam-se alguns exemplos-tipo de ocorrências nas quais essas expressões participam:

- a. /pRuke ʔ'gqra 'd iN'veRnu || **ES'tʔ ʔ** 'vəR/ (P)
- b. /'u 'IAR ES'tʔ 'šEju 'də pʔ'səzeS 'd i'dəde '**nuN** 'e/ (C)
- c. /'əze pʔ'səzeS 'tədzeS 'tʔNajN 'uN 'sitiu || '**nuN** 'e/ (T)
- d. /'qʌe || 'əw 'fʔsu 'lə 'uma dESkRi'sAwN 'd ONde 'e 'kə 'vEju 'u 'nəme 'du KASʔ'IEžu/ (CAST)
- e. /ʔ'ki 'əze tRʔdi'sOjNS || '**sEj** '**lʔ** || 'vəL't i 'mEja 'fʔziN 'uma kə'zi't ʔ'siN 'də tRʔdi'sAwN/ (CAST)

De participação polissémica em termos informativos, como já se teve oportunidade de verificar, as formas não determinadas por um monema temporal ocorrem igualmente num grupo de construções invariáveis que se apresentam no corpus – amostra avaliado com um certo grau de cristalização, como é o caso da forma enfática /'e 'k(e)/ (da responsabilidade e da autoria do eu locutivo), com índice e $\approx 12,6\%$ de ocorrências.

Veja-se:

- a. /ʔ'tAwN 'ON'd **e** 'k ʔ'via 'bifeze/ (P)
- b. /'fəguzuS '**e** 'k **ej** 'u 'fiN 'du 'muNdu/ (C)
- c. /'əw '**e** '**kə** 'sEj 'u 'kə pʔ'sEj/ (VAL)
- d. /pRi'mEjru mi'niStRu || 'foj 'u 'žAwN bʔ'r_ozu 'qj ku'm **ej** '**k** ʔ'l ʔ || bʔ'r_ozu '**e** '**kə** 'foj 'loqu 'tədu kʔʔ'nEjru/ (B)

Num outro grupo de ocorrências, manifestativo de uma estratégia de focalização muito própria da locução, são de se mencionar as estruturas «ser que» ou «que ser» que, com um índice de ocorrência de $\approx 48\%$, surgem em concordância com o SV da oração determinante no que diz respeito à determinação temporal na relação de «não determinação temporal» : «não determinação temporal»; «pretérito» : «pretérito» ou «passado»; «passado» : «passado».

Veja-se:

- e. /'sq 'nu 'meze 'də sʔ'tENbRu '**e** '**k** ʔ j 'ʔ 'fəStaze/ (SC)
- f. /'puR'k **e** 'ku KASʔ'IEžu '**e** KASʔ'IEžu/ (CAST)
- g. /'foj 'ʔ 'mi'n ʔvə ʔ'tə 'ku kRi'Ow/ (CAST)

- h. /'foj 'uma 'kojza 'k ɛw 'nuNka guS'tEj/ (CAST)
- i. /'mɔze 'foj 'u ku'lɛga 'k ES'ta'v ɔ 'pɛ 'dɛle/ (VAL)
- j. /INtiɣa'mENte 'ɛra 'la 'k ɛ'r a puvua'sAwN/ (T)

11.

Em favor da análise confinada ao SV, passa-se agora à descrição do funcionamento dos monemas «pessoais» na variedade considerada (cf. III: 12. a 14.).

Optou-se por fazer seguir esta análise à dos SV pelo facto de, no corpus sobre o qual a descrição do modo de funcionar linguístico incide, o V ser obrigatoriamente determinado por um monema «pessoal» e porque as combinatórias das modalidades verbais, de uma maneira mais geral, são entendidas em combinação também com os monemas «pessoais», como se viu em III: 3.1. a 3.14..

Por outro lado, como o estudo que aqui se apresenta visa dar a conhecer as estruturas mais significativas da variedade linguística em uso documentada pelo corpus - amostra computado, atendendo necessariamente à representatividade e à produtividades das unidades em linha de proporcionalidade directa em relação a todo o conjunto finito da amostra, expandir-se-á a descrição ao modo de funcionar do PP, como se verá infra.

Nesta parte delimita-se ainda a descrição aos PP functivos de SUJ, PP functivos de OD e PP functivos de OIND. Como se verificará, serão invocadas e analisadas algumas dimensões de ordem sintáctica, semântica e informativa (de dinâmica frástica) que, de forma isolada ou articulada, comandam as possibilidades de actualização dos PRO examinados.

Desnecessário se torna relembrar que entre um determinado significante sintáctico e o preenchimento semântico das funções (ou papel resultante do elo semântico que se estabelece entre uma unidade da FR e a globalidade dessa FR) não há necessariamente uma correspondência biunívoca).²⁹

²⁹ Das FR /'a izaba'lina 'žā fə'šow ['a 'lɔža] 'a 'ɛsta 'qra/ (P) e /'u mAR'kaɖu 'aɓRe 'aze sa'guNdazaS/ (SC), os sintagmas que preenchem F1 (/ 'a izaba'lina/ na 1.ª FR e /'u mAR'kaɖu/ na 2.ª FR) não desempenham igual papel semântico: de 'agente' e de 'término', respectivamente, com base na terminologia de G. Rojo (cf. ROJO 1983: 75-102).

Por outro lado, nas FR /'u mɔ'dEjru ll 'nAwN 'u 'vi 'ɛw 'pɔR/ (P) e /a'ki 'nə kə'pin a 'iNda 'ARdiN 'u mɔ'dEjru/ (C), o sintagma /'u mɔ'dEjru/ preenche o espaço sintáctico de F2 e desempenha, nas duas estruturas, idêntica função de 'objecto efectuado', ainda que seja claro que a intenção comunicativa do alocutário não tenha sido a mesma aquando a formatação frástica da mensagem: na 1.ª FR, a organização dos elementos na FR faz com que o rema recaia no sintagma /'u mɔ'dEjru/; na 2.ª FR, a rematização está no adverbial /a'ki/, pronunciado pelo sintagma selectivo /'nə kə'pina/.

Merece ainda ser reafirmado que as funções sintácticas e funções semânticas reportam à relação estabelecida entre os constituintes da FR, ainda que operando em estratos linguísticos distintos (o que tem legitimado um estudo em domínios diferenciados).

Por outro lado, num plano não afecto nem à sintaxe nem à semântica, na medida em que não refaz as determinações sintácticas nem os papéis semânticos dos constituintes da FR, a função informativa resulta da disposição dos elementos na linearidade da FR como resposta à necessidade comunicativa do eu locutivo no momento da alocução.

Basta um enquadramento mais próximo do âmbito da linguística comparativa para se aceitar que é possível encontrar, de variedade para variedade, assim como, de forma mais genérica, de língua para língua, relações privilegiadas entre certas funções, certos modos de marcar as conexões entre monemas e sintagmas e uma certa esquadria entre informação transmitida e configuração frástica.

Adiantando um pouco, importa esclarecer que, na amostragem verificada de ocorrências, é frequente deparar-se com procedimentos anafóricos e de intensificação referencial de PP functivos quer de SUJ, quer de OD, quer de OIND.

Mas se a investigação encetada parte de uma base de estudo proveniente de registo oral, serão os procedimentos informativos decorrentes das configurações frásticas em causa uma característica genética do sistema da variedade objecto de análise? Ou terão que ser associados apenas à exploração das estruturas mais significativas do discurso de alocução³⁰? Se assim é, porque sentiram os alocutários-dadores necessidade de usar com relativa frequência estruturas de (co)referencialidade?

Nesta dissertação, vários são os momentos em que é legítimo questionar se as estruturas descodificadas, especialmente sintácticas e semântico-informativas, são mecanismos que resultam de uma escolha no âmbito do sistema da variedade do português avaliado como corpus, ou se são situações reguladas apenas pela situação concreta de alocução.

Como operacionalização metodológica há que discriminar os planos de análise e, na medida em que do perfil deste estudo não transcorre a comparação de estruturas em mais do que um sistema linguístico,³¹ no presente trabalho só terá lugar procurar reconhecer e descrever com acuidade a ocorrência das configurações frásticas dominantes em termos de uso mais elevado, a par da relevância das intenções comunicativas inerentes à actualização das estruturas construídas.

12.

³⁰ Sobre os fenómenos linguísticos próprios do discurso oral, leia-se uma caracterização sumária em RIEGEL 1994: 35-37.

³¹ A avaliação do tipo de registos em que se opera a selecção de determinados processos sintácticos e semântico-informativos teria necessariamente de partir da análise comparativa de universos de dados linguísticos cingidos a um registo específico em mais do que um sistema: só assim se crê ser possível concluir que determinadas estruturas são propriedade de um registo específico e não de um dado sistema linguístico.

De acordo com o corpus - amostra obtida avaliado, os monemas «pessoais» que determinam o V (preenchendo F1) podem manifestar-se de forma descontinuada quer sob a forma de PRO (circunscrito o nosso estudo aos PP) quer sob a forma de um N, o que é o mesmo que dizer que PRO e N são functivos de SUJ constituindo expansões, de carácter essencialmente lexical, do monema «pessoal».³²

A identificação de PP e de N enquanto functivos de um F requer a consideração conjunta das partes significativas neles envolvidas. Por um lado, tanto em PP como em N é possível encontrar, em situação de estrutura combinada, um monema lexical potencialmente determinado por monemas gramaticais de «plural» e/ou de «feminino»; por outro, PP e/ou N functivos de SUJ, por exemplo, funcionam essencialmente como uma referência intensificada, por expansão, da «pessoa» que determina o núcleo verbal. Daqui decorre que PP e/ou N (e, sendo functivos de SUJ, a determinação verbal de «pessoa») reflectem a mesma classe sintáctica e admitem na FR a mesma F, ainda que, atendendo ao domínio semântico, o papel de especificação seja naturalmente distinto em cada um.³³

Do PP consideram-se 'seis pessoas', de «1p» a «6p», das quais «1p», «2p», «3p», «4p» e «5p» correspondem a monemas, e «6p» ao sintagma «3p» + plural»³⁴ (/’eS/, cuja

³² Por considerar a estruturação interna de PP como a exposta, ainda que numa realidade linguística distinta da que o corpus - amostra obtida recobre e observando que PP functivos de SUJ não são determinados pela modalidade ART, E. Alarcos chama, com propriedade, aos «*pronombres personales* tónicos *sustantivos personales*» (ALARCOS LLORACH 1999: 71).

³³ É neste entendimento que se torna razoável considerar que o functivo mínimo de uma F não é o monema mas o sintagma: «No es el monema el functivo mínimo, sino el sintagma (entendido como la asociación de un signo léxico y de su correspondiente signo morfológico» (GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ 1997: 61). Cf. BARBOSA 1998c: 19.

³⁴ A respeito da não concepção de uma classe de «número» entre as que determinam o V, C. Hernández afirma o seguinte: «No nos parece que haya verdadero número en las formas flexivas del verbo. Pues en él el plural no pluraliza al singular, salvo en la “no persona”» (HERNÁNDEZ ALONSO 1986: 277). Na verdade, se se reflectir na perspectiva da gramática tradicional sobre a pluralização das chamadas '1ª, 2ª e 3ª pessoas', dando origem às '1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural', conclui-se que, em rigor, não é possível determinar a «pessoa» pelo «plural» a não ser no caso da 3.ª: «Seule la “troisième personne”, étant “non-personne”, admet un véritable pluriel» (BENVENISTE 1966: 236). Basta exemplificar com as realidades que o 'nós' pode designar: a dita '1ª pessoa do plural' não constitui apenas a pluralização do 'eu', mas também a do 'eu' + 'não-eu' (eu + tu; eu + ela; eu + tu + ela; etc.) e, nenhuma delas constitui uma pluralização do 'eu': «l'unicité et la subjectivité inhérentes à “je” contredisent la possibilité d'une pluralisation. S'il ne peut y avoir plusieurs “je” conçus par le “je” même qui parle, c'est que « nous » est, non pas une multiplication d'objets identiques, mais une *fonction* entre « je » et le « non-je »» (BENVENISTE 1966 : 233). Na esteira da descrição aqui traçada, são palavras de E. Alarcos as seguintes: «con *nosotros* no señalamos un conjunto de primeras personas (*yo + yo + yo* ...), sino un ente de primera persona (*yo*, que en cada situación es único) acompañado de otro u otros entes de distinta persona (o sea : *nosotros* equivale a «*yo y otros conmigo*»)). De igual modo dir-se-á que «*vosotros* se refiere a «tú y otros contigo». Si embargo, a pesar de estas circunstancias referenciales, no deja de ser gramaticalmente plural el significado de estos sustantivos personales.» (ALARCOS LLORACH 1999: 73).

manifestação mais frequente é [*ʔəzəʔəʃ*] ≈ 99,9%³⁵). O monema «3p» pode ainda ser determinado pelo «feminino», como em *l'əla*/, *l'əlaS*/ (← «feminino + plural»), sendo as formas mais rentáveis em termos de uso (≈ 99,9%), respectivamente, [*aᵛᵛᵛᵛ*] e [*ʔəzəʔəʃ*].

Sabendo que as consideradas 'seis pessoas' apresentam significantes variáveis com o contexto em que se inscrevem, de acordo com as funções desempenhadas, começar-se-á pelas mesmas razões que levaram à opção por descrever o comportamento sintáctico e semântico-informativo do V, pelo functivo de SUJ (F1) – cf. III: 12.1. a 12.3.. Seguir-se-ão o functivo de OBJ (F2) – cf. III: 13. – e o functivo de DAT (F3) – III: 14..

Recorda-se que o monema «pessoa» em F1, no universo da variedade admitida como corpus - amostra, certamente pelo carácter obrigatório do papel da modalidade verbal, não aceita a intervenção de um funcional a marcar a sua relação ao V: manifesta-se em contexto sintáctico de amálgama no seio de SV, como ficará descrito em III: 12.2.1. – 12.2.6. infra.

Já no caso dos PP functivos de SUJ, os quais, sintacticamente, não são essenciais à constituição gramatical da FR, para além da ordem, em colocação preferencialmente anteposta a V (≈ 82,1%), a relação ao V é essencialmente marcada pela forma adquirida, como se verá já de seguida (cf. III: 12.1.).

12.1.

Representando a descontinuidade lexical do significante do monema «pessoa», os functivos de SUJ PP observados no corpus – amostra obtida são os seguintes:

l'əw/, *l'tu*/, *l'əle*/ (= «PP+ 3p») e *l'əla*/ (= «PP+ 3p + feminino»), *l'nqS*/, *l'vqS*/, *l'əlezeS*/ (= «PP+ 3p + plural») e *l'əlaS*/ (= «PP+ 3p + feminino + plural»).

Dos dados compulsados é ainda de salientar a ocorrência de PRO 'de tratamento' como *l'vqṣamə'sə*/ (← «plural»: *l'vqṣamə'səS*/ ≈ *l'vqṣamə'səzeS*/) (≈ 80%), cujas propriedades funcionais os fazem aproximar dos PP functivos de SUJ.

Sensíveis ao valor de *l'tu*/, de *l'tu* + *tu* + *tu* + .../, de *l'tu* + *əle*/ ou de *l'tu* + *əlezeS*/, do ponto de vista sintáctico são a extensão descontinuada dos significantes dos monemas verbais de «3p» e de «6p». Em conjugação com as propriedades sintácticas específicas destes, activam na FR essencialmente factores de natureza informativa, no sentido de ser mais forte o suporte (co)referencial que do seu uso se releva (cf. III: 12.3. infra).

Porque comutam com PP functivo de SUJ e porque apresentam um índice de ocorrência de ≈ 20% no corpus - amostra obtida avaliado, merece igual menção as formas dos significantes *l'mAlta*/ e *l'gENte*/ (aqui tomadas em contexto sintáctico de determinação pela modalidade ART *l'a*/: *l'a* 'mAlta/, *l'a* 'gENte/) representativas da neutralização da

³⁵ De modo a se evitarem erros estatísticos de frequência, a definição de percentagem no âmbito da amostra analisada é de 99,9%.

Deste modo, sempre que a computação dos dados apresente um resultado dominante em termos de amostragem, o índice percentual da verificação de ocorrências atinge ≈ 99,9%.

oposição entre os monemas/sintagmas «pessoais» /'ew/, /'tu/, /'ẹle/, /'ẹla/, /'nqS/, /'vqS/, /'ẹlezeS/, /'ẹlazaS/, ainda que por restrições sintácticas estejam ligadas a uma estrutura verbal determinada por «3p» e «4p», como são exemplos as seguintes notações:

- a. /'a 'mALta 'žā 'nuN 'liga 'nađa 'a 'isu/ (VP)
- b. /'a 'mALta 'temuzu 'la 'uma pES'sina 'i 'tudu/ (Esc)
- c. /'a 'gENte 'vAj 'puR a'i 'a di'ANte/ (Esc)
- d. /'a 'gENte 'tamuzuS 'a fa'laři/ (SC)

De acordo com a amostragem computada, um e outro sintagma activam índices percentuais de uso, em estruturas frásticas cujo V é determinado por «3p» ou por «4p», de ≈ 1,6%.

12.2.

De natureza imprescindível à constituição sintáctica do SV, o significante do monema «pessoa» que determina o V é condicionado pela combinatória admitida pelas determinações de «tempo» e/ou «modo». A amálgama destas determinações verbais é disponibilizada pelos significantes considerados ser importante aqui descrever.

12.2.1. «1p»: de significante /-u/ quando combinado com o significante do monema lexical do SV (i), como em /'faļu/, /'kõmu/ e /'pARtu/ (relembra-se que estas formas, e outras como estas, não estão determinadas nem por «tempo» nem por «modo». De forma simplificada, apontam-se como 'não determinadas temporalmente')³⁶. As realizações perceptíveis alternam entre [u] e [o]: [ʼfaḷ^{o/u}], [ʼkõm^{o/u}], [ʼpart^{o/u}]. Quando combinado com o «passado» (ii); «passado + anterior» (iii); «posterior» (iv); «conjuntivo» (v); «passado + conjuntivo» (vi) e «posterior + conjuntivo» (vii), apresenta-se de significante amalgamado: (ii) /fa'laṽa/ e /ka'mia/; (iii) /fa'laṽa/, /ka'mera/ e /pAR'tira/; (iv) /fa'laṽaṽa/, /ka'meraṽa/ e /pAR'tiraṽa/; (v) /'faḷe/, /'kõma/ e /'pARta/; (vi) /fa'laṽe/, /ka'mese/ e /pAR'tise/; (vii) /fa'laṽeze/, /ka'mereze/ e /pAR'tireze/. Em codeterminação com o «pretérito», o significante é /-j/ se adjungido a um núcleo verbal da primeira conjugação (ix: /fa'IAj/); é /-i/ caso entre em combinação com monemas nucleares das segunda e terceira conjugações verbais (x: /ka'mi/ e /pAR'ti/, por exemplo). De significante /Ø/ em codeterminação com «infinitivo» (xi): /... 'pa'r ew 'iR 'a r'i'bēra/ (P).

12.2.2. «2p»: de significante /-S/ quando se encontra em codeterminação com «posterior» (i): /fa'laṽaṽaS/, /kõmaṽaṽaS/ e /pAR'tiraṽaS/. Se se encontra em codeterminação com o monema «passado» (ii) ou com as combinações «passado + anterior» (iii), «passado + conjuntivo» (iv), «conjuntivo» (v) e «posterior + conjuntivo» (vi), o significante de «2p» é /-zeS/. Leiam-se os exemplos seguintes: (ii) /fa'laṽazeS/, /ka'merazeS/ e /pAR'tiazeS/; (iii) /fa'laṽazeS/, /ka'merazeS/ e /pAR'tirazeS/; (iv) /fa'laṽezeS/, /ka'mesezeS/ e /pAR'tisezeS/; (v) e (vi)

³⁶ Cf. III: 6..

/fə'ləzezeS/, /kə'məzezeS/ e /pAR'tirezeS/, respectivamente. O sincretismo de significantes que se verifica nos contextos sintácticos de «conjuntivo» ou de «posterior + conjuntivo» circunstanciados à determinação por «2p» não provoca conflito na interpretação da mensagem comunicada, na medida em que os sintagmas surgem inscritos numa estrutura frástica distintamente contextualizada. Em combinatoria com a determinação de «pretérito» (vii), «2p» apresenta o significante /-Steze/, como são exemplos as notações /fə'ləSteze/, /kə'məSteze/ e /pAR'tiSteze/. Por vezes, /-StezeS/ surge também como significante do monema «2p».³⁷ Diante uma forma como esta, e verificando que o significante de «5p», também em junção com a determinação de «pretérito», é /-StezeS/, poder-se-ia pensar que se está perante significantes homónimos. No entanto, uma observação mais atenta dos dados permite afirmar que, quando o significante de «2p» é /-StezeS/, o de «5p» é /-StajS/ (/kə'zəSteS/ e /kə'zəStajS/, respectivamente), o que é o mesmo que dizer que se trata de um sistema distinto daquele sistema que admite como significante de «2p» e como significante de «5p», respectivamente, /-Steze/ e /-StezeS/. De um modo preferencial em termos de uso, quando se encontra em determinação com «infinitivo» (viii), o significante de «2p» é /-rezeS/: /.... 'para fə'zəzezeS 'əS 'kONTazaS/ (FAT). Quando em combinatoria com o «imperativo», o significante é (ix) /-j/ (primeira e segunda conjugações verbais: /fə'lAj/ e /kə'mEj/) ou (x) /-Ø/ (terceira conjugação verbal: /pAR'ti/).

12.2.3. «3p»: em codeterminação com o monema «pretérito», o significante de «3p» é /-w/ (i); nos restantes contextos sintácticos é /Ø/ (ii). Vejam-se os seguintes exemplos ilustrativos: (i) /fə'low/ (= [fə'lojw] ≈ [fə'lojw]), /kə'məw/ (= [kə'meww]) e /pAR'tiw/ (= [pə' tiw]) — quando em combinatoria com «pretérito»; (ii) /'fəla/, /'kəme/ e /'pARte/ (SV não determinado temporalmente); /fə'ləva/, /kə'mia/ e /pAR'tia/ (← «passado»); /fə'ləra/, /kə'məra/ e /pAR'tira/ (← «passado + anterior»); /fə'lə'ra/, /kə'mə'ra/ e /pAR'ti'ra/ (← «posterior»); /'fəle/, /'kəma/ e /'pARta/ (← «conjuntivo»); /fə'ləse/, /kə'məse/ e /pAR'tise/ (← «passado + conjuntivo»); /fə'ləzeze/, /kə'məzeze/ e /pAR'tireze/ (← «posterior + conjuntivo»); /sə'iR/ (← «infinitivo»). Chama-se a atenção neste ponto para a ambiguidade suscitada pela análise sintáctica de algumas das combinações que aqui se expõem e das que se referenciaram na descrição das variantes de significante de «1p» (cf. III: 12.2.1 supra). De facto, os significantes das combinatorias de certos monemas temporais com «1p» são formalmente coincidentes com os significantes das combinatorias desses mesmos monemas temporais com «3p». No entanto, na alocação dos colocutores-dadores, a possível ambiguidade dissipa-se naturalmente pela contextualização dos sintagmas no domínio frástico, geralmente determinados por outros monemas (mais ou menos próximos) responsáveis por essa clarificação.

³⁷ A propósito do significante /-....S/, Leite de Vasconcellos diz o seguinte: «.... On ajoute -s à peu près dans tout le pays, à la voyelle finale, par analogie avec les autres personnes, parce que toutes se terminent par -s» (VASCONCELLOS 1987: 111; 1901: 133). Cf. também NUNES 1902: 46.

12.2.4. «4p»: em todos os contextos sintáticos, o significante é /-muzuS/ (i), cuja manifestação mais usual é [-mɔzjuš]. São exemplos as seguintes notações ilustrativas: /fə'ləmuzuS/ (observa-se que a manifestação do significante de «V de tema em -a» + «4p» pode alterar entre as formas perceptíveis como [ˈ-ẽmuzjuš] e [ˈ-ãmuzjuš])³⁸, /kə'məmuzuS/, /pAR'timuzuS/ (não determinado temporalmente); /fə'ləvamuzuS/, /kə'miamuzuS/ e /pAR'tiamuzuS/ (← «passado»); /fə'ləmuzuS/, /kə'məmuzuS/ e /pAR'timuzuS/ (← «pretérito»); /fə'ləramuzuS/, /kə'məramuzuS/ e /pAR'tiramuzuS/ (← «passado + anterior»); /fə'ləremuzuS/, /kə'məremuzuS/ e /pAR'tiremuzuS/ (← «posterior»); /fə'ləmuzuS/, /kə'məmuzuS/ e /pAR'temuzuS/ (← «conjuntivo»); /fə'ləramuzuS/, /kə'məramuzuS/ e /pAR'tiramuzuS/ (← «posterior + conjuntivo») e /fə'lARmuzuS/, /kə'məRmuzuS/ e /pAR'tiRmuzuS/ (← «infinitivo»).

12.2.5. «5p»: em contexto de codeterminação com o monema «pretérito», o significante de «5p» é, de acordo com o corpus – amostra obtida analisado, (i) /-StezeS/ = [-štəzəš] mais usada (≈99,9%) e /-Steze/ = [-štəzə] (/fə'ləStezeS/, /kə'məStezeS/ e /pAR'tiStezeS/). (ii) /-zeS/ é o significante em contexto de codeterminação com a combinatória monemática «passado + conjuntivo» (/fə'ləsezeS/, /kə'məsezeS/ e /pAR'tisezeS/) e «posterior + conjuntivo» o (/fə'ləzezeS/, /kə'məzezeS/ e /pAR'tizezeS/, como exemplos). (iii) /-S/ é significante em contexto sintático de núcleo verbal da terceira conjugação não determinado por monema temporal: /pAR'tiS/, de manifestação geral [pə'ti:š] ou, em menor ocorrência, /PAR'tizeS/ = [pə'tizəš]. O monema «5p» surge com significante (iii) /-de/ em contexto «imperativo» aliado a núcleos verbais da primeira e da terceira conjugações verbais ou de conjugação irregular: /lə'vəde/, /sə'ide/, /O'vide/ e /trə'zəde/ como exemplos. Em codeterminação com «infinitivo», o significante operacionalizado é (iv) /-dezeS/: /... 'para 'iRdezeS 'q fuN'dAwN/ (T). Nos restantes contextos sintáticos, o significante de «5p» é (v) /-jS/. Veja-se: /fə'lAJs/ e /kə'mEjS/ (não determinados temporalmente); /fə'ləvajS/, /kə'miajS/ e /pAR'tiajS/ (← «passado»); /fə'lərejS/, /kə'mərejS/ e /pAR'ti'rejS/ (← «posterior»); /fə'ləriajS/, /kə'məriajS/ e /pAR'ti'riajS/ (← «passado + posterior»); /fə'lEjS/, /kə'mEjS/ e /pAR'tEjS/ ou /pAR'tEjzeS/ = [-ejš] ou [-ejzəš] (← «conjuntivo»). Quando em combinatória com «imperativo», o significante é (vi) /-j/ (primeira e segunda conjugações verbais) e (vii) /Ø/ (terceira conjugação verbal): (vi) /fə'lAJ/, /kə'mEj/ e (vii) /pAR'ti/, como exemplos ilustrativos.

12.2.6. «6p»: de significante (i) /-iN/ quando se encontra em codeterminação com «conjuntivo» a um núcleo do SV pertencente à primeira conjugação verbal (/fə'liN/), com «posterior» + «conjuntivo» a um núcleo do SV pertencente quer à primeira quer à segunda conjugações verbais (/fə'ləriN/ e /kə'məriN/), com «infinitivo» (/fə'zəriN/), ou, com um núcleo do SV não determinado temporalmente e pertencente à segunda e à terceira conjugações verbais (/kə'miN/ e /pAR'tiN/). De um modo aleatório, isto é, não possível de sistematização

³⁸ Leite de Vasconcellos admitia já uma intercorrência idêntica das formas : «dans une grande partie du pays, au Nord, aussi bien qu'au Sud, on dit –emos, ex : amemos». E justificou-as: peut-être sous l'influence de *temos* (et aussi *hавemos*), qui est d'un emploi si frequent dans la conjugaison périphrastique.» (VASCONCELLOS 1901 : 134). Cf. também NUNES 1902 : 46.

mais concreta pela verificação regrada das ocorrências, o significante em /-iN/ ocorre, também neste contexto, com o núcleo verbal da primeira conjugação: /'fəliN/, a par de (ii) /'fəlaɟN/. Quando se encontra em contexto sintáctico de codeterminação com «passado + conjuntivo» ou com «posterior + conjuntivo» (pertencendo, neste contexto mais preciso, o núcleo do SV à terceira conjugação) o significante é (iii) /-jN/: respectivamente, /fə'laɟajN/, /kə'məɟajN/ e /pAR'tisajN/; /pAR'tirezajN/. Nos restantes contextos, o significante é (iv) /-wN/ — leiam-se os exemplos seguintes: /fə'laɟawN/, /kə'miawN/ e /pAR'tiawN/ (← «passado»); /fə'laɟrawN/, /kə'mərawN/ e /pAR'tirawN/ (← «pretérito»); /fəlaɟ'rAwN/, /kəmaɟ'rAwN/ e /pARti'rAwN/ (← «posterior»); /fəlaɟ'riawN/, /kəmaɟ'riawN/ e /pARti'riawN/ (← «passado + posterior»).

12.3.

No seguimento da linha de análise adoptada, atendendo ao comportamento das expansões lexicais PP functivo de SUJ, procurar-se-á agora incidir a atenção nos matizes de sentido provocados pela presença ou não-presença do referido functivo de SUJ.

Qualquer observação suscitada pelas estruturas «presença de PP» — «não presença de PP» aferidas no corpus - amostra obtida poderia ser justificada por razões de necessidade, ou não necessidade, de se evitar a ambiguidade do acto comunicado. Ainda que expectável, este entendimento não deixa de se relacionar com a opção que leva o alocutário a fazer uso ou não da escolha do monema PP enquanto expansão em F1. Na verdade, a «presença de PP» no contexto sintáctico considerado pode dever-se à necessidade de criar um procedimento marcado formalmente que desfaça uma situação comunicativa potencialmente ambígua. No entanto, pela análise mais acurada dos dados computados, mesmo admitindo que a função contrastiva é particularmente sensível nas ocorrências em que a presença de PP functivo de SUJ pode evitar a possível ambiguidade provocada pelo sincretismo de significantes de certos SV ou por uma leitura correferencial,³⁹ impõe-se reconhecer que o contexto linguístico mais ou menos próximo (desde a determinação pela «pessoa» até aos outros valores mais ou menos difusos na alocução) é suficiente para os factos comunicados se tornarem clarificados. Assim, à inscrição da presença de PP functivo de SUJ na FR é possível relacionar a função enfática e expressiva

³⁹ Identificado pelo contexto linguístico, o significado escolhido torna-se inequívoco com a presença de PP functivo de SUJ: /'ɛla 'dise 'a vAR'dəde/ (C) — ainda que sintacticamente gramatical, o fluxo de informação obtido na FR /'dise 'a vAR'dəde 'siN sə'nɔra/ (P) não é só por si totalmente claro no que diz respeito à determinação pelo monema de «pessoa».

De igual modo, em ocorrências como as que se transcrevem por modelo, a presença de PP functivo de SUJ clarifica a informação global da FR: /'ɛla 'dise 'k ia 'q kəza'mENTu/ (C) ≠ /'ɛla 'dise 'kə vɔsəma'sə 'ia 'q kəza'mENTu/ (C).

Deste excuro conclui-se que o efeito de desambiguação confinado à presença de PP enquanto expansão lexical da modalidade verbal «pessoa» não levanta questão de maior: entre outros, argutamente, M. S. Ali já comentava «o uso do pronome pessoal» como «não obrigatório senão na primeira e terceira pessoa do singular de certas formas verbais idênticas quando assim o exigir a clareza do pensamento» (ALI 1971: 129).

potencialmente activada pela contraposição da «pessoa» actualizada em oposição às restantes «pessoas» não actualizadas.

De feição mais circunstanciada, passa-se de seguida à descrição de alguns casos mais expressivos no corpus – amostra obtida e que suscitaram uma análise de pormenor.

De todos os PP functivos de SUJ computados, merece menção o uso representativo em termos percentuais de /'vqS/ ($\approx 6,5\%$) que, concorrencial a /vq̣ṣaṃa'se/ (eventualmente sujeito à determinação por «plural» — / vq̣ṣaṃa'seS/ \approx /vq̣ṣaṃa'sezeS/), constitui uma das formas de tratamento preferenciais na alocação da variedade representada pelo corpus - amostra obtida — de tal modo que se admite que a sua ausência causaria aos colocutores alguma estranheza discursiva.

Embora, como todas as outras formas de PP functivo de SUJ, apresentem um carácter sintáctico facultativo, pela análise dos dados computados no corpus – amostra obtida admite-se que /'vqS/, assim como /vq̣ṣaṃa'se/ (/ vq̣ṣaṃa'seS/ \approx /vq̣ṣaṃa'sezeS/), acentua os valores de contraste e de desambiguidade dos functivos explícitos de SUJ, através da intensificação essencialmente referencial e anafórica⁴⁰, centrada no contexto linguístico. Isto quer dizer que, diante do perfil percentual evidenciado pela ocorrência das formas, é de admitir que a função informativa que estes 'pronomes de tratamento' aportam à FR comunicada denunciam uma genética de referencialidade e de anaforismo possível de ser considerada, no âmbito do corpus - amostra obtida, como motivadora da sua presença obrigatória.

Retomando as notações expressas em a., b., c. e d. (cf. III: 12.1. supra), cujo peso percentual é de se considerar, constata-se que, embora expressivos da perda de oposição entre os PP functivos de SUJ, no uso complementar dos sintagmas /'a 'mALta/ e de /'a 'gENte/ ocorre uma diferenciação do ponto de vista do significado (aliás, só assim se compreende a pertinência das duas unidades a coexistir na variedade). De facto, a opção pelo sintagma /'a 'mALta/ releva essencialmente da não implicação directa por parte do alocutário enquanto 'agente' da acção preconizada pelo SV. A denunciar a implicação mais directa do alocutário ocorre o sintagma /'a 'gENte/, designativo de todos os possíveis 'agentes' (incluindo o papel do eu locutivo) do facto relatado pelo SV. De modo resumido, dir-se-á que o traço semântico «+ eu» prevalece actualizado em «a gente», característica que é formalmente visível em dois indícios sintácticos: a determinação por «4p» do núcleo verbal da FR em que o sintagma

⁴⁰ Relembra-se que no âmbito da natureza da análise encetada, 'referência' e 'anáfora' são entendidas no sentido exclusivamente gramatical. Isto quer dizer que são 'correferentes' e, portanto, capacitadas de usos anafóricos, functivos de mesma F que, na FR, revelam propriedades de relação de uns com os outros: veja-se, como um exemplo não redutível, a relação semântica instanciada entre a determinação (sintacticamente obrigatória) do V pelo monema «pessoa» e a expansão lexical a ocupar F1 (sintacticamente opcional) pelo monema PP.

participa (cf. notação d. /'a 'gENte 'təmuzuS 'a fə'ləri/ (SC)); e a copresença com /'nqS/, ambos functivos de SUJ (e. /'a 'gENte 'iamuzu 'nq'z a kAN'təri/ (VP)).⁴¹

13.

Ocupando F2, o monema PP apresenta os seguintes significantes:

	A		B	
«1p»	/mē/			
«2p»	/tē/			
«3p»	/u/	/a/ (= «PP←feminino»)	/lu/	/la/ (= «PP←feminino»)
«4p»	/nuS/			
«5p»	/vuS/			
«6p»	/uzuS/ (= «PP←plural»)	/azeS/ (= «PP←feminino+plural»)		

A exploração das ocorrências de «PP + 3p» no contexto sintáctico demarcado permite verificar que /u/ e /lu/, /a/ e /la/ se encontram em distribuição complementar.

De facto, em contextos de SV cuja ausência da terminação em /-R/ é devida à assimilação antiga pelo fonema consonântico simples /l-/ consequente, por sua vez, da resolução da geminada /ll/, o significante é /lu/, como em a. /'vAj 'a kə'mē 'lu/ (LAV) ou em b. /kumə'sow 'a nəmərə 'la/ (C). Nos restantes contextos, o significante é /u/, mais ou menos determinado.

Leiam-se mais alguns registos:

- c. /sEj 'u 'a fə'zər 'mAL/ (MR)
- d. /'eSta 'kəza 'tAjN 'a RASAw'rə'dina ||kuN'pRərawN 'a || 'k ES'tə'v ə'ki
||RASAw'rərawN 'a/ (CAST)
- e. /uze pASə'rinuzuS li'vRow 'uzuS/ (B)

Dada a participação das estruturas «PP ← 3p» e «PP ← 6p» evidenciada pela frequência de ocorrência no corpus - amostra obtida (de acordo com os dados computados atingem o peso percentual é de ≈20,3% e ≈3,3%, respectivamente), centre-se agora no efeito informativo provocado pelas construções admitidas na FR.

⁴¹ Ainda que num suporte operativo distinto do que se adopta neste trabalho, leia-se a sólida visão de S. Menuzzi sobre as estruturas que condicionam um processo de «anaphoric relation or dependency» da figura de «1.ª pessoa do plural», focalizando-se na «expression *a gente* in its first person plural interpretation» (cf. MENUZZI 2000: 191-240).

Ainda que a análise encetada passe pela observação de critérios instanciados pela ordem como as unidades surgem no acto de alocação, lembre-se que a determinação sintáctica é considerada como participante na construção da informação,⁴² pelo que se podem apresentar os seguintes esquemas sintácticos:

- (i) SV \leftarrow PP functivo de OD
- (ii) SV \leftrightarrow PP functivo de OD \leftrightarrow PP functivo de OD
- (iii) PP functivo de OD \leftrightarrow SV \leftrightarrow PP functivo de OD
- (iv) SV \leftrightarrow PP functivo de OD \leftrightarrow «ART \rightarrow N» functivo de OD
- (v) «ART \rightarrow N» functivo de OD \leftrightarrow SV \leftrightarrow PP functivo de OD

Vejam-se alguns exemplos:

- f. /'a j 'u 'pRɛtu || 'a j 'u 'bRANku/ (AL)
- g. /'a 'gENte kuL'tiva 'siNku kARte'rOjNS 'dɛ bə'ta'tazaS || 'tAjN 'k ɔzɛz ɔ'vEN'tAR
'kɛ 'nuN 'a 'kAjN 'ɔzɛS 'kON'pR ɔzɛS/ (VAL)
- h. /'q'ɔ ɔ 'tua 'mAjN 'kɛ 'tɔ 'dɛ j 'a/ (FAT)
- i. /'i 'vAjN 'u 'a tRɔ'zɛ 'lu 'a fə'tɛla 'AwS i'dɔzuzuS/ (E)
- j. /'pARte'z ɔ || 'a mɔlAN'sia || 'ɔzɛ tɔ'ɔɔɔɔɔɔɔɔɔ/ (P)
- k. /'u AL'kɛjɛ || 'lɛɔ 'u 'ɛle 'pɔj/ (P)
- l. /'u fu'ɔAR || 'ɛlezeS 'kɔmajN 'u 'tɔdu/ (P)
- m. /'a 'misa || 'a kɔ'mɔɔɔɔɔɔɔɔɔɔ 'vAj 'a kAN'tɔ 'lɔ/ (P)

Embora a 'duplicação' de functivos ocupando F2 não seja obrigatória do ponto de vista sintáctico (cf. BARBOSA 1998: 18-19),⁴³ na medida em que a gramaticalidade da FR está assegurada em estruturas como a representada em (i), a análise do corpus - amostra obtida permite admitir a presença de PP functivos de OD com valor essencialmente anafórico: a documentar este procedimento derivado do campo informativo ocorrem expressivamente, na base de dados computados, as estruturas (ii) e (iii), exemplificadas em notações como g., h. e i..

Verifica-se também, nas estruturas frásticas esquematizadas em (iv) e (v), que os PP functivos de OD podem coexistir na mesma FR com sintagmas nominais (de esquema «ART \rightarrow N»), expondo a ocorrência, ainda que não esteja sujeita a restrições sintácticas, uma clara propriedade informativa.

⁴² Note-se que nas estruturas frásticas esquematizadas, a opção pelos sinais \leftrightarrow e \leftrightarrow releva da necessária chamada de atenção para a consideração do critério da sucessão linear das unidades na FR (frequentemente marcada por +), não descurando nem retirando à determinação sintáctica o poder de significação na construção dos enunciados (de todos os linguistas será conhecida a marcação da relação de determinação \leftarrow , no sentido do determinante para o determinado).

⁴³ Cf. também III: n. 33 supra.

O facto de as estruturas dos esquemas traçados não apresentarem no corpus - amostra obtida analisado uma participação opositiva das formas, é evidência, por um lado, de que, do ponto de vista sintáctico, a função que ocupam na FR não sofre alterações; por outro, é a tradução da activação do carácter de correferencialidade admitido pela construção descontinuada dos functivos a ocupar F2.

Ainda que dos efeitos informativos ditos enfáticos e expressivos se possa admitir o carácter facultativo da ocorrência de estruturas descontinuas, ocupando a mesma função sintáctica, deve-se notar o carácter obrigatório do PP functivo de OD nas frases ilustradas em k., l. e m. — esquema (v).

Confrontando os esquemas frásticos (iv) e (v), dir-se-á que o PP functivo de OD ocorrente em posição pós-V em /'pARte'z ʔ/ (notação j.) não possui um estatuto sintáctico isolado, servindo apenas para reforçar o valor instanciado pelo sintagma nominal a ocupar o espaço de F2: /'ʔ məLAN'sia/. Em (v), porém, a ocorrência do sintagma «ART → N» em posição pré-V, ainda que se admita alguma obrigatoriedade incitada pela rematização (ou foco), a não presença do PP functivo de OD é considerada inaceitável (comprova-o o índice expressivo de ocorrências deste tipo de estrutura).

Apesar de o estatuto sintáctico do sintagma nominal «ART → N» em posição pré-V não admitir qualquer ambiguidade em notações como l. e m. (em k., ainda que certamente esclarecido no momento da alocução, poder-se-ia evocar a probabilidade de o sintagma /'u AL'kEjre/ ser entendido pelo interlocutor como expansão lexical do monema de «pessoa»), em termos comunicativos, a ausência do PP functivo de OD é tida como incorrecta, permitindo questionar o carácter opcional pela presença ou ausência de PP condicionada apenas pelo desejo do alocutário impulsionar um reforço enfático de correferencialidade. Não sendo propósito neste trabalho equacionar as implicações axiológicas decorrentes do significado das 'estruturas de foco' permitidas pelas unidades na FR⁴⁴ (na sequência da análise proposta elas apenas são evocadas em atenção à disposição dos elementos frásticos na linearidade da alocução e ao conseqüente valor informativo), dir-se-á que a ocorrência da configuração «ART → N (functivo de OD em posição pré-V) ⇔ SV ⇔ PP (functivo de OD)» é o reflexo de uma formatação de informação enfática que exige a correferencialidade como obrigatória, e cuja ocorrência apresenta um índice percentual a atingir ≈7,1% dos casos avaliados.

⁴⁴ Não se trata obviamente de descaso, mas ao logo deste trabalho foi-se determinando, pela base operatória filiadora, a descrição dos factos linguísticos que se propôs alcançar. Portanto, não se supõe, no âmbito de análise dos factos observados, a decomposição analítica da colocação sintáctica e dos membros frásticos estribada em modelos que poderiam garantir uma resposta mais concisa a questões de 'thema-rhema-gliederung' ou de focalização-topicalização. Ainda assim, em alguns momentos de descrição foi necessária a relação entre procedimentos sintácticos e a marcação de foco (cf. III: n. 23 supra).

14.

Enquanto functivo de OIND ocupando F3, o sistema máximo dos significantes de PP verificados no corpus - amostra obtida avaliado são as seguintes:

	A		B			
«1p»	/mɛ/		/ʔa 'miN/			
«2p»	/tɛ/		/ʔa 'ti/			
«3p»	/lɛ/	/ʔlɛ/	/ʔaj 'ɛle/	/ʔaj 'ɛla/ (=«PP←feminino»)	/ʔa 'si/	/ʔa vɔsɔmɔ'sɛ/ ⁴⁵
«4p»	/nuS/	/nuzuS/	/ʔa 'nɔzeS/			
«5p»	/vuS/	/vuzuS/	/ʔa 'vɔzeS/		/ʔa vɔsɔmɔ'sɛzeS/	
«6p»	/ʔlɛS/	/ʔlɛzeS/	/ʔaj 'ɛlezeS/ (=«PP←plural»)		/ʔaj 'ɛlazaS/ (=«PP←feminino+plural»)	

Da observação do comportamento mais expressivo das formas de PP a ocupar o espaço de F3 foi possível chegar às seguintes considerações: o functivo de OIND não-preposicionado (coluna A) e o functivo de OIND preposicionado (coluna B) admitem uma convivência sintáctica de ocorrências, isto é, os grupos /mɛ/ e /ʔa 'miN/; /tɛ/ e /ʔa 'ti/; /lɛ/ ≈ /ʔlɛ/ e /ʔaj 'ɛle/ ≈ /ʔa 'si/ ≈ /ʔa vɔsɔmɔ'sɛ/; /nuS/ ≈ /nuzuS/ e /ʔa 'vɔzeS/ ≈ /ʔa vɔsɔmɔ'sɛzeS/ surgem na mesma estrutura frástica ocupando F3, desempenhando a estrutura descrita uma função informativa com claras pretensões de destaque e de evidência. Os grupos /lɛ/ ≈ /ʔlɛ/ ≈ /ʔaj 'ɛle/ ≈ /ʔa 'si/ ≈ /ʔa vɔsɔmɔ'sɛ/, /nuS/ ≈ /nuzuS/, /vuS/ ≈ /vuzuS/ ≈ /ʔa 'vɔzeS/ ≈ /ʔa vɔsɔmɔ'sɛzeS/ e /ʔlɛS/ ≈ /ʔlɛzeS/ são, de acordo com os dados avaliados, significantes alternativos (flutuações muitas vezes explicáveis por opções de natureza fonológica, anúncio de eventual existência de sistemas paralelos — cf. casos na descrição do sistema fonológico em II).

Retomando o critério descritivo aplicado ao PP functivo de OD, passa-se agora à análise mais detalhada de PP functivo de OIND, começando pela apresentação dos esquemas frásticos dominantes onde PP participa, seguida da explicitação mais particularizada da ocorrência de PP em termos de fluxo informativo.

Relembra-se que se inclui nos PP os considerados PRO 'de tratamento', na medida em que não é propósito desta análise o estabelecimento de uma distinção semântica e sintáctica mais precisa entre eles e porque a denominação, de um e de outro, é convencionalizada.

⁴⁵ Inclui-se nesta análise do modo de funcionar de PP a ocupar espaço de F3, sem distinção axiológica de maior, os denominados PRO 'de tratamento' /ʔa vɔsɔmɔ'sɛ/ e /ʔa vɔsɔmɔ'sɛzeS/.

Assim, são os seguintes os esquemas frásticos identificados:

- (i) SV \leftarrow PP funtivo de OIND
- (ii) SV \leftrightarrow PP funtivo de OIND \leftrightarrow PP funtivo de OIND
- (iii) PP funtivo de OIND \leftrightarrow SV \leftrightarrow PP funtivo de OIND
- (iv) SV \leftrightarrow PP funtivo de OIND \leftrightarrow «ART \rightarrow N» funtivo de OIND
- (v) «ART \rightarrow N» funtivo de F3 \leftrightarrow SV \leftrightarrow PP funtivo de F3

Leiam-se algumas notações exemplificativas:

De (i):

- a. /'dise 'λe 'pRə 'e/ (CAST)
- b. /'ew 'dava 'me 'mujNtu 'bAjN/ (CAST)
- c. /'i 'de 'fəRma || 'ew 'uN 'dia 'ke 'λe 'fiS 'uma dESkRi'sAwN ə'ki 'də 'kəva/ (CAST)
- d. /'eZeS 'təduzuS ə'siN guS'təvawN 'de ə'siN 'di'zeR ə'kel Orə'sAwN 'ku 'ANžu gəbRi'e 'le iNsi'now/ (B)
- e. /'fərawN 'nuzuS 'ə ALkəRu'AR/ (E)
- f. /'šəma 'se 'λe 'u 'mEj kuAR'tilu/ (P)

De (ii):

- g. /'nuNka 'me ə'siN 'me O'kur̃e/ (D)
- h. /'vow 'ə fə'zeR 'vuS 'əze 'KontazaS 'ə vəsa'mə'sezeS/ (FAT)
- i. /'dew 'te 'u fu'IAR 'ə 'ti/ (C)
- j. /di'sərawN 'λezeS 'ə j 'elazaS/ (VP)
- k. /mAN'dow 'nuzuS 'uma 'pRENda 'ə 'nəzeS/ (P)

De (iii):

- l. /'ə vəsa'mə'se 'vow 'ə di'zeR 'λe/ (Esc)

De (iv):

- m. /'fOj 'ə lə'vAR 'λe 'u 'fiλu 'q 'pAj/ (C)

E de (v):

- n. /'qzuS 'nəvuzuS 'žə 'nuN 'leS 'kuSta 'puRke 'nuNka vi'verawN 'ese mə'mENTu/ (AL)/

Quanto à função semântica convocada no acto comunicado pela ocorrência de PP funtivos de OIND, pode afirmar-se que, com um peso percentual de $\approx 3,6\%$ em termos de ocorrência, a manifestação 'duplicada' de funtivos a ocupar F3, sejam eles PP (preposicionados ou não preposicionados), PRO de tratamento ou N (modalizados), releva de uma pretensão anafórica com fins especificadores. Na verdade, atentando nos esquemas frásticos representados em (ii), (iii), (iv) e (v) e de acordo com os dados avaliados do corpus -

amostra obtida, dir-se-á ser a ocorrência de PP functivo de OIND o produto da selecção do alocutário com pretensão de reforçar a informação que deles é consentida. Ainda que não haja pertinência sintáctica que motive a coocorrência de functivos a ocupar espaço de F3 (certamente é essa a razão que pode eventualmente explicar a ocorrência elevada de $\approx 25,5\%$ de estruturas (i)), a presença de PP functivo de OIND (observem-se nas notações g. a n. o destacado a negro) é tomada como uma fórmula intencional de subsidiariedade da informação que se pretende comunicar de forma prioritária.

Para finalizar esta parte merece ser afirmado que a participação do PP na estruturação frástica legitima a consideração de opções, tomadas pelos alocutários-dadores, advindas preferencialmente da informação particular que se pretendeu actualizar numa situação discursiva concreta. Na verdade, a ocorrência de PP revelou conter propriedades informativas específicas que, no âmbito da configuração da FR, exigiram ser estabelecidas.

Resumindo: reconhece-se que a escolha, por parte dos alocutários, de uma ou de outra convocatória sintagmática da ocorrência de PP provoca uma diferenciação informativa, ainda que o significado global da FR se mantenha (resultado da manutenção das F sintácticas e semânticas)⁴⁶, sendo o fluxo informativo resultante da estrutura 'duplicada' de PP de pretensões de destaque e de evidência. O índice percentual da ocorrência de PP functivos de SUJ, de OD e de OIND no corpus – amostra obtida – aferido (e que atinge valores de frequência estatística como, respectivamente, $\approx 36,8\%$, $\approx 24,6\%$ e $\approx 38,6\%$), associado à formatação informativa resultante, permite sobretudo avaliar o lugar proeminente ocupado por este mecanismo estrutural entre os recursos de dinâmica informativa existentes no sistema linguístico do corpus – amostra teórica (população-alvo).

⁴⁶ Inscrevendo-se com um papel activo no processo de articulação entre posição dos constituintes e efeitos comunicados produzidos, da análise efectuada decorre a aceitação de uma interpretação baseada nas funções informativas admitidas pela disposição dos monemas/sintagmas na FR, ainda que se possa enfrentar algumas nebulizações de natureza operacional, nomeadamente relacionadas com a dominância do chamado esquema-padrão de SVO, sinalizado por critérios de primazia sintáctica e semântica.

+

conclusão

O.

No âmbito da perspectiva de análise que veio a ser defendida ao longo desta dissertação (sobre a qual o olhar de linguistas se viu obrigatoriamente apoiado com instrumentos teóricos 'modelados' obtidos por abstracção dos dados experimentais observáveis no corpus - amostra obtida), sentiu-se uma certa legitimidade em se ter procedido a adaptações e à conciliação de pontos de vista.

Na verdade, ainda que se tenha renunciado a alguns dos componentes de cada uma das perspectivas, a visão integrada de análise que se experimentou proporcionou a complementaridade de ópticas mais diferenciadas.

Recorde-se que o corpus - amostra avaliado partiu de registos captados em situações reais de alocação. Nele participaram, por um lado, alocutários como dadores que, pelo perfil manifesto de colocutores protótipo, não tiveram presente o sistema de variedade da língua actualizado (as unidades significantes, de significação, e as possíveis relações opositivas); por outro, linguistas que, para analisarem os dados fornecidos, efectuaram obrigatoriamente cortes delimitadores justificativos dos domínios da fonologia e das considerações sobre sintaxe e semântica (campo informativo).

Ao se considerar que a função principal da variedade da língua admitida como corpus - amostra teórica é rentabilizar a comunicação entre indivíduos, ou seja, é inserir socialmente o alocutário dentro de uma comunidade linguística, tornou-se legítimo confinar as estruturas avaliadas ao produto da experiência comunicada ou a comunicar e à necessidade de assegurar este processo, naturalmente regulado, o melhor possível.

Destas contingências, e de todas as observações sustentadas e acauteladas pela descrição dos factos ao longo do presente trabalho, decorrem as conclusões que se expõem de seguida e que retomam, de forma sucinta, o percurso efectuado.

Reconhecem-se as influências de princípios teóricos básicos (perfilhados de um quadro operatório suscitado essencialmente por André Martinet para o francês e por J. Morais

Barbosa para o português), avançadas por meio da pertinência funcionalista, da face significativa distintiva, da relação de determinação, do significado e do conteúdo semântico-informativo.

Não sendo totalmente inovador, o modelo em que a descrição apresentada se insere tornou-se pessoalizado pelo facto de se enquadrar numa visão complementar inspirada na opção teórico-metodológica de fonética perceptiva e de um funcionalismo bastante próximo dos dados computados de um corpus tornado amostra representativa da população-alvo.

Não será demais reiterar que a explicitação da unicidade da variedade do português em uso no espaço geográfico delimitado exigiu e conservou o grau de abstracção necessário a qualquer descrição de índole científica.

Na verdade, a preocupação teórica que subjaz ao trabalho apresentado resulta de uma perfilagem teórico-metodológica à luz da qual se descreveu o saber linguístico dos alocutários-dadores tidos como arquétipos, numa tentativa de explicitar a estrutura interna do sistema considerado. De acordo com esta posição, a orientação impressa manteve-se em independência equilibrada com o cuidado de que o produto linguístico existe em si, apoiando-nos numa concepção que exclui todos os condicionamentos sócio-culturais e ideológicos a que os alocutários estavam e foram submetidos. Por outro lado, o estudo da variedade apresentada não pôde obviamente renegar a interacção entre o individual e o social que se realiza ao nível de actos de alocução; aliás, a concepção de variedade linguística com a qual se fundamenta este estudo comporta em si a dinamicidade dessa interacção. Se se tivesse partido do entendimento de que a variedade linguística a descrever em termos do seu funcionamento constituiria um sistema homogéneo e fechado no que diz respeito à rigidez da sua estrutura interna, ter-se-ia disposto um ponto de vista segundo o qual essa variedade se impunha de forma inexorável ao indivíduo/alocutário que dela fazia uso. Ora, não se aceitando passivamente a rigidez da estrutura, tornou-se possível demonstrar que o indivíduo enquanto alocutário actua sobre essa estrutura, de acordo com os moldes da sua inserção em contexto: as variantes livre e/ou individuais são disso exemplo.

Na sua relação com o sistema linguístico, o alocutário-dador desempenhou um papel activo na medida em que se viu obrigado à selecção por entre as várias possibilidades estruturais que a ele se ofereceram. Essa selecção foi operada em todos os níveis (em estudo, de forma mais acurada, o fonológico, assistido por alguns apontamentos no campo sintáctico-semântico/informativo), pois em cada um deles disponibilizaram-se distintas possibilidades de expressão. Por outro lado, essa selecção foi igualmente realizada de acordo com o valor que cada alocutário-dador atribuiu a cada uma das possibilidades linguísticas disponíveis, ao tipo de relação social que o unia ao seu alocutivo e à função linguística que desejou exercer nessa interacção comunicativa, tendo obviamente tido sempre em conta imperativos de ordem experiencial.

Sendo assim, constituiu sempre sustentáculo do estudo realizado a importância desta complexa rede de factores cruciais à consubstancialização e organização das mensagens.

Isto significa que na direcção dos trabalhos desta investigação estiveram sempre em julgamento, por um lado, os princípios teórico-metodológicos que presidem à construção do objecto variedade do português em uso no espaço geográfico circunscrito como alvo teórico — considerando-se o facto de eles (en)formarem satisfatoriamente determinações que garantem a viabilidade comunicativa do objecto —, e, por outro lado, os procedimentos práticos que demonstram a adequação da representação operacional às manifestações imediatas do objecto.

Não será ainda demais reiterar que, deste procedimento, não se excluiu a noção de um estado de língua em permanente mudança e, conseqüentemente, a projecção de fenómenos de variantes enquanto actualizadores, a cada momento, desses processos de mudança efectivos e/ou possíveis.

A análise do modo de funcionar do português em uso pela população teórica da Beira Interior possui uma base fonológica funcionalista cuja descrição complexa se tornou suficientemente ampla para que abrangesse todas as unidades distintivas activas, sendo evidente que a descrição dos usos concretos dos alofones perceptíveis se encontra associada à contextualização silábica da unidade significante.

É agora propenso o momento de organizar as conclusões às quais se chegou através da análise e da avaliação a que o corpus constituído como amostragem foi submetido.

As terminações dispostas acompanharão o princípio de, numa forma sintetizada, recuperarem a análise e, essencialmente, as hipóteses de descrição que foram sendo circunscritas ao longo da dissertação.

1.

Atendendo aos traços característicos das unidades fonemáticas, de propriedades sistémicas, postulados em função da análise da apresentação fonológica, tornam-se legítimas as seguintes estruturas classificativas:

1.1. sistema vocálico:

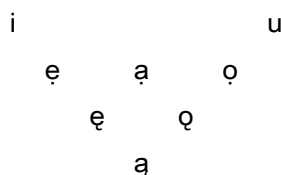
Os fonemas vocálicos activam-se em dois subsistemas: o subsistema dos fonemas em contexto de sílaba acentuada ($\approx 52,6\%$) e o dos fonemas em contexto de sílaba não acentuada ($\approx 53\%$), sendo este subdividido, por sua vez, num sistema de classificação em contextos de pós-acentuado e de pré-acentuado.

Para a estruturação destes subsistemas, as unidades vocálicas foram parametreadas de acordo com a pertinência verificada essencialmente na relação entre a configuração do ar pulmonar egressivo concedida pela cavidade supraglótica (segundo a posição da língua e dos lábios) — a série — e o grau de abertura da estrutura bucal — a ordem —.¹

1.1.1. sistema vocálico acentuado (cf. II, 1.):

As unidades fonemáticas que apresentaram um grau idêntico de abertura do esqueleto bucal/dental situam-se na mesma linha horizontal; nas linhas verticais, da esquerda para a direita, encontram-se distribuídas por localização «anterior», «central» e «posterior», respectivamente.²

Assim:



1.1.1.1.

Em relação às unidades vocálicas descritas em posição de sílaba acentuada, é tido como dever, neste momento conclusivo, afirmar o rendimento funcional de cada uma delas, considerando os dados estatísticos equacionados pelo peso percentual das ocorrências.

¹ Relembra-se que a terminologia adoptada na classificação/descrição dos segmentos fonológicos vocálicos e consonânticos, convencionada metaforicamente, condensa em si os parâmetros classificatórios do processo articulatorio da realização dos segmentos fonéticos (e, de forma menos incidente nesta perspetivação de análise, da acústica e da percepção). Assim, foram igualmente considerados, na classificação dos segmentos quer vocálicos quer consonânticos, informações advenientes do papel das cordas vocais e do véu palatino.

² Pelas razões já admitidas, quer em I, 5.: 3. e 4. quer na apresentação feita em II, 1. a 3., e que se prendem com o carácter pertinente dos traços, não se sentiu necessidade de aqui se criarem matizes que explicitem que /i/, /e/ e /ɛ/ (do sistema vocálico acentuado, por exemplo) são unidades vocálicas «anteriores» ou «palatais», ou ainda «não-posteriores» ou «não-velarizadas». A identificação de /i/, /e/ e /ɛ/ como mais anteriores que palatais retiraria não só a capacidade descritiva ao modelo que se reclama, como conturbaria a característica da não redundância funcionalista. Por outro lado, a questão deste item transcenderia largamente a análise fonológica que se pretendeu encetar: na verdade, trata-se apenas de uma questão de ordem terminológica, pois é sabido que «anterior» identifica o mesmo que «palatal» (ou «não-velarizada»), assim como «posterior» indica o mesmo que «velarizada» (ou «não-palatal»).

Os resultados obtidos pela computação da amostra obtida (cf. ANEXOS i-a a xi-b) são resumidos nos quadros que se seguem, onde se cruzam informações sobre percentagem de ocorrência e subcontextos silábicos.

De forma a que a leitura dos dados participe também no conhecimento sobre a rendibilidade dos fonemas vocálicos, os quadros serão graduados no sentido de percentagem de maior ocorrência para a menor ocorrência.

Assim:

1.1.1.1.1. fonema «central aberto» (/a/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta ≈86,80%
- b) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas ≈8,68%
- c) de +/-S./ ≈2,35%

1.1.1.1.2. fonema «anterior abertura 3» (/ɛ/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta ≈60,4%
- b) de +/-L.+CONSOANTE-/ ≈2,2%
- c) de +/-R./ ≈20,9%
- d) de +/-S./ ≈12,1%
- e) de +/-w./ ≈4,4%

1.1.1.1.3. fonema «anterior abertura 2» (/ɐ/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta ≈80,3%
- b) de +/-L.+CONSOANTE-/ ≈,4%
- c) de +/-R./ ≈12,2%
- d) de +/-S./ ≈5,5%
- e) de +/-w./ ≈1,7%

1.1.1.1.4. fonema «posterior abertura 2» (/ɔ/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta ≈ 52,25%
- b) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas ≈15,17%
- c) de +/-L.+CONSOANTE-/ ≈2,25%
- d) de +/-R./ ≈7,87%
- e) de +/-S./ ≈2,25%
- f) de +/-j./ ≈8,99%

1.1.1.1.5. fonema «posterior abertura 3» (/ɒ/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta ≈62,18%
- b) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas ≈5,88%

- c) de +/-L.+CONSOANTE-/ $\approx 2,52\%$
- d) de +/-R./ $\approx 8,40\%$
- e) de +/-S./ $\approx 1,68\%$
- f) de +/-j./ $\approx 5,88\%$
- g) de +/-jS./ $\approx 1,68\%$

1.1.1.1.6. fonema «anterior abertura 1» (/i/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta $\approx 31,56\%$
- b) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas $\approx 11,48\%$
- c) de +/-L./ $\approx 1,23\%$
- d) de +/-L.+CONSOANTE-/ $\approx 4,41\%$
- e) de +/-N./ $\approx 3,69\%$
- f) de +/-R./ $\approx 2,46\%$
- g) de +/-S./ $\approx 1,64\%$

1.1.1.1.7. arquifonema «posterior» (/O/), computado em subcontexto:

- a) de +/-L./ $\approx 3,36\%$
- b) de +/-L.+CONSOANTE-/ $\approx 5,88\%$
- c) de +/-N./ $\approx 11,76\%$
- d) de +/-S./ $\approx 8,84\%$
- e) de +/-jN./ ou +/-jNS./ $\approx 8,84\%$
- f) de +/-w./ $\approx 8,40\%$

1.1.1.1.8. arquifonema «central» (/A/), computado em subcontexto:

- a) de +/-L./ $\approx 6,3\%$
- b) de +/-L.+CONSOANTE-/ $\approx 1,35\%$
- c) de +/-N./ $\approx 6,92\%$
- d) de +/-R./ $\approx 7,10\%$
- e) de +/-j./ $\approx 1,44\%$
- f) de +/-jS./ $\approx 0,9\%$
- g) de +/-jN./ ou +/-jNS./ $\approx 1,26\%$
- h) de +/-w./ $\approx 1,08\%$
- i) de +/-wN./ ou +/-wNS./ $\approx 5,85\%$

1.1.1.1.9. arquifonema «anterior» (/E/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas $\approx 5,30\%$
- b) de +/-L./ $\approx 7\%$
- c) de +/-N./ $\approx 7,4\%$

- d) de +/-j./ ≈5,9%
- e) de +/-jS./ ≈,17%

1.1.1.1.10. fonema «posterior abertura 1» (/u/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba aberta ≈9,12%
- b) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas ≈2,39%
- c) de +/-L./ ≈,23%
- d) de +/-L.+CONSOANTE-/ ≈,11%
- e) de +/-N./ ≈,80%
- f) de +/-R./ ≈,68%
- g) de +/-S./ ≈,80%
- h) de +/-j./ ≈,23%
- i) de +/-jN./ ou +/-jNS./ ≈,11%

1.1.1.1.11. fonema «central fechado» (/a/), computado em subcontexto:

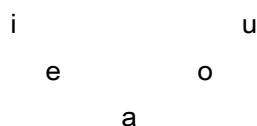
- a) de sílaba aberta ≈3,16%
- b) de sílaba aberta +«palatais» ou +«chiantes» heterossilábicas ≈,38%
- c) de +/-S./ ≈,13%

1.1.1.2. Perante a observação dos dados evidenciados, merece menção o facto de o sistema vocálico posicionado em sílaba acentuada disponibilizar um leque mais variado de potencialidades fonemáticas, especialmente ao nível da amplitude de fonemas ocorrentes.

De forma mais específica, o subsistema vocálico no qual as unidades vocálicas atingem um nível de rendibilidade funcional expressivamente mais elevado reside em contexto acentual de sílaba aberta.

Do lado oposto, em termos de rendibilidade, os contextos de +/-L.+CONSOANTE-/ , +/-S./ , +/-jS./ , +/-jN./ ou de +/-jN/ e +/-jNS./ apresentam pesos percentuais de ocorrência pouco, ou muito pouco, expressivos.

1.1.2. sistema vocálico pós-acentuado (cf. II, 2.):



1.1.2.1. No caso da inserção das unidades vocálicas nos subcontextos definidos na sistematização fonológica pós-acentuada, além de se considerar a rendibilidade funcional de cada fonema atendendo à representação percentual que cada unidade fonológica estabelece

com as outras unidades do paradigma (cf. também ANEXOS i-a a xi-b), apresenta-se informação estatística que cada unidade fonemática vocálica assume nos subcontextos em que foi verificada e descrita.

Assim, são as seguintes as representações esquemáticas da frequência de ocorrências, ordenadas no sentido da que se afirma mais rentável à menos rentável:

1.1.2.1.1. arquifonema «anterior» (/e/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba final aberta ≈54,9%
- b) de sílaba final +/-L./ ≈,50%
- c) de sílaba final +/-S./ ≈3,1%
- d) de sílaba não final +/.CONSOANTE-/ ≈2,32%

1.1.2.1.2. fonema «posterior abertura 1» (/u/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba final aberta ≈53,93%
- b) de sílaba final +/-S./ ≈,57%
- c) de sílaba final +/-N./ ≈,11%
- d) de sílaba não final +/.VOGAL-/ ≈,11%
- e) de sílaba não final +/.CONSOANTE-/ ≈1,02%

1.1.2.1.3. arquifonema «central» (/a/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba final aberta ≈45,95%
- b) de sílaba final +/-R./ ≈,09%
- c) de sílaba final +/-S./ ≈3,69%
- d) de sílaba final +/-jN.³ ou +/-wN./ ≈,18%
- e) de sílaba não final +/.CONSOANTE-/ ≈,36%

1.1.2.1.4. fonema «anterior abertura 1» (/i/), computado em subcontexto:

- a) de sílaba final aberta ≈,20%
- b) de sílaba final +/-L./ ≈,20%
- c) de sílaba final +/-R./ ≈,20%
- d) de sílaba não final +/.VOGAL-/ ≈5,33%
- e) de sílaba não final +/.CONSOANTE-/ ≈5,59%

³ Porque o índice percentual de ocorrência evidencia um peso estatístico pouco relevante, não é neste espaço conclusivo explícita a possível coexistência de sistemas entre as estruturas fonológicas /-ajN./ e /-ejN./.

De forma mais pormenorizada, cf. a descrição do modo de funcionamento desta particularidade do sistema em II, 2.: 1.5..

1.1.2.1.5. arquifonema «posterior» (/o/), computado em subcontexto:

a) de sílaba final +/-L./ \approx 84%

1.1.2.2. Se, por um lado, da análise estatística da frequência das unidades vocálicas do sistema em contexto pós-acentuado, é permitido equacionar o carácter funcional, o menos difuso possível, dos fonemas computados, por outro, o peso percentual da ocorrência de certas unidades fonológicas é também ele expressivo da eventual probabilidade à redução dos subsistemas.

1.1.2.2.1.

De facto, de forma mais particularizada, poder-se-ão observar ocorrências cujo índice percentual, computado numa equação de relação ao corpus - amostra obtida, é muito baixo: são casos de particular atenção valores como \approx 0,05%, cuja percentagem claramente manifestativa

de carga funcional muito pouco rentável. Com igual procedimento, manifestam-se pouco rentáveis no sistema pós-acentuado unidades como a «anterior» /i/ (\approx 11,52%) e como a «posterior» /o/ (\approx 84%).

De forma oposta, o carácter rentável mais expressivo da unidade «anterior» /e/ ou da «posterior» /u/ está fundamentado por um tributo que atinge, em termos percentuais, os \approx 61,27% e os \approx 55,74% em termos de ocorrência.

1.1.2.2.2. Ainda que das percentagens de ocorrência de baixa rendibilidade não possa ser linear uma leitura de possível dinâmica de interferência redutiva dos subsistemas, elas não devem ser inobservadas da composição estrutural do sistema.

De facto, atendendo aos dados computados, é possível extrair duas observações: o desequilíbrio aferido no peso percentual entre o conjunto dos subsistemas formados em sílaba não final de estruturas fonológicas /VOGAL. + .VOGAL-/ e /VOGAL. + .CONSOANTE-/ (cujo resultado no âmbito do sistema fonológico do corpus – amostra obtida não ultrapassa os \approx 8,03%) e o conjunto dos subsistemas equacionados em contexto final de sílaba (\approx 66,65%).⁴

A segunda observação faz mencionar a instabilidade de subsistemas contextualizados em sílaba final entravada por /-N./ (\approx 0,05%), por /-jN./ ou por /-wN./ (\approx 1%), por /-L./ (\approx 25%) ou por /-R./ (\approx 1%). Do lado oposto, com índice alto de rendibilidade (a atingir \approx 62,25% das ocorrências), o subsistema contextualizado em sílaba final aberta, isto é, em final absoluto de unidade acentual, preserva um grau de produtividade elevado.⁵

⁴ Cf. IV: 1.1.2.4. infra para a visualização esquematizada dos valores aqui correlacionados.

⁵ Deve ser mencionado que os resultados aferidos resultam da computação de dados cujas unidades foram especificamente segmentadas em contexto de pré pausa na linearidade da alocução.

1.1.2.3. Atendendo a estas últimas anotações, resultantes da análise estatística dos dados computados na amostragem, devem ainda ser expostas as eventuais condicionantes que afectam o nível reduzido de vitalidade dos subsistemas.

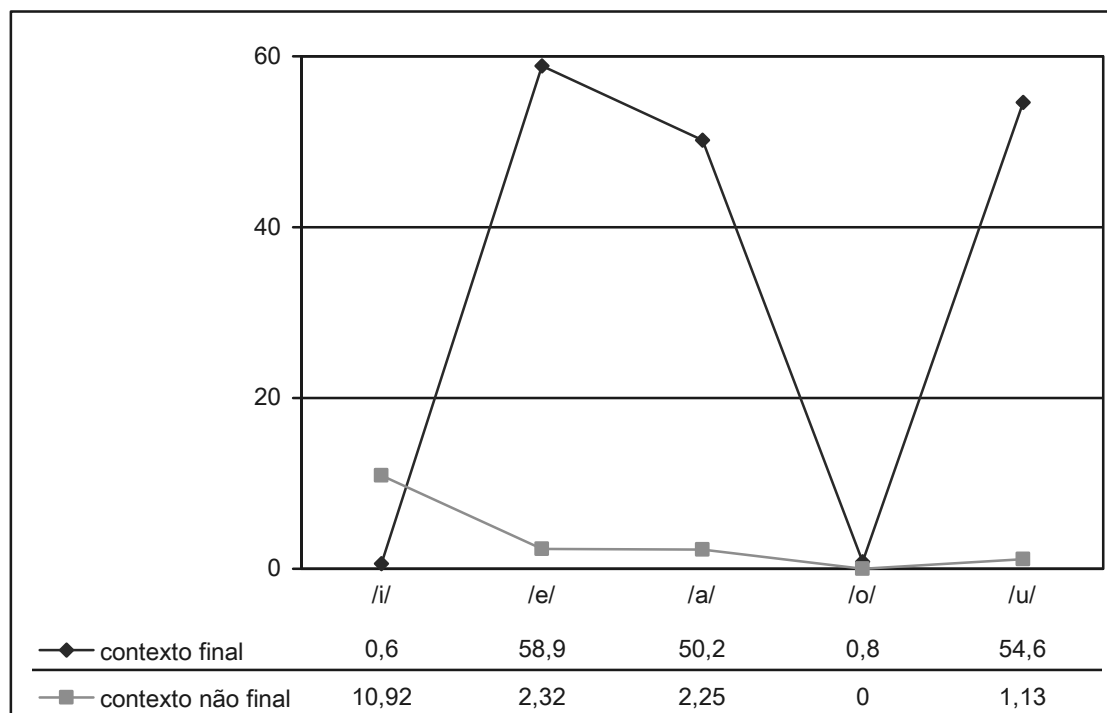
Relacionar-se-á a dimensão muito pouco rentável do subsistema vocálico pós acentuado em final de sílaba + /-L./ (\approx 25%) com o facto de o arquifonema «lateral» inscrito em contexto final de sílaba atingir o peso de baixa expressividade \approx 5.8% das ocorrências no âmbito da amostragem representativa? Ou mensurar-se-á o nível percentual alcançado pelas ocorrências em contexto vocálico pós-acentuado + arquifonemas «nasal» ou «vibrante» em idêntica posição silábica de final absoluto com o peso percentual resultante da equação das ocorrências destes arquifonemas em posição final de sílaba (\approx 23,7% e \approx 13,7% respectivamente)?

Causará estranheza adicionar a estes valores, já por si indicadores da debilidade dos referidos subsistemas, o peso percentual atingido pelas ocorrências de todas as possíveis configurações silábicas resultantes de estruturas /VOGAL + L, N ou R/?

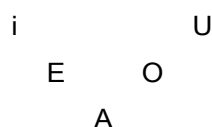
Ainda que se possa reclamar a imprecisão da análise resultante de parcelas contextualmente distintas,⁶ não serão indicadores da vulnerabilidade destes arquifonemas os valores computados cuja média de ocorrência se mantém abaixo de \approx 1%? Já para não se evocarem os fenómenos de acréscimo fonético descritos na análise da manifestação dos fonemas (cf. II, 2.: 1.2..) que, por sua vez, podem levantar questões de perspetivação na análise de unidades acentuais enquanto casos de flutuação.

1.1.2.4. Por fim, a distribuição correlacionada de percentagem frequentativa, e consequente rendibilidade funcional em termos de valores de ocorrência confiável, das unidades em posição de relação atendendo aos subcontextos final e não final de unidade acentual ilustra-se dimensionada do seguinte modo:

⁶ Ainda que se admita que, in stricto sensu, não é método deontológico da análise rigorosa a não contextualização das unidades no âmbito da sílaba (acentuada/pós-acentuada/pré-acentuada, ...), como se tem vindo a reclamar na base operatória da descrição das unidades fonológicas, neste momento crê-se que a computação dos dados operados de forma abrangente em relação ao sistema fonológico in lato sensu são pertinentes à observação da vulnerabilidade funcional que se pretende demonstrar.



1.1.3. sistema vocálico pré-acentuado (cf. II, 3.):



1.1.3.1. O grau de abertura que opõe os pares fonológicos /a x ɶ/ e /o x ɔ/ não se apresentou significativo em termos de rendibilidade funcional, na medida em que a sua pertinência apenas ficou testada em alguns subcontextos de sílaba aberta na percentagem de ≈14,29% (/a x ɶ/) e de ≈7,14% (/o x ɔ/) (cf. II, 3.: 1.1. e 2.1., respectivamente) — por isso a opção por se registarem os arquifonemas «central» e «posterior» na apresentação esquemática a nível sumário do sistema adstrito. Por outro lado, a oposição que individualiza os fonemas /ɛ x ɐ/ surgiu neutralizada a ≈99,9% (/E/ ≈71,43%; /e/ ≈28,57%)⁷.

1.1.3.2. À semelhança do tratamento de dados fonemáticos do sistema pós-acentuado, expõe-se de seguida a tradução estatística da rendibilidade funcional, atendendo ao peso percentual das unidades vocálicas inseridas em subcontexto silábico. Para uma visão mais alargada da frequência atinente à relação das unidades vocálicas umas com as outras no âmbito do mesmo subsistema contextual, cf. ANEXOS i-a a xi-b.

⁷ De valor idêntico, a opção pela notação como /E/ ou como /e/ encontra-se justificada pela prática descrita em IV: 1.1.3.3.1. infra.

Veja-se:

1.1.3.2.1. fonema «central fechado» (/a/), computado em subcontexto:

- a) inicial e em sílaba aberta $\approx 21,21\%$
- b) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta $\approx 74,87\%$
- c) inicial +/-d./ $\approx 2,25\%$

1.1.3.2.2. arquifonema «posterior», computado em subcontexto:

- a) inicial e em sílaba aberta $\approx 25,21\%$
- b) inicial +/-j./ $\approx 2,52\%$
- c) inicial +/-N./ $\approx 2,52\%$
- d) inicial +/-R./ $\approx 8,40\%$
- e) inicial +/-S./ $\approx 8,84\%$
- f) precedido de /CONSOANTE-/ +/-j./ $\approx 1,68\%$
- g) precedido de /CONSOANTE-/ +/-N./ $\approx 22,69\%$
- h) precedido de /CONSOANTE-/ +/-L./ $\approx 1,68\%$
- i) precedido de /CONSOANTE-/ +/-NS./ $\approx 2,52\%$

1.1.3.2.3. fonema «anterior abertura 1» (/i/), computado em subcontexto:

- a) inicial e em sílaba aberta $\approx 1,84\%$
- b) inicial +/-N./ $\approx 7,99\%$
- c) inicial +/-R./ $\approx 1,84\%$
- d) inicial +/-NS./ $\approx 6,61\%$
- e) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta $\approx 23,98\%$
- f) precedido de /CONSOANTE-/ +/-w./ $\approx 2,20\%$
- g) precedido de /CONSOANTE-/ +/-N./ $\approx 3,48\%$
- h) precedido de /CONSOANTE-/ +/-S./ $\approx 4,41\%$
- i) precedido de /CONSOANTE-/ +/-L./ $\approx 2,20\%$

1.1.3.2.4. fonema «posterior abertura 1» (/u/), computado em subcontexto:

- a) inicial e em sílaba aberta $\approx 3,34\%$
- b) inicial +/-j./ $\approx 1,11\%$
- c) inicial +/-L./ $\approx 1,11\%$
- d) inicial +/-N./ $\approx 2,23\%$
- e) inicial +/-R./ $\approx 6,68\%$
- f) inicial +/-NS./ $\approx 2,2\%$
- g) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta $\approx 19,38\%$
- h) precedido de /CONSOANTE-/ +/-j./ $\approx 1,11\%$

- i) precedido de /CONSOANTE-/ +/-N./ $\approx 1,25\%$
- j) precedido de /CONSOANTE-/ +/-R./ $\approx 2,05\%$
- l) precedido de /CONSOANTE-/ +/-S./ $\approx 68\%$
- m) precedido de /CONSOANTE-/ +/-L./ $\approx 23\%$

1.1.3.2.5. arquifonema «central», computado em subcontexto:

- a) inicial +/-j./ $\approx 18\%$
- b) inicial +/-w./ $\approx 90\%$
- c) inicial +/-L./ $\approx 1,35\%$
- d) inicial +/-N./ $\approx 1,44\%$
- e) inicial +/-R./ $\approx 90\%$
- f) inicial +/-S./ $\approx 18\%$
- g) precedido de /CONSOANTE-/ +/-j./ $\approx 99\%$
- h) precedido de /CONSOANTE-/ +/-w./ $\approx 09\%$
- i) precedido de /CONSOANTE-/ +/-N./ $\approx 8,18\%$
- j) precedido de /CONSOANTE-/ +/-R./ $\approx 4,32\%$
- l) precedido de /CONSOANTE-/ +/-S./ $\approx 2,16\%$
- k) precedido de /CONSOANTE-/ +/-L./ $\approx 1,35\%$

1.1.3.2.6. arquifonema «anterior», computado em subcontexto:

- a) inicial +/-w./ $\approx 50\%$
- b) inicial +/-N./ $\approx 4,47\%$
- c) inicial +/-S./ $\approx 7,28\%$
- d) precedido de /CONSOANTE-/ +/-j./ $\approx 17\%$
- e) precedido de /CONSOANTE-/ +/-N./ $\approx 2,98\%$
- f) precedido de /CONSOANTE-/ +/-R./ $\approx 1,49\%$
- g) precedido de /CONSOANTE-/ +/-S./ $\approx 1,99\%$
- h) precedido de /CONSOANTE-/ +/-L./ $\approx 33\%$

1.1.3.2.7. fonema «posterior abertura 3» (/q/), computado em subcontexto:

- a) inicial e em sílaba aberta $\approx 84\%$
- b) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta $\approx 10,92\%$

1.1.3.2.8. fonema «posterior abertura 2» (/ɔ/), computado em subcontexto:

- a) inicial e em sílaba aberta $\approx 56\%$
- b) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta $\approx 10,67\%$

1.1.3.2.9. fonema «anterior abertura 2» (/ɐ/), computado em subcontexto:

- a) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta $\approx 9,47\%$

1.1.3.2.10. fonema «anterior abertura 3» (/ɐ/), computado em subcontexto:

a) precedido de /CONSOANTE-/ e em sílaba aberta ≈5,21%

1.1.3.2.11. fonema «central aberto» (/a/), computado em subcontexto:

a) inicial e em sílaba aberta ≈,18%

1.1.3.3. A análise correlacional dos dados aqui empreendida permite salientar alguns aspectos com índice relevante em termos de ocorrência.

Senão observe-se:

1.1.3.3.1. Verificam-se neste sistema vocálico pré-acentuado resultados da neutralização de certas oposições como a do grau de abertura entre /a/ e /a/, que não participa como diferenciada em todos as estruturas silábicas excepto quando se encontram em contexto de posição aberta, quer se posicione em subcontexto de início absoluto de sílaba ou em subcontexto precedido de /CONSOANTE-/. O que também significa que a não activação da pertinência do traço que distingue /a/ de /a/ potenciou, nos restantes subcontextos, a condição de arquifonema «central», notado como /A/.

Relacionado com o mesmo tipo de condições subcontextualizantes, e por força de paralelismo metodológico (e consequente clareza operatória), a oposição /e/ x /e/, que facilmente se observa com um registo nulo de ocorrência, é definida pela notação arquifonemática /e/ sempre que se encontre um campo vazio (arqui)fonemático no subcontexto correspondente: observem-se as situações de neutralização em II, 3.: 2.1., 2.4., 2.5. e 2.6. sem correspondência (campo vazio) em II, 3.: 1.1., 1.4. 1.5. e 1.7.; ou da neutralização em II, 3.: 1.3. sem correspondência (campo vazio) em II, 3.: 2.3.. Semelhante fenómeno ocorre com carácter expressivo com o arquifonema /o/: cf. II, 3.: 1.4., 1.7.e 1.8 em relação a 2.4., 2.6. e 2.7..

1.1.3.3.2. Na medida em que se aceita o factor nível de participação das unidades fonemáticas enquanto potencializador do seu estatuto funcional, deve notar-se que os valores de ocorrência (menos ou mais elevados) podem ser expressivos da propriedade configuracional específica quer do subsistema quer do sistema que enformam, segundo se perspective a dimensão contextual mais ou menos alargada.

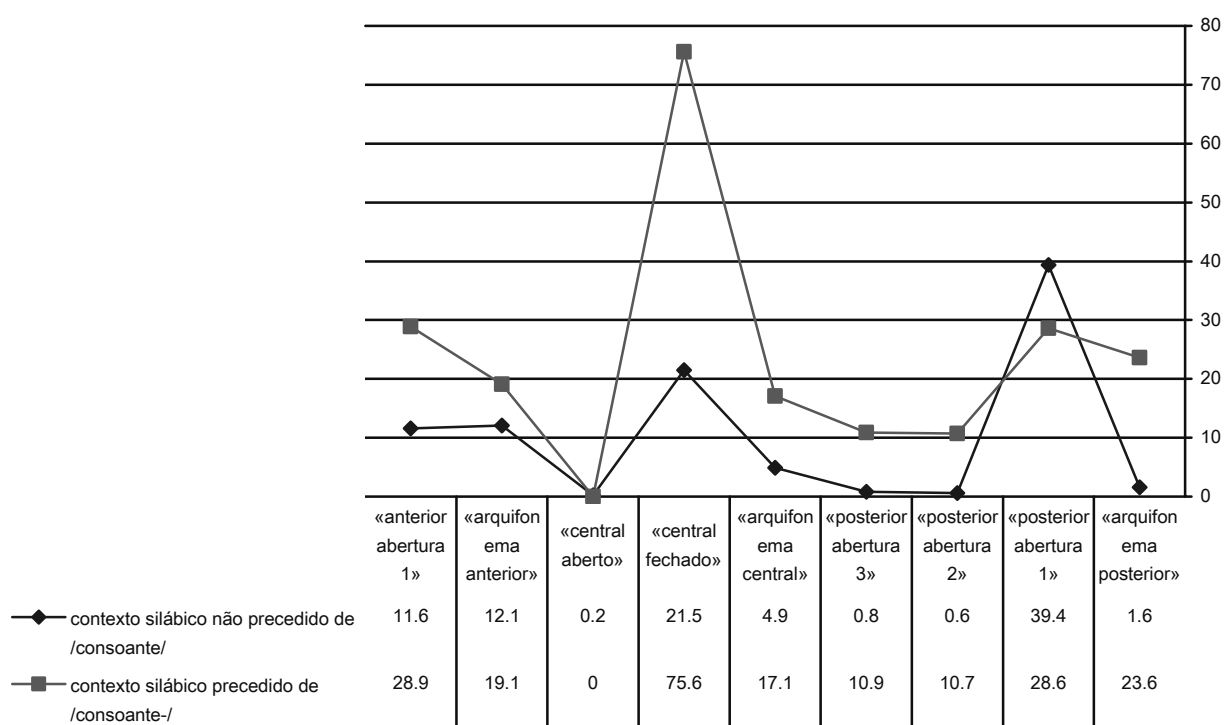
Ou seja, em termos exemplificativos, com base nas amostras independentes já firmadas supra (IV: 1.1.3.2.1. – 1.1.3.2.11.), demarca-se pela fraca rendibilidade a unidade «central aberta» com ≈,18% de ocorrência, ainda que não pareça que se possa questionar a vitalidade do traço pertinente comum da série (isto é, da característica resultante do ponto de articulação) quer na estruturação do subsistema contextualizado em sílaba inicial e aberta (onde se reconhece o carácter compensatório da «central fechada» (≈57,3%) – cf. II, 3.: 1.1),

quer no sistema geral pré-acentuado (de onde se contabiliza a informação estatística de alto valor frequentativo da «central fechada» $\approx 96,33\%$).

Do ponto de vista da relevância das unidades, há que mencionar, a par da informação altamente produtiva da «central fechada» ($\approx 96,33\%$), os valores elevados da frequência do arquifonema «posterior» $\approx 68,06\%$, não subestimando os níveis percentuais de ocorrência como os computados em /i/ ($\approx 40,6\%$), cuja equação percentual afirma necessariamente a vitalidade sistémica do paradigma vocálico pré-acentuado.

1.1.3.3.3. Por último, analisando os dados em amostra emparelhada, é possível verificar as diferenças percentuais ocorridas entre a pertinência das unidades em contexto silábico não precedido de consoante e em contexto silábico precedido de consoante.

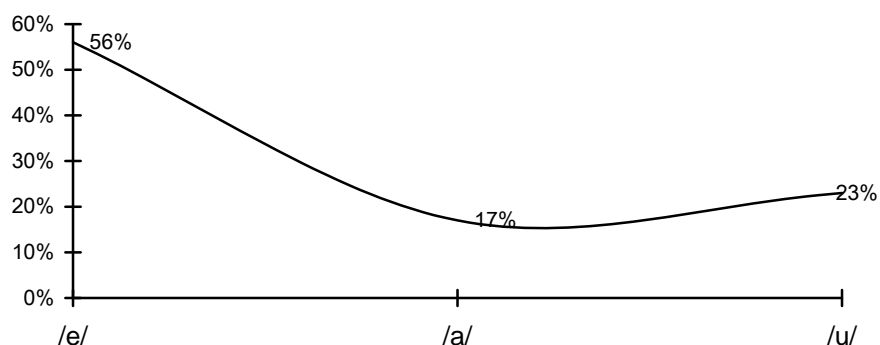
Assim, de modo visual esquemático:



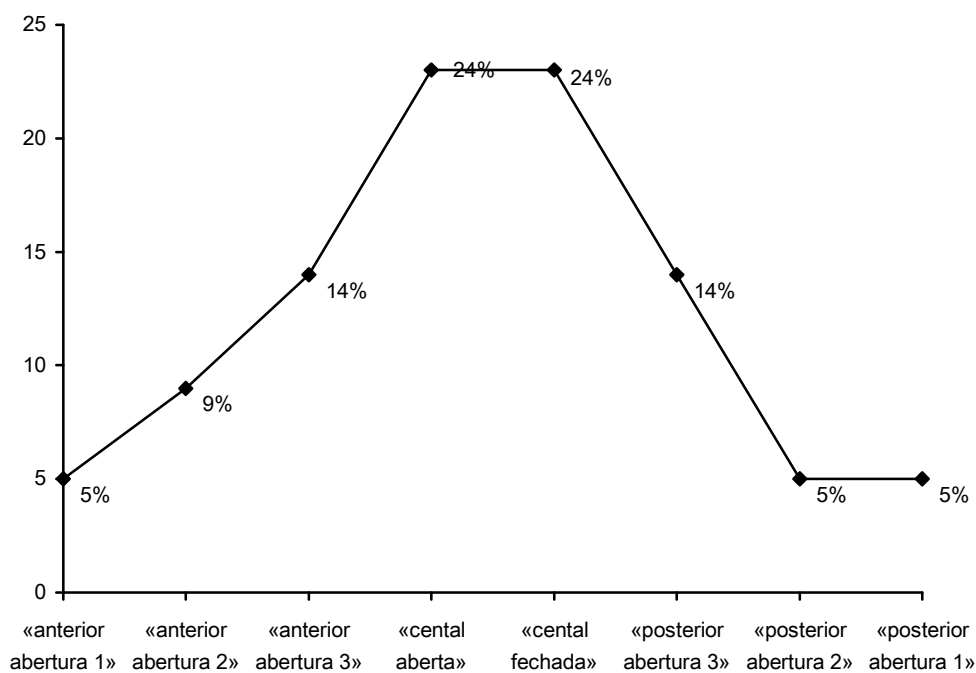
1.1.4. Da análise correlacional dos dados compulsados no sistema vocálico, é ainda permitido avaliar a rendibilidade funcional das unidades fonemáticas em termos de qual é menos ou mais otimizada no âmbito do paradigma dominante. Isto é, sob o prisma do sistema adstrito aos chamados clíticos e do sistema resultante de /VOGAIS EM CONTACTO/, é também possível alargar o nível de informação percentual de ocorrência dos fonemas vocálicos.

Os quadros que se seguem dão conta desses níveis de expressão frequentativa:

1.1.4.1. sistema vocálico dos clíticos (cf. II, 4.):



1.1.4.2. sistema vocálico resultante da combinatória de vogais em momento de locução (cf. II, 5.):



1.1.4.2.1. Na configuração simplificada do sistema vocálico resultante da combinatória de vogais operada na cadeia alocutiva optou-se pela solução, deliberadamente activada, da consideração de momentos de pausa, no sentido de se verificar se a sua ocorrência provocou ou não uma alteração na estruturação contextual sistémica. Foi a operacionalização deste princípio que permitiu a configuração do sistema descrito em II, 7., na medida em que

autorizou um procedimento apto à distinção entre o que é de génese fonemática e o que é de natureza contextual.

Ainda que a análise proposta possa suscitar, como foi já referido, alguma controvérsia, crê-se estar na admissão deste percurso descritivo a identificação estruturada das unidades fonemáticas.

1.2. sistema consonântico:

Do ponto de vista da sistematização sobre a qual se ponderou, o sistema consonântico analisado divide-se em dois grupos, de acordo com as posições silábicas implicadas nessa estruturação: o sistema consonântico computado em posição inicial de sílaba e o sistema consonântico apresentado em final de sílaba.

Relembre-se que, num primeiro grupo, afinou-se a descrição a subsistemas de fonemas consonânticos posicionados em início de unidade acentual; entre fonemas vocálicos segundo o esquema /VOGAL.CONSOANTE+VOGAL/; depois de um fonema consonântico e antes de um fonema consonântico.

À semelhança da configuração conclusiva da estrutura dos sistemas vocálicos adoptou-se pela solução dos mesmos princípios activados pelo peso percentual das unidades fonemáticas aferidas no corpus - amostra obtida (cf. ANEXOS xii-a a xxvi-g).

Assim:

1.2.1. sistema consonântico em contexto inicial de sílaba (cf. II, 6.):

1.2.1.1. fonema «bilabial sonoro não nasal» /b/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈48,55%
- b) de posição intervocálica ≈28,99%
- c) de posição pós-consonântica ≈1,81%
- d) de posição pré-consonântica ≈20,65%

1.2.1.2. fonema «bilabial surdo» /p/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈55,73%
- b) de posição intervocálica ≈17,34%
- c) posição pós-consonântica ≈14,86%
- d) posição pré-consonântica ≈12,07%

1.2.1.3. fonema «bilabial nasal» /m/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈54,77%
- b) de posição intervocálica ≈36,00%
- c) posição pós-consonântica ≈8,92%

d) posição pré-consonântica $\approx 31\%$

1.2.1.4. fonema «labiodental surdo» /f/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 63,22\%$

b) de posição intervocálica $\approx 16,09\%$

c) posição pós-consonântica $\approx 18,39\%$

d) posição pré-consonântica $\approx 2,30\%$

1.2.1.5. fonema «labiodental sonoro» /v/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 32,52\%$

b) de posição intervocálica $\approx 38,37\%$

c) posição pós-consonântica $\approx 24,42\%$

d) posição pré-consonântica $\approx 4,65\%$

1.2.1.6. fonema «apical surdo» /t/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 18,55\%$

b) de posição intervocálica $\approx 28,18\%$

c) posição pós-consonântica $\approx 39,09\%$

d) posição pré-consonântica $\approx 14,18\%$

1.2.1.7. fonema «apical sonoro não nasal não lateral» /d/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 15,96\%$

b) de posição intervocálica $\approx 55,40\%$

c) posição pós-consonântica $\approx 21,83\%$

d) posição pré-consonântica $\approx 6,81\%$

1.2.1.8. fonema «apical nasal» /n/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 21,76\%$

b) de posição intervocálica $\approx 63,73\%$

c) posição pós-consonântica $\approx 14,51\%$

1.2.1.9 fonema «apical lateral» /l/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 30,64\%$

b) de posição intervocálica $\approx 65,11\%$

c) posição pós-consonântica $\approx 4,26\%$

1.2.1.10. fonema «sibilante surdo» /s/, computado em subcontexto:

a) inicial de unidade acentual $\approx 47,65\%$

- b) de posição intervocálica ≈37,12%
- c) posição pós-consonântica ≈15,24%

1.2.1.11. fonema «sibilante sonoro» /z/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈5,12%
- b) de posição intervocálica ≈83,26%
- c) posição pós-consonântica ≈11,63%

1.2.1.12. fonema «chiante surdo» /ʃ/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈27,34%
- b) de posição intervocálica ≈58,59%
- c) posição pós-consonântica ≈13,28%
- d) posição pré-consonântica ≈,78%

1.2.1.13. fonema «palatal lateral» /ɭ/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈2,34%
- b) de posição intervocálica ≈97,66%

1.2.1.14. fonema «palatal lateral» /ɲ/, computado em subcontexto:

- a) de posição intervocálica ≈99,99%

1.2.1.15. fonema «dorsovelar surdo» /k/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈53,86%
- b) de posição intervocálica ≈21,63%
- c) posição pós-consonântica ≈17,00%
- d) posição pré-consonântica ≈7,51%

1.2.1.16. fonema «dorsovelar sonoro» /g/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈19,20%
- b) de posição intervocálica ≈45,54%
- c) posição pós-consonântica ≈21,43%
- d) posição pré-consonântica ≈13,84%

1.2.1.17. fonema «vibrante» /r/, computado em subcontexto:

- a) de posição intervocálica ≈97,79%
- c) posição pós-consonântica ≈2,21%

1.2.1.18. fonema «uvular» /ʁ/, computado em subcontexto:

- a) de posição intervocálica ≈99,03%
- c) posição pós-consonântica ≈,97%

1.2.1.19. fonema «dorsopalatal» /j/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈,93%
- b) posição pós-consonântica ≈,93%

1.2.1.20. fonema «labiovelar» /w/, computado em subcontexto:

- a) posição pós-consonântica ≈40,70%

1.2.1.20.1. sequência fonemática «labiovelar + nasal (+chiante-sibilante)» /wN(S)/, computado em subcontexto:

- a) posição pós-consonântica ≈2,53%

1.2.1.21. arquifonema «lateral» /L/, computado em subcontexto:

- a) posição pós-consonântica ≈15,18%

1.2.1.22. arquifonema «vibrante» /R/, computado em subcontexto:

- a) inicial de unidade acentual ≈16,54%
- b) posição pós-consonântica ≈37,64%
- c) posição pré-consonântica ≈,16%

1.2.1.23. arquifonema «chiante-sibilante» /S/, computado em subcontexto:

- a) posição pós-consonântica ≈,65%

1.2.2. sistema consonântico em contexto final de sílaba e/ou de unidade acentual (cf. II, 7.):

1.2.2.1. fonema «dorsopalatal» /j/, computado a ≈98,15%

1.2.2.1.1. sequência fonemática «dorsopalatal + nasal (+chiante-sibilante)» /jN(S)/, computada a ≈99,99%

1.2.2.2. fonema «labiovelar» /w/, computado a ≈59,30%

1.2.2.2.1. sequência fonemática «labiovelar + nasal (+chiante-sibilante)» /wN(S)/, computada a ≈97,47%

1.2.2.3. arquifonema «lateral» /L/, computado a ≈84,72%

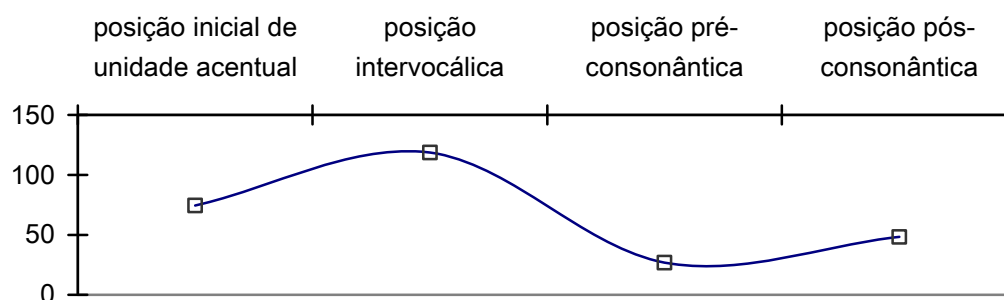
1.2.2.4. arquifonema «nasal» /N/, computado a $\approx 99,99\%$

1.2.2.5. arquifonema «vibrante» /R/, computado a $\approx 45,67\%$

1.2.2.6. arquifonema «chiante-sibilante» /S/, computado a $\approx 99,35\%$

1.2.3. Pela observação do tratamento estatístico das unidades consonânticas, verificam-se algumas propriedades funcionais específicas que, derivadas da produtividade que activam, configuram, de certo modo, o sistema consonântico do universo de estudo estimado.

1.2.3.1. Condicionados pelo peso percentual de ocorrência das unidades contextualizadas em início de sílaba, os subcontextos silábicos podem ser graduados no sentido de maior a menor produtividade com a seguinte esquematização:



1.2.3.2. Relativamente aos valores percentuais equacionados no tratamento das unidades consonânticas, em termos de frequência de ocorrência, merecem reparo algumas observações, indicadoras do carácter mais ou menos funcional dos fonemas de acordo com a linha de pensamento tomada.

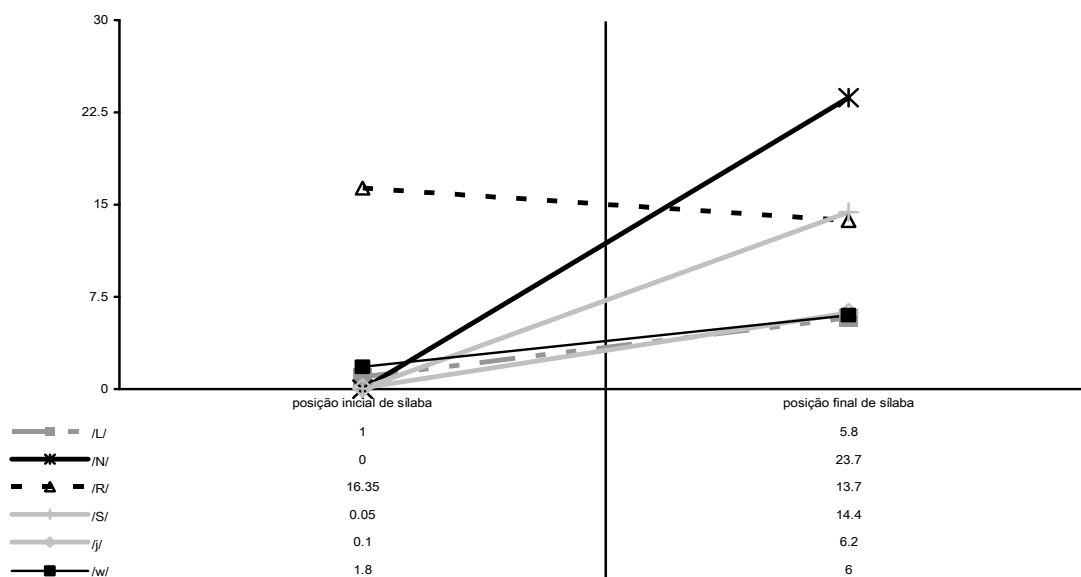
Não será de estranhar que, ainda que os aspectos marcados estejam enquadrados em contextos distintos, isto é, de início de sílaba e de fim de sílaba, seja possível determinar efeitos de correlação dos dados entre os dois subsistemas.

Esclarecidos estes aspectos, crê-se ser importante enfatizar o carácter mais rentável das unidades /-N./, /-S./ e /-j./ e das sequências fonemáticas /-jN(S)./ ou /-wN(S)./ em contexto final de sílaba e/ou de unidade acentual contraposto ao nível de fraca vitalidade em contexto inicial de sílaba: /-N./ e /-jN(S)./ apresentam um valor frequentativo estatisticamente quase nulo ($\approx 0,09\%$), que poderá vir a ser explicado quer pela neutralização do carácter opositivo de /m/ x /n/ x /ɲ/, representada pelo arquifonema /N/, quer pela configuração combinatória da sequência /-jN(S)./.

De forma mais clara em termos visuais, apresenta-se de seguida um quadro de correspondências entre o peso percentual das unidades /L/, /N/, /R/, /S/, /j/ e /w/ (todas as

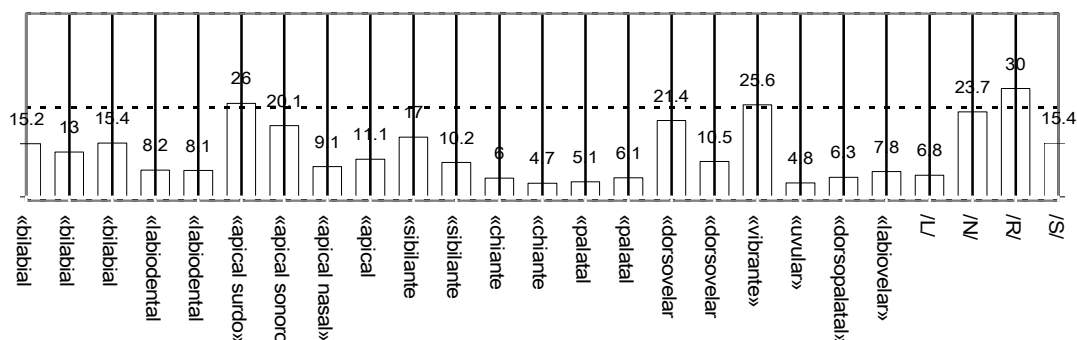
outras unidades, de acordo com o corpus – amostra obtida, atingem $\approx 0\%$ em termos de frequência de ocorrência em posição final de sílaba e/ou de unidade acentual), atendendo às estruturas

subcontextuais:



Ainda que de uma avaliação dilatada se trate, poder-se-á apreciar o nível de produtividade de cada unidade (arqui)fonemática no sistema consonântico total do corpus - amostra.

Assim:



1.2.3.3. No âmbito das estruturas configurativas dos grupos consonânticos, os quais, naturalmente, por força da ocorrência, sugerem as regularidades composicionais da sílaba (daí ter-se já afirmado que a estrutura /CV./ é a arquitectura mais expressiva),⁸ procurou-se também verificar o peso percentual atingido pelas unidades fonemáticas na composicionalidade de grupos /CCV./, avaliado nos subcontextos de posição pré-consonântica e de posição pós-consonântica.

Os dados de frequência estatística apurados são potencialmente indicadores da força dos mecanismos de agrupamento fonemático entre os processos de formação silábica de língua portuguesa.

Não aliviando o assunto sobre a matéria silábica da unidade acentual, merecedora de um estudo acurado, reserva-se este espaço para a leitura de alguns dos valores computados entendidos como marcadores expressivos do edifício 'unidade acentual'.

Observe-se os seguintes valores percentuais aferidos para as unidades fonemáticas computadas em subcontexto:

/.PRÉCONSOANTE-/ + /-PÓSCONSOANTE-/ + /-VOGAL/	
/pL/	≈ 2,03%
/pR/	≈ 5,36%
/bL/	≈ 1,18%
/bR/	≈ 10,0%
/mL/	≈ ,69%
/mR/	≈ 2,99%
/fL/	≈ 1,30%
/fR/	≈ 3,72%
/vR/	≈ 5,4%
/tL/	≈ 3,52%

⁸ Cf. I, 5.: 6.

/tR/	≈ 17,19%
/kL/	≈ ,85%
/kR/	≈ 4,44%
/gL/	≈ 2,40
/gR/	≈ 7,91
/lR/	≈ ,86%
/nR/	≈ 2,69%
/dR/	≈ 1,49%

1.3. Da descrição do sistema fonológico, quer vocálico quer consonântico, há ainda a salientar alguns pormenores de análise que, embora de cariz mais ou menos pontual, são merecedores de uma reafirmação essencialmente devida às implicações performativas nomeadas ao longo da análise.

Deste entendimento refiram-se os fenómenos de variação fonética de certos fonemas a partir dos quais, no âmbito de uma leitura lexical (cuja dimensão será apenas referida, em forma de apontamento), poder-se-á questionar a possibilidade de as variantes computadas com um nível percentual de uso mais rentável tornarem, ou não tornarem, mais consistente o resultado de escolha de umas unidades em exclusão de outras.

Por outras palavras, revelou-se de difícil operacionalização marcar de forma precisa em que ponto se situa a fronteira na qual os alofones perceptíveis de fonema constituem a manifestação perceptível de um outro fonema.

Mesmo que se invoque o nível de confiança estatístico aferido na análise do corpus - amostra obtida, será de admitir que são as variantes enquanto tal, sejam elas inventariáveis de forma mais ou menos delimitada (isto é, constituam elas formas contextuais ou combinatórias, manifestações complementares, propriedades físicas individuais e/ou livres), que autorizam o funcionamento do sistema da variedade linguística e, por conexão, o uso mutável da língua portuguesa.

2.

Ao nível da descrição dos V e dos PP (cf. III), a investigação encetada começou por procurar não apenas a manifestação formal dotada de um conteúdo significativo idêntico em

todas as ocorrências, tendo incidindo com detalhe no que existe em termos informativos nas diversas utilizações dos monemas: de facto, foram considerados não só os efeitos do uso de um monema/sintagma verbal e de PP na FR, mas também os efeitos do uso de estruturas constituídas em momento de alocução.

É de reafirmar que, ainda que necessariamente acautelados com a eventual confusão entre o que é da responsabilidade do SV (formas temporais) e de PP e o que decorre de outros monemas na FR, a descrição dos dados computados partiu essencialmente da combinatória sintáctica dos valores em relação contextual enquanto potencia de efeitos de sentido: do pacto equilibrado entre as unidades quer de V quer de PP e o contexto, todos com pertinência sintáctica e semântica, como se verificou, processou-se a identidade de cada unidade construída em relação com as outras unidades do sistema analisado no corpus – amostra obtida.

As formas de tempos V e de PP, cujo comportamento se descreveu, apresentam níveis de produtividade distintos.

Tendo-se orientado este trabalho organizando as conclusões gerais decorrentes também do proveito da ferramenta estatística verificadora de índices percentuais de ocorrências, recuperam-se agora as hipóteses de descrição e análise efectuadas, atendendo-se maioritariamente à relação directa equacionada entre percentagem validada/produtividade e rendibilidade funcional.

Assim, do mesmo modo pelo qual já se expuseram precisões a nível dos índices percentuais de unidades fonemáticas, estabelecidas em relação umas com as outras, se se compararem os pesos percentuais de cada SV e de cada PP em inserção frástica, obtêm-se as seguintes informações:

2.1. No que diz respeito ao SV (formas temporais):

- a) as formas não determinadas temporalmente são responsáveis por $\approx 55,1\%$ das ocorrências;
- b) a frequência de SV determinado por «pretérito» está representada por $\approx 25,3\%$ do total das ocorrências;
- c) a determinação por «passado» ocupa o terceiro lugar no universo alvo de estudo, com um peso percentual que atinge $\approx 17,1\%$;
- d) o SV determinado pelo «futuro» apresenta uma percentagem de ocorrências muito reduzido, totalizando um nível de $\approx 3,8\%$.
- e) Numa última alínea, é de evidenciar a frequência das formas 'cristalizadas' que, no seu conjunto, atingem uma relevância de $\approx 12\%$ das ocorrências.

2.1.1. É um facto linguístico que os níveis de produtividade estão estreitamente relacionados com a interacção operada entre as unidades, perspectivadas todas como

potencias semântico-temporais. Como foi fenómeno defendido ao longo da análise efectuada, desta interacção decorre a actualização das unidades em formatos semântico-temporais distintos, tendo em conta a perspectiva assumida essencialmente a partir do marco referencial.

2.1.1.1. Dominante em termos de uso, ficou já observado que o comportamento dos SV não determinados temporalmente se prende em forte medida com a ancoragem que permite em relação ao momento de alocação.

Quanto à pluralidade de perspectivas que se configuram a partir do marco referencial, aferidas também elas com pesos percentuais variados (o sentido mais comum activado pela forma é o enunciativo, com uma verificação de $\approx 34,5\%$ de ocorrências; sendo o sentido habitual o menos usado ($\approx 5,7\%$); com índices de valor intermédio aferiram-se o sentido actual ($\approx 14,9\%$) e o sentido permanente ($\approx 11,5\%$).

Em relação ao sentido de informação contextual cristalizada (apurou-se o peso percentual indicativo de $\approx 12,6\%$), admite-se concluir que, por um lado, está intimamente relacionado com a carga informativa pouco clarificada e, por outro, com a dependência da sua vinculação à estrutura contextual (sendo esta, como se sabe, processada em cada e por cada momento de alocação).

2.1.1.2. Ainda que assuma um perfil comportamental de exclusividade a uma perspectiva retrospectiva circunscrita, a actualização da determinação verbal por «pretérito» (computada com um peso percentual de $\approx 75\%$ de ocorrências) não derroga, contudo, alguma capacidade para gerar uma certa maleabilidade ao nível das configurações permitidas no âmbito do contexto frástico, mesmo de modo mais reduzido: a actualização em sentido enunciativo e em sentido perfectivo atinge o peso de $\approx 5\% + \approx 5\%$; a cristalização é de $\approx 15\%$.

2.1.1.3. A determinação pelo «passado» revelou-se um fenómeno linguístico temporal que, sustentado pelo contexto frástico, é revelador de um comportamento de certa fixidez: o sentido retrospectivo é actualizado com um índice percentual de $\approx 85,2\%$ das ocorrências. Ainda assim, e relembrando-se a baixa produtividade no corpus – amostra avaliado, aferiram-se sentidos de actualidade ($\approx 7,4\%$) e de cariz enunciativo ($\approx 3,7\%$). De acordo com a computação equacionada, o sentido cristalizado atinge o grau percentual de ocorrências de $\approx 3,7\%$.

2.1.1.4. O que mais ressalta da análise das ocorrências de «futuro» advém do cruzamento de informação asserida e respectiva computação de dados, que torna possível equacionar uma relação de parentesco com as formas não determinadas temporalmente: atingindo valores relativos de $\approx 1,9\%$ (índice respeitante ao sentido de futuridade actualizado pelo

«futuro») e de $\approx 11,4\%$ (índice respeitante ao sentido de futuridade actualizado pela forma não determinada temporalmente), torna-se claro que, em contextos frásticos mais precisos, uma e outra forma convocam uma relação de dispensabilidade.

2.2.

Quanto ao sistema de PP, a consideração da integração no contexto das formas avaliadas permitiu que se confirmasse um comportamento essencialmente potencializador de correferencialidade, ainda que não se derogue, como se viu na descrição efectuada, a revelação de certos parentescos contextuais semânticos (cf. relações de dispensabilidade/sinonímia semântica entre PP \leftarrow «3p» ou PP \leftarrow «6p» e PP de tratamento, como exemplo).

Fica assim autorizada uma observação comparativa do comportamento das formas de PP functivos de SUJ, de OD e de OIND, quer ao nível da distribuição percentual (equacionada pela função de proporcionalidade directa dos dados do corpus - amostra obtida), quer, complementarmente, no que diz respeito às configurações informativas actualizadas.

2.2.1. Sendo uma propriedade comungada pelo processo de análise a que diz respeito à frequência das ocorrências das formas, apresentada em íntima relação com a rendibilidade dos segmentos na variedade da língua, importa observar a rede de relações que estes activam no domínio da estruturação frástica em termos percentuais.

Conhecida esta realidade linguística, é de ressaltar o seguinte: correlacionado com o procedimento de análise seguido, admite-se o critério em que a atribuição do estatuto produtivo das formas é feito em função do seu predomínio em termos de ocorrência. Assim, para se avaliar o comportamento de PP no universo linguístico computado, interessa apurar os resultados mais representativos.

Observam-se por isso os níveis percentuais que mais sobressaem num estudo circunstanciado:

2.2.1.1. dos monemas de «pessoa»:

- a) «PP \leftarrow 3p»: $\approx 48,4\%$
- b) «PP \leftarrow 6p»: $\approx 21,0\%$
- c) «PP \leftarrow 1p»: $\approx 12,9\%$

2.2.1.2. da função:

- a) OIND: $\approx 38,6\%$
- b) SUJ: $\approx 36,8\%$
- c) OD: $\approx 24,6\%$

2.2.1.3. da colocação/ordenação, segundo o critério da linearidade na FR:

- a) «SV + PP»: ≈82,1%
- b) «PP + SV»: ≈10,7%
- c) «PP + SV + PP»: ≈7,1%

2.3. Por fim, o emprego mais frequente de umas formas de SV ou de PP em relação a outras não deve ser explicado apenas por uma eventual facilidade ou simplicidade, mas sim porque, como apropriado ao estilo de locução, é recorrente a ligação operada entre os factos e o momento de alocução.

3.

A conclusão, da qual já certamente se suspeita, é permitida pela observação da descrição do comportamento das unidades asseridas ao longo deste trabalho: a marca funcional que uma unidade aplica no sistema só pode ser entendida com base no carácter funcional das outras unidades que com ela concorrem no mesmo espaço, seja ele fonológico, sintáctico ou semântico (campo informativo).

3.1. Ainda que na base teórica e operacional, aqui resumida brevemente mas confirmada na análise dos dados do corpus – amostra obtida que foram computados, se firme que cada uma das unidades dos subsistemas analisados é definida pelo conjunto das relações que mantém com as outras unidades e pelas oposições em que esteja implicada, a descrição dos factos linguísticos que foram observados assume-se também como um modelo explicativo, na medida em que viabiliza a possibilidade de determinar, pelo menos em parte, as causas das mudanças verificadas ou a verificar. Isto não quer dizer, naturalmente, que se atribua às mudanças uma causa única, nem que se reconheça a possibilidade de se apreenderem todas as causas da mudança linguística, nem ainda que se tenha considerado operacionalmente a problemática da mudança na prossecução dos objectivos norteadores deste trabalho.

3.2. Será por todos os linguistas reconhecido que um dos operadores-chave do estudo de qualquer sector da língua é o da regra de funcionamento. Esta ‘regra’, confirmada pela análise dos factos, funcionou como representação linguística da realidade descrita, pelo que o carácter predictivo que se admite é também de natureza probabilística (cf. diálogo estatístico instaurado na relação entre corpus - amostra obtida e corpus - amostra-teórica/população-alvo: I, 5: 15.).

Assente na observação dos fenómenos linguísticos e representativa de um grau satisfatório que potencia a generalização, a ‘regra’ sistematizada permitiu formar conclusões,

de tessitura configurativa, acerca do modo como funciona a variedade,⁹ ainda que a concepção perfilhada de regra não gere fórmulas de aplicação exaustiva e absoluta (a aplicá-las, o grau de generalidade relativa da sua aplicação certamente variaria ainda que sensivelmente).

3.3. Em todo o caso, é da competência deste momento conclusivo reafirmar ainda que, sendo a mudança intrínseca ao modo de existir da língua, na realidade, em vários instantes, há sintomas de prováveis mudanças em acção, o que significa que é nos estados da língua que essas mudanças se reflectem, embora não possam ser aí, isto é, sincronicamente, comprovadas.

Do ponto de vista funcional, a descrição das variantes que aqui se propôs (com incidência clara no domínio fonológico) é condição de mudança, na medida em que permeabiliza a relativa estabilidade do sistema.

Deste quadro há consciência e, partindo do aparelho teórico exposto, não seria rigorosa uma eventual acusação de se entrar no plano do impressionismo.

Tão-somente de acordo com esta posição, pôde-se determinar, ao longo desta dissertação, e de forma mais afirmada no domínio fonológico, a relatividade da maior ou da menor utilidade de oposições fonológicas no interior dos vários subsistemas linguísticos representados, e onde, obviamente, a manutenção de uma oposição ou a noção de neutralização são em larga medida definidas pela rendibilidade funcional permitida.

3.4. Ainda que se tenha acordado, com a primazia imputada aos factos observados, isto é, às formas perceptíveis manifestadas das unidades sem derogar o aspecto de significação, o percurso efectuado de análise proposta suscitou, por vezes, dificuldades reais de sistematização, ao ponto de nem sempre ter sido possível asserir uma interpretação fixa dos dados computados: os casos de homonímia de alofones e de flutuações, ou os casos em que entre as fronteiras de fonemas é visível uma relativa instabilidade dão prova de um tipo complexo de sistema configurado por mais do que uma perspectiva em uníssono.¹⁰

⁹ A propósito, leiam-se as seguintes palavras : «Dans le langage il y a des régularités. C'est le linguiste qui crée les règles à partir des régularités qu'il observe; La règle linguistique, comme toute autre loi scientifique, n'est qu'une description des régularités observées, elle ne détermine en aucune façon les régularités ainsi visées» (HEWSON 1981 : 15, 17-18). Também sobre o assunto veja-se COSERIU 1977: 172-173.

¹⁰ Tendo por base os fenómenos linguístico particularizados, este é sem dúvida um dos domínios merecedores de um estudo disciplinado, no sentido da concatenação de modelos operatórios mais afinados a cada caso.

3.5. Acompanhou esta proposta de descrição dos fenómenos linguísticos a filiação clara a um quadro construído entre uma perspectiva de fonologia e de sintaxe para a explicitação da forma (e, a jusante, do seu valor) e uma perspectiva semântico-informativa para a explanação dos usos admitidos mais envolvidos no processo de alocação da população-alvo aferida.

Embora fiquem por verificar algumas configurações, designadamente as que se prendem com a já referida questão da mudança linguística, as eventuais e demais insuficiências no conhecimento total do estatuto do sistema analisado devem-se ao facto de requererem a consideração de factores de ordem distinta da que aqui se teve por princípio implicar.

3.6. Por fim, a importância especialmente concedida à dimensão fonológica (para a qual se afunilou o interesse da análise proposta) leva a reflectir sobre a importância de uma classificação especializada de processos da mecânica acústica/processamento digital de sinais sonoros envolvidos na consubstancialização física dos significantes em causa poder resultar numa mais valia à complementaridade, pela informação de variação, de programação de sistemas de sintetizadores/reconhecedores de voz a ensaiar em português (sequência de alocação).

Ainda que a descrição efectuada esteja suficientemente apurada, tem-se consciência da pertinência de (re)confirmação dos dados notados, através de processos experimentais materiais complementares aos que este trabalho serviram de modelo descritivo/classificatório.

3.7. Deixa-se assim em aberto a vantagem de se dar continuidade a este estudo perceptivo no sentido de o estender à etiquetagem por meio de um tratamento computacional que permita a discussão das propriedades acústicas e matemáticas dos sinais acústicos na sua componente espectral, realizada através de uma análise multilinear automatizada, de modo a poderem ser determinados o tempo real da propagação e transmissão das ondas sonoras na alocação, a frequência, o comprimento das ondas e a velocidade do som, a complexidade e a simplicidade das ondas sonoras que permitem a materialização das formas aferidas.

Julga-se, assim, que a discussão em torno da consistência linguística do corpus descrito será reafirmada e complementarizada e que o implemento de experimentações de índole físico-sequencial é outro agente à precisão da particularidade linguística da variedade em uso estudada, a ser retomada pela modelação acústica dos sons processados. Ainda que não linguística no sentido clássico do termo, a amplitude da análise alargada ao espectro sonoro detalhado pelo padrão de formantes (nomeadamente F0, F1 e F2) tem-se revelado essencial para a investigação no domínio da síntese/processamento de sons articulados na linha da alocação com finalidades comunicativas.

3.8. É especialmente esta particularidade que suscita a sensação de que a dissertação apresentada está confinada a uma fase embrionária das possibilidades tecnológicas que dela se podem gerar.

Não obstante, pode-se concluir que ela também significa que a descrição ordenada do sistema da variedade de língua que aqui se levantou traz indubitavelmente vantagens no reconhecimento do caminho que um trabalho como este releva em direcção ao progresso científico e tecnológico português, nomeadamente à avaliação e aplicação de modelos na extracção e sumarização de informação sonora pertinente e consequente compreensão e processamento da linguagem natural e/ou à interacção homem \Rightarrow máquina.





- ACERO, A. (1995) — "The role of phoneticians in speech technology." BLOOTHOOFT, G.; HAZAN, V.; HUBER, D.; LLISTERRI, J. [Eds.] *European Studies in Phonetics and Speech Communication*: 170-175. Utrecht: OTS Publications.
- ALAIN, REY (1972) — "Usages, jugements et langue". *Langue française*, 16: 4-28. Paris: Larousse.
- ALARCOS LLORACH, EMILIO (¹⁰1999) — *Gramática de la lengua española*. Real Academia Española: colección Nebrija y Bello. Madrid: Espasa Calpe, S.A.
- ALARCOS LLORACH, EMILIO (²1974) — *Gramática estructural* (según la Escuela de Copenhague y con especial atención a la lengua española). Gredos: Madrid.
- ALARCOS LLORACH, EMILIO (⁴1986) — *Fonología española*. Madrid: Gredos.
- ALI, M. SAID (⁷1971) — *Gramática Histórica da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Académica.
- ALI, SAID M. (1964) — *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: UnB.
- ALLIERES, JACQUES (1982) — "Polymorphisme en gascon". *Actes du 8^e colloque de linguistique fonctionnelle*. Toulouse 6-11 Juillet 1981: 123-125. Toulouse-Le Mirail: Université de Toulouse-Le Mirail.
- ALONSO, DÁMASO (1962) — "Sobre la ü románica". *Enciclopedia Lingüística Hispánica* [dirigida por MANUEL ALVAR ET ALII], 1/Supl.: *La Fragmentación Fonética Peninsular*: 73-74, 78-80. Madrid: C.S.I.C.
- ALONSO, DÁMASO (1962a) — "Vocales Finales". *La Fragmentación Fonética Peninsular*. Supl. ao tomo I da *Enciclopédia Lingüística Hispánica*. Madrid.
- ALVAR LÓPEZ, MANUEL (1976) — "Langue et société". *Travaux de linguistique et de littérature*. XIV, 1 : 45-65. Strasbourg: Univ. Strasbourg.
- ANDRADE, E. D'; RODRIGUES, C. (1998) — "Das Escolas e das Culturas: História de Uma Sequência Consonântica. Actas do XIV^o Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística – Aveiro, I: 117-133. Braga: APL.
- BALL, MARTIN J.; MÜLLER, N. (2002) — "The use of the terms phonetics and phonology in the description of disordered speech". *Advances in Speech-Language Pathology*, 4, 95-108.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1966) — "O problema linguístico da entoação." *Revista do laboratório de fonética experimental*, 6: 107-255. Coimbra: FLUC.

-
- BARBOSA, JORGE MORAIS (21983a) — Études de phonologie portugaise. Thèse de doctorat d'État présentée à la la Faculté des lettres et sciences humaines de l'Université de Paris. Évora: Universidade de Évora.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1989) — "Contribuição para o estudo do sistema verbal português: «tempos simples» e «tempos compostos»". Sep. Biblos, LXV: 221-228. Coimbra: FLUC.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1994a) — Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português. Coimbra: Almedina.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1994b) — "Portugiesisch: intonationsforschung und prosodie. Entoação e prosódia. Lexikon der romanistischen linguistik, VI, 2: 413-148. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1996-1997a) — "Economie des systèmes syntaxiques (rapport)". Actes du XX^e colloque intenational de linguistique fonctionnelle. Liège-Belgique, 13-19 juillet 1995: 253-260. Wallonie-Bruxelles/Louvain-la-Neuve: SILF.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1996-1997b) — "Sintemas verbais portugueses: ir + "infinitivo" e haver de + "infinitivo"." Revista portuguesa de filologia, XXI. Sep.: 229-239. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1998a) — "Le système verbal portugais." Système verbaux [DIR. FERNAND BENTOLILA]: 71-86. Peeters/Louvain-la-Neuve: Institut Linguistique de Louvain.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1998b) — "Modalidades verbais portuguesas." Confluência. Sep. 16: 49-64. Rio de Janeiro: Instituto de Língua Portuguesa.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (1998c) — "Détermination épithétique et détermination prédicative". La linguistique, 34/2: 15-20. Paris: PUF.
- BARBOSA, JORGE MORAIS (2005) — "Novamente homonímia ou polissemia." Gramática e Humanismo. Actas do colóquio de homenagem a Amadeu Torres. I: 257-261. Braga: Faculdade de Filologia/Universidade Católica Portuguesa.
- BARRETO, JOAM FRANCO (1671) — Ortografia da lingua portvgveza. Lisboa: Offic. de loam da Costa.
- BARROS, JOÃO DE (1540) — Grammatica da lingua portuguesa. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigiu[m].
- BARROSO, HENRIQUE (1999) — Forma e Substância da Expressão da Língua Portuguesa. Coimbra: Almedina.
- BARRY, W.J.; VAN DOMMELEN, W.; KOREMAN, J. (2005) — "Phonetic knowledge in speech technology; and phonetic knowledge from speech technology?" BARRY, W.J.; van DOMMELEN, W.A. [Eds.] The Integration of Phonetic Knowledge in Speech Technology: 1-12. Dordrecht: Springer.
- BENTOLILA, FERNAND (1988) — "Autour du verbe". La linguistique, 34-1. Paris : Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle/PUF
- BENVENISTE, EMILE (1966) — Problèmes de linguistique générale, I. Paris: Gallimard.

-
- BERNARDO, M.^a CLARA ROLÃO; MONTENEGRO, HELENA MATEUS (2003) — O falar micaelense (fonética e léxico). Viseu: João Azevedo Editor
- BIRD, STEVEN; LIBERMAN, MARK (2001) — "A formal framework for linguistic annotation." *Speech Communication* (Special issue on speech annotation and corpus tools), 33, 1-2: 23-60. Amsterdam, The Netherlands, The Netherlands: Elsevier Science Publishers B. V.
- BLUTEAU, RAFAEL (1713) — Vocabulario portuguez, e latino. Tomo III: D-E. Coimbra: no Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- BOLÉO, MANUEL DE PAIVA (1946) — Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa. Lisboa: 1º vol. de VIII. Extr. dos n.ºs 34 a 43 da «Revista de Portugal». Edição da Revista de Portugal.
- BOLÉO, MANUEL DE PAIVA (1974) — Estudos de Linguística Portuguesa e Românica: Dialectologia e História da Língua, 1, 1. Coimbra: Univ. de Coimbra.
- BOLÉO, MANUEL DE PAIVA; SILVA, M.^a HELENA SANTOS (1960) — "O estudo dos falares portugueses antigos e modernos e sua contribuição para a história da língua". *Actas do III Colóquio internacional de estudos luso- brasileiros*: Lisboa 1957, II: 418-428. Lisboa: s.n.
- BORBA, M.^a LÚCIA; MARQUES, MAIA GRAÇA (1993) — Os bordões no português falado contemporâneo: análise de dois exemplos: NÃO É e PÁ. [Dissertação em linguística portuguesa para acesso à categoria do investigador auxiliar]. Lisboa: CLUL.
- BUESCU, MARIA LEONOR CARVALHÃO (1984) — Monsanto. Etnografia e Linguagem. Lisboa: Presença.
- BÜHLER, HANS; ALII (1972) — Linguistik I: Lehr- und Übungsbuch zur einföhrung in die sprachwissenschaft. Tübingen: Niemeyer.
- BUILLES, JEAN-MICHEL (1986) — "L'alternance libre de phonèmes en Malgache." *Bulletin des études africaines de l'INALCO*, VI, 11: 43-51. Paris: Publications Langues.
- BUILLES, JEAN-MICHEL (1998) — Manuel de linguistique descriptive. Le point de vue fonctionnaliste. Paris: Editions Nathan.
- BYBEE, JOAN; FLEISCHMANN, SUZANNE [EDS.] (1995) — Modality in grammar and discourse. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- CÂMARA JR., J. MATTOSO (¹⁰1980) — Estrutura da língua portuguesa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- CANAPERI, LUCIANO (2005) — A handbook of phonetics: 'natural' phonetics. München: Lincon Europa.
- CARRETER, FERNANDO LÁZARO (1981) — Diccionario de términos filológicos. Madrid: Gredos.
- CARVALHO, JOSÉ G. HERCULANO DE (²1973) — "Os estudos dialectológicos em Portugal nos últimos vinte anos". *Estudos linguísticos*, I: 197-215. Coimbra: Atlântida Editora.
- CARVALHO, JOSÉ G. HERCULANO DE (⁶1983) — Teoria da linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas. I. Coimbra: Coimbra Editora.
- CASTELEIRO, JOÃO MALACA (1975) — "Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país". *Boletim de Filologia*, 23: 191-254. Lisboa: CLUL.

- CASTELEIRO, JOÃO MALACA; ALII (1977) — "Realização do futuro do presente no português falado". Sep. XV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Rio de Janeiro, 1977. Rio de Janeiro: s.n.
- CHARAUDEAU, PATRICK; MANGUENEAU, DOMINIQUE (2002) — Dictionnaire d'analyse du discours. Paris: Seuil
- CINTRA, LINDLEY (1971) — "Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses." Boletim de Filologia, XXII: 81-116. Lisboa.
- CINTRA, LUÍS F. LINDLEY (1958) — "Alguns Estudos de Fonética com Base no Atlas Lingüístico da Península Ibérica". Anais do Primeiro Congresso da Língua Falada no Teatro: 186-195. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura.
- CINTRA, LUÍS F. LINDLEY (1963) — "Les anciens textes portugais non littéraires. Classement et bibliographie". Sep. Revue de linguistique romane, XXVII : 40-77. Strasbourg: s.n.
- CINTRA, LUÍS F. LINDLEY (1970) — "Os Ditongos Decrescentes ou e ei: Esquema de um Estudo Sincrónico e Diacrónico". Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica: 115-134. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura.
- CINTRA, LUÍS F. LINDLEY (1971) — "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses." Boletim de filologia, XXI: 81-116. Lisboa: CLUL.
- CINTRA, LUÍS F. LINDLEY (1984) — A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu Confronto com a dos Foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o Estudo do Leonês e do Galego-Português do séc. XIII. Lisboa: IN-CM
- CLAIRIS, CHRISTOS (1982) — "Identifications des fluctuations". Actes du 8^e colloque de linguistique fonctionnelle. Toulouse 6-11 Juillet 1981 : 111-113. Toulouse-Le Mirail : Services de Publications de l'Université de Toulouse-Le Mirail.
- CLAIRIS, CHRISTOS (1991) — "Identifications et typologie des fluctuations". Bulletin de la société de linguistique de Paris, I. XXXVI, 1 : 19-35. Paris : Klincksieck.
- COELHO, FRANCISCO ADOLFO (1868) — A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe: primeiro fascículo (duas cadernetas). Coimbra : Imprensa da Universidade.
- CORBIN, PIERRE (1980) — "De la production des données en linguistique introspective". Théories linguistiques et traditions grammaticales [prép. ANNE-MARIE DESSAUX-BERHONNEAU]: 121-179. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- CORNU, JULES (1906) — Grammatik der Portugiesischen Sprache. Strassburg: Karl J. Trübner.
- COSERIU, EUGENIO (1977) — El hombre y su language. Estudios de lingüística funcional. Madrid: Editorial Gredos.
- COSERIU, EUGENIO (1981) — "La lingüística entre positivismo e antipositivismo": 74-102; "La lengua funcional": 278-315; "Sistema, norma y tipo": 316-327. Lecciones de lingüística general. Madrid: Gredos.

-
- COSERIU, EUGENIO (1982) — "A geografia lingüística". A geografia lingüística. O homem e sua linguagem. [trad. CARLOS ALBERTO DA FONSECA E MÁRIO FERREIRA]. Rio de Janeiro: Presença / São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CRUZ, MARIA LUÍSA SEGURA DA (1991) — O falar de Odeleite. Lisboa: CLUL – INIC.
- CUCCHIARINI, C. (1996) — "Assessing transcription agreement: methodological aspects." *Clinical Linguistics & Phonetics*, 10, 2: 131-155.
- CUCCHIARINI, C.; STRIK, H. (2003) — "Automatic phonetic transcription: An overview." *Proceedings of 15th ICPHS*: 347-350. Spain: Barcelona.
- CUNHA, CELSO; CINTRA, LUÍS F. LINDLEY (1990) — Nova gramática do português contemporâneo. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- DALBERA, J.-PH; DALBERA-STAFANAGGI, M.-JOSÉ (2004) — "Grand corpus dialectaux ou la phonologie indiscrète." *Corpus*, Numéro 3, Usage des corpus en phonologie: 399-434.
- DALBERA, JEAN-PHILIPPE (2002) — "Le corpus entre données, analyse et théorie." *Corpus*, Numéro 1, Corpus et recherches linguistiques: 89-104.
- DAUZAT, ALBERT (1922) — La géographie linguistique. Paris : Flammarion.
- DEBATY-LUCA, THIERRY (1988) — "Syntagme et syntème: une distinction irréductible." *La linguistique*, 24, fasc. 1 : 143-150. Paris: PUF.
- DENISE, FRANÇOIS (1972) — "La notion de norme en linguistique". De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue [DIR. JEANNE MARTINET]: 153-168. Paris: PUF.
- DEUSDADO, MANUEL ANTÓNIO FERREIRA (1893) — "Carta dialectológica do continente português". *Chorographia de Portugal*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.^a, 1893.
- DIAS, AUGUSTO EPIPHÂNIO DA SILVA (1905) — Gramática Portuguesa Elementar. Lisboa: A. Ferreira Machado.
- DUARTE, MARIA CLEMENTINA (1950) — Alguns Aspectos Geográficos da Dialectologia Portuguesa. Isófonas e Isoglossas [Dissertação de Licenciatura inédita]. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- ETTINGER, STEFAN (1974) — Diminutiv- und augmentativbildung: regein und restriktionem. morphologische und italienischen, portugieschen, spanieschen und rumanischen. Ein kritischer forschungsbericht 1900-1970. Tübingen: Gunter Narr Verlag.
- FANT, G. (2004) — "More than half a century in phonetics and speech research." FANT, G. *Speech Acoustics and Phonetics*: 1-14. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- FEIJÓ, JOÃO DE MORAES MADUREYRA (1734) — Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza. Lisboa Occidental: Miguel Rodrigues.
- FIRBAS, JEAN (1974) — "Some aspects of the czechoslovak approach to problems of functional sentence perspective". *Papers on functional sentence perspective*. [org. FRANTIŠEK DANES]: 11-37. Mouton: The Hague / Paris: Academia, Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences.

-
- FISHMAN, JOSHUA A. (1971) — Sociolinguistique. Bruxelles/Paris : Editions Labor/Fernand Nathan.
- FONSECA, FERNANDA IRENE (1992) — Deixis, tempo e narração. Porto: Fund. Eng.º António Almeida.
- FROTA, SÓNIA (2000) — Prosody and Focus in European Portuguese. Phonological. Phrasing and Intonation. New York: Garland Publishing.
- FRY, DENIS B. (1970) — "Speech reception and perception." New horizons in linguistics [org. JOHN LYONS]: 29-52. London: Penguin Books.
- GARDETTE, PIERRE (1941) — Géographie phonétique du Forez. Macon : Imp. Protat.
- GERMAIN, CLAUDE (1973) — La notion de situation en linguistique. Ottawa: Université d'Ottawa.
- GLEASON, H. A. – JR (21985) — Introdução à linguística descritiva. [trad. JOÃO PINGUELO]. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.
- GONÇALVES, M.ª FILOMENA R. DE ALMEIDA (1989) — Recolha de um falar de Bogas-de-Baixo. Évora: s.n.
- GRAMMONT, MAURICE (81965) — Traité de phonétique. Paris: Librairie Delagrave.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, SALVADOR (1986) — "Estructuras ecuativas y ecuacionales"., Variaciones sobre la atribución [SALVADOR GUTIÉRREZ ORDOÑEZ]: 45-85. León: Universidad de León.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, SALVADOR (1997) — Principios de sintaxis funcional. Madrid: Arco/Libros, S.L..
- HÁLA, BOHUSLAV (1973) — La sílaba. Su naturaleza, su origen y sus transformaciones. [trad. EDGARDO R. PALAVECINO E ANTONIO QUILIS]. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas — Instituto "Miguel de Cervantes".
- HALLIG, RUDOLF; WARTBURG, WALTHER VON (21963) — Begriffssystem als grundlage für die lexikographie. Berlim: Akademie – Verlag.
- HAMMARSTRÖM, GÖRAN (1953) — Étude de Phonétique Auditive sur les Parlers de l'Algarve [Tese de Doutoramento]. Uppsala: Almqvist & Wiksell.
- HARNAD, S. (1987) — Categorical perception – the groundwork of cognition. Cambridge: Cambridge University Press.
- HARRIS, ZELLIG SABBETTAI (1948) — "Componential analysis of hebrew paradigm." Language, 24: 87-91. Baltimore: Linguistic Society of America.
- HERNÁNDEZ ALONSO, CÉSAR (1995) — Nueva sintaxis de la lengua española (sintaxis onomasiologica: del contenido a la expresión). Salamanca: Ediciones Colegio de España.
- HERNÁNDEZ ALONSO, CÉSAR (1986) — Gramática funcional del español. Madrid: Gredos.
- HILLENBRAND; CANTER; SMITH (1990) — "Perception of intraphonemic differences by phoneticians, musicians and inexperienced listeners." Journal of the acoustical society of America, 88, 2: 655-662. New York: Acoustical Society of America.
- HOCKETT, CHARLES F. (1970) — A Course in modern linguistics. New York: The Macmillan Company.

-
- HOUAISS, ANTÔNIO; VILLAR, MAURO DE SALLES; FRANCO, FRANCISCO MANOEL DE MELLO (2001) — Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objectiva.
- IPA (1999) — Handbook of the international phonetic association: a guide to the use of the international phonetic alphabet. Cambridge University Press.
- JAKOBSON, ROMAN (1967) — Fonema e fonologia: Ensaios. [sel., trad. e n. de J. MATTOSO CÂMARA JR.]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.
- JAKOBSON, ROMAN; FANT, C. GUNNAR; HALLE, MORRIS (¹¹1976) — Preliminaries to speech analysis – The distinctive features and their correlates. Cambridge (Mass.): The Mit Press.
- JAKOBSON, ROMAN; HALLE, MORRIS (1956) — Fundamentals of language. Gravenhage: Mouton.
- JAKOBSON, ROMAN; HALLE, MORRIS (⁴1980) — Fundamentals of language. The Hague: Mouton Publishers.
- JONES, DANIEL; LAVER, J. [COORD.] (³1976) — The phoneme. Its nature and use. Cambridge: Cambridge University Press.
- JORDAN, JORGU (²1982) — Introdução à linguística românica. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KELLER, E. (1994) — "Fundamentals of Phonetic Science." KELLER, E. [Ed.] Fundamentals of Speech Synthesis and Speech Recognition. Basic Concepts, State of the Art and Future Challenges: 5-22. Chichester: John Wiley & Sons.
- KENT, RAYMOND; ATAL, BISHNU S.; MILLER, JOANNE [ORGS.] (1991) — Papers in speech communication – Speech production. New York: Acoustical Society of America.
- KRÄMER, MARTIN (2003) — Vowel harmony and correspondence theory. Berlim : Mouton de Gruyter.
- KRÖLL, HEINZ (1980) — "Contribuições para o estudo da linguagem falada em português." Sep. Revista Portuguesa de Filologia, XVIII: 71-96. Coimbra: s.n.
- LANDEFOGED, PETER (2003) — Phonetic data analysis. An intrudution to fieldwork and instrumental techniques. Los Angeles/Blackwells: University of California.
- LEAO, DUARTE NUNES DE (1576) — Orthographia da lingoa portuguesa: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem. Lisboa: loão de Barreira [<http://purl.pt/15>].
- LINDH, J. (2004) — "Handling the "Voiceprint" Issue." Proceedings of FONETIK 2004. 26-28 May, 2004. Stockholm, Sweden: Department of Linguistics, Stockholm University.
- LOPES, ANA C. MACÁRIO (2003) — "Elementos para uma análise semântica das construções com já". I. CASTRO; I. DUARTE [orgs.], Razões e emoção. Miscelânea de estudos em homenagem a M. Helena Mira Mateus. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- LÜDTKE, HELMUT (1956) — Die strukturelle entwicklung des romanischen vokalismus. [Dissertação apresentada pelo autor em 1952]. Bonn: Romanisches Seminar an der Universität Bonn.
- LÜDTKE, HELMUT (1957) — "Beiträge zur lautlehre portugiesischer mundarten". Miscelânea homenaje a André Martinet: estructuralismo e historia, vol I: 106-110. Laguna: Diego Catalán.

-
- MAÇÃS, DELMIRA (1976) — "Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial". Sep. Biblos, XLV: 153-266. Coimbra: FLUC.
- MAHMOUDIAN, MORTEZA (1982) — "Le formel et l'intuitif". Actes du 8.^e colloque de linguistique fonctionnelle. Travaux de l'Université de Toulouse – Le Mirail, XVIII : 193-199. Toulouse : Service des Publications de l'Université de Toulouse - Le Mirail.
- MARÇALO, MARIA JOÃO (1992a) — "La morphophonologie — naissance et mort d'un concept." Actes du 8^e colloque international de linguistique fonctionnelle. Prague — Tchécoslovaquies 12-17 Juillet 1991: 57-60. Prague: SILF.
- MARÇALO, MARIA JOÃO (1992c) — Introdução à linguística funcional. Lisboa: Ministério da Educação — Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- MARÇALO, MARIA JOÃO (1994) — "Synthèmes dans la presse portugaises." La linguistique, 30, 1: 79-83. Paris: PUF.
- MAROUZEAU, JULES (³1961) — Lexique de la terminologie linguistique français, allemand, anglais, italien. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- MARTIN, PIERRE (1988) — "Fluctuations et flottements vocaliques en franco-canadien". Actes du 14^e colloque international de linguistique fonctionnelle, Elsenaur — Danemark 29 Juin – 4 Juillet 1987: 223-228. Louvain-la-Neuve: SILF.
- MARTIN, PIERRE (1997) — Actes du 14^e colloque international de linguistique fonctionnelle, Elsenaur — Danemark 29 Juin – 4 Juillet 1987: 223-228. Louvain-la-Neuve: SILF.
- MARTINET, ANDRÉ (¹¹1991) — Elementos de linguística geral. [trad. JORGE MORAIS BARBOSA]. Lisboa: Sá da Costa.
- MARTINET, ANDRÉ (¹¹1992) — Elementos de Linguística Geral. [trad. adaptada para leitores de língua portuguesa por JORGE MORAIS BARBOSA]. Lisboa: Sá da Costa.
- MARTINET, ANDRÉ (1939) — "Un ou deux phonèmes?". Acta Linguistica 1 : 94-103.
- MARTINET, ANDRÉ (1955) — Economie des changements phonétiques. Berne: Ed. A. Francke S. A.
- MARTINET, ANDRÉ (1956) — La description phonologique avec application au parler franco-provençal d'Hauteville (Savoie). Genève: Droz/ Paris: Minard.
- MARTINET, ANDRÉ (1965a) — "De la morphonologie". La linguistique. I, 1: 15-30. Paris: PUF.
- MARTINET, ANDRÉ (1965b) — La linguistique synchronique. Etudes et recherches. Paris: PUF.
- MARTINET, ANDRÉ (1967) — "Syntagme et syntème". La linguistique, 2: 1-14. Paris: PUF.
- MARTINET, ANDRÉ (1969) — "Les puristes contre la langue". Le français sans fard: 25-45. Paris: PUF.
- MARTINET, ANDRÉ (1970) — "Substance phonique et traits distinctifs". La linguistique synchronique: 130-146. Paris: PUF.
- MARTINET, ANDRÉ (1975a) — "The foundations of functional syntax." Studies in functional syntax. Etudes de syntaxe fonctionnelle: 111-122. München: Wilhelm Fink Verlag.

-
- MARTINET, ANDRÉ (1977a) – "Synthematics." Word, 31, 1: 11-14. New York: S. F. Vanni.
- MARTINET, ANDRÉ (1977b) – "L'axiologie, étude des valeurs signifiées." Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos Llorach, I: 157-163. Oviedo: Universidad de Oviedo.
- MARTINET, ANDRÉ (1982b) — "Réflexion sur la phrase." Actes du 8.^e colloque internacional de linguistique fonctionnelle. Toulouse, 6-11 Juillet, 1981: 28-30. Toulouse: Université de Toulouse-le-Mirail.
- MARTINET, ANDRÉ (1985) – Syntaxe générale. Paris: Armand Colin.
- MARTINET, ANDRÉ (1988) — "Autour du verbe". La linguistique, 24, 1: 135-138. Paris: PUF.
- MARTINET, ANDRÉ (1989) — Fonction et dynamique des langues. Paris: Armand Colin Editeur.
- MARTINET, ANDRÉ (1993) — Mémoire d'un linguiste. Paris: Quai Voltaire.
- MARTINET, ANDRÉ (1995) – Função e Dinâmica das Línguas.
- MARTINET, ANDRÉ (1995) — Função e dinâmica das línguas. [trad. JORGE MORAIS BARBOSA e M.^a JOANA VIEIRA SANTOS]. Coimbra: Almedina.
- MARTINET, ANDRÉ [DIR.] (³2000) — Grammaire fonctionnelle du français. Paris: Crédif; Didier.
- MARTINET, JEANNE (1975) — "Zéro, c'est rien". Linguistique fonctionnelle: débats et perspectives [dir. MORTEZA MAHMOUDIA]: 175-180. Paris: PUF.
- MARTINET, JEANNE (1982) — "Identification et caractérisation de la phrase." Actes du 8.^e colloque internacional de linguistique fonctionnelle. Toulouse, 6-11 Juillet, 1981: 31-33. Toulouse: Université de Toulouse-le-Mirail.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, EUGENIO (1989) — Fonología general y española. Barcelona: Teide.
- MARTINS, MARIA JOSÉ DIAS (1954) – Etnografia, Linguagem e Folclore de uma Pequena Região da Beira Baixa. [Dissertação de licenciatura inédita]. Lisboa: Faculdade de Letras.
- MATEUS, M.^a HELENA M.; FARIA, ISABEL HUB; ALII (⁵2003) — Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho.
- MATEUS, M.^a HELENA MIRA; ALII (1990) — Fonética, fonologia e morfologia do português. Lisboa: Universidade Aberta.
- MEILLET, ANTOINE (1982) — "Sur les caractères du verbe." Linguistique historique et linguistique générale : 190-193. Genève : Slatkine Reprints / Paris : Champion.
- MILLARDET, GEORGES (1923) – Linguistique et dialectologie romanes: problèmes et méthodes. Montpellier: Société des Langues Romanes.
- MOREIRA, JÚLIO GONÇALVES (1907-1913) — *Estudos da língua portuguesa*. Vol.: 1. série: Subsídios para a syntaxe historica e popular; Vol. 2: Conclusão da 1. série; 2. série: Diversas questões de linguagem; 3. série: Lexicologia. Lisboa: Livraria Clássica Editora.

-
- MORTON, N. E. (1984) — "Trials of segregation analysis by deterministic and macro simulation." *Human Population Genetics: The Pittsburgh Symposium* [ed. A. CHAKRAVARTI]: 83-107. Van Nostrand Reinhold, New York.
- MOUNIN, GEORGES (1981) — *Clefs pour la linguistique*. Paris: Editions Seghers.
- MUSSAFIA, ADOLF (1964) — *Beitrag zur Kunde der norditalienischen Mundarten im XV. Jahrhunderte*. Bolonha: Arnaldo Formi.
- MYERS, SCOTT; HANSEN, BENJAMIN B. (2007) — "The origin of vowel length neutralization in final position: evidence from Finnish speakers." *Natural language & linguistic theory*, 25/1: 157-193. Netherlands: Springer.
- NARBONA JIMÉNEZ, ANTONIO (1989) — *Sintaxis española: nuevos y viejos enfoques*. Barcelona: Editorial Ariel.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. (1986) — *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris.
- NUNES, JOSÉ JOAQUIM (1902) — "Dialectos Algarvios. (Linguagem do Barlavento)". *Revista Lusitana. Archivo de Estudos Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal*. VII: 33-55; 104-125; 244-264. Lisboa: Antiga Casa Bertrand.
- OLIVEIRA, FERNÃO DE (1536) — *Grammatica da lingua portuguesa*. Em Lisboa: e[m] casa d' Germão Galharde.
- PALMER, FRANK ROBERT (1986) — *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARDAL, ERNESTO D'ANDRADE (1997) — *Aspects de la Phonologie (Générative) du Portugais*. Lisboa : INIC-CLUL.
- PARIS, GASTON (1888) — "Les Parles de France". *Revue des Patois Gallo-Romans*, 2(7)
- PEREIRA, ISABEL; MATA, ANA ISABEL; FREITAS, MARIA JOÃO (1992) — *Estudos em prosódia*. Lisboa: Ed. Colibri.
- PISONI; SAWUSCH (1975) — "Some stages of processing in speech perception." *Structure and process in speech perception. Proceedings of the symposium and dynamic aspects of speech perception* [org. COHEN; NOOTEBOOM]: 16-35. Berlin, Springer-Verlag.
- POP, SEVER (1950) — *La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*. 1: *Dialectologie romane*. Belgique: Louvain.
- POTTIER, BERNARD [DIR.] (1973) — "Contexto". *Le langage*: 72-73. Paris: Retz.
- PRIETO, LUÍS J. (1954) — "Traits oppositionnels et traits contrastifs". *Word* 10: 43-59.
- RAMAT, PAOLO (1981) — "Vers une crise du formalisme. Théorie de la grammaire et données empiriques". *Modèles linguistiques*, III, 1 : 1-14. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires de Lille.
- REBELO, HELENA (2005) — *O falar de Porto Santo. Contribuição para o estudo do vocalismo e algumas considerações sobre o consonantismo*. Tese de Doutoramento, Universidade da Madeira.

-
- RIO-TORTO, GRAÇA M.^a DE OLIVEIRA E SILVA (1993) — Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos. Dissertação de doutoramento em linguística portuguesa, Coimbra: FLUC.
- RODRIGUES, CELESTE (2003) — Lisboa e Braga: Fonologia e Variação. Lisboa: FCG/ FCT.
- ROJO, GUILLERMO (1983) — Aspectos básicos de sintaxis funcional. Málaga: Librería Ágora.
- SANTOS, M.^a JOANA DE ALMEIDA VIEIRA DOS (2003) — Os usos do conjuntivo em língua portuguesa. Uma proposta de análise sintáctica e semântico-pragmática. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- SARAMAGO, JOÃO ANTÓNIO DAS PEDRAS (1987) — A Ilha do Corvo: alguns aspectos linguísticos. Lisboa: CLUL-INIC.
- SAUSSURE, FERDINAND DE (1995) — Cours de linguistique générale [éd critique préparée par TULLIO DE MAURO].. Paris: Payot & Rivages.
- SILVA, ROSA VIRGÍNIA MATTOS E (1988) — "Diversidade e unidade: a aventura linguística do português". ICALP, 11: 60-64. Lisboa: ICALP.
- SKORGE, SÍLVIA (1956-1957) — "Os sufixos diminutivos em português". Sep. Boletim de Filologia. XVI, 1-2: 50-90; XVI, 3-4: 222-305; (1958) XVII, 3-4: 20-53. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- STETSON, R. H. (1945) — Bases of phonology. Oberlin, Ohio: Oberlin Colledge.
- STEVENS, K. N. (1989) — "On the quantal nature of speech." Journal of phonetics, 17: 3-45. UK/Elsevier/E. Decherty.
- STUDDERT-KENNEDY, M. (1974) — "The perception of speech." *Current trends in linguistics*, 12(1) [org. SEBEOK]: 2349-2385. The Hague/Paris, Mouton.
- TAGLIAVINI, CARLO (1938) — "Modificazione del linguaggio nella parlata delle donne". Scritti in onore di Alfredo Trombetti: 87-142. Milano: Hoepli.
- TCLP (1931) — Réunion phonologique internationale tenue à Prague, 18-21/XII 1930, IV. Prague: Jednota Československých Matematiků a Fysiků.
- TEIXEIRA, ANTÓNIO (2000) — Síntese articulatória das vogais nasais do Português Europeu. Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- TEYSSIER, PAUL (1959) — La langue de Gil Vicente. Paris: Librairie C. Klincksieck.
- THOMAS, JACQUELINE M.-C. ; BOUQUIAUX, LUC ; CLOAREC-HEISS, FRANCE (1976) — Initiation à la Phonétique. Phonétique Articulatoire et Phonétique Distinctive. Paris: PUF.
- TLÁSKAL, JAROMÍR (1997) — "Notas sobre o relativo que e a valência verbal no português falado". Sep. Ibero-Americana Pragensia: 29-39 Praga: s. n.
- TROUBETZKOY, NICOLAS S. (1986) — Principes de phonologie. [trad. JEAN CANTINEAU]. Paris : Editions Klincksieck.

- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1890-1892a) — “Dialectos Alentejanos”. (Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa). Revista Lusitana. Archivo de Estudios Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal. II: 15-45. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C.^a. Sucessores de Clavel & C.^a.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1890-1892b) — “Dialectos Açoreanos”. (Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa). Revista Lusitana. Archivo de Estudios Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal. II: 289-307. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C.^a. Sucessores de Clavel & C.^a.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1895-1896a) — “Dialectos Alentejanos”. (Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa). Revista Lusitana. Archivo de Estudios Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal. IV: 13-77, 215-246. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C.^a. Sucessores de Clavel & C.^a.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1895-1896b) — “Dialectos Algarvios”. (Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa). Revista Lusitana. Archivo de Estudios Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal. IV: 324-338. Porto: Livraria Portuense de Lopes & C.^a. Sucessores de Clavel & C.^a.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1897-1899) — “Dialectos Extremenhos. (Contribuições para o Estudo da Dialectologia Portuguesa). Revista Lusitana. Archivo de Estudios Philologicos e Ethnologicos Relativos a Portugal. V: 137-147. Lisboa: Antiga Casa Bertrand.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1901) — Esquisse d'une dialectologie portugaise [Thèse pour le doctorat de l'Université de Paris (Faculté de Lettres)]. Paris-Lisboa: Aillaud.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1928-1938) — Opúsculos. Vol. 1 : Filologia : parte 1 (1928); Vol. 2 : Dialectologia : parte 1 (1928); Vol. 3 : Onomatologia (1931); Vol. 4: Filologia : parte 2 (1929); Vol. 5: Etnologia: Parte 1 (1938); Vol. 6: Dialectologia : parte 2 (1985); Vol. 7: Etnologia : parte 2 (1938). Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (2000) — Filologia Barranquenha. Apontamentos para o seu Estudo. [Fac-símile da edição de 1955]. s. n.: s. d.
- VASCONCELLOS, JOSÉ LEITE DE (1987) — Esquisse d'une Dialectologie Portugaise. Lisboa: INIC-CLUL.
- VÁZQUEZ CUESTA, PILAR MARIA; LUZ ALBERTINA MENDES DA (1971) — Gramática portuguesa. Madrid: Gredos.
- VERA, ÁLVARO FERREIRA DA (1631) — Orthographia, ou Modo para Escrever Certo na Lingua Portuguesa: com hum Trattado de Memoria Artificial. Lisboa: Mathias Rodriguez.
- VIANA, ANICETO DOS REIS (1973) — Estudos de fonética portuguesa. Lisboa: IN - CM.
- VIGÁRIO, MARINA (2000a) — “Palavra prosódica e composição em português europeu.” Actas do IX encontro da associação portuguesa de linguística, 2: 583-602. Coimbra: APL.

-
- VIGÁRIO, MARINA (2000b) — On the correlates of rhythmic distinctions: the European/Brazilian Portuguese case. Poster apresentado na Conference on Laboratory Phonology, University of Nijmegen.
- VIGÁRIO, MARINA (2001) — The prosodic word in European Portuguese. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras.
- WALTER, HENRIETTE (1974) — "Diversité phonologique et communauté linguistique". De la théorie linguistique à l'enseignement de la langue [dir. JEANNE MARTINET] : 175-189. Paris : PUF.
- WALTER, HENRIETTE (1980) — "La voyelle centrale et son évolution. Une étude systématique de la fluctuation". Les Mauges: présentation de la région et étude de la prononciation. [DIR. HENRIETTE WALTER]: 79-136. Université d'Angers: Centre de recherches en littérature et en linguistique sur l'Anjou et le Bocage.
- WALTER, HENRIETTE (1982) — Enquête phonologique et variétés régionales du français. Paris : PUF.
- WALTER, HENRIETTE (1984) — "Entre la phonologie et la morphologie. Variantes libres et fluctuations". *Folia Linguistica*, XVIII, 1-2: 65-72. The Hague : Mouton.
- WALTER, HENRIETTE (1989) — "Intérêt et limite des questionnaires pour étudier le français". *Présence francophone*, 31. Canada: Sherbrooke.
- WALTER, HENRIETTE (1992) — *Le français dans tous les sens*. Paris : Robert Laffont.
- WELLS, J. R. (1982) — "Immediate constituents." *Language*, 23: 81-117. Baltimore: Linguistic Society of America.





TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /i/

1. Estatísticas:

/i/	
Std. Deviation	15,24

2. Percentagens de ocorrência:

//		percentagem	percentagem validada a //
dados	acentual sílaba aberta	7,3	31,56
computados	acentual sílaba aberta +		
em	«palatais» ou + «chiantes»	2,6	11,48
contexto:	heterossilábicas		
	acentual + /-L./	,3	1,23
	acentual + /-L./ + /consoante-/	,1	,41
	acentual + /-N./	,8	3,69
	acentual + /-R./	,6	2,46
	acentual + /-S./	,4	1,64
	pós acentual sílaba final aberta	,05	,20
	pós acentual sílaba final + /-L./	,05	,20
	pós acentual sílaba final + /-R./	,05	,20
	pós acentual sílaba não final aberta + /vogal/	1,2	5,33
	pós acentual sílaba não final aberta + /consoante/	,2	1,02
	pré acentual posição inicial sílabas abertas	,4	1,84
	pré acentual posição inicial + /-N./	1,8	7,99
	pré acentual posição inicial + /-R./	,4	1,84
	pré acentual precedido por /consoante-/ e em sílaba aberta	5,5	23,98
	pré acentual precedido por /consoante-/ + /-w./	,05	,20
	pré acentual precedido por /consoante-/ + /-N./	,8	3,48
	pré acentual precedido por /consoante-/ + /-S./	,1	,41
	pré acentual precedido por /consoante-/ + /-L./	,05	,20
	pré acentual posição inicial + /-NS./	,1	,61
	Total	23,0	
	dados não computados	77,0	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /e/

1. Estatísticas:

/e/	
Std. Deviation	9.62

2. Percentagens de ocorrência:

		/e/	
		percentagem	percentagem validada a /e/
dados	acentual sílaba aberta	10,2	72,79
computados	voc acent + /-L./ + /.consoante-/	,05	,4
em	voc acent + /-R./	1,5	11,0
contexto:	voc acent + /-S./	,7	4,9
	voc acent +/-w./	,2	1,5
Total		12,5	100,0
dados não computados		87,5	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /e/

1. Estatísticas:

/e/	
Std. Deviation	7.46

2. Percentagens de ocorrência:

/e/			
		percentagem	percentagem validada à /e/
dados	acentual sílaba aberta	2,8	60,4
computados	acentual + /-L./ + /-consoante-/	,1	2,2
em	acentual + /-R./	,9	20,9
contexto:	acentual + /-S./	,5	12,1
	acentual +/-w./	,2	4,4
Total		4,5	100,0
dados não computados		95,5	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /a/

1. Estatísticas:

/a/	
Mean	3.11
Std. Deviation	3.11

2. Percentagens de ocorrência:

		/a/	
		percentagem	percentagem validada à /a/
dados computados em contexto:	acentual sílaba aberta	22,6	86,8
	acentual sílaba aberta + «palatais» ou + «chiantes»	2,3	8,7
	heterossilábicas		
	acentual + /-S./	,6	2,4
	pós acentual sílaba não final aberta + /.consoante/	,5	2,0
	pré acentual posição inicial sílabas abertas	,05	,2
	Total	26,1	100,0
dados não computados		73,9	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /a/

1. Estatísticas:

/a/	
Std. Deviation	3.111

2. Percentagens de ocorrência:

		/a/	
		percentagem	percentagem validada à
			/a/
dados	acentual sílaba aberta	1,2	3,1
computados	acentual sílaba aberta +		
em	«palatais» ou + «chiantes»	,1	,4
contexto:	heterossilábicas		
	voc acent + /-S./	,05	,1
	pré acentual posição inicial		
	sílaba aberta	7,9	20,7
	pré acentual precedida por		
	/consoante-/ e em sílaba	28,0	75,4
	aberta		
	pré acentual posição inicial		
	+ /-d./	,1	,2
	Total	37,4	100,0
	dados não computados	62,6	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /q/

1. Estatísticas:

/q/	
Std. Deviation	10.36

2. Percentagens de ocorrência:

		/q/	
		percentagem	percentagem validada à
			/q/
dados computados em contexto:	acentual sílaba aberta	3,5	62,2
	acentual sílaba aberta + «palatais» ou + «chiantes»	,3	5,9
	heterossilábicas		
	acentual + /-L./ + /-consoante-/	,1	2,5
	acentual + /-R./	,5	8,4
	acentual + /-S./	,1	1,7
	acentual + /-j./	,3	5,9
	acentual + /-jS./	,1	1,7
	pré acentual posição inicial sílabas abertas	,05	,8
	pré acentual precedida por /consoante-/ e em sílabas abertas	,6	10,9
	Total	5,6	100,0
	dados não computados	94,4	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /ɔ/

1. Estatísticas:

/ɔ/	
Std. Deviation	10.134

2. Percentagens de ocorrência:

		/ɔ/	
		percentagem	percentagem validada à
			/ɔ/
dados	acentual sílaba aberta	4,4	52,2
computados	acentual sílaba aberta +		
em	«palatais» ou + «chiantes»	1,3	15,2
contexto:	heterossilábicas		
	acentual + /-L./ + /-consoante-/	,2	2,2
	acentual + /-R./	,7	7,9
	acentual + /-S./	,2	2,2
	acentual + /-j./	,8	9,0
	pré acentual posição inicial		
	sílaba aberta	,05	,6
	pré acentual precedida por		
	/consoante-/ e em sílaba aberta	,9	10,7
	Total	8,4	100,0
	dados não computados	91,6	



TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /u/

1. Estatísticas:

/u/	
Std. Deviation	10.94

2. Percentagens de ocorrência:

		/u/	
		percentagem	percentagem validada à /u/
dados	acentual sílaba aberta	3,8	9,1
computados	acentual sílaba aberta +		
em	«palatais» ou + «chiantes»	1,0	2,4
contexto:	heterossilábicas		
	acentual + /-L./	,1	,2
	acentual + /-L./ + /consoante-/	,05	,1
	acentual + /-N./	,3	,8
	acentual + /-R./	,3	,7
	acentual + /-S./	,3	,8
	acentual + /-j./	,1	,2
	acentual + /-jN./ ou + /-jNS./	,05	,1
	pós acentual sílaba final aberta	22,3	53,9
	pós acentual sílaba final + /-S./	,2	,6
	pós acentual sílaba final + /-N./	,05	,1
	pós acentual sílaba não final aberta + /vogal/	,05	,1
	pós acentual sílaba não final aberta + /consoante/	2,3	5,6
	pré acentual posição inicial sílaba aberta	,1	,3
	pré acentual posição inicial + /-j./	,05	,1
	pré acentual posição inicial + /-L./	,05	,1
	pré acentual posição inicial + /-N./	,1	,2
	pré acentual posição inicial + /-R./	,3	,7
	pré acentual precedida por /consoante-/ e em sílaba aberta	8,0	19,4
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-j./	,05	,1
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-N./	,5	1,3
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-R./	,8	2,1
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-S./	,3	,7
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-L./	,1	,2
	Total	41,4	100,0
	dados não computados	58,6	



TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /E/

1. Estatísticas:

/E/	
Std. Deviation	9.77

2. Percentagens de ocorrência:

		/E/	
		percentagem	percentagem validada a /E/
dados	acentual sílaba aberta +		
computados	«palatais» ou +	1,5	5,3
em	«chiantes»heterossilábicas		
contexto:	acentual + /-L./	,2	,7
	acentual + /-N./	2,1	7,5
	acentual + /-j./	1,7	6,0
	acentual + /-jS./	,05	,2
	pós acentual sílaba final aberta	15,8	55,3
	pós acentual sílaba final + /-L./	,1	,5
	pós acentual sílaba final + /-S./	,9	3,1
	pós acentual sílaba não final aberta + /consoante/	,7	2,3
	pré acentual posição inicial + /-w./	,1	,5
	pré acentual posição inicial + /-N./	1,3	4,5
	pré acentual posição inicial + /-S./	2,1	7,3
	pré acentual posição precedida por /consoante-/ + /-j./	,05	,2
	pré acentual posição precedida por /consoante-/ + /-N./	,8	3,0
	pré acentual posição precedida por /consoante-/ + /-R./	,4	1,5
	pré acentual posição precedida por /consoante-/ + /-S./	,6	2,0
	pré acentual posição precedida por /consoante-/ + /-L./	,1	,3
	Total	28,5	100,0
	dados não computados	71,5	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /A/

1. Estatísticas:

/A/	
Std. Deviation	10.746

2. Percentagens de ocorrência:

		/A/	
		percentagem	percentagem validada a /A/
dados	acentual + /-L./	,3	,6
computados	acentual + /-L./ + /-consoante-/	,7	1,3
em	acentual + /-N./	3,6	6,9
contexto:	acentual + /-R./	3,7	7,1
	acentual + /-j./	,8	1,4
	acentual + /-jS./	,05	,1
	acentual + /-jN./ ou + /-jNS./	,7	1,3
	acentual + /-w./	,6	1,1
	acentual + /-wN./ ou + /-wNS./	3,1	5,8
	pós acentual sílaba final aberta	24,1	46,0
	pós acentual sílaba final + /-R./	,05	,1
	pós acentual sílaba final + /-S./	1,9	3,7
	pós acentual sílaba final + /-jN./ ou + /-wN./	,1	,2
	pós acentual sílaba não final aberta + /-vogal/	1,0	1,9
	pós acentual sílaba não final aberta + /-consoante/	,2	,4
	pré acentual posição inicial + /-j./	,1	,2
	pré acentual posição inicial + /-w./	,5	,9
	pré acentual posição inicial + /-L./	,7	1,3
	pré acentual posição inicial + /-N./	,8	1,4
	pré acentual posição inicial + /-R./	,5	,9
	pré acentual posição inicial + /-S./	,1	,2
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-j./	,5	1,0
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-w./	,05	,1
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-N./	4,3	8,2
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-R./	2,3	4,3
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-S./	1,1	2,2
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-L./	,7	1,3
	Total	52,5	100,0
	dados não computados	47,5	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /O/

1. Estatísticas:

/O/	
Std. Deviation	12.848

2. Percentagens de ocorrência:

		/O/	
		percentagem	percentagem validada a
			/O/
dados	acentual + /-L./	,2	3,4
computados	acentual + /-L./ + /consoante-/	,3	5,9
em			
contexto:	acentual + /-N./	,7	11,8
	acentual + /-S./	,05	,8
	acentual + /-jN./ ou + /-jNS./	,05	,8
	acentual + /-w./	,5	8,4
	pós acentual sílaba final + /-L./	,05	,8
	pré acentual posição inicial sílaba aberta	1,4	25,2
	pré acentual posição inicial + /-j./	,1	2,5
	pré acentual posição inicial + /-N./	,1	2,5
	pré acentual posição inicial + /-R./	,5	8,4
	pré acentual posição inicial + /-S./	,05	,8
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-j./	,1	1,7
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-N./	1,3	22,7
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-L./	,1	1,7
	pré acentual precedida por /consoante-/ + /-NS./	,1	2,5
Total		5,6	100,0
	dados não computados	94,4	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /BILABIAIS/

1. Estatísticas:

	/p/	/m/	/b/
Std. Deviation	1,08	,89	1,15

2. Percentagens de ocorrência:

		/p/	
		percentagem	percentagem validada a /p/
dados	inicial de sílaba início de		
computados	unidade acentual	8,5	55,7
em	inicial de sílaba início posição		
contexto:	intervocálica	2,6	17,3
	inicial de sílaba início posição		
	pós consonântica	2,3	14,9
	inicial de sílaba início posição		
	pré consonântica	1,8	12,1
	Total	15,2	100,0
	dados não computados	84,8	

/m/			
		percentagem	percentagem validada a /m/
dados	inicial de sílaba início de		
computados	unidade acentual	8,4	54,9
em			
contexto:	inicial de sílaba início	5,5	35,9
	posição intervocálica		
	inicial de sílaba início	1,4	8,9
	posição pós consonântica		
	inicial de sílaba início	,05	,3
	posição pré consonântica		
	Total	15,4	100,0
	dados não computados	84,6	

/b/			
		percentagem	percentagem validada a /b/
dados	inicial de sílaba início de		
computados	unidade acentual	6,3	48,6
em			
contexto:	inicial de sílaba início posição	3,8	29,0
	intervocálica		
	inicial de sílaba início posição	,2	1,8
	pós consonântica		
	inicial de sílaba início posição	2,7	20,7
	pré consonântica		
	Total	13,0	100,0
	dados não computados	87,0	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /LABIODENTAIS/

1. Estatísticas:

	/f/	/v/
Mean	1,000	1,000
Std. Deviation	.848	.872

2. Percentagens de ocorrência:

		/f/	
		percentagem	percentagem validada a /f/
dados	inicial de sílaba início de	5,2	63,8
computados	unidade acentual		
em contexto:	inicial de sílaba posição	1,3	16,1
	intervocálica		
	inicial de sílaba posição pós	1,5	18,4
	consonântica		
	inicial de sílaba posição pré	,1	1,7
	consonântica		
	Total	8,2	100,0
	dados não computados	91,8	

		/v/	
		percentagem	percentagem validada a /v/
dados	inicial de sílaba início de	2,6	32,6
computados	unidade acentual		
em contexto:	inicial de sílaba posição	3,1	38,4
	intervocálica		
	inicial de sílaba posição pós	2,0	24,4
	consonântica		
	inicial de sílaba posição pré	,4	4,7
	consonântica		
	Total	8,1	100,0
	dados não computados	91,9	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /APICAIS/

1. Estatísticas:

	/t/	/d/	/n/	//
Std. Deviation	95	78	60	53

2. Percentagens de ocorrência:

		/t/	
		percentagem	percentagem validada a
			/t/
dados	inicial de unidade acentual	4,8	18,5
computados	inicial posição		
em contexto:	intervocálica	7,3	28,2
	inicial posição pós		
	consonântica	10,1	39,1
	inicial posição pré		
	consonântica	3,7	14,2
	Total	26,0	100,0
	dados não computados	74,0	

/d/

		percentagem	percentagem validada a /d/
dados	inicial de unidade acentual	3,2	16,0
computados	inicial posição intervocálica	11,1	55,4
em contexto:	inicial posição pós consonântica	4,4	21,8
	inicial posição pré consonântica	1,4	6,8
	Total	20,1	100,0
	dados não computados	79,9	

/n/

		percentagem	percentagem validada a /n/
dados	inicial de unidade acentual	2,0	21,8
computados	inicial posição intervocálica	5,8	63,7
em contexto:	inicial posição pós consonântica	1,3	14,5
	Total	9,1	100,0
	dados não computados	90,9	

//

		percentagem	percentagem validada a //
dados	inicial de unidade acentual	3,4	30,6
computados	inicial posição intervocálica	7,2	65,1
em contexto:	inicial posição pós consonântica	,5	4,3
	Total	11,1	100,0
	dados não computados	88,9	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /SIBILANTES/

1. Estatísticas:

	/s/	/z/
Std. Deviation	,72	,40

2. Percentagens de ocorrência:

		/s/	
		percentagem	percentagem validada a
			/s/
dados	inicial de unidade	8,1	47,6
computados	acentual		
em contexto:	inicial posição	6,3	37,1
	intervocálica		
	inicial posição pós	2,6	15,2
	consonântica		
	Total	17,0	100,0
	dados não computados	83,0	

		/z/	
		percentagem	percentagem validada a
			/z/
dados	cons pos inic síl início	,5	5,1
computados	unidade acentual		
em contexto:	cons pos inic síl posição	8,4	83,3
	intervocálica		
	cons pos inic síl posição	1,2	11,6
	pós consonântica		
	Total	10,1	100,0
	dados não computados	89,9	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /CHIANTES/

1. Estatísticas:

	/š/	/ž/
Std. Deviation	,65	1,30

2. Percentagens de ocorrência:

		/š/	
		percentagem	percentagem
		validada a /š/	
dados	inicial de unidade		
computados	acentual	1,7	27,3
em	inicial posição		
contexto:	intervocálica	3,5	58,6
	inicial posição pós		
	consonântica	,8	13,3
	inicial posição pré		
	consonântica	,05	,8
	Total	6,0	100,0
	dados não computados	94,0	

		/ž/	
		percentagem	percentagem
		validada a /ž/	
dados	inicial de unidade		
computados	acentual	1,0	22,2
em	inicial posição		
contexto:	intervocálica	2,6	56,6
	inicial posição pós		
	consonântica	,9	20,2
	inicial posição pré		
	consonântica	,05	1,0
	Total	4,7	100,0
	dados não computados	95,3	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /PALATAIS/

1. Estatísticas:

	/k/	/ɲ/
Std. Deviation	,17	,00

2. Percentagens de ocorrência:

			/k/	
			percentagem	percentagem validada a
				/k/
dados computados	inicial de	unidade acentual	,2	3,1
em contexto:	inicial posição		5,9	96,9
	intervocálica			
	Total		6,1	100,0
	dados não computados		93,9	

			/ɲ/	
			percentagem	percentagem validada a
				/ɲ/
dados computados	inicial posição	intervocálica	5,1	99,9
em contexto:				
	dados não computados		94,9	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADES FONEMÁTICAS /DORSOVELARES/

1. Estatísticas:

	/k/	/g/
Mean	100	100
Std. Deviation	.98	.94

2. Percentagens de ocorrência:

		/k/	
		percentagem	percentagem validada a
			/k/
dados	inicial de unidade acentual	11,6	54,1
computados	inicial posição intervocálica	4,6	21,6
em			
contexto:	inicial posição pós		
	consonântica	3,6	16,8
	inicial posição pré		
	consonântica	1,6	7,5
	Total	21,4	100,0
	dados não computados	78,6	

		/g/	
		percentagem	percentagem validada a
			/g/
dados	inicial de unidade acentual	2,0	19,3
computados	inicial posição intervocálica	4,8	45,7
em contexto:			
	inicial posição pós		
	consonântica	2,2	21,1
	inicial posição pré		
	consonântica	1,5	13,9
	Total	10,5	100,0
	dados não computados	89,5	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADE FONEMÁTICA /VIBRANTE/

1. Estatísticas:

/r/	
Std. Deviation	,15

2. Percentagens de ocorrência:

		/r/	
		percentagem	percentagem validada a
			/r/
dados	inicial posição intervocálica	25,0	97,8
computados	inicial posição pós		
em contexto:	consonântica	,6	2,2
	Total	25,6	100,0
	dados não computados	74,4	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA
UNIDADE FONEMÁTICA /UVULAR/

1. Estatísticas:

/ř/	
Std. Deviation	.00

2. Percentagens de ocorrência:

		/ř/	
		percentagem	percentagem validada a
			/ř/
dados computados em contexto:	inicial posição		
	intervocálica	4,8	99,9
	dados não computados	95,2	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO FONEMA /j/

1. Estatísticas:

	/j/	/j/ + /N(S)/
Mean	1,00	1,00
Std. Deviation	.43	.00

2. Percentagens de ocorrência:

		/j/	
		percentagem	percentagem validada a /j/
dados computados em contexto:	inicial de sílaba e início de unidade acentual	,05	,9
	inicial de sílaba posição pós consonântica	,05	,9
	final de sílaba	5,0	98,1
	Total	5,1	100,0
	dados não computados	94,9	

		/j/ + /N(S)/	
		percentagem	percentagem validada a /jN(S)/
dados computados em contexto:	final de sílaba	1,2	99,9
	dados não computados	98,8	
		100,0	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DA ESTRUTURA /-j. + CONSOANTE-/

1. Estatísticas:

	/-j.f-/	/-j.v-/	/-j.t-/	/-j.d-/	/-j.n-/	/-j.l-/	/-j.s-/	/-j.z-/	/-j.š-/	/-j.g-/	/-j.r-/	/-j.ř-/
Variance	.007	.015	.041	.015	.006	.021	.016	.047	.017	.011	.016	.010

2. Percentagens de ocorrência:

/-j.f-/

		percentagem	percentagem validada a /f/
dados	não seleccionados	6,8	99,3
	seleccionados	,05	,7
	Total	6,8	100,0
	não computados	93,2	

/-j.v-/

		percentagem	percentagem validada a /v/
dados	não seleccionados	6,2	98,5
	seleccionados	,1	1,5
	Total	6,3	100,0
	não computados	93,7	

/-j.t-/

		percentagem	percentagem validada a /t/
dados	não seleccionados	15,9	95,7
	seleccionados	,7	4,3
	Total	16,6	100,0
	não computados	83,4	

/-j.d-/

		percentagem	percentagem validada a /d/
dados	não seleccionados	15,8	98,5
	seleccionados	,2	1,5
	Total	16,0	100,0
	não computados	84,0	

/-j.n-/

		percentagem	percentagem validada a /n/
dados	não seleccionados	7,9	99,4
	seleccionados	,05	,6
	Total	7,9	100,0
	não computados	92,1	

/-j.l-/

		percentagem	percentagem validada a /l/
dados	não seleccionados	10,7	97,8
	seleccionados	,2	2,2
	Total	10,9	100,0
	não computados	89,1	

/-j.s-/

		percentagem	percentagem validada a /s/
dados	não seleccionados	14,5	98,4
	seleccionados	,2	1,6
	Total	14,8	100,0
	não computados	85,2	

/-j.z-/

		percentagem	percentagem validada a /z/
dados	não seleccionados	9,1	95,0
	seleccionados	,5	5,0
	Total	9,5	100,0
	não computados	90,5	

/-j.š-/

		percentagem	percentagem validada a /š/
dados	não seleccionados	5,3	98,3
	seleccionados	,1	1,7
	Total	5,4	100,0
	não computados	94,6	

/-j.g-/

		percentagem	percentagem validada a /g/
dados	não seleccionados	8,4	98,9
	seleccionados	,1	1,1
	Total	8,5	100,0
	não computados	91,5	

/-j.r-/

		percentagem	percentagem validada a /r/
dados	não seleccionados	25,1	98,3
	seleccionados	,4	1,7
	Total	25,5	100,0
	não computados	74,5	

/-j.ř-/

		percentagem	percentagem validada a /ř/
dados	não seleccionados	4,9	99,0
	seleccionados	,05	1,0
	Total	5,0	100,0
	não computados	95,0	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DE /w/

1. Estatísticas:

	/w/	/w/ + /N(S)/
Mean	1,00	1,00
Std. Deviation	.99	.32

2. Percentagens de ocorrência:

		/w/	
		percentagem	percentagem validada a /w/
dados computados	inicial de sílaba		
em contexto:	posição pós	1,7	40,7
	consonântica		
	final de sílaba	2,4	59,3
	Total	4,1	100,0
	dados não computados	95,9	

		/w/ + /N(S)/	
		percentagem	percentagem validada a /wN(S)/
dados computados	inicial de sílaba		
em contexto:	posição pós	,1	2,5
	consonântica		
	final de sílaba	3,6	97,5
	Total	3,7	100,0
	dados não computados	96,3	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DA ESTRUTURA /-w. + CONSOANTE-/

1. Estatísticas:

	/-w.p-/	/-w.m-/	/-w.v-/	/-w.t-/	/-w.l-/	/-w.s-/	/-w.z-/	/-w.š-/	/-w.k-/	/-w.g-/	/-w.r-/
Variance	.044	.041	.006	.013	.004	.006	.017	.007	.010	.014	.005

2. Percentagens de ocorrência:

/-w.p-/			
		percentagem	percentagem validada a /w.p/
dados	não seleccionados	5,9	95,5
	seleccionados	,3	4,5
	Total	6,2	100,0
não computados		93,8	

/-w.m-/

		percentagem	percentagem validada a /w.m/
dados	não seleccionados	7,4	95,7
	seleccionados	,3	4,3
	Total	7,7	100,0
	não computados	92,3	

/-w.v-/

		percentagem	percentagem validada a /w.v/
dados	não seleccionados	7,7	99,4
	seleccionados	,0	,6
	Total	7,8	100,0
	não computados	92,2	

/-w.t-/

		percentagem	percentagem validada a /w.t/
dados	não seleccionados	17,4	98,7
	seleccionados	,2	1,3
	Total	17,6	100,0
	não computados	82,4	

/-w.l-/

		percentagem	percentagem validada a /w.l/
dados	não seleccionados	12,1	99,6
	seleccionados	,05	,4
	Total	12,1	100,0
	não computados	87,9	

/-w.s-/

		percentagem	percentagem validada a /w.s/
dados	não seleccionados	16,0	99,4
	seleccionados	,1	,6
	Total	16,1	100,0
	não computados	83,9	

/-w.z-/

		percentagem	percentagem validada a /w.z/
dados	não seleccionados	10,6	98,2
	seleccionados	,2	1,8
	Total	10,8	100,0
	não computados	89,2	

/-w.š-/

		percentagem	percentagem validada a /w.š/
dados	não seleccionados	6,8	99,3
	seleccionados	,05	,7
	Total	6,9	100,0
	não computados	93,1	

/-w.k-/

		percentagem	percentagem validada a /w.k/
dados	não seleccionados	18,7	99,0
	seleccionados	,2	1,0
	Total	18,9	100,0
	não computados	81,1	

/-w.g-/

		percentagem	percentagem validada a /w.g/
dados	não seleccionados	9,8	98,6
	seleccionados	,1	1,4
	Total	9,9	100,0
	não computados	90,1	

/-w.r-/

		percentagem	percentagem validada a /w.r/
dados	não seleccionados	26,2	99,5
	seleccionados	,1	,5
	Total	26,4	100,0
	não computados	73,6	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /L/

1. Estatísticas:

/L/	
Std. Deviation	.72

2. Percentagens de ocorrência:

/L/			
		percentagem	percentagem validada a
			/L/
dados computados em contexto:	inicial de sílaba		
	posição pós consonântica	1,0	15,3
	final de sílaba	5,8	84,7
	Total	6,8	100,0
dados não computados		93,2	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DA ESTRUTURA /-L. + CONSOANTE-/

1. Estatísticas:

	/-L.p-/	/-L.m-/	/-L.f-/	/-L.v-/	/-L.t-/	/-L.s-/	/-L.k-/	/-L.g-/	/-L.r-/	/-L.d-/	/-L.n-/	/-L.š-/	/-L.ž-/
Variance	,01	,03	.01	.05	.04	.01	.01	.03	.02	.04	.00	.00	.01

2. Percentagens de ocorrência:

/-L.p-/			
		percentagem	percentagem validada a /L.p
dados	não seleccionados	13,7	98,3
	seleccionados	,2	1,7
	Total	14,0	100,0
	não computados	86,0	

/-L.m-/			
		percentagem	percentagem validada a /L.m/
dados	não seleccionados	14,9	96,9
	seleccionados	,5	3,1
	Total	15,4	100,0
	não computados	84,6	

/-L.f-/

		percentagem	percentagem validada a /L.f/
dados	não seleccionados	7,7	98,2
	seleccionados	,1	1,8
	Total	7,9	100,0
	não computados	92,1	

/-L.t-/

		percentagem	percentagem validada a /L.t/
dados	não seleccionados	16,6	95,6
	seleccionados	,8	4,4
	Total	17,3	100,0
	não computados	82,7	

/-L.v-/

		percentagem	percentagem validada a /L.v/
dados	não seleccionados	7,2	93,8
	seleccionados	,5	6,2
	Total	7,6	100,0
	não computados	92,4	

/-L.s-/

		percentagem	percentagem validada a /L.s/
dados	não seleccionados	15,2	98,2
	seleccionados	,3	1,8
	Total	15,5	100,0
	não computados	84,5	

/-L.k-/

		percentagem	percentagem validada a /L.k/
dados	não seleccionados	18,5	98,5
	seleccionados	,3	1,5
	Total	18,8	100,0
	não computados	81,2	

/-L.g-/

		percentagem	percentagem validada a /L.g/
dados	não seleccionados	9,2	96,5
	seleccionados	,3	3,5
	Total	9,5	100,0
	não computados	90,5	

/-L.R-/

		percentagem	percentagem validada a /L.R/
dados	não seleccionados	19,6	97,0
	seleccionados	,6	3,0
	Total	20,2	100,0
	não computados	79,8	

/-L.d-/

		percentagem	percentagem validada a
dados	não seleccionados	16,7	/L.d/ 95,1
	seleccionados	,8	4,9
	Total	17,5	100,0
	não computados	82,5	

/-L.n-/

		percentagem	percentagem validada a /L.n/
dados	não seleccionados	8,8	99,5
	seleccionados	,0	,5
	Total	8,8	100,0
	não computados	91,2	

/-L.š-/

		percentagem	percentagem validada a /L.š/
dados	não seleccionados	6,2	99,2
	seleccionados	,0	,8
	Total	6,3	100,0
	não computados	93,7	

/-L.ž-/

		percentagem	percentagem validada a /L.ž/
dados	não seleccionados	4,8	99,0
	seleccionados	,0	1,0
	Total	4,8	100,0
	não computados	95,2	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /N/

1. Estatísticas:

/N/	
Std. Deviation	.00

2. Percentagens de ocorrência:

/N/			
		percentagem	percentagem validada a /N/
dados computados em contexto:	final de sílaba	23,7	99,9
	dados não computados	76,3	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DA ESTRUTURA /-N. + CONSOANTE-/

1. Estatísticas:

	/-N.t-/	/-N.v-/	/-N.s-/	/-N.z-/	/-N.š-/	/-N.ž-/	/-N.k-/	/-N.g-/	/-N.R-/	/-N.p-/	/-N.b-/	/-N.m-/	/-N.f-/	/-N.d-/
Variance	,19	,07	,09	,05	,11	,14	,07	,12	,12	,03	,00	,00	,07	,09

2. Percentagens de ocorrência:

/-N.t-/

		percentagem	percentagem validada a /N.t/
dados	não seleccionados	15,8	73,0
	seleccionados	5,9	27,0
	Total	21,7	100,0
	não computados	78,3	

/-N.v-/

		percentagem	percentagem validada a /N.v/
dados	não seleccionados	6,1	92,2
	seleccionados	,5	7,8
	Total	6,7	100,0
	não computados	93,3	

/-N.s-/

		percentagem	percentagem validada a /N.s/
dados	não seleccionados	14,4	89,5
	seleccionados	1,7	10,5
	Total	16,1	100,0
	não computados	83,9	

/-N.z-/

		percentagem	percentagem validada a /N.z/
dados	não seleccionados	9,0	94,1
	seleccionados	,6	5,9
	Total	9,5	100,0
	não computados	90,5	

/-N.š-/

		percentagem	percentagem validada a /N.š/
dados	não seleccionados	5,2	87,4
	seleccionados	,8	12,6
	Total	6,0	100,0
	não computados	94,0	

/-N.ž-/

		percentagem	percentagem validada a /N.ž/
dados	não seleccionados	3,7	82,3
	seleccionados	,8	17,7
	Total	4,5	100,0
	não computados	95,5	

/-N.k-/

		percentagem	percentagem validada a /N.k/
Valid	não seleccionados	17,8	92,0
	seleccionados	1,6	8,0
	Total	19,3	100,0
	não computados	80,7	

/-N.g-/

		percentagem	percentagem validada a /N.g/
dados	não seleccionados	8,3	85,9
	seleccionados	1,4	14,1
	Total	9,7	100,0
	não computados	90,3	

/-N.R-/

		percentagem	percentagem validada a /N.R/
dados	não seleccionados	18,7	85,9
	seleccionados	3,1	14,1
	Total	21,8	100,0
	não computados	78,2	

/-N.p-/

		percentagem	percentagem validada a /N.p/
dados	não seleccionados	13,0	92,3
	seleccionados	1,1	7,7
	Total	14,1	100,0
	não computados	85,9	

/-N.b-/

		percentagem	percentagem validada a /N.b/
dados	não seleccionados	12,9	99,3
	seleccionados	,1	,7
	Total	13,0	100,0
	não computados	87,0	

/-N.m-/

		percentagem	percentagem validada a /N.m/
dados	não seleccionados	14,0	97,0
	seleccionados	,4	3,0
	Total	14,4	100,0
	não computados	85,6	

/-N.f-/

		percentagem	percentagem validada a /N.f/
dados	não seleccionados	6,7	91,6
	seleccionados	,6	8,4
	Total	7,3	100,0
	não computados	92,7	

/-N.d-/

		percentagem	percentagem validada a /N.d/
dados	não seleccionados	15,7	89,0
	seleccionados	1,9	11,0
	Total	17,6	100,0
	não computados	82,4	
Total		100,0	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /R/

1. Estatísticas:

/R/	
Std. Deviation	1.5

2. Percentagens de ocorrência:

		/R/	
		percentagem	percentagem validada a
			/R/
dados computados em contexto:	inicial de sílaba e início de unidade acentual	5,0	16,5
	inicial de sílaba posição pós consonântica	11,3	37,6
	inicial de sílaba posição pré-consonântica	,05	,2
	final de sílaba	13,7	45,7
	Total	30,0	100,0
	não computados	70,0	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DA ESTRUTURA /-R. + CONSOANTE-/

1. Estatísticas:

	/-R.b-/	/-R.f-/	/-R.v-/	/-R.t-/	/-R.d-/	/-R.n-/	/-R.l-/	/-R.s-/	/-R.p-/	/-R.š-/	/-R.ž-/	/-R.k-/	/-R.g-/
Variance	.002	.054	.011	.05	.071	.06	.04	.00	.02	.072	.00	.00	.021

2. Percentagens de ocorrência:

/-R.b-/			
		percentagem	percentagem validada a /R.b/
dados	não seleccionados	25,9	99,8
	seleccionados	,0	,2
	Total	26,0	100,0
	não computados	74,0	

/-R.m-/			
		percentagem	percentagem validada a /R.m/
dados	não seleccionados	27,9	98,5
	seleccionados	,4	1,5
	Total	28,4	100,0
	não computados	71,6	

/-R.f-/

		percentagem	percentagem validada a /R.f/
dados	não seleccionados	22,2	98,9
	seleccionados	,2	1,1
	Total	22,5	100,0
	não computados	77,5	

/-R.v-/

		percentagem	percentagem validada a /R.v/
dados	não seleccionados	21,2	94,3
	seleccionados	1,3	5,7
	Total	22,5	100,0
	não computados	77,5	

/-R.t-/

		percentagem	percentagem validada a /R.t/
dados	não seleccionados	27,6	91,7
	seleccionados	2,5	8,3
	Total	30,1	100,0
	não computados	69,9	

/-R.d-/

		percentagem	percentagem validada a /R.d/
dados	não seleccionados	28,7	93,5
	seleccionados	2,0	6,5
	Total	30,7	100,0
	não computados	69,3	

/-R.n-/

		percentagem	percentagem validada a /R.n/
dados	não seleccionados	23,1	95,3
	seleccionados	1,1	4,7
	Total	24,3	100,0
	não computados	75,7	

/-R.l-/

		percentagem	percentagem validada a /R.l/
dados	não seleccionados	25,7	99,5
	seleccionados	,1	,5
	Total	25,8	100,0
	não computados	74,2	

/-R.s-/

		percentagem	percentagem validada a /R.s/
dados	não seleccionados	28,6	97,7
	seleccionados	,7	2,3
	Total	29,2	100,0
	não computados	70,8	

/-R.p-/

		percentagem	percentagem validada a /R.p/
dados	não seleccionados	27,2	99,1
	seleccionados	,2	,9
	Total	27,4	100,0
	não computados	72,6	

/-R.š-/

		Percentagem	
		percentagem	validada a /R.š/
dados	não seleccionados	21,0	99,6
	seleccionados	,1	,4
	Total	21,0	100,0
	não computados	79,0	

/-R.ž-/

		percentagem	percentagem validada a /R.ž/
dados	não seleccionados	19,6	99,5
	seleccionados	,1	,5
	Total	19,7	100,0
	não computados	80,3	

/-R.k-/

		percentagem	percentagem validada a /R.-k/
dados	não seleccionados	32,0	97,6
	seleccionados	,8	2,4
	Total	32,8	100,0
	não computados	67,2	

/-R.g-/

		percentagem	percentagem validada a /R.g/
dados	não seleccionados	22,8	98,0
	seleccionados	,5	2,0
	Total	23,3	100,0
	não computados	76,7	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DO ARQUIFONEMA /S/

1. Estadísticas:

	/S/
Std. Deviation	.11

2. Percentagens de ocorrência:

/S/			
		percentagem	percentagem validada a /S/
dados computados	inicial de sílaba		
em contexto:	posição pós	,05	,3
	consonântica		
	final de sílaba	14,4	99,7
	Total	14,5	100,0
	dados não computados	85,5	

TABELA DE PERCENTAGEM DA FREQUÊNCIA DA ESTRUTURA /-S. + CONSOANTE-/

1. Estatísticas:

	/-S.p-/	/-S.b-/	/-S.m-/	/-S.f-/	/-S.v-/	/-S.t-/	/-S.d-/	/-S.n-/	/-S.l-/	/-S.s-/	/-S.z-/	/-S.š-/	/-S.ž-/	/-S.k-/	/-S.g-/
Variance	.00	.00	.02	.04	.02	.12	.03	.01	.00	.01	.03	.02	.03	.06	.04

2. Percentagens de ocorrência:

		/-S.p-/	
		percentagen	percentagem validada a /S.p/
dados	não seleccionados	13,0	91,7
	seleccionados	1,2	8,3
	Total	14,2	100,0
não computados		85,8	

/-S.b-/

		percentagem	percentagem validada a /S.b/
dados	não seleccionados	12,9	99,6
	seleccionados	,0	,4
	Total	12,9	100,0
	não computados	87,1	

/-S.m-/

		percentagem	Percentagem validada a /S.m//
dados	não seleccionados	14,1	97,4
	seleccionados	,4	2,6
	Total	14,4	100,0
	não computados	85,6	

/-S.f-/

		percentagem	percentagem validada a /S.f/
dados	não seleccionados	6,8	95,4
	seleccionados	,3	4,6
	Total	7,1	100,0
	não computados	92,9	

/-S.v-/

		percentagem	percentagem validada a /S.v/
dados	não seleccionados	6,2	97,1
	seleccionados	,2	2,9
	Total	6,4	100,0
	não computados	93,6	

/-S.t-/

		percentagem	percentagem validada a /S.t/
dados	não seleccionados	15,9	85,1
	seleccionados	2,8	14,9
	Total	18,7	100,0
	não computados	81,3	

/-S.d-/

		percentagem	percentagem validada a
dados	não seleccionados	15,8	/S.d/ 96,5
	seleccionados	,6	3,5
	Total	16,4	100,0
	não computados	83,6	
		100,0	

/-S.n-/

		percentagem	percentagem validada a /S.n/
dados	não seleccionados	7,9	98,8
	seleccionados	,1	1,2
	Total	8,0	100,0
	não computados	92,0	

/-S.l-/

		percentagem	percentagem validada a /S.l/
dados	não seleccionados	10,7	99,6
	seleccionados	,0	,4
	Total	10,8	100,0
	não computados	89,2	

/-S.s-/

		percentagem	percentagem validada a /S.s
dados	não seleccionados	14,5	99,0
	seleccionados	,1	1,0
	Total	14,7	100,0
	não computados	85,3	

/-S.z-/

		percentagem	percentagem validada a /S.z/
dados	não seleccionados	9,0	96,0
	seleccionados	,4	4,0
	Total	9,4	100,0
	não computados	90,6	

/-S.š-/

		percentagem	percentagem validada a /S.š/
dados	não seleccionados	5,3	97,4
	seleccionados	,1	2,6
	Total	5,5	100,0
	não computados	94,5	

/-S.ž-/

		percentagem	percentagem validada a /S.ž/
dados	não seleccionados	3,8	96,4
	seleccionados	,1	3,6
	Total	4,0	100,0
	não computados	96,0	

/-S.k-/

		percentagem	percentagem validada a /S.k/
dados	não seleccionados	17,9	92,9
	seleccionados	1,4	7,1
	Total	19,3	100,0
	não computados	80,7	

/-S.g-/

		percentagem	percentagem validada a /S.g/
dados	não seleccionados	8,4	95,7
	seleccionados	,4	4,3
	Total	8,8	100,0
	não computados	91,2	